

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

GRAZIELLE ELOÍSA BALDUINO

CRIANÇAS MARAVILHOSAS:

Brincadeiras, Imaginação e Culturas de

Infâncias numa turma do terceiro ano do

Ensino Fundamental de uma escola pública



FOTOGRAFIA 1- Crianças Maravilhosas e pesquisadoras no quiosque da escola Crianças Felizes.
25/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Grazielle Eloísa Balduino

CRIANÇAS MARAVILHOSAS: Brincadeiras, Imaginação e Culturas de infâncias numa turma do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública



FOTOGRAFIA 2 - Crianças Maravilhosas no Parque do Sabiá da cidade. 17/04/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Saberes e Práticas Educativas

Orientadora: Profa. Dra. Myrtes Dias da Cunha

**Uberlândia-MG
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- B179c Balduino, Grazielle Eloísa, 1987-
2014 Crianças maravilhosas : brincadeiras, imaginação e culturas de infâncias numa turma do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública / Grazielle Eloísa Balduino -- 2013.
268 f. : il.
- Orientador: Myrtes Dias da Cunha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.
1. Educação - Teses. 2. Brincadeiras - Aspectos educacionais - Teses. 3. Educação de crianças - Teses. 4. Ensino fundamental - Brincadeiras - Teses. I. Cunha, Myrtes Dias da. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Grazielle Eloísa Balduino

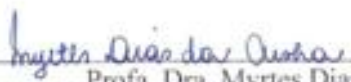
**CRIANÇAS MARAVILHOSAS: Brincadeiras, Imaginação e Culturas
de infâncias numa turma do terceiro ano do Ensino Fundamental
de uma escola pública**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre
em Educação.

Linha de pesquisa: Saberes e Práticas Educativas

Uberlândia, 28 de fevereiro de 2014

Banca Examinadora



Prof.ª. Dra. Myrtes Dias da Cunha
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof.ª. Dra. Maria Tereza Goudard Tavares
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ



Prof. Dr. Fernando Manoel Aleixo
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

AGRADECIMENTOS

Sinto que dizer obrigada as pessoas que compartilharam comigo todo esse caminho de construção de uma história é pouco, não representa a totalidade dos meus sentimentos, pois não existem palavras que descrevam essa vontade maravilhosa, esse brilho nos olhos quando penso em vocês:

Meu Deus e senhor Jesus Cristo que sempre esteve comigo, sabes de todas as pedras que estiveram nessa trajetória, de cada dor e cada alegria que fizeram pulsar o meu sangue, confio em vós e acredito que consegui chegar ao final porque tu estiveste na minha frente me guiando, ao meu lado me fortalecendo e atrás me segurando para que eu não caísse ou desistisse. Gloria ao Senhor meu Deus! Gloria ao Espírito Santo! Glória a Nossa Senhora! Amém!

Meus pais queridos, Maria das Graças e Raimundo que me conceberam e que tenho a honra de ser filha! Foram tantos momentos difíceis, não é mesmo? Gripes intermináveis, crises de labirintite, sinusite, dores de cabeça, estresse, impaciência, intolerância, muitas lágrimas, mas conseguimos! A vitória é nossa! Minha e de vocês que estiveram ali, a todo instante, carregando comigo as minhas cruzeiras! Amo muito vocês!

Meus irmãos Andressa e Gleison, vocês são os melhores irmãos que Deus poderia ter colocado na minha história! Dedicados e inteligentes, são minha motivação para querer ser assim como vocês! Tenho-os como exemplos de pessoas maravilhosas! Pessoas Abençoadas! Amo a vida de vocês e de suas famílias!

Meu amorzinho e futuro marido Bruno, sempre tão companheiro, sua paciência acalentou meus dias de fúria e sofrimento. Seu sábio silêncio acalmava meu coração e esfriava meus ânimos, e tudo ficava mais leve! O amor que sinto por você é grande, é maravilhoso, é motivador, é sagrado e já está abençoado!

Myrtes querida amiga, companheira, sabe bem o que passamos nessa caminhada difícil e encantadora! Você e o José João são pessoas maravilhosas que Deus colocou na minha vida! Aprendi muito com você minha amiga, e ainda quero aprender muito mais! Você é iluminada, transborda amor do coração além de muito inteligente! Foi uma honra ter sido sua orientanda! Amo a sua vida!

A Nilva que mesmo antes de ser aprovada no programa, profetizou que a vaga já seria minha, acreditou que o meu sonho de pesquisar e me aprofundar nos estudos sobre as crianças se tornaria realidade. Não há palavras que sejam ditas que demonstrem o meu agradecimento. Amo a sua vida!

Queridas Crianças Maravilhosas: Luiza, Alex, Maria, Maria Letícia, Fábio, Eduardo, Luiz, Isadora, Ana, Lilian, Francisco, Rôse, Marcos, Elen, Rosana, Isabela, Isadora, Jorge, Carla, Fabíola, Larissa, Iasmin, Jéssica, Ugo, Luana, vocês me ensinaram muitas coisas e sinto que por mais que eu tenha me esforçado, não consegui retribuir à vocês toda a generosidade e o carinho que mereciam! Essa pesquisa é também de vocês, Crianças Maravilhosas! Amo a vida de vocês!

A Kirinha, que com sua alegria de viver a vida, ficava perto de mim nos momentos solitários da escrita da pesquisa sempre com sua inseparável bolinha!

Diretora, vice-diretora, supervisoras pedagógicas, professor João, professor Roberto, funcionárias da limpeza, cozinheiras, bibliotecárias e secretárias da escola Crianças Felizes que também, junto conosco, se esforçaram para que essa pesquisa fosse possível, que Deus esteja sempre com vocês!

Aos parceiros da pesquisa, Alessany, Jhonatan, Kátia, Nayara, Ana Flávia que juntos, muitas ideias puderam se tornar reais, obrigada de todo o coração! Vocês são muito especiais para mim!

A CAPES, pelo apoio financeiro.

A Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFU que acreditou e me proporcionou essa grande experiência de vida que foi o Mestrado em Educação.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação pelo empenho e trabalho dedicado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação que ministraram as disciplinas da turma 2012 na qual tive a oportunidade de participar.

Aos amigos!

A todos/as aqueles/as cujos nomes não estão aqui, mas que contribuíram direta ou indiretamente para que esta pesquisa fosse possível, meu sincero agradecimento!

Paradoxos

1. Os adultos querem e gostam de crianças, mas têm-nas cada vez menos, enquanto a sociedade lhes proporciona menos tempo e espaço.
2. Os adultos acreditam que é benéfico quer para as crianças, quer para os pais passarem tempo juntos, mas vivem cada vez mais vidas separadas.
3. Os adultos gostam da espontaneidade das crianças, mas estas veem as suas vidas serem cada vez mais organizadas.
4. Os adultos afirmam que as crianças deveriam estar em primeiro lugar, mas cada vez mais são tomadas decisões a nível económico e político sem que as mesmas sejam levadas em conta.
5. A maior parte dos adultos acredita que é melhor para as crianças que os pais assumam sobre elas maior responsabilidade, mas, do ponto de vista estrutural, as condições que estes tem para assumir este papel deterioram-se sistematicamente.
6. Os adultos concordam que se deve proporcionar o melhor início de vida possível às crianças, mas estas pertencem a um dos grupos menos privilegiados da sociedade.
7. Os adultos concordam que se deve ensinar às crianças o significado de liberdade e democracia, mas a sociedade limita-se a oferecer preparação em termos de controle, disciplina e administração.
8. Os adultos atribuem geralmente às escolas um papel importante na sociedade, mas não se reconhece como válida a contribuição das crianças na produção de conhecimentos.
9. Em termos materiais, a infância não importa aos próprios pais, mas antes à sociedade. Contudo, a sociedade deixa os custos por conta dos pais e das crianças.

(QVORTRUP, 1999)

RESUMO

A presente pesquisa foi produzida com as crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, durante o ano de 2013. Essa instituição localiza-se numa região periférica da cidade considerada pela prefeitura e polícia militar um bairro com índice considerável de violência e tráfico de drogas. Na presente investigação buscamos conhecer e compreender ações das crianças, suas brincadeiras, seus sentimentos, suas necessidades e possibilidades no espaço-tempo da escola questionando a posição dessa instituição de que essa turma era "fraca" e que tinha dificuldades para aprender; porém, os modos de ser e agir dessas crianças dizia-nos sobre suas culturas infantis. As culturas das infâncias são produzidas, (re)produzidas e compartilhadas nas relações das crianças entre elas e com os adultos na rotina escolar; especificamente no espaço da escola, as crianças tornam-se membros tanto de suas culturas de pares quanto das culturas dos adultos. Como chegar até as crianças e conhecer suas culturas infantis? De que maneira é possível promover encontros entre adultos e crianças, de tal maneira que possamos conhecê-las melhor? Em que medida brincadeiras e atividades infantis promovidas no espaço-tempo escolar constroem e expressam as culturas infantis? Essas indagações foram norteadoras do processo de construção da presente investigação que se constituiu como uma pesquisa qualitativa, que privilegiou o diálogo e uma convivência intensa com as crianças como meio por meio do qual pudemos confirmar que elas são sujeitos de cultura de muitas formas surpreendentes. Construímos durante o ano letivo de 2013, junto com as crianças, atividades lúdicas que expressaram um processo de parceria, amizade e alegria. O recreio se mostrou o espaço-tempo mais rico da produção infantil; a ausência da professora regente também se mostrou importante como condição para que as crianças se sentissem mais livres para agirem guiadas por seus interesses.

Palavras-chave: Culturas infantis; crianças; cotidiano escolar; brincadeiras; imaginação.

ABSTRACT

The present research was produced with the children of a group of third grade of elementary school in a school Hall in the city of Uberlandia, Minas Gerais, during the year of 2013. This institution is located in a peripheral region of the city considered by the city and military police a neighborhood with considerable content of violence and drug trafficking. In this research we seek to know and understand children's actions, their feelings, their needs and possibilities in space-time of the school questioned the position of this institution that this class was weak and had difficulty in learning; however, the ways of being and acting of these kids informed us about children's cultures. Cultures of childhoods are produced, (re) produced and shared between them and with the adults in the school routine; specifically within the school, the children become members both of their cultures as cultures pairs of adults. How to reach the kids? That way you can promote encounters between adults and children, in such a way that we can get to know them better? The extent to which games and children's activities promoted in space-school time build and express the children's cultures? These questions were the guiding of the construction process of this investigation that presents itself as a qualitative research, which has opted for dialogue and an intense interaction with the children as a means through which we were able to confirm that they are subjects of culture in many surprising ways. Built during the school year 2013, along with kids, playful activities that expressed a process of partnership and friendship. The playground proved the space time richer children's production; the absence of Professor Regent also proved important as a condition for children to feel more free to act guided by their interests.

Keywords: children's Cultures; Kids; School everyday; jokes; imagination.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE -	Atendimento Educacional Especializado
CDC -	Convenção sobre os Direitos da Criança
CD -	Compact Disc
DICA -	Museu Diversão com Ciência e Arte
DVD -	Digital Versatile Disc
ECA -	Estatuto da Criança e do Adolescente
3D -	Três Dimensões
GEPECPOP -	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Culturas Populares
GEPIDCE -	Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Docências e Cotidiano Escolar
LDB -	Lei de Diretrizes Básicas da Educação
PIBID -	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNAIC -	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFU -	Universidade Federal de Uberlândia
UNICEF -	United Nations Children's Fund
TV -	Televisão

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Quantidade de livros do PNAIC destinados à escola Crianças Felizes no ano de 2013.C, turnos manhã e tarde.....	46
QUADRO 2- Apresentações da turma Crianças Maravilhosas da escola Crianças Felizes.....	48
QUADRO 3- Quantidade de turmas do Ensino Fundamental da Escola Crianças Felizes no turno da tarde no ano de 2013.....	50
QUADRO 4- Distribuição de horários das aulas das crianças do turno da tarde da escola Crianças Felizes no ano de 2013.....	50
QUADRO 5- Quadro de horário dos recreios do turno da tarde da escola Crianças Felizes no ano de 2013.....	55
QUADRO 6- Caracterização geral de profissionais da escola Crianças Felizes no turno da tarde.....	61
QUADRO 7- Respostas das crianças na apresentação dos desenhos-escritas sobre o que faziam durante um dia comum. 25/02/2013.....	103
QUADRO 8- Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas. 04/03/2013.....	126
QUADRO 9- Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas sobre os desenhos-escritas produzidos. 11/03/2013.....	142
QUADRO 10- Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas sobre suas produções com massinha de modelar. 29/04/2013.....	181
QUADRO 11- Panorama geral de treze atividades produzidas com as crianças no período de 201/05/2013 a 04/07/2013.....	213
QUADRO 12- Descrição da apresentação das Crianças Maravilhosas sobre o que imaginavam ser o controle da TV e o pedaço de pano. 11/06/2013.....	238

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1- Crianças Maravilhosas e pesquisadoras no quiosque da escola Crianças Felizes. 25/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	1
FOTOGRAFIA 2- Crianças Maravilhosas no Parque do Sabiá da cidade. 17/04/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	2
FOTOGRAFIA 3- Crianças do 3º ano da turma Crianças Maravilhosas no quiosque da escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	49
FOTOGRAFIA 4- Interior da sala de aula da turma Crianças Maravilhosas da Escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	51
FOTOGRAFIA 5- Interior da sala de aula da turma Crianças Maravilhosas da Escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	51
FOTOGRAFIA 6- Grande corredor da escola Crianças Felizes, o qual interliga todas as salas de aula. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	52
FOTOGRAFIA 7- Banheiro feminino da escola Crianças Felizes. 11/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	52
FOTOGRAFIA 8 - Antigo bebedouro da escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	53
FOTOGRAFIA 9- Bebedouro com água gelada. 11/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	54
FOTOGRAFIA 10- Novo bebedouro reconstruído ao lado da cantina da escola Crianças Felizes. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	54
FOTOGRAFIA 11- O pátio coberto da escola Crianças Felizes onde fica o palco. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	55
FOTOGRAFIA 12- Área aberta que foi coberta com CDs pelo professor de artes da escola Crianças Felizes. 11/11/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	56
FOTOGRAFIA 13- Biblioteca da escola Crianças Felizes que também serve como sala de reuniões, sala de vídeo e outros encontros. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	57
FOTOGRAFIA 14- Área externa da escola Crianças Felizes utilizada nas atividades com as crianças. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	57
FOTOGRAFIA 15- Quiosque da escola Crianças Felizes com área destinada á horta na sua esquerda. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	58

FOTOGRAFIA 16- Quadra de esportes coberta da escola Crianças Felizes. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	58
FOTOGRAFIA 17- As estudantes que terminaram de montar um quebra-cabeças com 80 peças. 14/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	82
FOTOGRAFIA 18- Os estudantes montaram um quebra-cabeça em 3D do jeito que conseguiram. 14/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	83
FOTOGRAFIA 19- Bonecas e jogos de montar. 21/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	86
FOTOGRAFIA 20- Pebolim. 21/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	87
FOTOGRAFIA 21- Jogos de tabuleiro. 21/02/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.....	87
FOTOGRAFIA 22- Bolas de futebol. 21/02/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.....	88
FOTOGRAFIA 23- Foto da primeira ciranda de roda com as crianças da turma Crianças Maravilhosas. 24/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	97
FOTOGRAFIA 24- Fotos da roda de conversa com as crianças. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	99
FOTOGRAFIA 25- Fotos das crianças desenhando e/ou escrevendo sobre a rotina num dia comum. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	100
FOTOGRAFIA 26- Crianças desenhando e/ou escrevendo sobre suas rotinas num dia comum. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	100
FOTOGRAFIA 27- Crianças que sentaram e deitaram no chão da sala de aula para construir seus desenhos-escritas. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	101
FOTOGRAFIA 28- Crianças apresentando seus desenhos. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	101
FOTOGRAFIA 29- Crianças da turma Crianças Maravilhosas assistindo ao vídeo sobre elas. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	120
FOTOGRAFIA 30- Crianças da turma Crianças Maravilhosas vendo seus desenhos-escritas. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	123
FOTOGRAFIA 31- Crianças e pesquisadora no quiosque conversando sobre a brincadeira o mestre pediu. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	125
FOTOGRAFIA 32- Crianças e pesquisadora fazendo trenzinho na brincadeira o <i>mestre pediu</i> . 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	125
FOTOGRAFIA 33- Crianças e pesquisadora iniciando a conversa no quiosque sobre os desenhos-escritas, o brincar e as brincadeiras das crianças. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	128

FOTOGRAFIA 34- Crianças e pesquisadora conversando sobre os desenhos-escritos, o brincar e as brincadeiras das crianças. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	128
FOTOGRAFIA 35- Crianças brincando de boneca durante a exibição do vídeo. 11/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	136
FOTOGRAFIA 36- Crianças participando da contação de história, à esquerda, a menina segurando a boneca feita com uma blusa de frio. 11/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	137
FOTOGRAFIA 37- Crianças assistindo ao vídeo dos seus desenhos-escritos da atividade anterior. 11/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	138
FOTOGRAFIA 38- Pesquisadora, bolsita do GEPECPOP e crianças participando da contação da história “Linha”. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	153
FOTOGRAFIA 39- Crianças trabalhando com pedaços de barbantes. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	154
FOTOGRAFIA 40- Crianças e pesquisadora construindo uma pipa com o barbante emendado. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	155
FOTOGRAFIA 41- Crianças brincando de barra-manteiga depois da atividade. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	156
FOTOGRAFIA 42- Maria folheando o livro da biblioteca depois das atividades da pesquisa. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	157
FOTOGRAFIA 43- Crianças se (re)apresentando no momento de comemoração da Páscoa e três delas copiando exercícios do quadro. 27/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	161
FOTOGRAFIA 44- Crianças assistindo e participando do teatro “Árvore de todas as histórias”. 16/04/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	171
FOTOGRAFIA 45- Crianças apresentando uma ciranda após assistirem a peça de teatro. 16/04/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	172
FOTOGRAFIA 46- Crianças durante a atividade com massinhas de modelar. 29/04/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	180
FOTOGRAFIA 47- Criança na eleição de um nome para o blog. 02/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	184
FOTOGRAFIA 48 - Criança brincando no quiosque no primeiro dia de 15 Minutos de alegria. 06/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	190
FOTOGRAFIA 49- Criança brincando de lutar capoeira. 06/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	190

FOTOGRAFIA 50- Crianças brincando e colhendo acerolas. 06/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	191
FOTOGRAFIA 51- Crianças brincando de lutinha. 06/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	191
FOTOGRAFIA 52- Criança olhando as fotografias no chão do quiosque. 08/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	194
FOTOGRAFIA 53- Crianças brincando com as bonecas que falam. 08/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	195
FOTOGRAFIA 54- Jéssica e Maria em cima do pé de acerola mexendo no ninho dos passarinhos. 08/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	196
FOTOGRAFIA 55- Francisco e Luiz brincando de lutinha. 08/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	197
FOTOGRAFIA 56- A Sala dos Espelhos. 13/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	202
FOTOGRAFIA 57- Crianças utilizando pela primeira vez a Sala dos Espelhos. 13/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	204
FOTOGRAFIA 58- Crianças assistindo ao filme "A Loja Mágica de Brinquedos". 13/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	204
FOTOGRAFIA 59- Francisco e pesquisadora montando os pebolins. 16/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	207
FOTOGRAFIA 60- Isabela, Ana e Luiz brincando enquanto montávamos os pebolins. 16/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	208
FOTOGRAFIA 61- Isabela descobrindo o baú. 16/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	209
FOTOGRAFIA 62- Os brinquedos robóticos e não robóticos na Sala dos Espelhos. 20/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	221
FOTOGRAFIA 63- Alex brincando com o minigame. 20/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	223
FOTOGRAFIA 64- Fábio, Luíza e Luiz brincando de xadrez e minigame ao mesmo tempo. 20/05/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.....	223
FOTOGRAFIA 65- Eduardo, Luiz e a Jéssica brincando de pebolim. 20/05/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.....	224
FOTOGRAFIA 66- Larissa, Jéssica, Ana e Rôse brincando com os notebooks. 20/05/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.....	224

FOTOGRAFIA 67- Crianças pesquisadora conversando sobre o passado, presente e o futuro das atividades na Sala dos Espelhos. 27/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	229
FOTOGRAFIA 68- Isabela mostrando a construção da sua história em quadrinhos em que escreveu: "Oi Barbie, tudo bem com você? Tudo bem". 06/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	233
FOTOGRAFIA 69- Crianças na porta da sala de aula esperando para entrar. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	237
FOTOGRAFIA 70- Sala de aula arrumada para receber as crianças. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	242
FOTOGRAFIA 71- Maria Letícia se apresentando e ao fundo, a Jéssica e o Francisco brincando. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	242
FOTOGRAFIA 72- Maria se apresentando e ao fundo, o Francisco tentando imitá-la. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	243
FOTOGRAFIA 73- Baú fechado. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	246
FOTOGRAFIA 74- Baú aberto. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	246
FOTOGRAFIA 75- Caderno-tesouro da Larissa. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	247
FOTOGRAFIA 76- Caderno-tesouro da Luiza. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	248
FOTOGRAFIA 77- Caderno-tesouro da Isadora. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	249
FOTOGRAFIA 78- Caderno-tesouro da Isadora. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	249
FOTOGRAFIA 79- Crianças e eu antes da quadrilha, no pátio da escola. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	251
FOTOGRAFIA 80- Crianças e eu na cantina da escola. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	253
FOTOGRAFIA 81- Crianças comendo canjica na cantina da escola. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	253
FOTOGRAFIA 82- Fábio recebendo o algodão doce e o saquinho de pipoca. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.....	254
FOTOGRAFIA 83- Professora Bela colando com cola quente os cabelos de palhas de aço nos desenhos das crianças. 18/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	257
FOTOGRAFIA 84- Luiz mostrando o seu boneco de laço de fita. 18/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	257

FOTOGRAFIA 85- Crianças Maravilhosas colando as figurinhas nos álbuns. 12/12/2013.
Fonte: Arquivo da pesquisa.....258

FOTOGRAFIA 86- O abraço de despedida no final do ano letivo de 2013. 12/12/2013. Fonte:
Acervo da pesquisa.....259

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Desenho-escrita da Isadora. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	106
IMAGEM 2 - Desenho-escrita do Eduardo. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	107
IMAGEM 3- <u>Frente</u> do desenho-escrita da Luiza.25/02/2013.Fonte:Arquivo da pesquisa...	108
IMAGEM 4- <u>Verso</u> do desenho-escrita da Luiza.25/02/2013.Fonte: Arquivo da pesquisa....	108
IMAGEM 5- Desenho-escrita da Fabíola. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	109
IMAGEM 6- Desenho-escrita da Rôse. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	110
IMAGEM 7- Desenho-escrita do Luiz. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	111
IMAGENS 8, 9 e 10- Ditados da Maria Letícia, Lílian e Rôse. 07/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	116
IMAGENS 11, 12 e 13- Ditados do Luiz, Rosana e Eduardo. 07/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	116
IMAGEM 14- Isadora acariciando o seu Tamanduá Bandeira. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	138
IMAGEM 15- Isadora praticando natação. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	139
IMAGEM 16- As pipas, a casa e o carro do Francisco. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	139
IMAGEM 17- O parque da Isabela. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	140
IMAGEM 18- O carro azul do Marcos. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	141
IMAGEM 19- O alienígena feroz e malvado do Alex. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.....	178
IMAGEM 20- O casal de ararinhas numa noite estrelada da Rôse. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.....	178
IMAGEM 21- O cavalo da Isadora. 29/04/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.....	179
IMAGEM 22- As ararinhas da Isadora. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.....	179
IMAGEM 23- Antena parabólica azul do Museu DICA da Luísa. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.....	180
IMAGEM 24- Página inicial do <i>blog</i> Aprendendo Brincando. 16/01/2014. Endereço Eletrônico: www.criancasmaravilhosas.blogspot.com . Fonte: Arquivo da pesquisa.....	185
IMAGEM 25- Capa da história em quadrinhos da Rôse: " O título Cascão o filho do papai Noel!". Arquivo da pesquisa.....	232

IMAGEM 26- Primeira página da história em quadrinhos da Rôse. Fonte: Arquivo da pesquisa.....233

IMAGEM 27- A segunda página onde há um jardim com muitas flores e abelhas. Arquivo da pesquisa.....233

IMAGEM 28- A chuva e o coração que chorava na ultima página da história em quadrinhos da Rôse. Arquivo da pesquisa.....234

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Contando Histórias.....	19
CAPÍTULO I: Crianças, direitos e outras possibilidades.....	28
1.1 Brincadeiras, brinquedos e culturas de infâncias.....	32
CAPÍTULO II: Crianças, culturas infantis e a pesquisa na escola.....	39
2.1 Crianças maravilhosas.....	44
2.2 A Escola Crianças Felizes e seus funcionários.....	49
2.3 As parcerias dentro e fora da escola.....	67
CAPÍTULO III: História de uma pesquisa em três momentos.....	70
3.1 TEIMOSIAS DA IMAGINAÇÃO: Observações participante.....	76
3.2 15 MINUTOS DE ALEGRIAS: Outros desafios.....	187
3.3 30 MINUTOS DE ALEGRIAS: Alegrias, tristezas, recomeço e finalização.....	212
3.3.1 Brincadeiras com brinquedos robóticos e brinquedos não robóticos.....	220
3.3.2 A conversa com as crianças e a retomada das atividades.....	226
3.3.3 Cirandas e brincadeiras com muita dança e música.....	229
3.3.4 Construindo as próprias histórias em quadrinhos.....	231
3.3.5 Em busca da terra do Nunca: Cadernos-tesouros, baú e muita imaginação.....	236
3.3.6 Depois da Festa Junina da escola.....	250
CONSIDERAÇÕES FINAIS	260
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	265

CONTANDO HISTÓRIAS

A Arte de ser feliz

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava? Em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? E que mãos as tinham criado? E que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava história. Eu não a podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que ouvisse, não entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, e às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu participava do auditório, imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas, todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Maribondos que sempre parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

(CECÍLIA MEIRELES, 1976, p.24)

Até quando fecho meus olhos, vejo e escuto as Crianças Maravilhosas sorrindo, brincando e perguntando: "Hoje vai ter brincadeira?". Sinto uma brisa de saudade entrar por minha janela, trazendo as lembranças do carinho, das conversas, dos abraços, das brincadeiras, do aperto de mão bem forte, do olho nos olhos brilhantes das crianças. Por outro ângulo, ergo meus pés e a cabeça para ver melhor outros momentos que também construíram o meu jeito de ser: uma trajetória de pesquisas com crianças e com jogos, desde a graduação em Matemática. Dúvidas sobre quem são as crianças e suas infâncias foram se constituindo

até chegar ao projeto para a pesquisa do Mestrado onde a oportunidade de estudar as crianças e suas infâncias foram possíveis.

Começar a contar sobre os caminhos que percorremos é um jeito de compreender a própria pesquisa e os pesquisadores, então, começo abrindo a janela que me levou em direção as crianças: foi no segundo período do curso de Graduação em Licenciatura em Matemática da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia, em 2006, na disciplina de Informática na Educação, quando li um texto sobre informática na educação básica. Essa leitura produziu pensamentos que me conduziram à Educação Matemática.

Nessa oportunidade, fui bater à porta do professor Arlindo José de Souza Júnior da Faculdade de Matemática, contei que havia me interessado pelo uso das tecnologias na educação e perguntei se ele poderia me orientar em pesquisas sobre o tema. Prontamente, o Professor Arlindo aceitou orientar-me na linha de pesquisa sobre Jogos no ensino-aprendizado de Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o que também contribuiu na produção de ideias para uma primeira versão do projeto de pesquisa do Mestrado. Tal interesse permaneceu até o final da graduação. Neste tempo foram muitas as oportunidades de conhecer e aprofundar sobre jogos e brincadeiras na escola: os estágios supervisionados obrigatórios, o curso de extensão Mídias nas Aulas de Matemática no qual fui tutora e artigos e apresentações de trabalhos foram produzidos em diversos eventos de Educação Matemática.

Passar por tudo isso foi grandioso, mas não foi o suficiente, havia muito mais a pesquisar e conhecer sobre jogos e, principalmente, sobre as infâncias e as crianças. A minha janela precisava se abrir em outras direções.

Softwares e jogos tecnológicos sofisticados podem verdadeiramente contribuir para o aprendizado das crianças? Como? Havia de minha parte uma preocupação em entender se os jogos eletrônicos potencializavam o aprender das crianças, pois trabalhos que realizei com elas e os adultos me intrigavam desde a graduação.

Enquanto observava as crianças na escola de ensino fundamental nos momentos de estágio supervisionado obrigatório da graduação em Licenciatura em Matemática, continuava a fazer perguntas, tais como: o que as crianças pensam sobre os brinquedos? Os brinquedos são importantes? Por quê? Qual é o papel do brinquedo no desenvolvimento das crianças? Os brinquedos potencializam o aprendizado das crianças? O que os brinquedos podem dizer sobre as crianças? O que as crianças podem dizer sobre os brinquedos?

Os jogos e as brincadeiras, por mais que tenham diferenças conceituais, *são formas que o homem utiliza para conhecer o mundo, a si mesmo e aos outros*. Desenvolver pesquisas

que entrelacem brincadeiras e crianças tem sido uma busca pessoal desde o início da graduação e na presente pesquisa continuamos a pesquisar sobre as crianças e suas relações com as brincadeiras no espaço-tempo escolar.

Houve, no começo desta investigação, antes de estar no campo, uma preocupação inicial em compreender as potencialidades dos brinquedos nos aprendizados infantis, as relações entre brinquedos robóticos e brinquedos não robóticos com as crianças e suas infâncias. Porém, a partir do momento em que iniciamos o trabalho na escola, no processo de conhecer as crianças percebemos que um desafio mais importante era investigar as relações das crianças com as brincadeiras.

Ao pensar num projeto para o mestrado, lembrei-me do trabalho com crianças e jogos eletrônicos na graduação, os trabalhos desenvolvidos com o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Infâncias, Docências e Cotidiano Escolar (GEPIDCE) e com o Grupo de Estudos Pesquisa em Educação e Culturas Populares (GEPECPOP), ambos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFU. As atividades desenvolvidas com os grupos de pesquisa na escola me permitiu conhecer previamente aquele espaço, crianças, funcionários e professores da instituição que se tornaria o local escolhido para o desenvolvimento da presente investigação.

Esse trabalho na escola antes do mestrado me levou a construir algumas posturas importantes sobre o fazer com as crianças: estar com elas, dialogar e escutá-las como fundamentos de uma convivência fraterna. Nos estágios presenciei estudantes silenciados pela ditadura da disciplina, concordando com tudo o tempo todo. Questionava-me sobre o porquê dessa situação.

Refletindo ainda sobre a história de construção da presente pesquisa, recorro de um projeto sobre brinquedos desenvolvido no primeiro estágio supervisionado obrigatório do curso de Matemática que realizei numa escola particular da cidade de Uberlândia numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental. A professora regente dessa turma gritava com as crianças, ofendia-as com palavras ásperas e desmotivadoras, reprimia-lhes os movimentos durante as aulas, trabalhava muitas atividades, tais como listas de exercícios, e em todas as vezes que estive com elas, durante três meses e meio, três vezes na semana, das 13hs às 17hs, não presenciei qualquer ação com brincadeiras durante as aulas. *As crianças eram pouco escutadas*. Elas pediam que fossem dados menores quantidades de exercícios, relatavam estarem cansadas de escrever, pediam para brincar. Não adiantava. Não eram ouvidas e eram reprimidas por isso.

Relatei ao diretor da escola todos os fatos que presenciei na sala de aula e então a professora regente foi chamada por ele para prestar esclarecimentos; ela negou que agredia as crianças e o caso foi abafado pela direção escolar; tive a chance de mudar de estágio neste momento, porém pelo apego às crianças e por acreditar que poderia fazer algo na contramão do trabalho dessa professora regente, promovendo a atenção e a escuta das crianças, decidi permanecer na escola e desenvolver com as crianças algumas atividades e brincadeiras utilizando jogos lógicos. Depois de uma negociação com a professora regente e a supervisora pedagógica desenvolvi com essas crianças o jogo das varetas.

Brincamos com varetas, as crianças sorriam, perguntavam qual seria o próximo dia que brincaríamos novamente. Nessa atividade cada cor de vareta representava um número e ao final do jogo as crianças somavam os valores das varetas que haviam acumulado e descobria quem havia ganhado tal jogo; as crianças ficaram surpresas com a brincadeira e repetiram-na várias vezes. Pelos vários pedidos dos estudantes, pela repercussão do jogo de varetas entre os professores e a supervisão pude apresentar mais uma proposta de atividade. Desta vez propus a Torre de Hanói. Como a história¹ deste jogo é tão interessante quanto a própria brincadeira, montei uma apresentação em *PowerPoint* contando sobre a lenda do jogo e suas possíveis origens; as crianças fizeram perguntas sobre as possibilidades dessa história ser verdadeira e um certo suspense ficou no ar e nas falas das crianças. Grande foram o interesse e o encantamento delas pela fábula envolvida com esse jogo.

Num outro dia, levei conjuntos da Torre de Hanói e brincamos juntos na sala de aula; novamente as crianças ficaram ansiosas em saber se haveria outra oportunidade de brincadeira, trocavam de duplas, sorriam e conversavam entre si sobre as jogadas realizadas por elas. Em parceria com a professora de informática, no horário da aula de informática, jogamos Torre de Hanói no computador. Até uma disputa organizamos durante essa aula: quem seria o mais rápido na solução do jogo? Novamente, o encontro com as crianças foi um momento de brincar e aprender sem violência ou agressão.

Considero este estágio como o mais importante dentre os quatro estágios supervisionados obrigatórios da graduação em Licenciatura em Matemática que realizei.

¹ A torre de Hanói, também conhecida por torre de bramanismo ou quebra-cabeças do fim do mundo, foi inventada e vendida como brinquedo, no ano de 1883, pelo matemático francês Eduard Lucas. Segundo ele, o jogo que era popular na China e no Japão veio do Vietnã. O matemático foi inspirado por uma lenda Hindu, a qual falava de um templo em Benares, cidade santa da Índia, onde existia uma torre sagrada do bramanismo, cuja função era melhorar a disciplina mental dos jovens monges. Disponível em <http://www.mat.ibilce.unesp.br/laboratorio/pages/artigos/Torre_de_Hanoi.pdf > Acesso em 26 de Outubro de 2013.

Conviver com essas crianças e construir com elas relações de aprendizagem e afeto, brincar com elas e escutá-las marcaram a construção de uma trajetória que continuou a ser percorrida na presente investigação.

Para a construção da presente pesquisa retomei saberes e experiências de outros momentos, mas também aprendi muito; muitas ideias, conceitos e aspirações de pesquisa foram intensamente modificados durante a realização do trabalho na escola campo. Paulo Freire (2011) afirma que os homens são seres da práxis, seres do "quefazer", emergem como homens no mundo, ao contrário dos animais que nele imergem. Sobre a práxis, Freire (2011) nos ensina que:

Se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não poder reduzir-se ao verbalismo, nem ao ativismo (FREIRE, 2011, p.167 e 168).

Paulo Freire (2011) nos confirma que não há teoria sem prática, que não há práxis reflexiva sem teoria. Planejar é diferente do realizar o trabalho na escola e, por assim ser, estando na instituição de ensino, fomos incorporando na pesquisa muitas mudanças que não havíamos planejado. Compreendemos tais modificações como positivas, comprovando ainda mais que uma pesquisa é viva e que a práxis é transformadora.

A versão inicial do projeto de pesquisa tematizou as brincadeiras, os brinquedos robóticos e sua relação com o aprender das crianças na escola como pontos fundamentais a serem investigados. Brinquedos robóticos potencializam a aprendizagem das crianças? De que maneira? Estas questões, antes de irmos a campo, norteavam a presente pesquisa; propusemos elaborar uma discussão sobre quais eram as preferências das crianças em relação aos brinquedos robóticos e outros brinquedos, sobre significados e sentidos do brincar com tais brinquedos. Os questionamentos anteriores reestruturaram-se no movimento de estar com as crianças na escola.

A escola Crianças Felizes foi um terreno fértil de ensinamentos. Sabemos que a escola de um modo geral, pode construir uma educação bancária e/ou libertadora, onde a educação bancária consiste também em alfabetizar na repetição da palavra, na "palavraria sem sentido", sem significado e descontextualizada. Na educação libertadora "[...] os homens se sentem sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada

implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros" (FREIRE, 2011, p.166). Que tipo de educação estamos desenvolvendo com as crianças nas escolas, sejam elas particulares ou públicas?

Leonardo Boff (2011, p.1) ao dizer que: "as grandes crises comportam grandes decisões", nos confirma a importância de termos decidido por outros caminhos da pesquisa ao percebermos que a estrada que estávamos trilhando não se identificava com as questões iniciais propostas. Ao invés de estudar brinquedos tecnológicos, interesses e possíveis brincadeiras das crianças com esses objetos, passamos a observar melhor as relações que as crianças estabeleciam entre elas e com os adultos, nos diferentes ambientes da instituição educacional, passamos a observar, inclusive, as brincadeiras que as próprias crianças desenvolviam livremente no recreio e até mesmo na sala de aula. Nosso foco se deslocou dos brinquedos para as culturas infantis na escola.

Estudar e compreender o papel do brinquedo na brincadeira deixou de ter relevância para nós, dando lugar, assim, ao interesse pelo brincar, pelo relacionamento das crianças, às ligações que fundamentavam as brincadeiras nos diversos espaços da escola, até mesmo no curto momento de ir ao banheiro e/ou tomar água; nessa oportunidade constatamos que elas se sentiam livres para fazer ações diferentes e imaginativas: pular, dar cambalhotas, movimentando o corpo; mexer com os colegas que estavam nas outras salas de aulas; espirrar água nas paredes e em si mesmo e fazer caretas em frente ao espelho do banheiro, entre outras.

Reconhecemos que a realidade da escola e o trabalho com as crianças diziam coisas que o nosso projeto inicial não conseguia acolher, tematizar e refletir. Muitos foram os sinais (reclamações orais e desmotivação) que a escola e as crianças do 3º ano produziam como se quisessem dizer-nos o que poderia se modificar: a falta de espaço físico adequado e de qualidade, com mais árvores, parque com brinquedos, salas e muros da escola bem pintados, biblioteca com livros ao alcance das crianças, sala para artes, sala para teatro, sala para cinema, entre outras. Muitas vezes, a agressividade seus pares e/ou adultos tornou-se a manifestação mais usada pelas crianças para expressar suas angústias e tristezas.

Uma trajetória de reconstrução do projeto de pesquisa iniciou-se a partir do nosso contato direto com as crianças, primeiro pela oportunidade que tivemos de estar naquela escola com crianças que nos mostravam as limitações da proposta inicial da pesquisa e que generosamente acolheram-nos em suas vidas; segundo porque a convivência com os estudantes contribuiu sobremaneira com a presente pesquisa ao abrir os nossos olhos para

uma investigação real, os pensamentos, redirecionar a atenção e a escuta, questionar os pré-conceitos.

O respeito construído ao longo do processo de produção dessa pesquisa, a permanência junto das crianças aprendendo com elas possibilidades de aprender, ensinar, (con)viver, relacionar-se no espaço-tempo da escola pode acontecer. Escutar, falar com respeito e brincar com as crianças começaram a fazer parte do projeto. As atividades com as crianças resultaram em vários processos do aprender: nas relações, descobrir riquezas humanas, sobressair e investir nos processos criativos, imaginativos. Escutar as crianças implicou em caminhar na contramão do sistema educacional e da ordenação própria das escolas. Escutar as crianças envolveu estabelecer vínculos de amizade, cumplicidade, respeito, carinho e dedicação ao trabalho coletivo.

A cada ação proposta, as crianças indicavam outras possibilidades e estarmos abertos a mudanças fez uma grande diferença. Olhos e ouvidos foram educando-se cada vez mais e melhor na construção dos trabalhos com as crianças. Por ser um processo coletivo, pesquisadores e colaboradores estruturaram e reorganizaram as ações refletindo e observando e com os erros edificamos os acertos. As crianças mostraram possibilidades de resultados e questionamentos que vão além dos que havíamos imaginado no começo da investigação: percepção do outro nas relações, colaboração coletiva nas atividades, querer maior de estar participar e seguir as regras de convivência estabelecidas antes de iniciarmos as ações.

Escrever² uma trajetória de pesquisa perpassa por essa energia poética, intensa e vibrante. As infâncias e as crianças serão entendidas aqui a partir da Sociologia da Infância onde as crianças são compreendidas como sujeitos ativos, participativos, que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo dos adultos e as infâncias como parte da sociedade (CORSARO, 2011; PROUT, 2010; QVORTRUP, 2009). Buscamos também com a poética do brincar tentativas de construir uma linguagem brincante, sabemos ser um exercício pretensioso, mas que não mediremos esforços para que de fato se realize na presente pesquisa (MACHADO, 2004).

² No processo de construção da pesquisa, os tempos verbais (primeira pessoa do singular e do plural) confundem-se na escrita e na práxis. Esta é uma investigação coletiva-individual, ou seja, a produção dos dados ora acontecem na presença de uma pesquisadora e com as crianças, ora com duas pesquisadoras e as crianças, ora com uma pesquisadora, outras parcerias e as crianças. O que é permanente na presente pesquisa é participação das crianças e das pesquisadoras em todos os processos de reflexão-ação-reflexão. Por isso, há uma dificuldade de relatar essa pesquisa com um único tempo verbal. Optamos então em variar os tempos verbais de acordo com as parcerias produzidas.

No livro *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry, nas primeiras páginas, o autor relata que um dia, aos seis anos de idade, o personagem viu num livro de Biologia uma figura de uma jiboia engolindo um animal. Essa imagem permaneceu por algum tempo no pensamento dessa criança e por um impulso, uma vontade de dizer às sensações que a figura havia lhe causado, pegou um lápis de cor e fez um desenho, chamando-o de desenho número um. Diante do desenho número 1 feito pela criança para representar uma cobra que engolira um elefante, os adultos, sem perceber do que se tratava, confundiram a imagem com um chapéu.

Não escutar as palavras dos adultos e permanecer firme com os projetos próprios, na maioria das vezes, é imensamente difícil para uma criança. Por forças coercitivas, a criança da história acabou cedendo e desistindo de seus sonhos e de suas inclinações para seguir as indicações dos adultos. Na história "*O Pequeno Príncipe*" a criança deixou para trás os desenhos e tornou-se piloto de avião, interessado pela Geografia e bom nos cálculos matemáticos. Nesse livro, Saint-Exupéry (2009, p. 18) expressa uma ideia muito importante: "As crianças têm que ter muita paciência com as pessoas grandes".

O interesse por conhecer, entender e escutar as crianças e conhecer suas culturas infantis no cotidiano de uma escola municipal da cidade de Uberlândia, Minas Gerais implicou em perceber desejos, pensamentos e ações e não reprimir as crianças. A partir das culturas infantis (re)produzidas foi possível compreender as relações das crianças com seus pares, com os adultos, a escola e o lugar da brincadeira na escola.

Nessa busca que empreendemos para entender as crianças como sujeitos sociais que ressignificam e produzem cultura refletimos sobre as seguintes questões: quais são as culturas infantis produzidas pelas crianças no espaço-tempo da escola? Como são construídas as relações das crianças com seus pares e os adultos? Quais linguagens são produzidas pelas crianças nas ações e nos espaços da escola? De que forma, o brincar e as relações entre as crianças com seus pares e adultos possibilitam e/ou potencializam e/ou dificultam o aprender? No espaço-tempo da escola, quais são as formas de brincar descobertas e/ou produzidas nas relações? Quais os significados e sentidos do brincar das crianças com seus pares e adultos com diferentes tipos de brinquedos? Onde acontece o brincar na escola? Em qual nível de prioridade o brincar se apresenta na escola e na sala de aula?

Na presente investigação buscamos compreender as ações das crianças, suas brincadeiras, seus sentimentos, suas necessidades e possibilidades no espaço-tempo da escola questionando a posição de que elas não sabem e que tem dificuldades para aprender. Acreditamos que seus modos de ser e agir informa-nos sobre as culturas infantis. As culturas

das infâncias são produzidas, (re)produzidas e compartilhadas nas relações das crianças entre si e com os adultos, por meio de produções e participações nas rotinas escolares; especificamente no espaço da escola, as crianças tornam-se membros tanto de suas culturas de pares quanto das culturas dos adultos.

Portanto, a presente pesquisa consta de 3 capítulos, assim divididos: no primeiro denominado Crianças, direitos e outros significados abordamos os direitos das crianças, os documentos legais que garantem o direito a brincadeira, ao lazer e outros. Depois, discutimos com vários autores sobre o brincar e as brincadeiras enquanto ações fundamentais na construção do sujeito e suas culturas de infâncias; no segundo capítulo Crianças, culturas infantis e a pesquisa na escola dizemos sobre quem eram as crianças, o espaço escolar e os funcionários, parcerias dentro e fora da escola; no terceiro capítulo História de uma pesquisa em três momentos apresentamos os caminhos da pesquisa com as crianças em três momentos sendo esses: Teimosias da Imaginação, 15 Minutos de Alegrias e 30 Minutos de Alegrias. Em seguida abordamos os últimos encontros com as Crianças Maravilhosas e a finalização da pesquisa.

CAPÍTULO I

Crianças, direitos e outras possibilidades

Quem são as crianças que habitam leis, estatutos, resoluções, parâmetros e projetos, entre outros documentos? Os documentos legais representam garantias de que as crianças serão vistas, ouvidas, percebidas, valorizadas e respeitadas? Luis Fuganti (2012) acredita que não:

Percebemos o outro por aquilo que ele pode, e não por aquilo que não tem. Spinoza já dizia que definir uma coisa por aquilo que ela não é não é definir, é imaginar um modelo no qual ela não tem acesso. Quem tem direitos é o modelo e não o homem, é a norma e não o homem. Quem é a norma que habita a forma universal do homem? Não tem! Direito é o que pode. O direito é uma violência na medida em que impede a expressão. Nenhuma forma garante que a vida vai ser defendida. Se a gente focar na potência começamos a entender o que é direito e dever singularizando o desejo, isso é dizer sim a vida. Cuida da sua potência que você cuidará da potência do outro (FUGANTI, 2012, vídeo).

Perceber o direito das crianças pela potência, segundo Fuganti, é investir, na maioria das vezes, na contramão da sociedade nos dias atuais. Pensar com o autor sobre as fragilidades de leis e documentos legais se faz necessário nessa busca por compreender as possibilidades das crianças e de suas culturas na escola.

Uma das leis referenciais na educação é a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDB). Especificamente no Artigo 3º há vários princípios básicos para que a educação básica seja ministrada no país, tais como: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização do profissional da educação escolar; gestão democrática do ensino público; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extraescolar; vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as

práticas sociais; consideração com a diversidade étnico-racial (LDB, 1996). É direito de todas as crianças terem uma vida escolar fundada em todos os princípios citados acima.

Proclamada pela Resolução da Assembleia Geral 1386 (XIV), de 20 de Novembro de 1959, a Declaração dos Direitos da Criança foi criada considerando como direitos fundamentais, a dignidade, a valorização da vida, a busca por melhores condições humanas e a plena liberdade.

A Declaração dos Direitos da criança é composta por dez princípios e, dentre estes, citaremos um, que discorre sobre a educação:

Princípio 7: A criança tem direito à educação, que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos graus elementares. Deve ser-lhe ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social e tornar-se um membro útil à sociedade. O interesse superior da criança deve ser o princípio diretivo de quem tem a responsabilidade da sua educação e orientação, responsabilidade essa que cabe, em primeiro lugar, aos seus pais. ***A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos*** (Declaração dos Direitos da Criança, 1959, grifos nossos).

De acordo com este documento, *a humanidade deve à criança o melhor que tem para dar*. O direito da criança à educação é complementado pelas orientações da LDB. Postula-se uma educação que possibilite às crianças a promoção da cultura, a valorização da produção das crianças, o respeito à liberdade de opiniões e ações, a igualdade, e principalmente, a equidade dos direitos e a promoção do brincar na escola.

A Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), de 1989, sendo o primeiro tratado internacional a declarar a totalidade dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais da criança, detalha normas e padrões relativos à promoção dos direitos da criança reconhecidos universalmente por todos os países do mundo, com exceção de três: Estados Unidos, Somália e Sudão do Sul, ou seja, o Brasil também reconhece o CDC.

Em seus 54 artigos e dois protocolos facultativos, o CDC associa o direito à proteção por parte do estado, país e instituições relevantes, para o reconhecimento de que a criança detém direitos de participação e de liberdade. A Convenção tem origem na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e na Declaração dos Direitos da Criança de 1959. Os artigos vão abordar assuntos tais como: a não discriminação e a participação das crianças

na sociedade; a proteção social às crianças; a saúde e meio ambiente oferecido pelas grandes cidades às crianças; a educação, as brincadeiras, o lazer e a proteção dos genitores na garantia dos direitos das crianças. Sobre a participação e proteção social das crianças, os Artigos 13, 14 e 27, indicam que:

Art. 13: A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança. **Proclama ainda o direito da criança a liberdade de todas as formas de expressão e religião.**

Art. 14: **Os Estados-Partes respeitam o direito da criança à liberdade de pensamento, de consciência, de religião e todas as formas de expressão.**

Art. 27: **A criança tem direito a um nível de vida adequado ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social. Cabe aos pais a principal responsabilidade primordial de lhe assegurar um nível de vida adequado. O Estado tem o dever de tomar medidas para que esta responsabilidade possa ser e seja assumida.** A responsabilidade do Estado pode incluir uma ajuda material aos pais e aos seus filhos (CDC, 1990, p.11 e 19, grifos nossos).

É direito de toda criança a plena expressão oral, corporal, escrita, impressa e artística. Não deveria haver limites que impedissem a liberdade de comunicação das crianças, assim como possuir um nível de vida adequado ao desenvolvimento; cabe ao estado respeitar e fazer valer esse direito.

No documento acima mencionado, o Art. 28 expressa o direito de toda criança à educação, com base em "oportunidades iguais". Exige também que os estados "estimulem e providenciam situações adequadas e iguais de atividades culturais, artísticas, recreacionais e de lazer". No Art. 31, a Convenção define os direitos das crianças ao lazer, atividades recreativas e culturais:

1. Os Estados-Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.

2. Os Estados-Partes respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de atividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade (CDC, 1990, p. 22, grifos nossos).

A United Nations Children's Fund (UNICEF) apresentou um relatório sobre a situação da infância no ano de 2012, com o tema "Crianças em um Mundo Urbano", os artigos ali apresentados analisam a situação atual de crianças e de suas infâncias em diversos lugares do mundo, especialmente em espaços onde prevalecem grandes cidades. Ao argumentar sobre os direitos das crianças ao lazer, atividades recreativas, artísticas e culturais, confirma a importância de espaços seguros para brincar, reconhece a necessidade das brincadeiras para um desenvolvimento saudável. O relatório da UNICEF ratifica que *as brincadeiras também promovem a cognição, a criatividade e a socialização das crianças em diversos tipos de ambientes, principalmente os públicos como a escola* (UNICEF, 2012, p. 62).

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Mesmo levando em consideração os limites dos documentos para garantir, de fato, o que preconizam como legal, a presente pesquisa considera as crianças como sujeitos de direitos e cidadãos de fato, o que implicou escutar e reconhecer as crianças como sujeitos ativos e produtores de culturas, sujeitos potentes e criativos. Consideramos também que as brincadeiras são atividades legítimas das infâncias que nos permitem compreender as dinâmicas culturais que caracterizam as relações das crianças entre si, com os adultos e com o conhecimento.

1.1 Brincadeiras, brinquedos e culturas de infâncias

O Barão de Macaúbas

Um grosso volume escuro, cartonagem severa. Nas folhas delgadas, incontáveis, as letras fervilhavam, miúdas, e as ilustrações avultavam num papel brilhante como rasto de lesma ou catarro seco. Principiei a leitura de má vontade. E logo emperrei na história de um menino vadio que, dirigindo-se à escola, se retardava a conversar com os passarinhos e recebia deles opiniões sisudas e bons conselhos.

- Passarinhos, queres tu brincar comigo?

Forma de perguntar esquisita pensei. E o animalejo, atarefado na construção de um ninho, exprimia-se de maneira ainda mais confusa. Ave sabida e imodesta, que se confessava trabalhadora em excesso e orientava o pequeno vagabundo no caminho do dever.

Em seguida vinham outros irracionais, igualmente bem intencionados e bem falantes. Havia a moscazinha, que morava na parede de uma chaminé e voava à toa, desobedecendo às ordens maternas.

Tanto voou que afinal caiu no fogo.

Esses dois contos me intrigaram com o Barão de Macaúbas. Examinei-lhe o retrato e assaltaram-me presságios funestos. Um tipo de barbas espessas, como as do mestre rural visto anos atrás. Carrancudo, cabeludo. E perverso. Perverso com a mosca inocente e perverso com os leitores. Que levava a personagem barbuda a ingerir-se em negócios de pássaros, de insetos e de crianças? Nada tinha com esses viventes. O que ele intentava era elevar as crianças, os insetos e os pássaros ao nível dos professores. [...]

(GRACILIANO RAMOS, 1995, p.117)

Vygotski (2007) considera a brincadeira como uma grande fonte de desenvolvimento, fornecendo uma ampla estrutura para as mudanças do pensamento e do comportamento. As brincadeiras são ressignificadas e outros modos de brincar são produzidos ao longo do tempo. Pesquisar significados e sentidos de brincadeiras no espaço-tempo da escola é possibilitar uma maior compreensão sobre a vida das crianças e suas infâncias.

Brougère (2010) compreende a brincadeira como uma possibilidade de a criança ser um sujeito ativo, numa situação sem consequências imediatas e resultados incertos. Porto (1996) analisa as brincadeiras como sendo uma atividade social, ou seja, na medida em que as crianças vão crescendo trazem para as brincadeiras o que veem, escutam, observam e experimentam, permitindo, assim, que diversos conhecimentos possam ser combinados.

Garantir que as crianças tenham oportunidades de brincar precisa ser possível um dever social de todos nós, sujeitos atuantes na sociedade. Os significados que estão por trás das brincadeiras vão além de simples ações e gestos sem intencionalidade. Segundo Pereira (2005), brincadeiras são linguagens que perpassam toda a nossa experiência de vida;

envolvem gestos, sons, expressões, inflexões, declarações e imagens, entre outros, que se inter-relacionam.

As relações pessoais que se estabelecem no brincar são muito importantes; brincar é mais do que manipular brinquedos; brincar envolve estar numa atividade por interesses que extrapolam resultados, envolve impulso interno e motivação externa. O brincar pode unir pessoas, pois envolve um fazer pelo prazer de fazer, sem que se vise a apenas um resultado satisfatório. O brincar não é exclusivo do ser humano, os animais também brincam. O que é próprio dos humanos é a atribuição de significados e sentidos que construímos na ação do brincar e em relação aos brinquedos; tais significados e sentidos estão inteiramente ligados com a cultura, as relações sociais, econômicas, políticas, étnicas, éticas e morais de cada sociedade. O brincar é uma atividade dotada de uma significação social e pode, assim, ser compreendido como atividade sociocultural (HUIZINGA, 2010).

Os significados e sentidos do brincar são desenvolvidos a cada geração. Brincar hoje é diferente do que foi antes, pois os contextos de vida de cada tempo são diferentes; por isso consideramos o brincar como uma ação com interpretações complexas que envolvem comportamentos, pensamentos, emoções, gênero e cultura. O espaço do brincar articula-se na fronteira entre a subjetividade e a objetividade.

As potencialidades do brincar estão também correlacionadas com fatores cognitivos, intervindo na construção e reconstrução do conhecimento e no desenvolvimento da criança. A criança reorganiza suas experiências na ação de brincar. Segundo Vygotski (2007), “o velho adágio de que o brincar da criança é imaginação em ação deve ser invertido; podemos dizer que a imaginação, nos adolescentes e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação” (VYGOTSHI, 2007, p. 109).

Equilibrar tensões do dia-dia, lidar com emoções, desenvolver a individualidade, a coletividade e a personalidade são características estabelecidas num processo sociocultural. De acordo com Wajskop (2009), o brincar na perspectiva sócio-histórica e antropológica é um tipo de atividade cuja base genética é comum à da arte, ou seja, o brincar é uma atividade social e humana que supõe contextos sociais e culturais, onde a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios (WAJSKOP, 2009, p.28).

Brincar não é inato ou espontâneo. É preciso aprender a brincar, e isto requer conhecer significados e regras que compõem tal atividade. Bruner (1978) analisa o ato de brincar como estímulo a criatividade, a linguagem e descobertas de regras. São na ação, na descoberta das regras que a criança aprende a falar, a agir e ressignificar brincadeiras e outras atividades. O

autor também afirma que a criança não está preocupada exclusivamente com os resultados do brincar; o que impulsiona a ação do brincar é o *prazer* e a motivação; o autor completa dizendo “a criança aprende ao solucionar problemas e o brincar contribui para esse processo” (BRUNER, 1978, p.45). Também sabemos que o brincar nem sempre traz prazer, envolve frustrações, desacordos, impossibilidades, assim o brincar é uma ação que envolve uma diversidade de experiências (VYGOTSKI, 2007).

Platão (428 a.C. – 347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) já consideravam o brincar como atividade importante para o aprendizado infantil. Platão compreendia o brincar das crianças como uma atividade que trazia repercussões para a vida adulta, podendo assegurar a ordem ou perturbar a vida social do indivíduo. Aristóteles analisa o brincar como um descanso do espírito e de grande utilidade para a vida humana que descansa através da brincadeira, após um dia de trabalho. Aristóteles também nomeou o homem como: *Homo Sapiens* (aquele que conhece e aprende), *Homo Faber* (o que produz e trabalha) e *Homo Ludens* (o que cria, brinca), ou seja, para esse filósofo brincar é parte constituinte do ser.

Brincar está relacionado com a arte, estas duas atividades se desenvolvem de maneira semelhante. A arte é a manifestação do pensamento e das emoções humanas, atividades onde criatividade se mostra viva. Vários são os pintores que além de retratarem o cotidiano, o pensamento, o futuro ou o passado também representaram o brincar.

O pintor Pieter Bruegel de 1560 desenhou 250 crianças brincando num espaço urbano. É possível decifrar aproximadamente 84 brincadeiras diferentes pintadas na tela: *Os jogos infantis*. Podemos observar nela vários tipos de brincadeiras, tanto conhecidas quanto desconhecidas ou já inexistentes; porém, o mais intrigante nessa obra é ausência de expressões das crianças, nenhuma delas ri, assemelham-se a pequenos adultos entristecidos que se ocupam de uma atividade.

Segundo Manson (2002, p. 9): “Neste quadro célebre, onde os seus contemporâneos viam todo tipo de alegorias, podemos distinguir uma vintena de brinquedos e brincadeiras diferentes”. As pessoas estão brincando num espaço comum, urbano, onde a vida se constitui como atividade sociocultural e política, como se brincar fosse parte da construção social entre as pessoas daquele povoado ou cidade ou qualquer outro tipo de organização.

Rojas (2007) escreve sobre o encantamento que descreve o brincar pode proporcionar e os sentimentos que as relações humanas deixam transparecer na brincadeira:

Assim, vamos brincar de poesia, de falar e de dizer, de construir e de aprender. Permitamo-nos brincar com o movimento que as palavras vão

traçando, ao desenrolar significados e sentidos do viver, das experiências do pequeno Ser. Esmiuçar desejos, desvelar caminhos, abrir espaços para ensinar com prazer, porque educar é estar com, e só tem sentido em uma ciranda que corre e que gira, formando linhas sinuosas, coloridas, interessantes [...] Construções significativas, transformando sabores em saberes. Trocas em experiências e afetos. Generosidades em doar-se. Entrelaçamentos, parcerias e presenças, contextualizando-os (ROJAS, 2007, p. 8-9).

Portanto, para Rojas (2007) o brincar é uma atividade complexa, não importa o lugar em que se desenvolva, como, quando e com quem tal atividade é realizada. Trata-se de um movimento de ação-reflexão-ação que é parte constituinte do ser humano.

Benjamin (2002) argumenta que “a essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito” (Benjamin, 2002, p.102). Neste reconstruir que a brincadeira possibilita novas chances de fazer e compreender são oferecidas para aqueles que brincam.

O brinquedo é a materialização das criações humanas, além de também ser um dos determinantes da brincadeira e de seu recheio imaginário. Na busca por uma definição ampliada de brinquedo que contemplasse não só como um instrumento em si, mas que envolvesse a sociedade e a cultura, Benjamin (2002) considera que o brinquedo liga a criança e o seu povo:

[...] não chegaríamos certamente à realidade ou ao conceito do brinquedo se tentássemos explicá-lo tão somente a partir do espírito infantil. Pois **se a criança não é nenhum Robinson Crusoé, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem.** Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mútuo diálogo de sinais entre a criança e o povo [...] (BENJAMIN, 2002, p.94).

Os brinquedos fazem esse diálogo entre a criança e a cultura, o povo e a história que identifica pessoas e grupos; representam certas realidades, costumes, religiões, construções humanas diferentes, ou seja, o brinquedo presentifica muitas ideias, ações e muitos valores, além de estimular determinados usos; *também propõe um mundo imaginário, com expressões e imagens projetadas dimensões que evocam aspectos da realidade*, mas é antes de tudo um objeto que a criança manipula livremente.

Segundo Brougère (2010, p. 21, 22), o brinquedo é um dos meios para desencadear a brincadeira, pois “o brinquedo tem por característica essencial ser uma imagem, um objeto e se apresenta num volume”. Ao pensarmos nesse objeto não podemos deixar de lado sua

dimensão histórica que é fundamental para compreensão de seus usos e da projeção nas crianças e suas infâncias. Podemos considerar que qualquer objeto pode se tornar um brinquedo, mas as dimensões comerciais dos brinquedos atuais tem uma origem que buscaremos relatar através dos escritos de Benjamin.

Os brinquedos surgiram, segundo Benjamin (2002), com o desenvolvimento das sociedades, são ferramentas usadas pelo homem em sua relação consigo e com outros. Benjamin (2002) escreve duas resenhas sobre livros de Karl Gröeber: “História cultural do brinquedo” e “Brinquedo e brincadeira: observações sobre uma obra monumental” e argumenta que Gröeber descreveu a história do brinquedo, fazendo-o com extraordinária solidez. O que chamou a atenção de Benjamin na obra do autor é que ele deixa de lado as considerações sobre brincadeiras e jogos, concentrando-se no espaço cultural europeu, ou seja, com a Alemanha no centro geográfico e espiritual da produção de brinquedos na primeira metade do século XX.

A qualidade dos brinquedos produzidos na Alemanha foi tamanha que “uma boa parte dos mais belos brinquedos que ainda hoje se encontram nos museus e quartos de crianças pode ser considerado como um presente alemão à Europa” (BENJAMIN, 2002, p.89). A cidade de Nuremberg, no estado de Baviera, na Alemanha, é considerada a pátria dos soldadinhos de chumbo. Em Munique, desde 1983, o *Spielzeugmuseum, Museu do Brinquedo*, abriga milhares de brinquedos, incluindo bonecas de séculos passados sendo considerado um dos museus de brinquedos mais importantes do mundo, por possuir uma grande quantidade de material, com alta qualidade artística.

Antes do século XIX, os brinquedos eram produzidos em oficinas de entalhadores de madeira, fundidores de estanho e outros. A produção de brinquedos não era função de uma fábrica específica, tal como acontece atualmente. As diversas oficinas manufatureiras tinham normas de produções e só foi permitido fabricarem produtos que competiam à empresa. Assim os brinquedos foram tidos como produtos secundários, não sendo prioridade na linha de produção das oficinas. Essa secundarização na fabricação dos brinquedos teve origem no século XVIII, quando o corporativismo manufatureiro impôs uma fabricação especializada. Os marceneiros não poderiam mais pintar os seus brinquedos, pois era obrigado a dividir as etapas da produção com as respectivas fábricas que trabalhavam com os materiais que compunham o produto, aumentando o preço final (BENJAMIN, 2002).

A comercialização dos brinquedos era feitas por marceneiros, caldeireiros, fabricantes de velas, ou seja, não havia, no início, lojas específicas de venda e distribuição de

brinquedos. Com o avanço das mudanças, principalmente culturais e artísticas do século XIX, houve uma crescente demanda por objetos artesanais pequenos, em específico, para uso doméstico. Então, este universo de “coisas” minúsculas não apenas enfeitava as casas europeias, mas também fazia a alegria das crianças. Em Nuremberg, houve uma grande movimentação de artistas na produção de miniaturas, partindo daí o predomínio alemão no mercado mundial de brinquedos (BENJAMIN, 2002).

Desde a segunda metade do século XIX revelava-se uma mudança no significado dos brinquedos para as crianças e adultos, deixando de ser apenas miniaturas. De acordo com Benjamin (2002, p. 91 e 92), “quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais”. Ao mesmo tempo, as indústrias aumentaram a linha de produção dos brinquedos e também sua sofisticação, o autor nos alerta para a “falsa simplicidade do brinquedo” (BENJAMIN, 2002, p. 92).

Segundo Benjamin (2002), as crianças pequenas, entre 0 a 4 anos não se importam com os materiais com os quais são feitos os brinquedos. A madeira era considerada um ótimo material para fazer um brinquedo pela resistência e boa assimilação das cores. Muitas vezes, a sofisticação dos brinquedos revela não as vontades e necessidades das crianças, mas a sensibilidade infantil dos adultos. A partir dessas considerações de Benjamin (2002), percebemos que muitas vezes brinquedos sofisticados não representam as vontades e necessidades das crianças. Os brinquedos sofisticados estão em sua maioria mais próximos do imaginário dos adultos que do desejo das crianças. Para o autor, não era necessário que se produzissem objetos supostamente apropriados para as crianças para distraí-las, bastava que lidassem com coisas comuns para que ficassem satisfeitas. Segundo ele, crianças sentem-se atraídas pelas coisas simples ou “detritos” a que elas atribuiriam significados e sentidos, podendo imitar o mundo dos adultos. Imitar não no sentido de fazer exatamente igual, mas refazer, ressignificar, trazendo as contribuições ao pensamento e à criatividade infantil. Assim, as próprias crianças constroem um mundo próprio dentro do grande mundo real (BENJAMIN, 2002, p.101).

Conhecer a história cultural do brinquedo é importante para entendermos significados e sentidos que crianças e adultos de hoje imprimem a esse objeto tão humanamente potencializador da criatividade. “O brinquedo é condicionado pela cultura econômica e, muito em especial, pela cultura técnica das coletividades” (BENJAMIN, 2002, p.100). Nossa cultura atual está muito ligada a processos tecnológicos, fluidez na informação e na comunicação e os

brinquedos caminham nessa direção, tal como é possível observar na demanda por videogames em 3D, jogos eletrônicos e brinquedos robóticos que falam e/ou obedecem a comandos de voz, e outros. Nunca se produziu tanta tecnologia como hoje e consequentemente nunca houve tantos brinquedos tecnológicos como agora.

As relações uns com os outros, as culturas da infância, a corporeidade, a teatralidade, os intensos movimentos do brincar com o corpo, as brincadeiras do recreio, as brincadeiras na sala de aula na tentativa de burlar o sistema educacional, a imaginação, a criatividade, tudo aquilo que as crianças desenvolvem entre si são movimentos que se apresentam e expressam significados importantes das culturas infantis. Consideramos, assim, que o brinquedo é importante na composição das brincadeiras, nas relações das crianças com seus pares e com os adultos, nas culturas infantis.

Na brincadeira podemos compreender quais são os significados e sentidos atribuídos por crianças aos brinquedos. A abrangência e a complexidade do brincar e do brinquedo é tamanha que não se pode e nem deve, resumir-se a tão poucas linhas. Huizinga (2010) nos diz que o ser humano é também o ser que brinca e que joga. Os mamíferos brincam, e os seres humanos também, mas segundo o autor, há uma diferença entre o homem e os outros animais: nessa atividade humana são símbolos produzidos; há uma simbologia na brincadeira, no brincar e no jogar que inexiste nas outras espécies (HUIZINGA, 2010).

A análise sobre as relações do brincar, brincadeira e do brinquedo com a educação é importante, principalmente quando se pensa na urgência de se construir uma escola com as crianças e não para elas. Pensando na escola como instituição que busca propor atividades, ações e circunstâncias que promovam o aprendizado e o desenvolvimento das potencialidades humanas, o brincar, as brincadeiras e os brinquedos devem compor o espaço-tempo da escola. O brincar é uma atividade lúdica, mas é preciso compreender que o lúdico não se resume ao brincar, o trabalho pode ser também uma atividade lúdica. O lúdico nas escolas tem estado cada vez mais restrito aos recreios, se é que pode ser colocado assim. Como Graciliano Ramos (1995), precisamos elevar as crianças a um nível mais alto, e para isso, um possível caminho é elevar a nossa potência para então emergir a potência do outro.

CAPÍTULO II

Crianças, culturas infantis e a pesquisa na escola

O enigma da Infância: ou o que vai do impossível ao verdadeiro

[...]. A infância como um outro não é objeto (ou objetivo) do saber, mas é algo que escapa a qualquer objetivação e que se desvia de qualquer objetivo: não é o ponto de fixação do poder, mas aquilo que marca sua linha de declínio, seu limite exterior, sua absoluta impotência: não é o que está presente em nossas instituições, mas aquilo que permanece ausente e não abrangível, brilhando sempre fora de seus limites. Assim, a alteridade da infância não significa que as crianças ainda resistam a serem plenamente capturáveis por nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições; nem sequer significa que essa apropriação talvez nunca poderá realizar-se completamente. A alteridade da infância é algo muito mais radical: nada mais, nada menos que sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença. E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la). Aí está a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder [...].
(LARROSA, 2010, p. 185)

Toda relação consigo mesmo é uma relação com o outro e toda relação com o outro é também uma relação consigo próprio. Conhecer as relações das crianças com os outros, com o conhecimento com o brincar requer entender espaços e tempos que as distanciam e aproximam (do outro e de si mesmos) e tentar pensar esses sujeitos como confrontados com a necessidade de aprender e conhecer o mundo (CHARLOT, 2000).

Pensar e compreender as culturas infantis que se desenvolvem no espaço-tempo da escola requer aprender sua linguagem, seus modos de brincar, seus fazeres nos entre-lugares ou nas brechas da organização escolar. Pensar e entender estes sujeitos que são crianças, é percebê-los como produtores de cultura, pressupõe percebê-los como autores.

Charlot (2000) ao analisar o que é sujeito acaba por contribuir para compreendermos o que são as crianças, sujeitos da presente investigação:

Um ser humano, aberto a um mundo que não se reduz ao aqui e agora, portador de desejos movidos por esses desejos, em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos; **um ser social**, que nasce e cresce em uma família (ou em um substituto de família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais; **um ser singular**, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade. Esse sujeito: **age no e sobre o mundo; encontra a questão do saber como necessidade de aprender** e como presença no mundo de objetos, de pessoas e de lugares portadores de saber; **se produz ele mesmo, e é produzido, através da educação** (CHARLOT, 2000, p. 32, grifos nossos).

Qvortrup (1999) nos mostra que o que há de comum entre as crianças é o fato de que não são adultos. Assim, consideramos que as crianças do 3^a ano do Ensino Fundamental, sujeitos da presente pesquisa, são seres humanos pertencentes a uma comunidade, são seres sociais que vivem e aprendem com os outros e consigo mesmos, ocupam lugares no espaço social, estão abertas ao mundo, são movidos por desejos de aprender, de serem respeitados, ouvidas, levadas a sério, produzem e (re)produzem violências contra si mesmas e contra os outros; são seres singulares, com suas histórias e sentimentos, aprendem, interpretam e produzem significados e sentidos em relação aos processos vividos; produzem-se e são produzidas nas relações com os outros e também pela educação.

Sabemos que a participação das crianças nas rotinas escolares muitas vezes gera perturbações ou incertezas no funcionamento da instituição. É comum na interação adulto criança acontecer transtornos, pois o poder dos adultos sobre as crianças converge para essas perturbações e também porque há uma enorme ambivalência nas atitudes sociais dos adultos perante as infâncias no e que diz respeito à relação entre o que queremos para as crianças e as condições em que algumas vivem e estudam (CORSARO, 2011. QVORTRUP, 1999).

A infância é *um outro* para Larrosa (2010, p.184). E pensar a infância como *outro* é pensar nas dificuldades e até impossibilidades que temos para compreender o outro. Pesquisar sobre as crianças e suas infâncias é buscar preencher esse vazio que nos caracteriza como aqueles que não sabem. O *outro* de Larrosa não é o que sabemos sobre a infância; ele é o que não sabemos o que ainda não pudemos submeter a uma lógica do conhecimento sistemático. Estar com as crianças é poder identificar, pensar, refletir, experienciar suas infâncias junto com elas tentando deixar de lado interpretações equivocadas de adultos.

A produção e (re)produção das culturas das infâncias na escola não é um processo linear, mas constitui-se com muitas intervenções de fora e de dentro da escola. Conhecer e analisar as relações culturais infantis produzidas na escola permitiu-nos entender significados

e sentidos apreendidos e produzidos pelas crianças na construção do conhecimento. Corsaro (2011, p. 128-129, grifos nossos) considera que:

Embora as crianças desempenham um papel ativo na produção de rotinas culturais com adultos, elas geralmente ocupam posições subordinadas e são expostas a muito mais informações culturais do que elas podem processar e compreender. Certamente, muitas confusões, medos e incertezas são tratados à medida que surgem na interação adulto-criança. No entanto, uma suposição importante da abordagem interpretativa é que características importantes das culturas de pares surgem e são desenvolvidas em consequência das tentativas infantis de dar sentido e, em certa medida, a resistir ao mundo adulto.

Desenvolver pesquisas sobre crianças e culturas infantis corresponde a, de certa maneira, inverter a posição subordinada das crianças na relação aos adultos, evidenciando a relevância dos saberes infantis na construção das culturas, os trabalhos produzidos pelas crianças com seus pares e com os adultos e atentando para os diferentes tipos de crianças e de infâncias existentes. Na presente pesquisa buscamos também valorizar as produções infantis.

O pensamento dos adultos, em sua grande maioria, resume-se, quase sempre a pensar nas crianças como o futuro da humanidade. É comum que os adultos vejam as crianças de forma prospectiva, como futuros adultos com um lugar na ordem social e as contribuições que elas darão (CORSARO, 2011). Qvortrup (2005) diz que as crianças foram e ainda continuam sendo mais marginalizadas do que ignoradas pelo que representam hoje e não pelas possibilidades do que serão depois, sendo este outro pressuposto que embasou nosso trabalho com as crianças. Sarmiento (2003, p.10) indica que é preciso olhar a infância e não olhar sobre ela, segundo o autor "[...] o descentramento do olhar do adulto como condição essencial para perceber a criança é urgente".

Por mais que as crianças sejam constrangidas, marginalizadas ou ignoradas no espaço-tempo escolar continuam a produzir culturas, ensinam e também aprendem uns com os outros e com os adultos. Sarmiento (2002, p. 2) comenta sobre a capacidade das crianças de tornarem os acontecimentos presentes uma oportunidade de aprender e ressignificar o aprendido para assim construir o futuro: "As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazendo-o com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível".

As culturas das infâncias são produzidas e ressignificadas nas relações humanas, nas relações com a informação e com o conhecimento. As culturas das infâncias são socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas no processo histórico de

recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas do tempo, exprimem a sociedade nas suas condições, nos seus estratos e na sua complexidade (SARMENTO, 2003).

Encontrar os fundamentos das culturas das infâncias torna-se possível, segundo Sarmento (2003) quando observamos, por exemplo, a relação particular que as crianças estabelecem com a linguagem; a aquisição e aprendizagem dos códigos que plasmam e configuram o real e sua utilização criativa constitui a base da especificidade das culturas infantis. Essa aquisição e aprendizagem são desenvolvidas predominantemente na escola e nas interações em espaços fora da escola como a educação familiar. Para esse autor, o uso, o recolhimento da voz e da fala da criança, isto é, a expressão da sua ação e reflexão é condição fundamental no conhecimento das culturas infantis. Durante o desenvolvimento da pesquisa, consideramos e aprendemos a perceber as expressões das crianças nas ações realizadas e nos entre-tempos-espços da escola.

A escola teve e tem um papel histórico importante na construção social da infância, todavia, não podemos atribuir as culturas das infâncias às instituições escolares; pelo contrário, as culturas das infâncias realizam-se, muitas vezes, por oposição e numa atitude de contraponto crítico ao projeto educacional, numa espécie de "divisão de trabalho" entre as culturas societais (adultocentradas) escolarmente transmitidas e as culturas infantis (MOURITSEN, 1997, apud SARMENTO, 2003, p. 5).

Estudar e entender as relações das crianças com seus pares e adultos na escola é poder pensar e compreender os limiares e as possibilidades da contribuição dessa instituição educativa na construção dos saberes infantis, das culturas infantis, onde a escola, de modo geral, não valoriza e não acrescenta no trabalho com as crianças. Desenvolver pesquisa na escola, com as crianças é aprender os acordos estabelecidos, promover rearranjos e novas maneiras de ver e pensar os sujeitos participantes do sistema educacional. Mas, não se trata apenas de ouvi-las e amplificar a voz das crianças na escola, é preciso fazer com as crianças e aprender sobre elas e com elas numa perspectiva contextualizadora do saber.

A escola é um espaço onde se constroem relações sociais. Por mais que escola não traduza por completo as vontades e necessidades das crianças, elas gostam de frequentá-la:

As crianças querem ir à escola para brincar, aprender e fazer amigos, porém constataam a falta de sentido da escola e de suas aprendizagens. Elas desejam e querem construir uma escola para brincar, higiênica,

bem pintada e colorida, com professores bem pagos e bem formados, capazes de entender a possibilidade de este vir a ser o espaço da infância. As crianças não apenas constataam o fracasso da escola, mas também **propõem soluções simples e viáveis** (QUINTEIRO, 2009, p. 42, grifos nossos).

As crianças gostavam da escola, mesmo submetidas muitas vezes à situações e atividades angustiantes que desencadeavam sofrimentos. A escola é um ambiente que possibilita encontros, relacionamentos, produção de sentimentos e aprendizagens. As crianças e os adultos conseguiam perceber essas possibilidades, queriam ir à escola para brincar, aprender e fazer amigos; percebíamos nos olhares, nas falas, nas atitudes das crianças e dos adultos da escola campo, o desejo de construir uma escola bonita em que existam espaços adequados para aprender, brincar e viver. Todavia, o que se passa na escola era muitas vezes uma falta de sentido generalizado, as crianças percebiam as necessidades da escola e seriam capazes de propor soluções se fossem dados a elas o direito de falarem e serem ouvidas.

Snyders (2005, p.29) expressa um desejo de que "[...] gostaria de uma escola onde a criança não tivesse que saltar as alegrias da infância apressando-se, em fatos e pensamentos, rumo à idade adulta, mas onde pudesse apreciar em sua especificidade os diferentes momentos de suas idades". É como se a infância e o ser criança pudessem ser guardados numa mochila, quando elas entram na escola e que somente ao sair pegassem novamente essa mala.

Pensar e estudar as crianças com seus pares e os adultos e as culturas infantis na escola é também uma forma de tentar trazer questionamentos, inquietações, buscar respostas, desejos, sentimentos que ficavam abafados ou não revelados no cotidiano da instituição. Podendo assim ser uma porta de referencia para se buscar investimentos por parte da prefeitura municipal da cidade para melhorar as condições de trabalho, de aprendizagem e ensino na escola campo e tantas outras escolas.

Como chegar até as crianças? De que maneira é possível encurtar as distâncias entre nós adultos e as crianças para então conhecê-las? Essas inquietações também fizeram parte do processo de construção desta pesquisa. Pensar e construir maneiras de aproximação das crianças, trazer emoções, chegar fundo nos pensamentos, nos sentimentos e nas ações é estar disposto a viver o mistério da vida, buscando nas pequenas coisas, nos corações de meninos e meninas sonhadoras as razões do movimento. Sendo assim, no caminho da emoção, a curiosidade primeira neste instante é saber quem são as crianças que construíram conosco a história desta pesquisa:

2.1 Crianças Maravilhosas

Sonho de Menino

Quando era menino
Eu via a lua saindo
Pensava assim comigo
Um dia eu vou lá
De jeep ou caminhão
De barco ou de avião
Se eu não puder voar
Cresceu meu coração
Me trouxe outra emoção
E o sonho de menino
Voou... Voou...

(PAULINHO PEDRA AZUL, 1986)

Sonhos de meninos e meninas, corpos em potência, ser, pensar, compreender o simples, o complexo, pensar, repensar, voar... Foram aproximadamente 22 crianças, com idades entre 8 e 9 anos, que participaram e produziram conosco a presente pesquisa. Esse número inexato de crianças deveu-se a variação da permanência das crianças na escola; fatores como desistências, mudanças de bairro, conflitos familiares, condições socioeconômicas precárias são alguns dos motivos que explicam o "abandono" da escola pelas crianças.

Esta pesquisa foi produzida com as crianças de um 3º ano de uma escola municipal da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, doravante denominada escola Crianças Felizes³. Essa instituição localiza-se numa região periférica da cidade; é considerada pela prefeitura e polícia militar um bairro com índice considerável de violência e tráfico de drogas.

Por que trabalhamos com uma turma de 3º ano? Numa primeira conversa com a diretora da escola, sugerimos a ela que gostaríamos de trabalhar com a turma do Acelera⁴ por termos desenvolvido no ano anterior, em 2012, uma *oficina da imaginação*⁵. Entretanto,

³ Este nome é fictício e tem por objetivo proteger a identidade da escola em que realizamos a presente pesquisa.

⁴ Acelera Brasil criado em 1997, é um programa emergencial, de "correção de fluxo" do Ensino Fundamental. O discurso é combater a repetência que gera a distorção entre a idade e a série que o estudante frequenta e, também, o abandono escolar.

⁵ O trabalho da Oficina da Imaginação com as crianças do Acelera foi desenvolvido no segundo semestre de 2012, fazia parte das atividades do Subgrupo Infâncias do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas Populares e teve como objetivo geral buscar entender como se dá o envolvimento das crianças com a imaginação, com o aprender, com as histórias, os brinquedos tecnológicos e não tecnológicos, as brincadeiras, com as pessoas, crianças e adultos, no espaço-tempo da escola. A oficina foi dividida em três etapas envolvendo filme, brinquedos, desenhos, produção de objetos/brinquedos com materiais descartáveis.

segundo a diretora, o Acelera foi cortado, não compunha mais o sistema de ensino da presente escolar. Segundo a mesma, a ordem de retirar o Acelera veio da secretaria de Educação do município.

A diretora da escola também nos explicou que foi criada na escola uma turma "especial" de 3º ano⁶, com isso ela nos recomendou que fizéssemos a pesquisa com essas crianças. As crianças que compuseram a turma do 3º ano apresentavam alguns ou todos os seguintes diagnósticos feitos pelas professoras e/ou psicopedagogas da escola, e/ou supervisoras, e/ou psicólogos externos: déficit na capacidade de aprender, déficit de concentração, hiperatividade, agressividade, dificuldade de convívio com outras crianças e adultos.

Observamos desde o início de nossa pesquisa, que na escola Crianças Felizes, havia uma cultura do passado e do presente das famílias das crianças falarem por elas. Normalmente o que valia na apresentação das crianças era de onde elas vieram e quem eram os seus familiares. Nesse sentido, ao nos contar sobre o encerramento do programa Acelera na escola, a diretora sugeriu a turma "especial" do 3º ano e complementou suas informações: muitas das crianças são filhas/os de pais traficantes, pais que estavam presos por roubo e/ou morte, pais que abandonaram os filhos; segundo ela eram crianças pobres que passavam por dificuldades socioeconômicas e que os direitos básicos garantidos pela constituição com o direito a vida, a saúde de qualidade, a educação de qualidade, respeito e dignidade humana estavam sempre sendo violados para aquelas crianças.

Na escola Crianças Felizes, entre os professores, diretora, supervisores e demais funcionais além do costume da história da família falar pela criança e determinar a maneira pela qual é vista, havia também outra prática que nos chamou a atenção, que era a de deixar os livros na biblioteca e muito pouco com as crianças. Os livros novos, os mais velhos, porém conservados, eram para empréstimos quando a professora liberava os estudantes durante as aulas ou durante o recreio quando a biblioteca não estava sendo utilizada como sala de reuniões. Os livros que poderiam ir para salas de aula quando as professoras levavam eram aqueles livros que, na grande maioria, estavam bem gastos, estragados, rasgados, cortados, amassados.

⁶ Turma cujo nome fictício doravante será Crianças Maravilhosas.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa⁷ (PNAIC), foi implementado na escola Crianças Felizes no ano de 2013. As professoras dos primeiros, segundos e terceiros anos foram convidados a participar do programa que não contemplou as professoras e os estudantes dos quartos anos. A escola recebeu 53 caixas de livros de leitura para os turnos da manhã e da tarde, distribuídas da seguinte forma:

QUADRO 1- Quantidade de livros do PNAIC destinados à escola Crianças Felizes no ano de 2013, turnos manhã e tarde.

Anos do Ensino Fundamental	Quantidade de livros
Primeiros anos	680
Segundos anos	330
Terceiros anos	475

Fonte: Secretaria da escola Crianças Felizes-2013

Além dos livros de leitura, a escola recebeu 15 caixas de jogos. Todas as caixas continham os mesmos jogos: mais uma, troca letras, bingo dos sons iniciais, caça-rimas, dados sonoros, trinca mágica, batalha de palavras, quem escreve sou eu, bingo da letra inicial, palavras dentro de palavras. As professoras poderiam utilizar os jogos com as crianças e os livros foram colocados em cada sala de aula em um armário de aço com tranca. Caberia a cada educadora usá-los, não havia regras. Algumas professoras emprestaram os livros para as crianças levarem para casa, outras trabalharam com as crianças em sala de aula.

Mesmo com tantos livros, a maioria das crianças da escola Crianças Felizes não utilizava com frequência a biblioteca, tampouco os livros do PNAIC. As justificativas da escola para a pouca utilização dos livros pelas crianças foram as seguintes: as professoras não liberavam as crianças para irem até a biblioteca; as crianças não tinham interesses; a biblioteca tinha poucos livros; as crianças estragavam os livros e/ou não devolviam, levando a escola a restringir o acesso para tentar preservar seu acervo; a falta de projetos de incentivo a leitura, etc.

⁷ O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Ao aderir ao Pacto, os entes governamentais se comprometem a: alfabetizar todas as crianças em língua portuguesa e em matemática; realizar avaliações anuais universais, aplicadas pelo INEP, junto aos concluintes do 3º ano do ensino fundamental; no caso dos estados; apoiar os municípios que tenham aderido às Ações do Pacto, para sua efetiva implementação. Disponível em <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em 4 de Novembro de 2013.

No 3º ano Crianças Maravilhosas, em que pese os comentários feitos pela diretora e outros profissionais, encontramos crianças ativas e bastante agitadas, algumas brigavam umas com as outras, gritavam, corriam, outras reproduziam a violência, mas expressavam-se intensamente, buscavam conhecimentos e afetos nas relações com seus pares e com os adultos. No desenvolvimento e produção da pesquisa conhecemos um pouco mais tais crianças, as culturas infantis e percebemos, em muitos momentos não só a complementariedade dessas duas dimensões culturais, mas também relações de oposição entre elas. Ser especial é ser gente, humano, que expressa sentimentos e verdades mesmo com medo de ser.

As crianças da turma Crianças Maravilhosas eram seres humanos e conhecê-las requereu ir além do que a escola e seus profissionais diziam e pensavam delas. É uma alegria muito grande falar das crianças, o vínculo que estabelecemos com elas deu-se na potência, do intenso e do amoroso. Com uma potência no pensamento e na ação percebíamos as crianças como pessoas maravilhosas, com as seguintes características: potentes, pequenas, olhos brilhantes, cabelos esvoaçantes, com gel ou arrepiados, abraçavam-nos sempre fortemente, intensas no fazer e no expressar sentimentos, faziam-nos perguntas cujas respostas não sabíamos, carinhosas, gostavam de abraçar os colegas e os adultos que chegavam à sala, sempre abertas e disponíveis às propostas que fizemos para imaginar e criar, receberam-nos com alegria, encheram-nos de cartinhas de amor, corriam, pulavam, empurravam, puxavam, gritavam, falavam, sorriam, cantavam, fofocavam e ajudavam sempre que era possível.

As Crianças Maravilhosas também falaram sobre si mesmas, suas vidas e rotinas. Apresentamos a seguir um quadro com as principais características de cada criança cujo seus nomes são fictícios. Esses dados foram produzidos no primeiro dia de atividades planejadas durante uma conversa com as crianças sobre a família, o que elas faziam no período da manhã dia comum; outra parte dos dados foi produzida na descrição dos desenhos feitos pelas crianças onde foi pedido para que elas desenhassem o que faziam de manhã num dia comum. Com base na conversa com as crianças, montamos o presente quadro abaixo para conhecermos melhor cada criança da turma Crianças Maravilhosas. Esse quadro⁸ é relativo às crianças que estavam no início do ano com a turma e apresenta o que elas descreveram sobre si mesmas e sobre suas vidas:

⁸ Nomes fictícios.

QUADRO 2 - Apresentações da turma Crianças Maravilhosas da escola Crianças Felizes.

NOME	TURMA CRIANÇAS MARAVILHOSAS
1- Luiza	"Meu nome é Luiza, tenho 8 anos. Eu moro com a minha mãe, com meu pai e com minha irmã. Eu tenho dois cachorrinho e eles são pinschers, um tem três meses e o outro tem quatro meses"
2- Larissa	"Meu nome é Larissa, tenho 8 anos. Eu moro com minha mãe, meu pai e meu irmão. Eu gosto de brincar com minhas amigas e de boneca"
3- Maria Letícia	"Meu nome é Maria Letícia, tenho 9 anos. Eu moro com meu pai, minha madrasta e meus dois irmãos. Eu gosto de brincar".
4- Isadora	"Meu nome é Isadora, tenho 8 anos. Eu moro com meus pais, meu irmão e minha irmã. Meu irmão também estuda aqui na escola a tarde. Eu gosto de desenhar e brincar com meu irmão".
5- Eduardo	"Meu nome é Eduardo, tenho 8 anos. Eu moro com minha mãe, minha avó, meu avô e com meus dois tios. Eu tenho uma irmã que mora em outra casa".
6- Lilian	"Meu nome é Lilian, tenho 8 anos. Eu moro com minha mãe e meu pai e meu irmão".
7- Jéssica	"Meu nome é Jéssica, tenho 8 anos. Eu moro com meu tio e minha tia. Minha mãe e meus irmãos moram na Bahia".
8- Alex	"Meu nome é Alex, tenho 8 anos. Eu moro com minha mãe, meu pai e minha irmã. Eu tenho duas avós, dois tios e dois avôs".
9- Francisco	"Meu nome é Francisco, tenho 9 anos. Eu moro com meu pai e minha mãe e minhas três irmãs"
10- Fábio	"Meu nome é Fábio, tenho 9 anos. Eu moro com minha mãe e meus dois irmãos".
11- Luiz	"Meu nome é Luiz, tenho 8 anos. Eu tenho oito irmãos, e moro com eles mais a minha mãe e o meu pai".
12- Marcos	"Meu nome é Marcos, tenho 9 anos. Eu tenho seis irmãos, uma irmã minha já é casada e eu moro com minha mãe e o meu pai".
13- Jorge	"Meu nome é Jorge, tenho 8 anos. Eu moro com meu pai, minha mãe e meu tio".
14- Iasmim	"Meu nome é Iasmim, tenho 8 anos. Eu moro com meu pai e minha e minha irmã".
15- Rosana	"Meu nome é Rosana, tenho 8 anos. Eu moro com minha mãe e tenho quatro irmãos".
16- Elen	"Meu nome é Elem, tenho 8 anos. Eu moro com minha mãe, minha avó e meu tio. Eu tenho uma irmã gêmea que mora comigo".
17- Rôse	"Meu nome é Rôse, tenho 8 anos. Eu moro com minha mãe e meu pai. Eu tenho quatro irmãs e um irmãozinho de um mês de vida".
18- Fabíola	"Meu nome é Fabíola, tenho 8 anos. Eu moro com a minha mãe e tenho três irmãos".

Fonte: Arquivo da pesquisa

As Crianças Maravilhosas, com seus jeitos e encantos construíram conosco momentos, pensamentos, reflexões-ações, sentimentos e vontades. Abaixo, na fotografia 3, apresentamos as Crianças Maravilhosas:



FOTOGRAFIA 3 - Crianças do 3º ano da turma Crianças Maravilhosas no quiosque da escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

2.2 A Escola Crianças Felizes e seus funcionários

A escola em questão é uma instituição de ensino municipal, situa-se num bairro popular da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Tal escola funciona em dois turnos manhã e tarde e atende no total de 900 estudantes, 82 professores e 34 funcionários contando com uma diretora e duas vice-diretoras. No quadro 3, detalhamos a quantidades de estudantes no turno da tarde da escola Criança Feliz:

QUADRO 3 - Quantidade de turmas do Ensino Fundamental da Escola Crianças Felizes no turno da tarde no ano de 2013

Anos de escolarização do Ensino Fundamental	Número de Turmas	Número de estudantes
Primeiro ano	4	100
Segundo ano	3	81
Terceiro ano	7	167
Quarto ano	3	96
TOTAL	17	444

Fonte: Secretaria da escola Crianças Felizes-2013

A escola atende não apenas crianças do bairro em que está localizada, mas também à crianças de nove bairros populares adjacentes. O espaço físico total da escola é grande, são 18 salas de aula, um quiosque, uma quadra coberta, uma área aberta gramada, uma área com pés de mexerica, pés de limão e laranja, um pátio coberto com um palco de cimento, uma sala de informática, uma sala de projetos, uma cantina, sala dos professores, sala da diretora, sala das supervisoras pedagógicas, secretaria, banheiro masculino e feminino das crianças e banheiros masculino e feminino dos professores da escola, almoxarifado, biblioteca, área aberta dentro da escola usada como estacionamento e uma sala reservada para guardar materiais escolares, com uso restrito à diretora, vice-diretora e supervisoras.

As aulas das crianças do turno da tarde são divididas da seguinte forma:

QUADRO 4- Distribuição de horários das aulas das crianças do turno da tarde da escola Crianças Felizes no ano de 2013

Horários	Tempo
1º Horário	13:00 às 13:50
2º Horário	13:50 às 14:40
3º Horário	14:40 às 15:45
4º Horário	15:45 às 16:35
5º Horário	16:35 às 17:25

Fonte: Secretaria da escola Crianças Felizes-2013

As salas de aula são espaços relativamente grandes, porém pouco ventiladas possuindo apenas janelas basculantes em um dos lados da sala, um ventilador de teto e uma porta que fica mais fechada para conter barulhos externos, uma vez que a escola foi construída com as portas das salas voltadas para um grande corredor, com isso, qualquer barulho percorre o corredor e acaba atrapalhando as aulas. A seguir, nas fotografias 4 e 5, podemos perceber melhor o espaço e o mobiliário da sala de aula em questão:

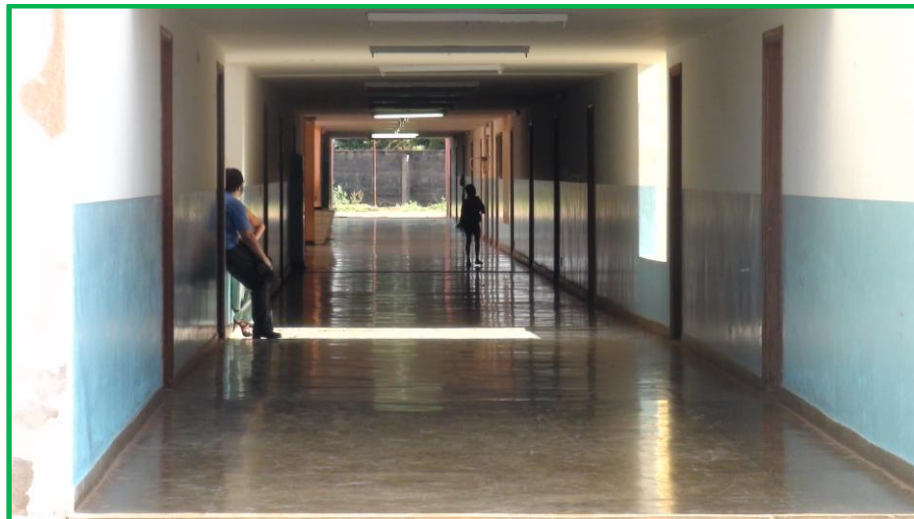


FOTOGRAFIA 4 - Interior da sala de aula da turma Crianças Maravilhosas da Escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 5 - Interior da sala de aula da turma Crianças Maravilhosas da Escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Na fotografia 6, apresentada na sequência, podemos visualizar o grande corredor em torno do qual se articula todo o espaço da escola, inclusive das salas de aula.



FOTOGRAFIA 6 - Grande corredor da escola Crianças Felizes, o qual interliga todas as salas de aula.
24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Os dois banheiros das crianças, sendo um feminino e outro masculino, foram reformados em julho de 2013; ambos possuem o mesmo acabamento, as mesmas cores e o mesmo tamanho total, tal como apresentado na fotografia 7 abaixo:



FOTOGRAFIA 7 - Banheiro feminino da escola Crianças Felizes. 11/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

O bebedouro coletivo da escola, - desde 2011, ano em que conhecemos a escola e começamos a desenvolver atividades com as crianças de outras turmas - necessitava ser instalado em outro espaço, pois originalmente localizava-se defronte aos banheiros feminino e masculino. Abaixo, na fotografia 8, apresentamos o bebedouro antes de ser desmanchado no final do ano de 2013:



FOTOGRAFIA 8 - Antigo bebedouro da escola Crianças Felizes. 24/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Em outubro de 2013, a escola Crianças Felizes conseguiu obter com a Secretaria Municipal de Educação, um bebedouro de metal com água gelada e a construção de um novo que foi construído ao lado da cantina; segundo a vice-diretora do turno da tarde o antigo bebedouro será demolido por não seguir as regras de higiene e a localização adequada. Essa

conquista se deve as diversas reclamações dos professores, funcionários da escola e pesquisadores, os quais perceberam a necessidade de um novo bebedouro que fosse longe dos banheiros. As fotografias 9 e 10 apresentam os novos bebedouros, primeiramente o de água gelada e a segunda retrata o bebedouro comum, reconstruído próximo a cantina e distante dos banheiros:



FOTOGRAFIA 9 - Bebedouro com água gelada. 11/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 10 - Novo bebedouro reconstruído ao lado da cantina da escola Crianças Felizes. Fonte: Arquivo da pesquisa.

A cantina tem um tamanho adequado que comporta os seus 444 estudantes durante as refeições. O pátio é coberto e tem um tamanho médio, entretanto, fica pequeno de acordo com a quantidade de crianças que ali está, por isso a escola realiza 3 recreios durante o turno escolar da tarde que são divididos da seguinte forma:

QUADRO 5- Quadro de horário dos recreios do turno da tarde da escola Crianças Felizes no ano de 2013

Horário	Tempo	Turmas/salas
1º Recreio	14h40min às 14h55min	1ºs anos salas 01, 02, 03 e 04 2ºs anos salas 05 e 06
2º Recreio	15h00min às 15h15min	2º ano sala 07 3ºs anos salas 08, 09, 11, 12 e 13
3º Recreio	15h20min às 15h35min	3ºs anos salas 14 e 15 4ºs anos salas 17, 18 e 19

Fonte: Secretaria da escola Crianças Felizes-2013



FOTOGRAFIA 11 - O pátio coberto da escola Crianças Felizes onde fica o palco. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Ao lado do pátio coberto, tal como se vê na fotografia 11, e entre os banheiros das crianças, havia uma área descoberta que também servia como área de brincadeiras e conversas

das crianças no recreio, porém estava descoberta e o calor do sol acabava por dificultar o uso daquele espaço. O professor de Artes da escola teve a belíssima ideia de cobrir e enfeitar aquele espaço com mídias de vinil e CDs. O resultado, podemos conferir a seguir na fotografia 12:



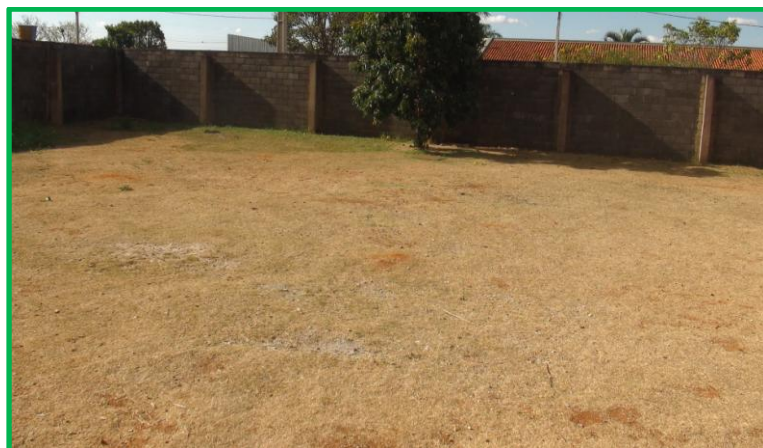
FOTOGRAFIA 12 - Área aberta que foi coberta com CDs pelo professor de artes da escola Crianças Felizes. 11/11/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A sala dos professores tinha um computador, uma geladeira e um micro-ondas onde todos os aparelhos eletrônicos estavam em bom estado de conservação e ainda, uma mesa grande e umas cadeiras; a secretaria, a sala das supervisoras e da diretora e vice-diretora são muito pequenas; a biblioteca escolar é uma sala multiuso, ali são feitas reuniões, encontros, atividades com as crianças, é também a sala de vídeo. Na fotografia 13 a seguir, podemos observar parte da biblioteca da escola:



FOTOGRAFIA 13 - Biblioteca da escola Crianças Felizes que também serve como sala de reuniões, sala de vídeo e outros encontros. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Nas áreas laterais da escola podemos encontrar uma área grande, gramada, que fica ao lado do estacionamento dos carros de funcionários e professores da escola. Havia sombra de uma única árvore neste espaço, como podemos ver abaixo, na fotografia 14; entretanto, tal espaço livre foi muito utilizado em atividades com as crianças na presente investigação:



FOTOGRAFIA 14 - Área externa da escola Crianças Felizes utilizada para as atividades com as crianças. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Na fotografia 15 podemos visualizar que a escola também possui um quiosque e um espaço lateral a essa edificação para o cultivo de horta, a qual se encontrava desativada no momento da presente pesquisa. O espaço do quiosque tornou-se um espaço muito importante

para a pesquisa, pois diante da superlotação da escola apresentou-se como local em que podíamos realizar atividades com as crianças de maneira mais tranquila e arejada.



FOTOGRAFIA 15 - Quiosque da escola Crianças Felizes com área destinada á horta na sua esquerda. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 16 - Quadra de esportes coberta da escola Crianças Felizes. 25/08/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no tocante dos Princípios e Fins da Educação apresenta as seguintes considerações:

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
VII - valorização do profissional da educação escolar;
VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
IX - garantia de padrão de qualidade;
X - valorização da experiência extraescolar;
XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
(Brasil, 1996, p. 2, grifos nossos).

Tal como se observa acima, a lei prevê e estabelece igualdade de condições para o acesso e permanência e a garantia de padrão de qualidade na escola, a valorização de experiências da vida e a vinculação da escola com o trabalho e com as práticas sociais; princípios dentre outros que sublinham a necessidade de que todas as escolas deveriam ser compostas de espaços de qualidade vinculados às necessidades e possibilidades de seus sujeitos e ao tipo de trabalho realizado. Para Soares (2008, p. 71), a escola colabora para a preservação do não cumprimento da lei, das discriminações econômicas e sociais, legitimando o poder da classe dominante e negando à classe dominada condições de sucesso. A lei não é feita para as pessoas, cumpre apenas o papel de existir.

Além da parte física da escola, há também pessoas que frequentam esse espaço e nele trabalham ou estudam; é o caso dos estudantes, funcionário, as famílias dos estudantes e outras pessoas que por ali circulam. Organizamos essas pessoas em grupos para melhor caracterizá-las de acordo com suas funções e apresentá-las.

Funcionárias da limpeza e da cozinha

Eram aproximadamente 8 profissionais no turno da tarde, todas as mulheres com idades entre 27 a 50 anos, elas ficavam responsáveis por limpar a escola, por fazer a merenda das crianças e revezavam para supervisionar as crianças durante o recreio. Pelo tamanho da escola, e pela quantidade de salas de aula e demais espaços, por exemplo, quiosque, quadra, pátio, área externa, e os outros espaços, o trabalho acaba sendo maior do que o número de funcionários, sobrecarregando o serviço. A carga horária exaustiva, o excesso de trabalho, falta de treinamento adequado e o baixo salário são fatores que pesam nos relacionamentos com os outros, principalmente com as crianças que eram as mais prejudicadas. Percebemos na

convivência com essas profissionais uma necessidade de capacitação dessas para estarem com as crianças.

Secretárias da escola

A escola Crianças Felizes tinham duas secretárias do sexo feminino que trabalhavam na secretaria no turno da tarde. Tais funcionárias tinham as seguintes funções: atendimento de pais e da população dos bairros, atender telefonemas, ligar para os pais quando havia necessidades, matrículas passar notas dos diários das turmas para o sistema, tirar xerox para as professoras, entre outras tarefas.

Supervisoras pedagógicas

No período da tarde, a escola Crianças Felizes dispunha de duas supervisoras pedagógicas do sexo feminino, uma responsável pelas turmas dos primeiros e segundos anos e a outra responsável pelas turmas dos terceiros e quartos anos. Buscavam dialogar com as professoras, as crianças e demais pessoas; resolver problemas cotidianos da escola como brigas entre as crianças e curativos em pequenos ferimentos, atender e conversar com os pais, além de organizar com as professoras o trabalho pedagógico na escola.

Diretora e vice-diretoras

Em cada turno de funcionamento da escola havia uma vice-diretora diferente, sendo a uma mesma diretora para os dois turnos da escola. A diretora, juntamente com a vice-diretora do turno da tarde, no qual realizamos a presente pesquisa, trabalhavam para resolver conflitos, escutar as crianças, tentar compreender o lado humano das relações entre as crianças com seus pares e os adultos e dialogar com todos. Além de cuidarem da parte administrativa da escola, a diretora e a vice-diretora do turno da tarde, sempre nos recebiam com muita simpatia, propiciavam uma abertura para expormos os problemas que enfrentávamos alguns questionamentos e algumas sugestões sobre encaminhamentos da pesquisa.

A vice-diretora tinha um contato mais direto com as crianças durante o recreio e no cotidiano da escola. Já a diretora cuidava da parte administrativa e de problemas pontuais dos estudantes e seus familiares. Também ficava responsável por definir parcerias em projetos, estágios e outros programas, além de estabelecer ligações da escola com a Secretaria Municipal de Educação.

De maneira geral, a escola Crianças Felizes tinha 34 funcionárias nos dois turnos, todas do sexo feminino, com idades entre 25 a 45 anos e formação que variava do ensino fundamental completo ao ensino superior. No quadro 6 abaixo, representamos o grupo geral de funcionários da escola Crianças Felizes no turno da tarde:

QUADRO 6 - Caracterização geral de profissionais da escola Crianças Felizes no turno da tarde

Cargo ocupado na escola	Nº de Funcionários efetivos	Nº de Funcionários contratados
Assistente de Serviço Geral (A.S.G)	5	3
Bibliotecária	1	0
Secretária escolar	2	0
Supervisora	2	0
Diretora	1	0
Vice-diretora	1	0
TOTAL	12	2

Fonte: Secretaria da escola Crianças Felizes-2013

De maneira geral, podemos dizer que a escola em questão, assim como outras instituições escolares, continua a tentar moldar e disciplinar as crianças tanto em termos do currículo trabalhado, quanto nas relações cotidianas. Kincheloe (2004) compreende que a escola precisa ser reestruturada tanto curricular quanto conceitualmente:

[...] Não achamos exagerado arguir que à luz dessas mudanças culturais as escolas tem que ser reformuladas desde os fundamentos. Geralmente o currículo escolar é organizado como uma sequência contínua de experiências desenvolvidas como se as crianças aprendessem sobre o mundo na escola, num desenvolvimento progressivo. Esforços conservadores para proteger organizações escolares antiquadas e as noções tradicionais de infância que as acompanham são de alguma forma incompreensíveis e cada vez mais predestinadas ao fracasso. Não podemos proteger nossas crianças do

conhecimento do mundo que a hiper-realidade lhes torna acessível.
(KINCHELOE, 2004, p.34)

Que a escola precisa mudar é fato, mas o que tem sido feito para que essa mudança aconteça de fato? Moreira (2003) vem nos dizer que a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade das culturas, inclusive acadêmicas:

O que caracteriza o universo escolar é a relação entre as culturas, relação essa atravessada por tensões e conflitos. Isso se acentua quando as culturas crítica, acadêmica, social e institucional, profundamente articuladas, tornam-se hegemônicas e tendem a ser absolutizadas em detrimento da cultura experiencial, que, por sua vez, possui profundas raízes socioculturais. Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamado a enfrentar (MOREIRA, 2003, p. 161).

Abrir espaços para as diversas culturas tem sido um grande desafio para a escola, como bem coloca o Moreira (2003).

As Professoras regentes da turma Crianças Maravilhosas

Uma pessoa importante no trabalho com as crianças foi a professora regente da turma do 3º ano que compartilhou o desenvolvimento desta pesquisa no primeiro semestre e nos últimos meses de 2013. As crianças do 3º ano turma Crianças Maravilhosas e outras turmas passaram por trocas de professores no meio do ano letivo por determinação da Secretaria Municipal de Educação, na qual, por sua vez, cumpria a determinação do Ministério Público de Uberlândia que ordenou a contratação e posse dos professores aprovados no último concurso público.

Os estudantes do 3º ano da turma Crianças Maravilhosas ficaram sem a professora regente de Junho até o final do mês de Agosto de 2013. Neste período, as crianças passaram por duas professoras contratadas na espera da chegada da tão esperada professora efetiva, o que não aconteceu. A professora regente foi recontratada pela prefeitura a pedido da diretora

da escola Crianças Felizes por ter considerado que o rendimento e a aprendizagem das crianças da turma Crianças Maravilhosas foi prejudicado com o afastamento da mesma.

Até o final de 2013, nessa turma Crianças Maravilhosas, passaram quatro professoras diferentes contando com a professora regente do primeiro semestre. A seguir descreveremos primeiramente a professora regente que esteve com as crianças no primeiro semestre e final do segundo semestre de 2013, em seguida, apresentaremos as duas outras professoras dessa turma.

• **A Professora Bela**

A professora Bela⁹ tem 32 anos, solteira, tem Especialização em Inspeção Escolar (2008), formada em Pedagogia (2005) e trabalha com ensino fundamental há 8 anos. Na sala de aula da turma Crianças Maravilhosas o comportamento da professora Bela se revelava na exigência quanto ao comportamento das crianças no desempenho das atividades em sala, na participação das crianças na correção dos exercícios. Às vezes ríspida, gritava e ofendia as crianças com palavras do tipo: "Vocês não são capazes!"; "Já mandei calar a boca!"; "Vocês não sabem de nada!"; "Isso é muito fácil, vocês já tinham que saber!"; "Senta na carteira"; "Não vou me preocupar tanto com vocês".

Gestos de delicadeza, carinho, respeito com as crianças aconteciam com menos frequência se comparar às vezes de agressividade e rispidez. A professora participou de algumas atividades da pesquisa com as crianças, mas fazia muitas intervenções durante as ações, gritava com as crianças querendo nos auxiliar, mas desautorizava o nosso acordo de com elas de respeitar o outro. Estabelecíamos os consentimentos com as crianças antes de começar as atividades. Apesar do pouco cuidado no trato com as crianças, elas gostavam da professora Bela, tinham respeito por ela mesmo sendo desigual essa relação de carinho. Muitas vezes presenciamos abraços e beijos das crianças na professora, até cartinhas amorosas ela recebia.

Nas observações do trabalho de sala de aula que realizamos no início da pesquisa tivemos a oportunidade de estar na sala com as crianças e conhecer a professora de religião e literatura. Depois dessa experiência marcante, percebemos o porquê das crianças gostarem da

⁹ Nome fictício.

professora regente, mesmo sendo pouco afetiva Bela ainda foi mais aceitadora e respeitosa com as crianças do que as outras duas professoras que a sucederam.

A afetividade dos estudantes com a professora revelava-se em diversos momentos em que estávamos presentes na sala de aula. As crianças do 3º ano Crianças Felizes tinham fartura de carinhos e cuidados com os adultos da escola. Sabemos que essas relações afetivas são muito importantes no processo ensinar-aprender. Sobre isso, Tassoni (2000) explica que:

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas. É a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar. “Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (TASSONI, 2000, p. 2 e 3).

Percebemos que a professora Bela se preocupava com o aprendizado das crianças, estava atenta àquelas que não faziam as atividades e buscava entender os porquês disso acontecer. Corrigia todas as atividades no quadro, mas rotulava explicitamente as crianças: "Você é a melhor estudante da sala!"; "Você nunca faz nada e desse jeito não vai passar de ano"; "Você não é capaz de entender nada, eu desisto de você!".

De fevereiro a abril de 2013, fiquei na sala de aula da turma Crianças Maravilhosas das 13h00min às 17h25min; observando as crianças, propondo uma vez por semana atividades sobre o brincar, o brinquedo e para conhecê-las melhor; levando a sacolinha de gibis e a caixinha de materiais escolares como lápis, borrachas, régua, lápis de cor, lápis de cera, canetinhas, apontadores para as crianças. Neste período, a professora Bela não colaborou com o empréstimo de materiais escolares às crianças, brigando com elas, impedindo que levantassem das carteiras para escolher os materiais, chegou ao ponto de me proibir de trazer a caixinha com os materiais escolares para as crianças. Os gibis nos primeiros dias também foram de difícil aceitação por parte da professora Bela que reclamava que as crianças deixavam de fazer as atividades para ver os gibis. Porém, depois de algumas semanas, acabou cedendo e passou a questionar bem menos sobre as revistinhas para as crianças.

A partir de maio, depois de observar as crianças, chegamos a algumas conclusões: o importante era conhecer as crianças, a cultura infantil e suas relações com seus pares e adultos e não mais compreender o brinquedo na cultura das crianças na escola; de que aquele espaço-

tempo seria muito difícil conhecer aspectos da cultura infantil e como já sabíamos que as brincadeiras e as atividades lúdicas eram propícias para que essas práticas culturais emergissem. Com a autorização da professora Bela, da supervisora e da diretora da escola, começamos a planejar e desenvolver outras atividades com as crianças com o objetivo de conhecê-las como sujeitos ativos e produtores de cultura. Passei a frequentar a sala de aula apenas no começo para cumprimentar, deixar as revistinhas na sala e depois do recreio, passava novamente na sala para recolhê-las. Tempos depois, passei a ir à sala para emprestar as revistas e alguns livros para as crianças levarem para casa e trazerem no dia combinado e para chamá-los para as atividades da pesquisa.

Reconhecemos o esforço da professora Bela em aceitar o nosso trabalho, conviver com alterações na rotina escolar, pois as ações com as crianças exigiam uma pausa nas atividades de sala de aula das crianças. Durante todos os momentos com a professora, não houve qualquer conflito maior e/ou algum pedido dela para que nos retirássemos da sala. Ela manteve um relacionamento solidário, respeitoso e amistoso conosco por todo o período da observação e das atividades que se sucederam.

• A Professora Bianca

A professora Bianca¹⁰ tinha 36 anos, casada, formada em Pedagogia em 2001, trabalha desde então com o ensino fundamental e na escola Crianças Felizes foi à primeira vez. A professora Bianca permaneceu com as crianças do 3º ano turma Crianças Maravilhosas uma semana. Logo quando as crianças retornaram das férias no mês de Julho, no primeiro dia de aula, as crianças já ficaram com uma professora eventual¹¹. A pedido da diretora da escola, enquanto se esperava a chegada da professora efetiva para a turma, à professora Bela voltou a trabalhar com a turma no segundo dia do segundo semestre de 2013 até a quinta-feira da mesma semana, momento em que se despediu das crianças.

Ficamos preocupados com as crianças pela troca confusa de professoras e pensávamos sobre como seria a próxima professora. Como seria com as crianças? Aceitaria o nosso

¹⁰ Nome fictício.

¹¹ Professora eventual é aquela que, na escola, cobre as faltas das professoras regentes e auxilia no funcionamento geral da escola.

trabalho com as crianças e a parceria? Muitas dúvidas surgiram e na segunda-feira seguinte a nova professora apresentou-se à escola e à turma Crianças Maravilhosas: professora Bianca.

Logo que iniciou o trabalho com as crianças a professora Bianca fazia-nos perguntas: do tipo: "Essas crianças são agitadas assim mesmo?"; "Elas estão me testando!"; "Elas conversam muito?"; "Como a outra professora aguentava?". Naquele dia, em 12 de agosto de 2013, durante todo o tempo em que ficamos com as crianças diziam: "A tia Bela vai voltar?"; "Pede para tia Bela voltar!"; "Essa professora Bianca é muito chata!".

Na quinta-feira, dia 15 de agosto de 2013, voltamos na escola para junto com as crianças e outras turmas fazermos um passeio ao museu itinerante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que estava estacionado na UFU e tivemos mais uma surpresa, já havia uma nova professora trabalhando com as crianças. Essa foi à terceira professora regente e a quarta professora no geral da turma Crianças Maravilhosas. A professora Bianca, permaneceu nessa sala por três dias e logo já solicitou que fosse feito a troca de professoras. Os motivos não foram divulgados, mas a própria professora nos revelou ter solicitado a substituição por não ter simpatizado com a turma.

• **A professora Maria José**

Maria José¹² tinha 32 anos, solteira, formou em Pedagogia em 2000 e desde então trabalha no ensino fundamental. Conhecer a realidade escolar e as crianças também pode causar um acúmulo de certezas e acomodação nos momentos de repensar a prática educativa do professor.

A professora Maria José gritava com as crianças, olhava nos olhos delas, colocava o rosto perto do rosto da criança e dizia as seguintes palavras: "Cala a boca!"; "Você não vai a lugar algum!"; "Eu não te aguento mais!"; "Você é surdo?"; "Fica quieto e para de mexer!". E

Em 18 de agosto de 2013, fomos à escola e conversamos com a Maria José sobre a pesquisa com as crianças que já havíamos começado em fevereiro daquele ano; ela compreendeu e disse que não colocaria nenhum empecilho quanto ao trabalho com as crianças e que já tinha sido previamente comunicada pela diretora da escola sobre tal projeto.

A professora trabalhava com as crianças com folhas de exercícios xerocados, organizava as carteiras em forma de meio retângulo voltadas para o quadro branco, pois, em

¹² Nome fictício.

todas as salas de aula tem um quadro verde onde se usa giz para escrever e um quadro branco onde se utiliza o pincel de tinta. Cada professora determinava o quadro que usaria. Todas as vezes que estivemos com as crianças e com essa professora, percebíamos as crianças agitadas além do que estávamos acostumadas a vê-las.

Maria José ficou com as crianças até o dia 9 de outubro de 2013, quando a professora Bela retornou e reassumiu o cargo. Os motivos da saída da professora Maria José não foram revelados oficialmente, mas a professora eventual da escola que ficou com as crianças no dia 9 de Outubro para que a professora Bela retornasse no dia seguinte, disse que as crianças não estavam conseguindo aprender, o rendimento da sala havia caído muito e as crianças reclamavam da ausência da professora Bela. Segundo ela, a diretora e a supervisora da escola resolveram que o melhor para as crianças seria recontratar a professora Bela e assim fizeram. No dia 9 de Outubro, em que a professora eventual estava com as crianças, acompanhamos o clima e as expectativas das crianças para a chegada da professora Bela que nos diziam: "A professora Bela vai voltar!"; "Nossa, não vejo a hora de abraçar a professora Bela!"; "Que saudade que estou da professora Bela!"; "Por que ela não volta logo?". Por alguns momentos, a professora Maria José entrou na sala para conferir se as crianças estavam se comportando e perguntou as crianças se elas queriam que ela voltasse e às crianças então disseram: "Não!" bem forte e certo.

2.3 As parcerias dentro e fora da escola

A presente pesquisa desde o seu início, foi sendo construída por meio de parcerias, porque pensávamos que esta pesquisa não poderia ser construída de maneira fechada, mas pelo contrário, aberta, em parceria com outras pessoas. Práticas coletivas são fundamentais no âmbito da escola. Estabelecemos parceria com o Subgrupo de Pesquisa Infâncias Populares do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas Populares (GEPECPOP), tanto com a ajuda dos bolsistas¹³ deste grupo realizamos muitas atividades com as crianças; também obtivemos desse grupo o apoio financeiro que nos permitiu comprar de brinquedos, livros, materiais escolares e lanches para as crianças.

¹³ As bolsistas do GEPECPOP que atuam no Grupo Infâncias Populares são: Alessany Teixeira Barbosa, Kátia Lourenço Alves, Nayara Paula de Oliveira, Ana Flávia Bezerra da Silva. Nesse Grupo, contamos com a professora do Curso de Teatro da UFU, Mariene Hundertmarck Perobelli e com a professora Myrtes Dias da Cunha da Faculdade de Educação da UFU.

O professor João¹⁴ de Educação Física, a professora Sandra¹⁵ de Literatura e Linguagens e o professor Roberto¹⁶ de Artes, todos eram professores da turma Crianças Maravilhosas e com suas parcerias, compartilharam conosco momentos importantes na presente pesquisa. O professor João nos ajudou cedendo alguns de seus horários de aula para realizarmos as ações com as crianças, nos apoios técnicos com a TV e o DVD da escola e por ser afetuoso com as crianças. O professor Roberto, que também nos auxiliou nos apoios técnicos, informações gerais sobre a escola e cedendo alguns horários de aula para as atividades com as crianças.

A professora Sandra, num primeiro momento, quase não deu crédito ao nosso trabalho, chegando a considerar pedir a diretora para que não participássemos de suas aulas. No excerto de Nota de Campo apresentado a seguir, é possível percebermos como essa relação se iniciou:

NOTA DE CAMPO 07 - Aula especializada e falta d'água

22 DE FEVEREIRO DE 2013 - sexta-feira

[...] Logo chegou outra professora de literatura, ela veio até mim e se apresentou como professora de Literatura e Linguagens, disse ainda que nunca havia trabalhado em escola, tendo se formado recentemente em pedagogia.

OBS: Quando a professora de literatura veio ao meu encontro nem um sorriso saiu dos seus lábios. Uma cara fechada, mal olhou para as crianças, exigia o tempo todo bom comportamento, bom comportamento, bom comportamento, bom comportamento, bom comportamento... Que tristeza! É uma pena começar uma profissão com tanto mal humor. Gostaria de fazer outras observações: em um momento, algumas crianças, 3 ou 4 crianças vieram até ao meu encontro para me questionar se eu havia montado todos os quebra-cabeças que tinha levado no 1º dia de Oficina da Imaginação. Disse-lhes que estava tentando ainda, e que agora tinha outro desafio, montar um quebra-cabeça com 500 peças. Os olhos das crianças se arregalaram e uma delas disse: "Nossa tia! 500 peças? É muita coisa!" Estava esperando os pais das crianças virem buscá-las na sala, e me aproximei de um estudante que estava vendo um livro de uma história do alienígena. Fiquei junto dele vendo o livro e fazendo alguns comentários como "Nossa que imagem bacana, que cor bonita!" Li algumas partes para ele e a professora se aproximou e disse: "Eles tem muita dificuldade, não conseguem fazer nada! Então eu disse: "Eles são muito inteligentes, vão conseguir sim!". Ela desviou o olhar e saiu.

Depois desse episódio, não participamos mais, como observadoras, das aulas da professora Sandra. No entanto, após algumas semanas, a professora Sandra, durante o recreio, na sala dos professores, questionou-me onde havíamos comprado os livros em 3D que emprestavamos para as crianças, pois tinha gostado muito dos livros e então elogiou essa ação. Em outra oportunidade pedimos para usar o horário de aula dela para passarmos o filme

¹⁴ Nome fictício.

¹⁵ Nome fictício.

¹⁶ Nome fictício.

"Em Busca da Terra do Nunca" para as crianças. Ela concordou e depois da atividade, pediu-nos o filme emprestado para passar para as crianças de outras salas e fez elogios ao nosso trabalho.

De maneira geral, percebemos que a presente pesquisa foi se construindo na medida em que o trabalho junto com as crianças foi se transformando. Analiso essas modificações em três grandes momentos, aqui nomeados conforme as principais ações desenvolvidas: a primeira parte denominamos como **Teimosias da Imaginação**, a qual envolveu um momento de observação participante na escola e na sala de aula da turma Crianças Maravilhosas e as primeiras ações planejadas por mim com o objetivo de prover momentos com as crianças que permitissem ouvir o que elas poderiam informar sobre si mesmas e suas vidas na escola e fora dela; também organizei esses momentos com as crianças em função de constatar que seria impossível falar com elas e conhecê-las no espaço-tempo da sala de aula, pois em grande parte, estando com a professora obedeciam regras e executavam, bem ou mal, o que era determinado pela docente. Nesses momentos de aula as ações das crianças, suas possibilidades culturais, eram mínimas e prevalecia a repetição, a obediência delas e também o desinteresse.

A segunda parte do trabalho com as crianças denominamos de **15 Minutos de Alegrias**, que foi marcada por uma grande mudança na pesquisa: a ausência da professora Bela no momento das atividades com as crianças que foram realizadas no horário do recreio escolar. A terceira parte do trabalho, denominada como **30 Minutos de Alegrias** quando as atividades continuaram a ser realizadas sem a presença da professora, mas fora do horário do recreio escolar, em horário previamente combinado com a professora, com o estrago do notebook e a combinação prévia de regras com as crianças para o desenvolvimento de brincadeiras. Nesta parte do trabalho enfatizou-se o empréstimo e a troca de revistinhas e livros para as crianças levarem para casa para serem lidas.

CAPÍTULO III

História de uma pesquisa em três momentos

O que são as crianças? Quem são as crianças com as quais trabalhamos na presente pesquisa? Para desenvolver esta pesquisa precisávamos compreender quem são as crianças. Passar pela experiência de descrever quem são os sujeitos da pesquisa é estar a dizer com eles, sobre eles, correndo o risco de deixar muitas coisas sem dizer, pois as crianças estão em constante modificação e a nossa capacidade de observação e conhecimento também é limitada. As relações que estabelecemos durante a pesquisa passaram por transformações ao longo da investigação.

A pesquisa sobre as infâncias e com as crianças se apresenta como um desafio para os pesquisadores quando pensamos em como analisar as relações entre as crianças, seus pares e adultos, procurando captar não somente as representações e interpretações dos adultos, mas o ponto de vista das crianças na construção do aprender. A participação das crianças como sujeitos construtores da presente investigação foi de fundamental importância. Com elas, buscamos desenvolver uma pesquisa a partir de perguntas sempre refeitas e com uma dinâmica de buscar respostas para os questionamentos no diálogo com aqueles que são sujeitos do processo.

A pesquisa qualitativa segundo González Rey (2010) é:

[...] um processo permanente, dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de forma constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento. Tal representação teórica guia os diferentes momentos da pesquisa e define a necessidade de introduzir novos instrumentos e momentos nesse processo, em dependência das ideias e novos fatos geradores de novas necessidades no desenvolvimento do modelo teórico (p. 81).

Na pesquisa qualitativa a presença do pesquisador é marcante e intensa durante toda a produção dos dados:

A pesquisa qualitativa também envolve a imersão do pesquisador no campo de pesquisa, considerando este como o **cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele**. O pesquisador vai construindo, de forma progressiva e sem seguir nenhum outro critério que não seja o de sua própria reflexão teórica, os distintos elementos relevantes que irão se configurar no modelo do problema estudado. É precisamente esse processo que foi nomeado por mim de lógica configuracional (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 81, grifos do autor).

Acrescentamos à fala do autor as sensações, a intuição, a dúvida, o prazer, a emoção os sentimentos como parte constituinte desta pesquisa que pretendia investigar a relação de crianças com brinquedos robóticos, porém configurou-se como um trabalho voltado às crianças e ao conhecimento das culturas infantis no espaço-tempo escolar.

Em 30 de janeiro de 2013, teve início na escola Crianças Felizes a presente pesquisa. Nesse dia, fomos conversar com a diretora, vice-diretora e a supervisora pedagógica sobre nossas ideias iniciais de poder estar com as crianças e assim compreender as relações delas com os brinquedos, a frequência com que estaríamos na escola com as crianças e pedir sugestão de uma turma para que pudéssemos acompanhar durante todo o ano. Ficou estabelecido nesta primeira conversa qual seria a sala de aula que acompanharíamos, um 3º ano turma Crianças Maravilhosas, três vezes por semana sendo que tentamos conciliar os nossos dias disponíveis com os dias em que a professora regente estaria com as crianças, lembrando que neste momento ainda não havia professora regente para a turma Crianças Maravilhosas.

De fevereiro a maio de 2013, estive na escola, na turma Crianças Maravilhosas, três vezes na semana, das 13hs às 17hs e 25min observando e desenvolvendo as atividades de *Teimosia da Imaginação*.

De 6 de maio à 20 de maio, estive na escola com as Crianças Maravilhosas, três vezes por semana, das 13hs às 15hs e 50min, observando e desenvolvendo as atividades de *15 Minutos de Alegrias*.

De 20 de maio a 3 de julho, vésperas do recesso escolar, final do primeiro semestre letivo, estive com as Crianças Maravilhosas, três vezes por semana, das 15hs e 30min às 16hs e 50min, observando e desenvolvendo as atividades de *30 Minutos de Alegrias*.

De agosto a dezembro, estive com as Crianças Maravilhosas uma vez por semana, todas as segundas-feiras, sem horário definido, por mais ou menos 30 minutos, para continuar com os empréstimos de livros e revistinhas e aproveitávamos para conversar sobre esse material e outros assuntos.

Essas mudanças de nomes das atividades de Teimosias da Imaginação para 15 Minutos de Alegrias e depois para 30 Minutos de Alegrias, também foram resultados das alterações da pesquisa ao longo do tempo, uma construção tanto de nomes quanto de ações que se ressignificaram na medida em que as pesquisadoras e as crianças foram se potencializando e se modificando.

Em 8 de fevereiro de 2013, começamos efetivamente a trabalhar com as crianças do 3º ano da turma Crianças Maravilhosas. As vésperas do carnaval, com poucas crianças na sala de aula, mas uma vontade grande no peito de começar a conhecê-las. As expectativas não cabiam, os sentimentos saltavam pela boca: Como começar? O que observar? Será que as crianças vão gostar de mim? Será que a professora vai ser parceira? Como começar a conhecer as crianças? Será que já começamos propondo que brincassem com brinquedos do projeto? Como será a organização da escola no turno da tarde? O recreio dessas crianças, como deve ser esse momento junto com outras crianças de outras turmas? Como as crianças irão me ver, como professora? Como amiga? Como adulto? Como criança?

Foram muitas as perguntas com poucas possibilidades de respostas imediatas que percorreram os pensamentos. Algumas respostas dependiam do tempo de convivência, de relacionarmos, de diálogos com as crianças naquele espaço-tempo da escola Crianças Felizes. Os objetivos da pesquisa nesse início foram compreender os significados, os sentidos e potencialidades de aprendizagem do brincar das crianças com brinquedos, em especial os robóticos. Na convivência com as crianças na escola, nas relações que foram se construindo, até mesmo o nome das atividades desenvolvidas com as crianças e as mesmas foram se transformando na medida em que conhecíamos e nos relacionávamos cada vez mais com elas. As primeiras atividades com as crianças foram as Teimosias da Imaginação e tinha como objetivo conhecer as crianças, iniciar as primeiras conversas com elas sobre seus cotidianos, perguntávamos sobre: O que gostavam de fazer em um dia comum? Com o quê brincavam? Com quem brincavam? Do quê brincavam?

Nesse princípio de observações e Teimosias da Imaginação, convivência e relações foram sendo construídas com as Crianças Maravilhosas, percebemos que por mais que tentássemos desenvolver atividades com brinquedos, as crianças num primeiro momento se interessavam, manipulavam, mas a maioria os deixava de lado para brincar de subir em árvores e conversar sobre assuntos do cotidiano. Outro acontecimento que nos levou a não prosseguir com as Teimosias da Imaginação foram às intervenções da professora Bela nas ações com as crianças. Queríamos dialogar com elas para construirmos juntas atividades e

regras, mas com as intervenções impositivas da professora Bela, a construção desse coletivo era deturpada e se tornava difícil. As atividades com nome Teimosias da Imaginação foram do dia 14 de fevereiro até 6 de maio de 2013 onde começa outra denominação para as atividades com as crianças.

Como permanecia na escola, frequentava o recreio das Crianças Maravilhosas com outras crianças, cheguei a brincar com elas por várias vezes a convite delas próprias e percebemos que esse espaço de 15 minutos era um momento em que não havia a intervenção da professora Bela, pois estava na sala dos professores lanchando, ou seja, permaneceríamos a sós, eu e as crianças, durante 15 minutos. Assim, já com outro foco de pesquisa, conhecer as crianças e suas culturas na escola, e com essa oportunidade de estar com as crianças sem a presença da professora Bela, iniciamos as atividades cujo nome era 15 Minutos de Alegrias. Combinava com as crianças antes de irmos para o recreio que as esperaria no quiosque, eu saía antes delas para levar os brinquedos, colocar uma música e assim que batia o "berro", ou melhor, o sinal da escola, elas saíam correndo para nos encontrarmos, brincarmos, e conversarmos.

Até o momento em que a diretora da escola nos chamou para conversar e dizer que não concordava que as crianças deixassem o tempo de recreio onde elas deveriam lanchando, brincar com os outros colegas, ir ao banheiro, tomar água para estar no quiosque. Nessa conversa com a Diretora, expus as dificuldades de relacionamento com a professora Bela e chegamos a um acordo, onde eu teria 30min com as crianças sem a professora, três vezes na semana, logo depois do recreio. A professora Bela concordou e assim começamos com as atividades denominadas 30 Minutos de Alegrias.

Em 22 de maio de 2013 uma ruptura aconteceu durante as ações com as crianças no quiosque da escola, uma das crianças chutou a bola em direção ao meu notebook e quebrou sua tela. Uma emoção negativa me tomou, a criança que chutou a bola se sentiu culpada, as outras crianças culpavam esse menino pelo acidente e eu não sabia o que fazer. Afastei-me da escola e das Crianças Maravilhosas por uma semana para buscar resolver a questão do dano material e recolocar as minhas emoções e os meus sentimentos em ordem. No dia 27 de maio, retomamos com o trabalho com as Crianças, depois de uma longa conversa sobre o que havia acontecido, as possibilidades de consertar o notebook e sobre quais seriam nossas próximas ações até 3 de julho, final do primeiro semestre letivo.

Na prática da pesquisa essas rupturas tornam-se constitutivos e também constituintes de um conhecimento que é coletivo e também individual. González Rey (2010, p. 5) considera

que: "é impossível pensar que temos um acesso ilimitado e direto ao sistema do real, portanto, tal acesso é sempre parcial e limitado a partir de nossas próprias práticas"; por isso estar com as crianças na escola, diariamente foi imprescindível para o presente trabalho. Foi preciso conviver intensamente com escola, na sala de aula e com as crianças nesse processo de produção.

González Rey (2010, p. 5) defende a pesquisa qualitativa num "caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, ou seja, o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que nos apresenta". Quando este autor afirma o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, diz que o conhecimento é uma construção, uma produção humana, não é algo que está pronto e ordenado de tal maneira que nos permite conhecer a realidade, conhecer o outro, conhecer a si mesmo no outro, perceber a potência do outro no outro.

Conhecer sujeitos e entender relações entre pessoas e as culturas é atentar para o que não é somente dito, mas também para expressão facial, gestos, movimentos, as emoções e o contexto. A linguagem corporal representa sobremaneira o ser. O corpo fala e entender seus sinais requer conviver com as pessoas, no nosso caso, com as crianças. "Ouvir a voz das crianças" (QVORTRUP, 2005, p. 38), é estudá-las como sujeitos sociais que se constituem e são constituídos. Ouvir é também ouvir no silêncio, envolve uma comunicação dialógica, percebendo e apreendendo diversificadas formas de expressão humana (SARMENTO, 2011, p. 28).

O diálogo desenvolveu-se por todo o processo dos trabalhos com as crianças. Falar e ouvir, ouvir e falar, um exercício, uma aprendizagem que fomos desenvolvendo. Pensar e falar que se escuta a criança é contrário à forma efetiva de se escutar e conversar com elas. Ou seja, o discurso é bonito, mas a prática é dura e nem sempre tem um laço de fita enfeitando.

Gonzalez Rey (2010, p. 14) contribuiu para que compreendêssemos nossa investigação como uma oportunidade "em que os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, implicando-se no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições". Esse autor considera ainda que entender a comunicação como um princípio qualitativo de pesquisa implica em reconsiderar a significação e os sentidos do espaço social em que a mesma é desenvolvida.

Os lugares da escola onde as atividades da pesquisa foram conduzidas implicavam em posicionamentos e comportamentos diferenciados das crianças: lugares mais abertos significava liberdade, o agir sobre o pensar, movimentações corporais mais intensas e nos

espaços fechados um maior controle de si, disciplina sobre movimento, quietude, pouca liberdade.

Edgar Morin (1993, p. 84) explica que: "tudo o que é humano é ao mesmo tempo físico, sociológico, econômico, histórico, demográfico; interessa, pois, que esses aspectos não sejam separados, senão concorram para uma multivisão. O que me motiva é a preocupação de ocultar o menos possível à complexidade do real". De acordo com as palavras do autor, para nós pensarmos sobre/com as crianças, as culturas das infâncias e as relações criança-adulto é preciso considerar um vasto campo, outras possibilidades, flexibilidades, idas e vindas. Pensar no todo e no particular, produzir a pesquisa contextualizando.

De que maneira organizamos os dados e as análises da pesquisa? Colonna (2012), em sua tese de doutorado, define como um dos tipos metodológicos a ser usada a etnografia participativa e visual, na qual a investigação visual e participativa tem como princípio dar "voz" as crianças, ou seja, pesquisar torna-se, assim, ouvir, participar, construir com as crianças. A presente pesquisa teve como ponto central ouvir as crianças e fazer com elas as atividades, por assim ser, pensamos nesse método etnográfico participativo e visual da autora como outra possibilidade de organizar e ver as construções com as crianças.

Colonna (2012) diz ter feito uma *bricolage metodológica*, *bricolage* é um termo de origem francesa que significa associar o uso criativo dos recursos e materiais disponíveis para diversos fins:

Considerado o caráter fortemente artesanal da pesquisa social de cunho antropológico (Geertz, 2001), parece que esta expressão descreve de forma particularmente eficaz as tentativas de mobilizar, dentro de uma relação etnográfica com os sujeitos, uma gama de diferentes recursos metodológicos, a fim de captar a "voz" das crianças. De acordo com Kincheloe, McLaren e Steinberg (2011), o *bricolage metodológico* representa uma forma de garantir diferentes leituras dos fenômenos através de múltiplas lentes, criando novos diálogos e discursos e abrindo possibilidades (COLONNA, 2012, p. 135).

Podemos dizer que esta pesquisa também utilizará da *bricolagem metodológica* no sentido de buscar os recursos disponíveis, interpretar o que a pesquisa e os dados precisam para melhor serem apresentados. Uma etnografia participativa e visual, segundo a autora, não se reduz à técnica de campo com que é normalmente identificada, a observação participante, mas é, antes de tudo, "um processo de investigação que supõe a proximidade do investigador ao grupo estudado como forma de compreender a sua cultura" (COLONNA, 2012, p. 136).

3.1 TEIMOSIAS DA IMAGINAÇÃO: Observação participante

NOTA DE CAMPO 01 - Início do trabalho escolar e organização dos Planos de Trabalho de 2013

30 DE JANEIRO DE 2013 - quarta-feira

[...] **OBS:** Estivemos conversando com a diretora da escola sobre a possibilidade de desenvolver o projeto de pesquisa na escola e qual turma seria prioridade para desenvolver os trabalhos. **A diretora logo nos sugeriu uma turma do 3º ano que será montada com estudantes que tem um grau de dificuldade de aprendizado maior que as outras turmas dos 3º anos. Segundo ela, esta será uma sala "especial" e por assim ser, gostaria que priorizássemos essas crianças, porém ainda não há professor para a turma.** A prefeitura realizou concurso publico no ano de 2012 e várias professoras foram demitidas para que as professoras que foram aprovadas no concurso tomassem posse em Outubro, mas o número de professores que tomaram posse ainda é insuficiente para preencher o quadro de professores da escola. Um processo seletivo já foi feito pela prefeitura e devem ser chamados os candidatos aprovados para então compor o quadro de docentes da escola. Logo, **nesta turma de 3º ano não há professor designado ainda. Fica certa apreensão se a professora que assumirá a turma nos receberá bem, será parceira?** (Grifos nossos).

Naquele momento estávamos apreensivas por não saber se a professora regente da turma indicada aceitaria que participássemos dos cotidianos da turma, mas também nos assustamos com a defasagem entre o tempo institucional que regeu a realização de concursos municipais para contratação de docentes com as necessidades da escola. As políticas públicas continuam a não favorecer o que realmente precisa ser feito na educação. As políticas partidárias e eleitorais repercutem ainda com vigor, atrapalhando o trabalho escolar.

No ano de 2013, uma nova gestão municipal teve início na cidade, processo que historicamente provoca descontinuidades nos serviços públicos; mas nessa ocasião, mais do que descontinuidade, o que havia na Escola Crianças Felizes foi uma ruptura, pois desde o final de 2012 o clima nas escolas tornou-se tenso, pois muitas professoras contratadas foram dispensadas do trabalho, sem aviso prévio. Este clima tenso e de insegurança perdurou no início de 2013, pois já na semana de planejamento de trabalho educativo, que antecede o começo das aulas e do trabalho com as crianças, ainda não se sabia quais seriam as professoras que viriam trabalhar na escola. Além disso, tal como foi visto na apresentação dos professores da Turma Crianças Maravilhosas, mesmo com a existência de professoras concursadas e que poderiam ser efetivadas, o preenchimento de vagas continuou sendo feito por meio de contratos provisórios, o que dificulta a criação de grupos de trabalho na escola.

Na fala da diretora, surgiu o rótulo de crianças especiais os futuros estudantes da turma Crianças Maravilhosas, todavia, o que tais palavras poderiam significar? Essa foi uma grande inquietação. Especial em que sentido? No desenrolar dos acontecimentos, fomos percebendo a o quanto eram especiais enquanto crianças-sujeitos ativos, potenciais, humanos, sensíveis, emotivos e criadores e concordamos com a sugestão da equipe da escola em construir a pesquisa com os estudantes do 3º ano que nos indicaram.

Fomos convidadas a participar das primeiras reuniões com o corpo docente da escola, a reunião de planejamento semestral e anual do trabalho educativo. A diretora reuniu todos/as os/as professores/as do 1º, 2º e 3º anos e as supervisoras pedagógicas para uma apresentação da equipe e definição das prioridades de ensino e aprendizagem. O discurso inicial constituiu-se de agradecimentos e desejos de boas vibrações para todo o ano de 2013. Acompanhe pela Nota de Campo um trecho da conversa:

NOTA DE CAMPO 01 - Início do trabalho escolar e organização dos Planos de Trabalho de 2013

30 DE JANEIRO DE 2013 - quarta-feira

Hoje, iniciei minhas observações na Escola Municipal às 14hs 00min. A diretora da escola convocou as professoras regentes para estar neste dia e organizarem o planejamento do ano letivo. A diretora convocou as/os professores/as do 1º, 2º e 3º anos para uma reunião. A mesma já iniciou a conversa enfatizando com as professoras a necessidade de cuidar melhor dos anos iniciais, pois estes são o **"xodó da escola"**, ainda disse: **"Tenham um olhar, um carinho, uma atenção no planejamento para as crianças dos anos iniciais. As crianças precisam de carinho, precisam se sentir felizes, alegres, ter prazer em estar na escola"**. Num outro momento, a diretora também diz: **"Não se enganem, nosso foco é alfabetizar"**. Reforçando as professoras a importância de seguir os conteúdos e "conteudar" as crianças. Foram disponibilizados para as professoras os livros didáticos que segundo a diretora já estão apresentando uma proposta interdisciplinar, onde o objetivo é não haver fronteiras entre as disciplinas e sim integração, também deixou disponíveis as Diretrizes Básicas da Educação do Município de Uberlândia (Grifos nossos).

Nessa primeira reunião já se apresentava para nós uma oposição importante que se fez presente na escola durante o ano letivo de 2013: a alegria e felicidade das crianças e a alfabetização como foco da escola.

Na sequência dessa reunião, as professoras separaram-se em pequenos grupos de acordo com os anos em que trabalhariam, do 1º ao 4º ano, de acordo com os nossos interesses na pesquisa, acompanhamos as professoras dos 3º anos. Enquanto consultavam as Diretrizes Curriculares para o ensino fundamental do Município, por vários momentos, observamos as professoras retirando de seu planejamento de trabalho alguns temas que constavam nas

Diretrizes, exemplo o estudo de gráficos simples, disseram que tal retirada devia-se ao fato de não saberem sobre aquele assunto:

NOTA DE CAMPO 01 - Início do trabalho escolar e organização dos Planos de Trabalho de 2013

30 DE JANEIRO DE 2013 - quarta-feira

[...] As professoras foram aconselhadas pela supervisora pedagógica a integrar as disciplinas de História e Geografia, porém Português e Matemática devem ser apresentados e desenvolvidos separadamente. A escolha dos tópicos das disciplinas não acontece apenas de acordo com os preceitos das Diretrizes, mas levam em consideração os conhecimentos e os saberes das professoras. **Os assuntos que as docentes não dominam, são cortados do planejamento.** Dentro do grupo, as professoras se reuniram de acordo com os anos que trabalharão neste ano. Estão aqui neste grupo, duas professoras dos 3º anos e duas professoras dos 2º anos. As professoras estão olhando as Diretrizes Básicas do Município, o Plano de Trabalho que foi elaborado no ano passado e **o novo livro didático que neste ano vem com uma proposta de integração das disciplinas. Segundo as professoras dos 3º anos é preciso adaptar a proposta das Diretrizes, do Plano de Curso de 2012 e o livro didático à realidade da escola, da sala de aula, dos estudantes. Mas segundo elas mesmas, não muda muito que foi feito no ano passado, pois o Plano de Curso de 2012 foi elaborado de acordo com as Diretrizes, a realidade das crianças e o livro didático. Uma professora do 3º ano disse que nem todos os conteúdos do livro e das Diretrizes são desenvolvidos com as crianças, por exemplo, a divisão será apenas apresentada às crianças, e no livro didático a divisão é bem desenvolvida chegando a trabalhar sequências numéricas. Segundo elas, muitas crianças não conseguem sequer desenvolver a multiplicação, logo a divisão se torna impossível. Os assuntos sobre as culturas africanas e indígenas terão que ser ao menos apresentados às crianças durante o ano segundo a diretora e também esse trabalho foi organizado pela secretaria da educação do município e por assim ser, deve ser cumprido (Grifos nossos).**

Pelas palavras das professoras uma sentença já está dada mesmo antes de conhecer e conviver com as crianças: elas não aprenderão a multiplicação, tampouco poderão aprender a divisão. Nesse dia constatamos também a apreensão das professoras por não saberem como fazer a integração solicitada entre História e Geografia.

Outra determinação apresentada foi que as culturas africanas e indígenas deveriam ser ao menos faladas às crianças. Diante de tantas conversas, tantas possibilidades, perguntamos: de que maneira as atividades escolares poderiam contemplar temas tão importantes? Olhando para o que foi apresentado, percebemos que a escola é também um lugar de cumprir obrigações. Para Snyders (2005, p.101), tal fato se apresenta nos seguintes termos:

Quem dúvida que a nossa escola seja lugar de cumprir obrigações? O aluno não escolhe nem os seus professores, nem os colegas, nem tampouco as modalidades de vida com eles. **Não escolhe o que se estuda, nem a maneira pela qual se estuda, os programas e os horários são impostos. É**

o domínio do "dever"; autoridades nos vigiam para que nos conformemos às ordens (Grifos nossos).

Conhecer as Crianças Maravilhosas foi emocionante. Quando entrei na sala e as vi, e elas me viram, o coração disparou, as mãos tremeram, não sabia o que fazer. Segurei a emoção e cumprimentei as crianças e a professora Bela. Em seguida, soube que ela não havia sido previamente comunicada pela direção da escola sobre a pesquisa, então conversamos rapidamente sobre nossas ideias, pretensões e a necessidade de realizar observações na sala de aula. A receptividade das crianças foi imensa; disse que ficaríamos com eles por algum tempo, que pretendíamos desenvolver uma pesquisa que envolveria brincadeiras, jogos, brinquedos, imaginação e criação com elas.

Sorridentes, as crianças nos pareciam alegres com a ideia de brincar. Primeiro dia de aula, primeira vez que viam os colegas, a professora e escutavam sobre a pesquisa. Assim que me acomodei em uma das carteiras no fundo da sala, fiquei esperando uma apresentação das crianças com as outras crianças e com a professora, mas não teve:

NOTA DE CAMPO 03 - Agora com as crianças!

08 DE FEVEREIRO DE 2013 - sexta-feira

[...] A professora propôs que as crianças criassem uma máscara de carnaval. Em uma cartolina, ela contornou o molde de uma máscara e entregou um para cada. Também, forneceu lantejoulas de algumas cores e papel laminado para enfeitar as máscaras. As crianças tinham cola e tesoura, só dois estudantes que não tinham tesoura, mas fui buscá-las na secretaria. O envolvimento das crianças na produção das máscaras de carnaval foi interessante. Uma vontade de fazer bem feito e com alegria.

OBS: Há crianças com dificuldade de recortar, ler, formar palavras; há crianças sem vontade de fazer coisa alguma, ficam paradas olhando para os lados, para si mesmo.

As 15h15min as crianças foram liberadas, todas as crianças da escola por determinação da direção, pois hoje é sexta-feira de carnaval e as crianças só voltarão para escola na quinta-feira dia 14 de fevereiro.

Além de construir máscaras carnavalescas, as crianças demonstravam vontade de chegar perto dos colegas e sentarem-se juntos para conversar, mas o que aconteceu? Essa vontade foi tolhida logo no primeiro dia de aula. A professora Bela preocupou-se em preencher o tempo das crianças com uma atividade que poderia ter sido coletiva, mas foi individual.

Após o feriado de carnaval, no retorno às aulas, preparamos a primeira atividade a ser desenvolvida com as crianças no dia 14 de fevereiro de 2013, denominada por nós como Teimosias da Imaginação. O nome Teimosias vem de um brinquedo, o João Teimoso, que é

mais conhecido popularmente por João Bobo. O artista plástico Dim Brinquedim mudou o nome do brinquedo por entender que de bobo aquele João não tem nada: "O João Teimoso simboliza a persistência, você nunca deve desistir dos seus ideais" (DIM BRINQUEDIM, 2012, vídeo¹⁷). Pensamos também na imaginação, nas possibilidades do imaginar e da criação de algo diferente com as crianças, a partir de necessidades e vontades que também fossem delas.

Nessa primeira atividade no dia 14, levamos para a sala quatro jogos de quebra-cabeças¹⁸ e pedimos que as crianças se separassem em quatro grupos e que na medida em que fossem montando os quebra-cabeças, os grupos trocariam os jogos entre si para assim todos poderem montar os quatro jogos. Não havia um tempo cronometrado, definido, começamos logo depois da correção de exercícios pela professora Bela, após o recreio, aproximadamente uma hora de atividade com as crianças.

A ideia de trabalhar com as crianças jogos de quebra-cabeças partiu primeiramente das experiências de trabalho com as crianças do Acelera, onde a ideia que ficou de que a escola é pouco afeita ao brincar, jogos e seus desdobramentos, por exemplo, a imaginação. Outra motivação que nos levou a começar pelos jogos de quebra-cabeças foram as possibilidade desse brincar no desenvolvimento de habilidades motoras, melhorar a atenção e a concentração, a capacidade de imaginar o que pode ser montado ou como será o desenho e muitas outras possibilidades, pois exige pensar sobre algo que vai sendo formado. Por fim, queríamos perceber como era o brincar das crianças em grupo e com brinquedos.

Como as crianças reagiriam a essa primeira proposta de atividade que lhes foi apresentada? Como os brinquedos mediam as relações das crianças numa atividade diferente daquelas que normalmente são realizadas na sala de aula? Os jogos de quebra-cabeças que utilizamos nos mostraram que muitas tinham dificuldades em dedicar-se a ação proposta, juntar as pecinhas e compreender a formação das figuras. Na Nota de Campo abaixo, podemos perceber um pouco do que foi nesse dia:

¹⁷ Reportagem de um programa de TV de Fortaleza/Ceará. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=thOK1ddXC4Q>>. Acesso em 16 de Agosto de 2013.

¹⁸ Os jogos de quebra-cabeças foram do tipo: dois para ser montado em três dimensões e dois de duas dimensões. As recomendações de utilização dos jogos pelos fabricantes aos pais ou responsáveis era que crianças menores de 3 anos de idade não deveriam utilizar aqueles jogos. As crianças da turma Crianças Maravilhosas tem entre 8 e 9 anos de idade.

NOTA DE CAMPO 04 - Voltando para a escola - 1º dia de Teimosias da Imaginação
14 DE FEVEREIRO DE 2013 - quinta-feira

Logo após a correção dos exercícios, por volta das 16hs, a professora disse às crianças que eu apresentaria uma atividade a elas. Pedi que afastassem as carteiras para os cantos da sala e se sentassem no chão. Peguei os quatro quebra-cabeças e expliquei um por um, dois quebra-cabeças eram em 3D e os outros dois foram quebra-cabeças comuns, sendo que um tinha 100 peças e formava a figura dos personagens do desenho A Liga da Justiça, o outro tinha 80 peças e formava a figura dos personagens do filme Valente. **Eles ficam motivados com os jogos em 3D, percebi que quase todos queriam montá-los;** então pedi que fizessem quatro grupos de 3 estudantes e distribui os jogos assim: um grupo menor um jogo 3D, um grupo de meninas recebeu o outro jogo 3D, o grupo de meninos recebeu o jogo com 100 peças e outro grupo de meninas recebeu o jogo com 80 peças. O grupo dos meninos que estava com o jogo com 100 peças não gostou, queriam o jogo em 3D, então expliquei que todos brincariam com todos os jogos, haveria uma rotatividade dos jogos entre os grupos. Eles entenderam e partiram para a montagem do quebra-cabeça. **Porém, não demorou muito, cerca de 30min, para que a motivação, o encantamento fosse se perdendo tanto para o grupo das 100 peças quanto para o grupo das meninas com jogo 3D. Esses grupos não conseguiam criar um significado para aquela ação.** A todo o momento pediam que eu estivesse presente, e por não conseguir estar em dois grupos ao mesmo tempo, não conseguia acompanhar nem um e nem outro por completo. Os outros dois grupos desenvolveram bem os jogos, as meninas montaram o quebra-cabeça de 80 peças e os meninos montaram um dos quebra-cabeças em 3D, não montaram conforme as instruções, mas montaram do jeito deles. Os outros dois grupos ficaram perdidos, não conseguiram realizar o jogo, precisavam de atenção permanente de um adulto ou alguém que conseguisse para ajudá-los, começaram então a percorrer os outros grupos e a se infiltrar neles, causando alguns desentendimentos com os outros que não os aceitavam.

OBS: Esta atividade pode fornecer um pouco de informação sobre as crianças, como acontece à convivência em grupo, durante uma ação diferente que sai da rotina da sala, como cada estudante se comporta diante das dificuldades, o nível de entendimento de cada criança sobre o que é proposto, o que faz sentido para elas e o que não faz a persistência em querer fazer por mais que não consiga, a motivação. Percebi que a intervenção construída com as crianças deve apresentar ações que contemplem todos os níveis de desenvolvimento dos estudantes. **Atividades e brinquedos para todos os níveis. Não podemos comprar os brinquedos visando apenas a idade das crianças. É preciso ir além, conhecer as crianças, suas aflições, barreiras, impedimentos, conseguir realizar atividades que cheguem a cada uma delas de acordo com necessidades específicas e não as padronizando. Tentamos padronizar inconscientemente, foi isso que fizemos (Grifos nossos).**

As crianças nos dizem do que precisavam, porém para compreendê-las era preciso parar, escutar, ouvir, ver e enxergar o que queriam nos dizer. Observando a atração, a emoção e a potência das crianças pelos jogos em 3D, algumas possibilidades puderam ser levantadas: os jogos em três dimensões proporcionava uma melhor visualização do que estava sendo montando; foi uma novidade para as crianças; o 3D aproxima o palpável, o real. Ver como

possibilidade e não apenas na imaginação é uma das possibilidades que a altura, largura e comprimento podem promover.

Ao percebermos as emoções e a preferência das crianças pelas imagens em três dimensões, colocamos em evidência essa informação para que nos planejamentos, reflexões e pensamentos sobre a construção da pesquisa fosse considerado.

A maioria dos jogos, principalmente os jogos comprovados e atestados pelo Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia) constam as idades recomendadas para a utilização dos brinquedos. Mesmo seguindo as indicações dos rótulos dos jogos, a maioria das crianças, cerca de 90%, não conseguiu montar os quebra-cabeças que apresentamos. Algumas crianças conseguiram montar um quebra-cabeça de 80 peças e o outro grupo montou um quebra-cabeça em 3D de maneira diferente do roteiro do jogo. Com essa experiência, questionamos: as recomendações dos jogos por idade são confiáveis? Quais os critérios que os institutos utilizam para definir a idade de se brincar com o brinquedo? Até que ponto podemos nos basear nessas referências? Como comprar jogos, brinquedos para estas crianças? A seguir, apresentamos algumas fotografias dessa primeira atividade realizada:



FOTOGRAFIA 17 - As estudantes que terminaram de montar o quebra-cabeça de 80 peças. 14/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa



FOTOGRAFIA 18 - Os estudantes montaram um quebra-cabeça em 3D do jeito que conseguiram. 14/02/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.

Viver a pesquisa, seguindo os caminhos que vão se delineando, desdobramentos do relacionamento com as crianças fez parte da construção do conhecimento que apresentamos. Nessa intensidade do fazer com, as crianças é que foram construindo um conhecimento sobre elas. Caria (2002) tem a preocupação de compreender a (ir)racionalidade do outro, o outro cultural, o outro submisso, o outro iletrado, o outro não ocidental. E, compreender o outro implica contrariar a representação social (inclusive científica) de que os outros "seriam indignos, menores, inferiores, deficitários, pobres em recursos e capitais, isto é, seriam atores incapazes de se construírem de modo autônomo no plano cognitivo e cultural" (CARIA, 2002, p. 12).

As crianças começaram a apresentar um "outro cultural", na medida em que começamos a percebê-las como produtoras criativas das suas culturas de pares (CORSARO, 2011). Esse outro também pode ser interpretado como o "outro submisso" enquanto sujeitas às hierarquias de poder estabelecidas pela ordem institucional da escola; o "outro iletrado" enquanto nem sempre competentes na linguagem escrita e alheia a linguagem formal (COLONNA, 2012); o "outro potencial" enquanto a vontade de ser respeitado, ouvido, livre; o "outro corporal" enquanto a necessidade de expressarem-se pelos movimentos do corpo seja com atos de agressão sejam com ações carinhosas e amorosas.

No cotidiano das crianças na escola, a rotina é: as crianças entram na escola às 13hs, com um toque de sinal auditivo estrondoso: "o berro". Os portões da escola são abertos e as crianças entram correndo, agitadas, procuram suas respectivas professoras e fazem duas filas de frente para elas, uma fila de meninas e outra de meninos, depois são conduzidas até as salas de aula. Por várias vezes chegamos à escola às 12hs 30min e encontramos os pais e/ou responsáveis com as crianças encostados-se ao muro da escola a espera do "berro" e a abertura dos portões.

A rotina das crianças em todo o período da escola num dia comum organizava-se da seguinte maneira: segundas, quartas e quintas-feiras das 13hs às 15hs 35min e 15hs 50min às 17hs 30min estavam em sala de aula com a professora Bela; das 15hs 35min às 15hs 50min fazem um intervalo, que é o recreio das crianças onde elas lancham e brincam com os brinquedos que a escola disponibiliza e com as brincadeiras que elas organizam entre si; nas terças e sextas-feiras as crianças tem aulas especializadas de Linguagens e Literatura, Artes, Religião, Educação Física, nas terças-feiras o último horário (16hs 40min às 17hs 30min) é também com a professora Bela. As aulas de Informática acontecem uma vez por mês.

As interpretações do cotidiano das crianças na escola foram desafiadoras principalmente quando buscávamos compreender os porquês dos portões fechados. Participar das ações e discussões da escola e assim construir os dados da pesquisa é também considerar o investigador como um instrumento de inquirição significativa, reconhecer o saber etnográfico participativo interpretativo visual num processo interdependente e dialógico entre o sujeito-investigador-sujeito e o objeto de conhecimento-crianças, isto é, como o produto de uma relação social. Esta relação social produz-se, constrói-se e transforma-se ao longo da permanência no campo, relacionando-se com os adultos e com as crianças (COLONNA, 2012, p. 139).

Buscar ser investigadora participante tem sido um caminhar e persistir nas tentativas de relacionar-se, de compreender e ser compreendido, de falar, mas também ouvir, ser por inteiro e não pelas beiradas ou por partes ou por conveniência. Nessa trajetória acadêmica, a construção da identidade passa por momentos de dificuldades ou impossibilidades de definir o papel do pesquisador-investigador-participante no cotidiano das crianças na escola. No convívio com as crianças, os papéis se misturavam: por várias vezes as crianças perguntaram por que não poderíamos ser a professora delas, ser a mãe delas ou um parente bem próximo? Convidavam-nos para brincar nos intervalos, e nos chamavam de amigas.

Para Colonna (2012), seriam três os elementos que caracterizam uma investigação etnográfica interpretativa, visual e participante "uma tutela partilhada do projeto de investigação, a identificação comunitária dos problemas a serem investigados e o desenvolvimento de ferramentas e competências nos participantes" (p. 141). Ainda segundo essa autora, neste tipo de investigação, procura-se envolver as crianças através de um conjunto de atividades como desenhos, fotografias, vídeos, representações teatrais e trabalhos em grupo que, em geral, resultam em ações divertidas e interessantes para as crianças e podem construir o estímulo para outras atividades de investigação. As ações que planejamos durante produção da pesquisa foram voltadas para as necessidades das crianças e a construção de estímulos à criação, imaginação e à constituição de relações com menos violência e agressão entre elas.

O cotidiano, o espaço e principalmente o tempo da escola é surpreendente, é dinâmico e contraditório, constante e inconstante, regular e irregular. Na volta as aulas, numa segunda-feira, quando chegamos à escola fomos surpreendidos com a notícia de que a caixa d'água¹⁹ havia sido interditada por estar em péssimas condições de uso, podendo até mesmo causar graves problemas de saúde a todos e com isso, as crianças seriam liberadas mais cedo, às 15 horas e 35 minutos. Ficamos na sala com as crianças até que fossem embora e nesse período conversamos com a professora sobre a possibilidade de começarmos a desenvolver pequenas ações com as crianças, um dia da semana, em um horário (50min). A professora sugeriu que fossem as segundas ou quintas-feiras, nas terças-feiras a professora Bela só encontra com as crianças no último horário e nas sextas-feiras são os dias de módulos²⁰ onde as professoras não compareciam à escola.

Nos primeiros dias, auxiliávamos as crianças nas tarefas em sala de aula durante todo o período da escola. Numa dessas conversas, falávamos de brinquedos e brincadeiras com uma das crianças da turma e, assim, abriu-se para nós uma vertente de questionamentos:

¹⁹ O problema da caixa d'água persistiu por um longo tempo, algumas vezes as crianças foram liberadas mais cedo, mas depois a escola começou a exigir que as crianças trouxessem garrafinhas de água para escola e as aulas voltaram ao horário normal, mesmo com a caixa d'água estragada. Os pais e a comunidade indignados denunciaram a situação a um programa de TV da cidade. No outro dia, foi enviado à escola, um trailer da prefeitura com água potável até que a caixa d'água fosse consertada. Esse trailer ficou na escola por uma semana.

²⁰ Módulos são horários reservados ao professor para que possa fazer ou refazer seus planejamentos de aula, receber e conversar com os pais ou responsáveis pelos estudantes, participar de reuniões com a diretora e/ou supervisoras pedagógicas na escola.

NOTA DE CAMPO 05 - Acabou a água
18 DE FEVEREIRO DE 2013 - segunda-feira

[...]Conversei com uma criança sobre brinquedos e brincadeiras, **ela disse que brincava e que tinha um dragão com chifres**, mas que **estava em cima do telhado**. Depois, parou, pensou, e se lembrou de ter também um **dominó amarelo**, mas logo disse: **"Meu pai pisou em cima e quebrou. Não dá mais para brincar"** (Grifos nossos).

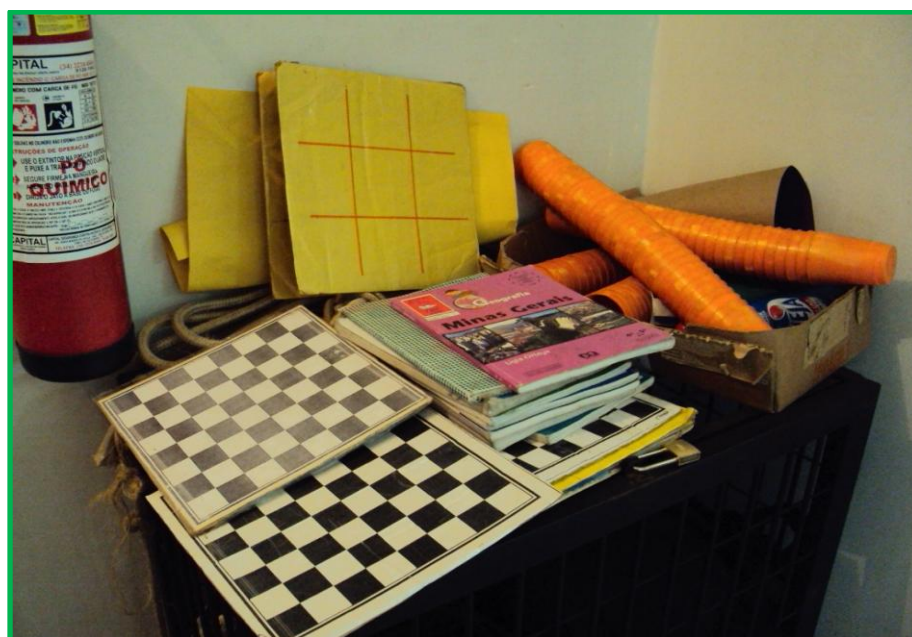
A fala dessa criança nos conectou a várias questões: qual seriam os brinquedos que as crianças possuíam? Como elas o utilizavam? Do que elas gostavam ou não gostavam de brincar? Do que elas brincavam na escola? Quais são os brinquedos que a escola possui? A partir daí, buscamos saber quais seriam os brinquedos que a escola disponibilizavam às crianças: bonecas quebradas, um pebolim que fica no pátio também está quebrado, sujo de fezes de pombo e penas, as bolas e as cordas são os únicos que permanecem em bom estado, tal como se pode visualizar em algumas fotografias apresentadas a seguir:



FOTOGRAFIA 19 - Bonecas e jogos de montar. 21/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 20 - Pebolim. 21/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 21 - Jogos de tabuleiro. 21/02/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.



FOTOGRAFIA 22 - Bolas de futebol. 21/02/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.

Que brinquedos são esses? São brinquedos? O brincar não se resume ao brinquedo, não brincamos apenas quando tem brinquedos, entretanto, a condição desses brinquedos revela a maneira pela qual o brincar é considerado, demonstra o quanto se investe em recursos que promovem o brincar e a brincadeira. O brinquedo envolve a criança, indica atividades e permite às crianças muitas maneiras de imaginar, criar e experimentar ser.

Historicamente os jogos e brinquedos exprimem formas sociais de organizar as experiências lúdicas humanas. Já os brinquedos lidam com o âmbito da realidade da criança e seus contextos, tendo suas formas e dimensões delicadas e antropomórficas, ou seja, transforma e fotografa diversos tipos de realidades, não reproduzindo apenas objetos, mas uma realidade social (KISHIMOTO, 2011b, p. 67).

Quais são os lugares da infância e da criança na escola? Como a infância e a criança são pensadas? Qual a concepção de infância predominante na escola Crianças Felizes? Numa poesia apresentada por Maria Velho da Costa (1973. Apud SARMENTO, 2002, p. 46), o lugar da infância não existe mais, morreu:

Há um lugar, um pequeno lugar, tão pequeno como uma casinha de vidro na floresta em cima do alfinete, disse a criança. É lá que eu guardei a minha pena da cara de todos.
Esta criança vai deixar de sorrir, disse o Medidor de crianças.
(...)

Há um lugar, um pequeno lugar tão pequeno como o ovo azul do bicho da seda, disse a criança. É lá que eu guardei o meu amigo.
 Esta criança vai deixar de falar, disse o Medidor de crianças.
 (...)

 Há um lugar, um pequeno lugar tão pequeno como a pedra de açúcar que a mosca leva para seus filhinhos partirem e fazerem espelhos, disse a criança. É lá que eu guardei a minha mãe.
 Esta criança morreu, disse o Medidor de crianças.
 Há um lugar, um pequeno lugar tão pequeno como a bolha de sumo dentro do gomo da tangerina, disse a criança. É lá que eu guardei e comi-o e passou para dentro do mais pequeno dos buracos do coração.
 Esta criança acabou, disse o Medidor de crianças. É preciso fazer outra.

Na poesia anterior, o medidor de crianças perturba-se com o lugar que a infância e as crianças tem ocupado na sociedade; de maneira geral, trata-se de um lugar pequenino e bem diferente. No momento que vimos os brinquedos que a escola disponibilizava as crianças, pensamos nesse lugar, no tempo-espço que a infância, a criança tem ocupado na escola. Sarmento (2002) faz uma reflexão interessante sobre a poesia anterior: "Este texto ocupa-se dessa geografia, da procura do lugar que a contemporaneidade reservou para a criança, e, sobretudo, do lugar que a criança, todas as crianças, constrói na sua interação mútua, na edificação dos seus mundos de vida e de suas culturas" (SARMENTO, 2002, p. 2).

Semelhante ao Medidor de crianças, a presente pesquisa constatou uma discrepância entre as crianças contemporâneas e as normas criadas pelos adultos para o trabalho escolar. Sabemos que os conceitos de infâncias foram sendo construído ao longo do tempo, o que demonstra serem estes conceitos variáveis no decorrer da história, nas diferentes culturas. Sarmento (2002) compreende a infância:

[...] como um *entre-lugar*, o espaço intersticial entre dois modos - o que é consignado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças - e entre dois tempos - o passado e o futuro. **É lugar, um entre-lugar, socialmente construído, mas existencialmente renovado pela ação coletiva das crianças.** Mas um lugar, um entre-lugar *pré-disposto* nas suas possibilidades e constrangimentos pela História. É por isso, um lugar na História. Convém por isso, marcar o ponto geodésico²¹ da história deste lugar (SARMENTO, 2002, p. 3, grifos nossos).

Heywood (2004) aponta que a infância não é um fenómeno recente. Este autor contesta, inclusive, a tese de Philippe Ariès de que o sentimento de infância teria surgido no

²¹ Geodésia é a ciência que ensina a medir a Terra ou uma parte da sua extensão, bem como o processo de levantamento dos mapas geográficos. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=geod%C3%A9sia>> Acesso em 20 de Agosto de 2013.

século XVII. Heywood considera que as fontes históricas pesquisadas por Ariès foram restritas; lembra que camponeses e artesãos raramente escreviam suas histórias de vida durante a Idade Média, e mesmo os relatos de nobres e reis deste tempo não demonstravam interesse pelos primeiros anos de vida o que não quer dizer inexistir o sentimento de infâncias. Talvez, quando pensamos sobre os brinquedos, os espaços do brincar na escola, no tratamento dos adultos com as crianças na escola, podemos pensar mesmo hoje, que as infâncias e as crianças continuam sendo secundarizados na prática.

Heywood (2004) afirma que:

Segundo o medievalista James A. Schultz, por cerca de 2 mil anos desde a Antiguidade até o século XVIII, as crianças, no Ocidente, eram consideradas como sendo meramente adultos imperfeitos. Como elas eram consideradas "deficientes", e totalmente subordinadas aos adultos, ele argumentou que essa etapa da vida provavelmente seria de pouco interesse, em si, para os escritores medievais. Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós (HEYWOOD, 2004, p. 10).

Esse subordinação das crianças pelos adultos acontecia e ainda acontece nos dias de hoje. Na escola, o convívio dos adultos com as crianças, em quase todo o tempo-espço, é de subordinação. Ainda segundo o autor, a criança passa de "imperfeita" na Antiguidade, à criança mística dos românticos do século XIX. Heywood (2004) comenta que os românticos idealizavam a criança como criatura abençoada por Deus, e a infância como uma fonte de inspiração que duraria a vida toda. No século XIX, abriu-se o caminho para que cientistas educadores estudassem a infância em grande escala.

Crianças incompletas era a maneira como os adultos julgavam as crianças no início do século XX. Segundo Heywood (2004, p. 11), "[...] até os anos de 1960, os pesquisadores consideravam a criança como um "organismo incompleto", que evoluía em direções distintas, em resposta a estímulos diferenciados. E mais uma vez, a idade adulta era a etapa fundamental da vida, para a qual a infância não passava de uma preparação". O autor enfatiza que o importante era encontrar formas de transformar a criança imatura, irracional, incompetente, associal e acultural em um adulto maduro, racional, competente, social e autônomo:

Essa concepção da criança como sendo essencialmente deficiente em relação aos adultos segundo Robert MacKay, teve por efeito obstaculizar a pesquisa sobre a criança como tal. Além disso, permaneceu o sentimento prolongado de que a infância era um fenômeno "natural", que pouco interesse poderia

despertar nos pesquisadores. A tentação dos membros de qualquer sociedade era a de considerar suas formas de lidar com a infância como "naturais", como as quais se depararam a vida toda. Ao mesmo tempo, era fácil supor que a imaturidade biológica das crianças fosse a influência dominante nessa etapa da vida (HEYWOOD, 2004, p. 11).

Em 1990, os sociólogos Alan Prout e Allison James apontavam para o surgimento de um novo paradigma nos estudos sobre as crianças, a *Sociologia da Infância*.

Em 1998, segundo Heywood (2004), Alan Prout e Allison James, juntamente com Chris Jenks, apresentaram três proposições que se destacaram como sendo potencialmente frutíferas:

[...] a primeira é que a infância deve ser compreendida como uma construção social, ou seja, infância e criança são compreendidos de maneiras distintas conforme cada organização social; o segundo elemento é de que a criança é uma variável da análise social, a ser analisada em conjunto com outras, como a famosa tríade classe, gênero e etnicidade; a terceira afirmação é de que as crianças devem ser consideradas como partes ativas na determinação de suas vidas e das vidas daqueles que estão a seu redor (HEYWOOD, 2004, p. 12).

O autor comenta que "nos dias atuais, no Ocidente, acabamos realmente por associar a infância, em termos gerais, a características como a inocência, a vulnerabilidade e a assexualidade, enquanto pessoas em lugares como as favelas da América Latina ou as regiões devastadas pelas guerras na África, certamente não o fariam" (HEYWOOD, 2004, p. 12).

Para Heywood (2004, p. 21) "A infância é, pois, em grande medida, resultado das expectativas dos adultos". O autor usa essa expressão para dizer aos historiadores que se pretendem compreender as infâncias, precisam começar a entender aquilo que os adultos pensavam e sentiam sobre elas há tempos atrás. Nos dias de hoje, as pesquisas sobre as crianças e as infâncias pensando-as como um sujeito social, ativo e produtor de cultura tem levado a muitos pesquisadores a estudá-las segundo o ponto de vista das próprias crianças e não dos adultos. Todavia, as crianças e suas infâncias continuam, em grande parte, sendo conhecidas exclusivamente pelos olhares e interpretações dos adultos; mesmo admitindo a infância como um processo culturalmente construído, na prática, entre os adultos da escola, por exemplo, as crianças e suas infâncias são o que os adultos estão pensando sobre elas.

A conduta que presenciamos na escola por parte da maioria dos adultos é ainda de considerar as crianças como inocentes vulnerável, sem importância, pobres e sujas, sem direitos de reclamar e pedir. Mas também, ao mesmo tempo, com algumas crianças que por se

conhecer os seus históricos familiares, as pessoas da escola olham-nas com receio e tratam-nas com rispidez.

As dificuldades da turma Crianças Maravilhosas em aprender a ler e escrever já se apresentaram desde o primeiro dia de aula; associado a isso, as atividades escolares eram desvinculadas da realidade das crianças, tornando, muitas vezes, técnicas simples de agrupamentos de sílabas e letras, complexas do ponto de vista do estudante. Atividades como um ditado com as palavras *boca, cavalo, dedo, foca, gelo, janela, lata, mala, rato*; ordenação de sílabas *ba, be; ca, be; ca, de, bi*; para formação das palavras do tipo *beba, boca e cabide* tornaram-se difíceis para as crianças. Com esses exercícios realizados em 20 de fevereiro de 2013, no começo do ano letivo, poucas crianças conseguiram ler e/ou escrever alguma coisa. A maioria delas, nesse momento, nos perguntava sobre quais palavras deveriam ser formadas.

Paulo Freire (2011), diz belissimamente sobre a necessidade de alfabetizar não na repetição da palavra, mas no aprender a dizer a sua palavra:

Nesse sentido, **alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura**. A cultura letrada conscientiza a cultura: a consciência historiadora automanifesta à consciência sua condição essencial de consciência histórica. Ensinar a ler as palavras ditas e ditadas é uma forma de mistificar as consciências, despersonalizando-as na repetição - é a técnica de propaganda massificadora. Aprender a dizer a sua palavra é toda a pedagogia, e também toda a antropologia (FREIRE, 2011, p. 25, grifos nossos).

Poderíamos culpar as crianças por suas dificuldades em aprender a ler e escrever? A escola culpava! O discurso do sistema educacional que acaba sendo reproduzido na escola campo é de que "As crianças não aprendem por que não querem". As crianças querem aprender, mas sentem essa culpa que o adulto lhes impõe e acabam concordando que elas não aprendem porque não são capazes e/ou não querem.

Começamos a perceber que as crianças nos viam diferentemente dos adultos típicos da escola que na sua grande maioria eram ativos, controladores em sua interação com as crianças. Corsaro (2005) descreve sobre suas experiências em pesquisas com crianças nas escolas e como passaram a vê-lo como um adulto atípico:

No meu primeiro dia na pré-escola, os professores apresentaram-me às crianças como alguém dos Estados Unidos que vinha à escola para ficar com elas o ano todo. Confiante na estratégia "reativa" de entrada em campo que usara em Berkeley fui até a área de jogo, sentei e esperei que as crianças reagissem a minha presença. Não demorou muito. Elas começaram a me

fazer perguntas e a me chamar para as suas brincadeiras, e com o tempo definiram-me como um adulto atípico (CORSARO, 2005, p.448).

Um adulto atípico de Corsaro (2005) estava sendo construído conosco e as crianças, principalmente eu que estava mais presente no cotidiano escolar das crianças. Desde o primeiro dia de aula em que nos apresentamos para elas como professoras, todas as vezes que nos viam, mesmo na sala de aula, perguntavam-nos: "Hoje, nós vamos brincar?".

No dia 20 de fevereiro de 2013, no mesmo dia das atividades apresentadas acima, foi também a primeira vez que uma das crianças levou um brinquedo para brincar escondido na aula e durante o recreio; tratava-se de uma boneca. Quando cheguei à sala, a primeira atitude da criança foi mostrar o brinquedo para mim e perguntar quando brincaríamos novamente; isso porque havíamos brincado antes com quebra-cabeças:

NOTA DE CAMPO 06 - Muitas crianças

20 DE FEVEREIRO DE 2013 - quarta-feira

As crianças tem tentado fazer, elas querem aprender, mas as dificuldades ainda são grandes. Juntar as sílabas, mas o que é sílaba? Separar as sílabas, mas como fazer? Bater palminhas para descobrir as sílabas das palavras não tem sido a melhor opção para as crianças. **Uma estudante trouxe uma boneca, estava debaixo da carteira, ela fez questão de me mostrar e disse que adora bonecas e de brincar com elas. Foi a primeira a trazer brinquedos para a escola.** Tem um estudante que tem muitas dificuldades em escrever e falar. Segundo a supervisora ele toma remédios controlados e pode isso ser a causa de sua dificuldade, mas é preciso investigar, é uma criança que quer fazer, quer acompanhar os colegas da sala, mas não consegue. **Fica quase todo o tempo de cabeça abaixada, ou olhando para os lados, sempre em silêncio, parece que tentando encontrar um sentido para o que (não) faz** (Grifos nossos).

Essa criança que havia levado a boneca para a escola tentava brincar nos entre-tempos, escondida da professora Bela. Ela pegava a boneca, passava a mão nos cabelos, ajeitava a roupinha e guardava rapidamente sem causar alarde. Rubem Alves (1987) fala que:

O lúdico privilegia a criatividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras pré-estabelecidas, nem velhos caminhos já trilhados, abre novos caminhos, vislumbrando outros possíveis. O lúdico se baseia na atualidade, ocupa-se do aqui e do agora, não prepara para um futuro inexistente. Sendo o hoje, a semente do qual germinará o amanhã, podemos dizer que o lúdico favorece a utopia, a construção do futuro a partir do presente (ALVES, 1987, p. 105, grifos nossos).

O lúdico está presente nas relações humanas e nas descobertas das coisas do mundo. Não comporta regras estritas e ocupa-se do tempo presente tal como demonstra com a menina

que pegava a boneca na sala de aula, brincava com os olhos provavelmente, imaginava brincadeiras por alguns instantes num entre-tempo que não comporta obrigações, mas inclinações para fazê-lo por fazer. O brinquedo pode ser um provador do lúdico, do prazer de querer fazer por fazer, mas a dimensão lúdica pode mostrar-se em diferentes ambientes e ações, por exemplo, no trabalho, no estudar ou em qualquer atividade humana.

A professora Bela elaborava atividades diferenciadas para duas crianças com Atendimento Educacional Especializado (AEE) que se mostravam com uma dificuldade maior de compreender as atividades e a fala da professora. Esta fazia outras atividades para essas crianças como escrever repetidamente as letras do alfabeto, fazer círculos, quadrados, triângulos, escrever repetidas vezes o próprio nome e/ou palavras simples como casa, carro, sol. E por mais que essas duas crianças fossem de certa maneira ignoradas, pouco levadas a sério, por várias vezes presenciemo-nas brincando baixinho com os lápis, com as mãos, com os olhos, ou seja, o lúdico aparecendo ou se constituindo nos entre-tempos da escola, semelhante a recursos de sobrevivência.

Ao todo na sala de aula Crianças Maravilhosas eram seis crianças com laudos de AEE. As outras quatro crianças tentavam acompanhar as atividades do currículo mesmo com as dificuldades indicadas pelos laudos.

Todas as terças-feiras (exceto no último horário) e sextas-feiras as crianças tinham aulas especializadas, ministradas por outras professoras, nos demais dias e horários elas assistiam aulas com a professora Bela. Numa sexta-feira, dia 22 de fevereiro, as crianças tiveram o primeiro horário com o professor Roberto. Nessa aula ele apresentou por *slides* partes da história da arte sobre o que seria arte e os diferentes tipos de manifestações artísticas. As crianças ficaram muito agitadas e cansadas pelo volume de informação. Em seguida, depois desta aula, o professor João chegou à sala, cumprimentou as crianças com uma voz baixa e calma, pediu que montassem grupos de quatro e distribuiu jogos de mesa: xadrez, dama, jogo da velha e jogo da memória. Foi um momento tranquilo, todas as crianças participaram, sem agressão uns com os outros, muito menos do professor com as crianças, diferente das aulas da professora regente regados a vozes alteradas das crianças e da professora com elas:

NOTA DE CAMPO 07 - Aula especializada e falta d'água

22 DE FEVEREIRO DE 2013 - sexta-feira

A aula do professor de Artes chegou ao fim, o próximo professor é de educação física. **Pela primeira vez desde que comecei a frequentar essa turma, um professor trouxe jogos para as crianças: dama, jogo da velha e jogo da memória. Também foi o primeiro professor que conversou manso com as crianças, por mais que elas tivessem ficado agitadas e eufóricas. Fiquei impressionada com a delicadeza do professor de educação física com as crianças. Com os jogos as crianças brincaram, ficaram interessadas em participar. Joguei junto com eles, foi uma experiência agradabilíssima.** Durante a produção com as crianças, a supervisora chamou-as para tomar leite e usar o banheiro. Voltamos para sala, e as profissionais da cantina da escola passaram na sala e distribuíram bolachas para as crianças. Em seguida, o professor de educação física pediu que as crianças recolhessem os jogos e saiu, havia acabado o seu horário (Grifos nossos).

O respeito mútuo entre as crianças e o professor João me impressionou e provocou em nós outro questionamento: seria possível trabalhar e desenvolver com as crianças adotando atitudes gentis, delicadas, respeitosas e sem gritos? As crianças já conheciam o professor João desde o 1º ano de muitas delas na escola, relações de confiança já haviam sido estabelecidas entre eles e nós também passamos a acreditar e a querer que nossa parceria com as crianças fossem sustentadas por esses valores. Na primeira atividade que desenvolvemos com as crianças, os jogos de quebra-cabeças, a relação entre pesquisadora e elas foi tumultuada, pouca ou quase nada de sintonia existiu. Entretanto, passamos a pretender que o nosso trabalho com as crianças fosse baseado na amizade e na liberdade.

Para Larrosa (2010), amizade é essa curiosa forma de comunhão com os outros e liberdade é a relação de alguém consigo mesmo:

A amizade consiste em haver sido mordidos e feridos pelo mesmo, haver sido inquietado pelo mesmo. [...]. A amizade da leitura não está em olhar um para outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo (LARROSA, 2010, p. 145).

O autor aponta como o ensinar e o aprender que também envolve o saber ler e a escrever, estão em comunhão com a amizade e a liberdade. Neste ponto da pesquisa, começamos a perceber que estamos sendo mordidos e feridos pela busca do ensinar e aprender junto com as crianças. A comunhão da amizade e da liberdade estava começando a ser constituída e nessa busca, fomos realizando diversas ações com as crianças.

Na segunda atividade que realizamos, foi mais bem planejada, pensada, refletimos sobre a ação anterior e a seguinte inquietação se destacou: conhecer os momentos do brincar

das crianças no cotidiano da escola, pois no brincar poderíamos conhecê-las, percebê-las nos conhecendo e nos percebendo. Através das ações com as crianças, o nosso eu também se constituía. O planejamento que fizemos para esse dia de atividades foi o seguinte:

TEIMOSIAS DA IMAGINAÇÃO

2º Atividade com as crianças: Buscando conhecer as crianças pela música, dança, desenhos e escritas

25 DE FEVEREIRO DE 2013 - segunda-feira

OBJETIVO: Começar a conversar com as crianças para saber mais sobre elas; questioná-las sobre suas vidas, o dia-a-dia, o que elas fazem nos três períodos do dia (manhã, tarde e noite). Nós adultos (eu e a professora) também faremos uma apresentação contando sobre nossas vidas para as crianças.

JUSTIFICATIVA: Pensamos que começar conversando com as crianças sobre elas e depois pedi-las que desenhem o seu cotidiano, num dia 'normal' em suas vidas seria um começo para tentar dar continuidade nas tentativas de conhecer melhor cada uma delas.

ACÃO:

1º Momento: chegar à sala mais cedo, liberar o espaço do meio da sala, preparar a filmadora.

2º Momento: receber as crianças na sala; fazer uma roda e iniciar uma dança de roda com a música (Sambalelê). A música e a dança podem trazer boas energias na produção das crianças.

3º Momento: pedir às crianças que se sentem em círculo no chão para começarmos a conversar direcionadamente, porque a conversa já começou com a expressão do corpo na dança. Começar contando um pouco de mim, da minha família, o que eu faço durante o dia, a tarde e noite mostrando algumas fotos durante a conversa. Perguntar a cada uma das crianças sobre eles, com quem mora, o que fazem.

4º Momento: pedir às crianças que façam um desenho e/ou escreva sobre o que elas fazem de manhã num dia comum. Entregar uma folha A4, pedi-lhes que escrevam seus nomes do jeito próprio de cada um.

5º Momento: Dependendo dos resultados, prosseguimos entregando mais duas folhas para que desenhem e/ou escrevam o que fazem durante a tarde e a noite, caso contrário, continuamos na outra segunda-feira.

6º Momento: pedir as crianças que falem sobre seus desenhos e depois avaliem esta atividade (se gostaram ou não, por quê). (Anexo da Nota de Campo, 25/02/2013).

O Planejamento de atividades envolveu pensar sobre o contexto da escola, as crianças, o que já foi desenvolvido e tentar organizar uma próxima atividade de acordo com os interesses da pesquisa. Na busca de criar vínculos com as crianças, conhecê-las e saber sobre elas, começamos por discutir sobre o dia-a-dia que elas vivenciavam na rotina de vida, tanto em casa quanto na escola. Num primeiro momento de nossa conversa optamos por priorizar uma discussão sobre as atividades que elas desempenhavam no período da manhã. Queríamos perceber onde o brincar e os brinquedos apareciam na rotina das crianças.

No dia em que realizamos essa segunda atividade a sala de aula estava mais completa, com cerca de 18 estudantes; o relacionamento com as crianças também não foi muito tranquilo. Assim que elas chegaram, no primeiro horário de uma segunda-feira, convidei-as

para uma ciranda de roda. Cerca de seis crianças não queriam dançar a ciranda, resistiram, pois não concordavam com o estilo de música, segundo elas preferiam um *funk* ou *hip hop*, contudo entraram na roda por imposição da professora Bela. Essa intervenção da professora foi aceita naquele momento, mas preferíamos que ela tivesse respeitado a decisão das crianças de não querer dançar. Até que a roda ficasse pronta, com as crianças de mãos dadas formando um círculo, e ainda, que fizessem silêncio para que pudéssemos iniciar os trabalhos, um longo tempo passou, mais ou menos 20 minutos. Esperei que as crianças percebessem que eu gostaria de falar, algumas vezes pedia que me escutassem, porém, o meu pedido não fazia muito efeito.

Diante dessa situação, a professora Bela gritava mandando as crianças ficarem quietas; resolvia o barulho e a desconcentração por alguns instantes apenas, mas depois voltavam a agitação, o barulho, a violência corporal e verbal uns com os outros. Não consegui fazer com que as crianças pudessem perceber que naquele momento precisariam ficar em silêncio para que pudéssemos conversar e desenvolver a atividade. Entendemos depois que as crianças necessitavam de vínculos, tempo de relacionamento e de confiança para participarem de uma atividade coletiva.

O tempo de atenção e envolvimento das crianças nas atividades propostas acontecia em curtos intervalos, depois o que prevalecia era a dispersão e a violência verbal e corporal de um com outro. Mesmo assim, na segunda atividade, dançamos ciranda juntos pela primeira vez, mesmo com a vontade de dançar e de participar sendo tímida por parte de muitas crianças:



FOTOGRAFIA 23 - A primeira ciranda com as crianças da turma Crianças Maravilhosas. 24/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Habitualmente as crianças e as rodas estão atreladas aos jogos, à dança, às brincadeiras de roda e aos desafios motores e rítmicos que fornecem subsídios aos estudantes, para um bom aprimoramento físico, melhor coordenação motora, possibilita oportunidades de estabelecer relações, sentir o outro no tato e perceber até quando podemos segurar as mãos sem machucar o amigo, olhar nos olhos e nos perceber com o outro, são experiências construídas com a ciranda, com a roda. Para Loureiro (2011, p.35):

A ciranda na nossa cultura é uma manifestação musical que funde diferentes linguagens (canto, dança, palavra) e aciona instâncias racionais e sensíveis de seus participantes, constituindo-se em uma manifestação de conagração e alegria, individual e coletiva, partiu-se do pressuposto que ela poderia integrar parte do repertório musical dos espaços escolares, seja da educação básica, ou mesmo nos cursos de formação de educadores (LOUREIRO, 2011, p 35).

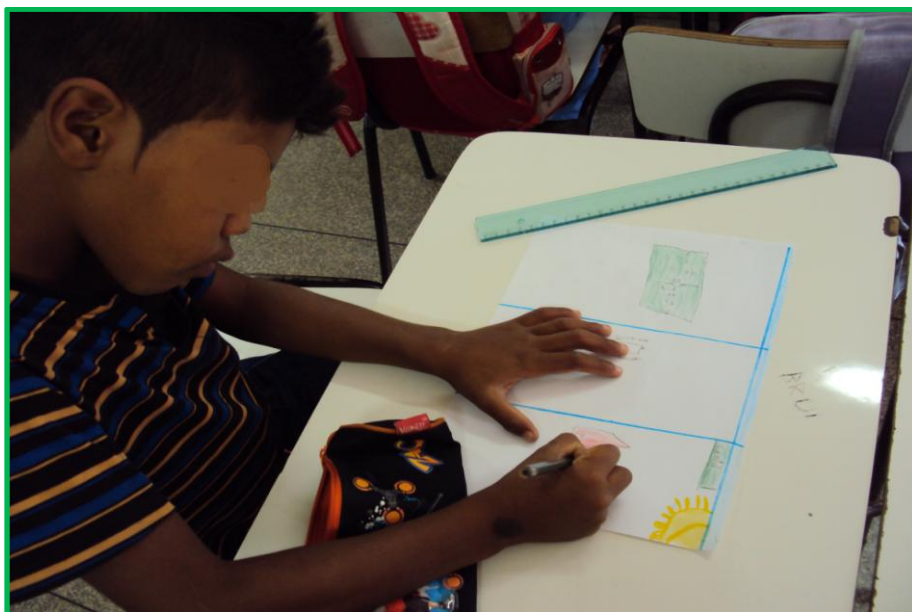
Ao utilizar a ciranda e a música Sambalelê com as crianças, pensamos nas possibilidades de acionar essas instâncias racionais e sensíveis como bem diz a autora na citação anterior e ainda, possibilitar o prazer de estar com outro numa dimensão em que todos são iguais nas diferenças. Depois da ciranda, sentamos com as crianças em círculo, e novamente fizemos outra parada para o silêncio, demonstrando às crianças que gostaríamos de prosseguirmos com a atividade, provendo um momento de conversa e a professora Bela interveio outra vez exigindo a quietude das crianças. Não concordávamos com essa atitude.

Para começar a conversa, contei às crianças sobre a minha rotina, num dia comum, mostrei fotos da minha família, falei um pouco da minha história de vida e o que eu fazia na faculdade. Em seguida, cada estudante disse o nome, contou o que fazia em casa e quem fazia parte da sua família. As crianças na maioria descreveram e enfatizaram os serviços domésticos e as pessoas com quem moravam; perguntei-lhes muitas vezes sobre as brincadeiras e os brinquedos, pois a maioria dos estudantes não falava por vontade própria. Além do trabalho em casa, as crianças disseram que gostavam de soltar pipa, brincar com o cachorro e com os amigos do bairro, jogar futebol e jogar vídeo game. Nesse primeiro bate-papo com as crianças, a timidez, o não saber como e o quê falar, a inquietude de não conseguir escutar o colega marcaram o início dos trabalhos com as crianças.



FOTOGRAFIA 24 - Fotos da roda de conversa com as crianças. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Depois de uma rápida conversa, passamos para a produção de desenhos, pois pretendíamos explorar com elas várias linguagens. Propusemos às crianças que desenhassem e/ou escrevessem o que elas faziam primeiramente na parte da manhã, dividimos o dia de vida em manhã, tarde e noite. Pensávamos que separando, especificando os turnos do dia, haveria uma possibilidade maior das crianças se lembrarem de e desenharem as brincadeiras que brincavam e os brinquedos que tinham, ao invés de pedir que relatassem todo um período de um dia comum. Contudo, a maioria das crianças não desenhou e/ou escreveu sobre o que faziam no período da manhã, mas durante todo o dia. A seguir apresentamos algumas fotografias das crianças produzindo os desenhos:



FOTOGRAFIA 25 - Fotos das crianças desenhando e/ou escrevendo sobre a rotina num dia comum. 25/02/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 26 - Crianças desenhando e/ou escrevendo sobre suas rotinas num dia comum. 25/02/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 27 - Crianças que sentaram e deitaram no chão da sala de aula para construir seus desenhos-escritos. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 28 - Crianças apresentando seus desenhos. 25/02/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Os lugares utilizados pelas crianças para produzir seus desenhos não foram determinados por nós, também não separamos as crianças em grupos. Os materiais usados

foram: lápis, canetinhas, giz de cera, apontadores, réguas e papel tipo A4. Trouxemos esses materiais para compor com materiais que alguns estudantes tinham - a prefeitura ainda não havia entregado o kit de material escolar para cada criança da escola. A maioria delas traziam em suas mochilas os cadernos e o lápis de escrever, poucas crianças tinham lápis de colorir e/ou tesoura e/ou cola e/ou régua, entretanto todas tinham cadernos- as crianças se deleitaram com o material de desenhar que havíamos levado. Algumas crianças sentaram no chão, outras nas carteiras, poucas se sentaram sozinhas, a maioria formou pequenos grupos de 2 até 6 crianças. Aqui começava nossa atenção para as maneiras próprias das crianças fazerem o que lhes era pedido.

Nesse dia de atividade, conflitos entre as crianças aconteceram por causa do uso dos materiais para desenhar e escrever. A consciência de posse, de ser dono do material, a impossibilidade de empréstimo de uns para outros, a falta do aprender a compartilhar e a usar coletivamente os materiais começou a se apresentar. Outro ponto foram às manifestações corporais das crianças com seus pares, tais como empurrar, chutar, beliscar e dar tapas ficou muito forte neste dia, manifestações orais com xingamentos entre as crianças também ficaram evidentes. Diante desse quadro, a professora Bela gritava para pedir silêncio em vários momentos da atitude que teve a duração de uma hora. Depois que as crianças terminaram, fomos para o corredor ao lado da sala, sentamos em círculo e cada criança apresentou o seu desenho-escrito.

É necessário destacar que a saída da sala com as crianças também não foi tranquila, nem mesmo a permanência no corredor. Tapas, empurra-empurra, os gritos das crianças com os outros se confundiam com os gritos da professora Bela. Esses jeitos das crianças de se relacionarem entre si ficariam cada vez mais marcante.

Perceber entre os adultos da escola a cultura de pensar as crianças como seres naturalmente boazinhas, quietinhas, calmas, como anjos e que deveriam ser disciplinadas para que permanecessem assim. Porém, sabemos que as crianças são reais, não naturalmente boas, mas fruto do seu tempo e se constituem no coletivo. Essa ideia das crianças boas foi destaque nas teorias românticas e naturalistas da infância no século XIX (HEYWOOD, 2004). As crianças são pessoas complexas, sentem dor, (re)produzem violências, são amorosas e agressivas, desrespeitam e são desrespeitadas, são constituídas e se constituem no seu mundo.

Conforme Leal (1996), a violência e a desordem podem ser entendidas como um ato de resistência, não adaptação às ordens impostas pela escola:

Na verdade, essa bagunça deve ser entendida principalmente como crítica, como reação, ao nível do entendimento daquelas crianças. Os alunos favelados são principalmente maus alunos: são críticos, bagunceiros, rebeldes. A criança tem que ser sujeito da sua própria transformação e não aluno-objeto-apático a ser enquadrado. Ela deve trazer seu mundo para dentro da escola a fim de trabalhá-lo. Além disso, sabe-se que é preciso trabalhar com a bagunça, a rebeldia, a crítica, a violência (LEAL, 1996, p.44).

As crianças durante a construção dos desenhos-escritas me chamavam o tempo todo para ver o que estavam fazendo, pediam para que eu desenhasse coisas que elas julgavam não saber fazer como um sol, uma casa, nuvens, flores. As crianças se imitavam, preocupavam em perceber os trabalhos uns dos outros para tomar suas próprias decisões, mas não se tratava de copiar e colar, e sim perceber o outro e se ver nesse outro potente a sua potência.

Quando chegamos ao corredor sentamo-nos em círculo e cada criança mostrou o seu desenho-escrita e falou sobre ele. A maioria das crianças desenharam-escreveram sobre a rotina de um dia comum, o local onde moravam e com quem moravam não desenharam-escreveram apenas o que faziam de manhã, tal como havíamos combinado. Ao apresentarem suas produções, descreverem-nas, perguntávamos ainda mais a fundo sobre o brincar delas. Às crianças que não falavam sobre o brincar, perguntamos especificamente como e com o quê brincavam. No quadro abaixo, apresentamos a transcrição das respostas das crianças:

QUADRO 7- Respostas das crianças na apresentação dos desenhos-escritas sobre o que faziam durante um dia comum. 25/02/2013

NOMES ²²	RESPOSTAS DAS CRIANÇAS
1- Luiza	"Eu desenhei o sol, a casa, o meu nome, a minha cozinha, uma jarra de flores, o meu quarto e o meu cachorro. Eu mais a minha irmã de manhã a gente acorda, toma café e depois almoça para vir à escola. A minha avó mora do lado da minha casa e a gente sempre vai lá ficar com ela um pouquinho. Eu brinco com o meu cachorrinho e com a minha irmã e minhas amigas".
2- Larissa	"Eu desenhei que acordei, fui até a janela ver o jardim, fui aguardar as plantas e depois para o meu quarto brincar. Eu brinco com minhas amigas e brinco de boneca".
3- Maria Letícia	"Eu desenhei a casa, o sol, as nuvens, uma árvore e o meu nome. Eu acordo, arrumo meu quarto, vou tomar café e vou brincar. Eu brinco de escolinha, de casinha. Eu gosto de brincar".
4- Isadora	"Eu desenhei eu andando de bicicleta, assistindo televisão, tomando banho. Eu gosto de desenhar e brincar com meu irmão. Eu ando de

²² Nomes fictícios.

	bicicleta, brinco de boneca. Às vezes eu brinco sozinha e as vezes eu brinco com minha irmã e com meu irmão. Eu também brinco com meu cachorro".
5- Eduardo	"Eu desenhei uma casa, o carro, a nuvem e o sol. De manhã eu limpo a casa, lavo o banheiro. Eu trabalho de segurança com meu pai, ele vigia uma construção e lá eu não posso brincar só na minha casa. Eu brinco de vídeo game, de pique esconder, pique altinha, pique pega".
6- Lilian	"Eu desenhei a cama, a nuvem, minha casa, os matinhos, a janela, minha mãe e meu pai. De manhã eu levando, escovo os dentes, tomo café, limpo a casa para minha mãe, varro, passo pano, lavo a área e só. Eu não gosto de brincar, tenho boneca, às vezes eu jogo futebol, mas não gosto de brincar".
7- Jéssica	"Eu desenhei eu assistindo televisão, uma casa e o sol. De manhã eu acordo, escovo meus dentes, vou para casa da minha baba com minha mochila e minha sacola de roupa. Eu fico assistindo desenho na televisão, quando não tem ninguém para brincar eu brinco com minhas gatinhas que se chamam Nina e Julia. Daí eu volto para casa dos meus tios, tomo meu banho, almoço e venho para cá (escola). Daí depois da escola, eu vou para casa brincar com meus primos e às vezes eu vou casa da minha outra prima pegar goiaba para comer. Depois eu arrumo a casa para minha tia, passo pano, tiro as roupas do varal, faço um monte de coisa. Depois eu tomo banho e vou dormir".
8- Alex	"Eu desenhei um sol, duas nuvens, um carro e uma garagem. Eu acordo de manhã, escovo os dentes, jogo um pouco de vídeo game, pipa, eu brinco um pouco, depois eu vou almoçar, tomar banho e arrumar para ir à escola e só".
9- Francisco	"Eu desenhei uma casa, uma garagem, duas nuvens, um sol e um carro. De manhã eu escovo os dentes, solto pipa e jogo futebol. Depois eu fico dentro de casa, eu não brinco porque eu não gosto. Todo carrinho que eu pego eu quebro. Eu não tenho vídeo game e se eu tivesse eu jogaria".
10- Fábio	"Eu desenhei uma casa, chuva, chuva, chuva. De manhã eu tomo leite, pego o meu cachorro e ponho dentro de casa, faço comida, eu ponho açúcar no leite e faço doce de leite com leite estragado. Eu só brinco de manhã e a tarde eu saio da escola e vou para o campo jogar futebol".
11- Luiz	"Eu desenhei uma casa, a nuvem, o sol, minha mesa de jantar e eu jogando futebol. Eu gosto de jogar futebol com meu irmão e um amigo no campinho e só".
12- Marcos	"Eu desenhei o sol, a nuvem e um campo de futebol. De manhã eu acordo, escovo os dentes, tomo café, e vou jogar vídeo game, mas eu jogo só de vez em quando, daí eu brinco com meus amigos de bola e pipa".
13- Iasmim	"Eu desenhei a minha casa. De manhã eu acordo, tomo café, assisto desenho na televisão e depois eu brinco um pouco de boneca, ando de bicicleta e só".
14- Rosana	"Eu desenhei a minha casa, a escola e a casa da minha amiga. De manhã eu escovo os dentes, arrumo minha cama, arrumo a cozinha para minha mãe, varro a casa e vou brincar depois. Eu brinco de escolinha".

15- Elem	"Eu desenhei uma casa, meu nome e as nuvens. De manhã eu arrumo os materiais e vou para casa de uma pessoa que está me olhando, eu tomo banho, escovo os dentes lá e venho para escola. Eu brinco de <i>laptop</i> e de boneca".
16-Jorge	"Eu desenhei eu, meu pai, minha mãe, minha namorada, a nuvem, o sol e a casa. De manhã eu acordo, escovo os dentes, jogo vídeo game, tomo banho e vou para escola. A tarde eu volto para casa".
17- Rôse	"Eu desenhei eu dormindo, a casa, uma escada, o sol, as nuvens. De manhã eu arrumo a casa, cuido do meu irmão, espero a minha irmã chegar para ir para escola e aí ela arruma a comida para gente almoçar. Eu gosto de brincar com a minha boneca, de panelinha, eu gosto de bola também".
18- Fabíola	"Eu desenhei eu fazendo café da manhã. De manhã, eu acordo, troco de roupa, arrumo minha cama, escovo os dentes, assisto um pouco de televisão e converso com meu vizinho. Eu brinco muito, brinco de correr atrás do meu cachorro que é muito sapequinho, ele suja a minha roupa. Tenho umas bonecas velhas e um vídeo game. Mas eu gosto mesmo é de brincar com meu cachorro".

Fonte: Arquivo da pesquisa

O que podemos dizer sobre as explicações apresentadas pelas crianças? O que elas mostraram sobre elas e suas culturas, pensamentos, gestos, desenhos? Percebemos que as crianças apresentaram muito delas, mas ainda era pouco perto do que ainda viria na trajetória da pesquisa. As crianças com seus desenhos-escritas buscaram apresentar seus modos de viver de maneira alegre; a maioria dos desenhos estava colorida, o sol predominou em todos os desenhos e a casa como referencia de lugar para morar; as crianças tentaram desenhar-escrever elas brincando, fazendo as ações de seus cotidianos. Muitos na apresentação falaram de si mesmas sorrindo e em nenhum momento, qualquer criança descreveu momentos de violência, demonstrando que por mais que haja sofrimento, elas resistem e se esforçam em não pensar sobre isso e lembrar somente dos bons momentos. A resiliência das crianças, a capacidade de superação apesar das adversidades negativas, torna-se fantástica e impressionante, colocando cada vez mais especiais essas crianças para nós.

Nesse dia, vários desenhos-escritas foram produzidos pelas crianças. Segue abaixo, algumas dessas produções:



IMAGEM 2 - Desenho-escrita do Eduardo. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

A imagem 2 foi produzida por uma das duas crianças com maior dificuldade de aprendizado das atividades do currículo. O que nos chamou a atenção no desenho-escrita de Eduardo são os traços bem feitos, os contornos e preenchimentos delimitados, o uso de figuras geométricas como triângulo, quadrado, retângulo, círculo, retas, curvas. Essa criança nos mostrou ter conhecimentos de percepções visuais e espaciais bem desenvolvidas. Além de perceber as cores e utilizá-las de tal forma que ficaram vivas nítidas. Outro desenho-escrita que mostraremos a seguir é de uma criança que utilizou os dois lados da folha de papel A4 para representar a sua rotina. Ela foi à única criança a desenhar-escrever utilizando os dois lados da folha:



IMAGEM 3 - **Frente** do desenho-escrita da Luiza. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.



IMAGEM 4 - **Verso** do desenho-escrita da Luiza. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nas duas imagens, a ideia que nos apresenta é de que a Luiza procurou representar a casa por fora e depois o interior. Ela representou três partes de um ambiente num mesmo lado da folha, além de tentar escrever o nome cachorrinho, entretanto não consegue e escreve

"carrinho". Os tamanhos dos objetos desenhos estão na proporção da realidade dela, as cores vibrantes a presença da religiosidade foram detalhes que nos chamaram a atenção. As cores bem vibrantes e variadas coloriram o desenho-escrita da Luiza. Na apresentação aos colegas, ela falou muito do que desenhou, se expressando com desenvoltura e alegria.

Fabíola, na imagem 5, desenhou-escreveu o ato de fazer o café da manhã. O forro da mesa com detalhes em "v", o jarro de flor, uma pia com torneira e um pingo d'água caindo, a criança segurando o copo caracterizando a ação de tomar o café e novamente o uso de cores fortes e vibrantes foram os pontos fortes do desenho-escrita de Fabíola. Dentre todas as ações do seu cotidiano, ela escolheu desenhar este momento, por quê? Na sua apresentação aos colegas, ela descreveu que fazia o café, arrumava a casa, brincava com o seu cachorro, vejam a seguir, a imagem:



IMAGEM 5 - Desenho-escrita da Fabíola. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Na maioria das apresentações das crianças dos seus desenhos-escritas, elas relataram que faziam algum tipo de serviço doméstico, demonstrando assim que as crianças dessa turma precisam dividir o tempo do dia com outras tarefas, reduzindo o tempo do brincar. Na imagem 6, percebemos que o espaço desenhado foi estruturado de maneira diferente dos outros desenhos de todas as crianças. A divisão da casa em dois andares, os objetos como a lavadora, a cama com a criança dormindo, uma escada que interliga os dois andares da casa, o sol com nuvens e uma árvore proporcional ao tamanho da casa, ou seja, formas e geometrias bem

organizadas na composição de uma casa de dois ambientes, demonstrando a percepção dimensional da criança:



IMAGEM 6 - Desenho-escrita da Rôse. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

O futebol era o esporte mais praticado pelas crianças da escola Crianças Felizes. As crianças da turma Crianças Maravilhosas e principalmente entre os meninos, a maioria jogavam futebol. Na imagem 7 abaixo, o Luiz desenhou-escreveu um jogo de futebol. A paixão pelo esporte era tamanha que a casa e a outra representação no meio do papel ficaram de tamanhos menores comparados ao tamanho do campo de futebol desenhado-escrito. Isso só pode nos dizer que o Luiz gostava imensamente de jogar futebol. O sol parece estar tímido perto da alegria que se mostrava pelo jogo. Abaixo está o desenho-escrita do Luiz:

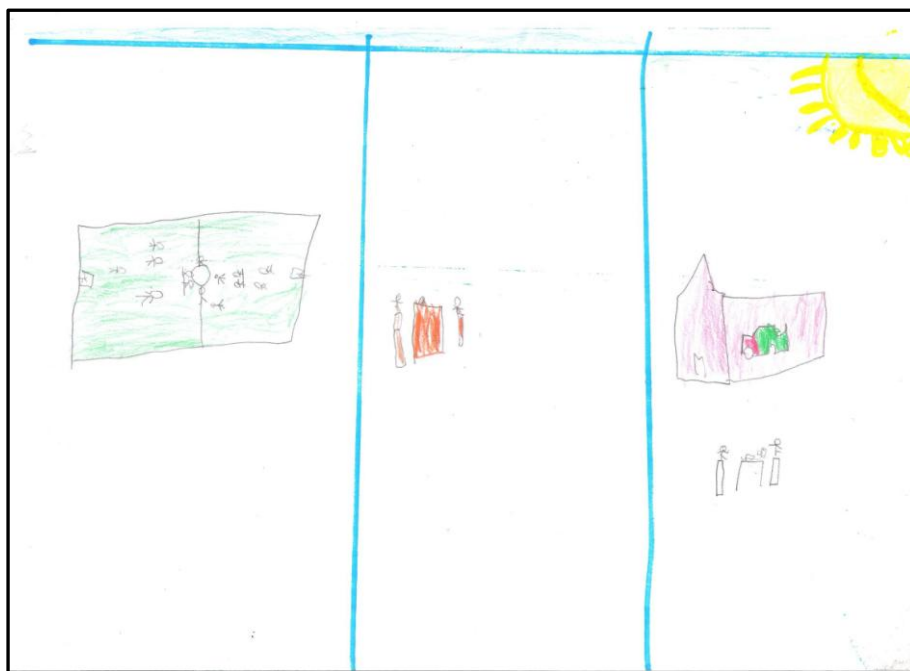


IMAGEM 7 - Desenho-escrita do Luiz. 25/02/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

As crianças representaram a vida, o que elas eram como eram e de que maneira interpretaram a si mesmo, as pessoas mais próximas e os lugares que frequentavam. Os estudantes que desenharam-escreveram a rotina de um dia, não representaram a escola, por quê? Na descrição oral algumas diziam sobre a preparação e a ida para a escola, mas ninguém desenhava a escola. A casa e a natureza foram os desenhos que as crianças mais produziram; uns desenharam casas e algum momento da rotina doméstica; outros já descreveram toda a rotina do dia e o brincar. O trabalho doméstico ficou bem evidente nessas produções infantis e também nos chamou a atenção, as mesmas deixavam de brincar para ajudar os pais e/ou responsáveis nos serviços de casa.

O tempo de brincar foi colocado pela grande maioria das crianças em segundo plano, pois, muitas delas, brincam quando sobra tempo, depois de realizar os trabalhos em casa. Uma criança ao mostrar o desenho-escrita disse que não gostava de brincar, mas relatou que soltava pipa. Interessante é pensar no que ela considerava ser uma brincadeira? Empinar a pipa não era considerado como uma brincadeira por essa criança. Outra criança também ao mostrar o seu desenho-escrita disse que fazia trabalhos domésticos, e ao lhe questionarmos se brincava, ela afirmou que não brincar. Repetimos a pergunta e novamente ela disse que não brincava de nada porque não gostava e não quis dizer mais justificativas. Por outro lado, todas as outras

crianças disseram que brincavam de boneca, escolinha, de futebol, com o cachorro, porque gostavam de brincar.

Fazer com as crianças também significa fazer o que elas fazem. Desenhei a minha rotina da parte da manhã e apresentei às crianças. Muitas disseram que eu desenhava muito bem e nunca conseguiriam desenhar como eu. Outras duvidaram ter sido eu quem havia desenhado. No transcorrer das ações, a professora Bela entrevistava nas conversas das crianças, pedindo silêncio e quietude e as crianças por alguns momentos obedecia, mas continuavam com seus jeitos de se relacionarem.

Dois dias depois dessa atividade, retornamos à escola, o horário habitual era das 13hs às 17hs 30min, contudo, neste dia por motivos de saúde, não conseguimos chegar às 13hs, mas às 14hs 30min. Quando entrei na sala, quase todas as crianças correram e me abraçaram forte, mas foram contidas pela professora e obrigadas a voltarem às suas carteiras. A Bela veio nos dizer que as crianças estavam enlouquecidas querendo saber onde nós estávamos e se iríamos voltar; e neste intervalo, aproveitando-se de minha ausência, a professora Bela disse às crianças que eu não voltaria enquanto elas não melhorassem o comportamento.

Esse comportamento da professora Bela nos pareceu duplamente inadequado: primeiro, porque amedrontar as crianças não nos pareceu educativo e segundo, para a pesquisa, para nossa relação com as crianças, buscávamos conhecê-las de forma profunda, e praticar essa associação de recompensas e punições não nos pareceu correto e adequado. Vejam a seguir a Nota de Campo que descreve essa experiência:

NOTA DE CAMPO 09 - O primeiro encontro depois das atividades com os quebra-cabeças e desenhos.

27 DE FEVEREIRO DE 2013 - quarta-feira

[...] fui ao encontro deles e da professora que logo me disse: "**Dei um sabão neles logo no começo da aula. Ficaram perguntando cadê a Tia Grazi, cadê a Tia Grazi, então falei que enquanto eles não se comportarem você não voltaria. Fiquei com vergonha de segunda-feira, eles não se comportaram. Usei essa artimanha para ver se eles ficam mais responsáveis e respeitem o outro**". Eu fiz um gesto nem que sim nem que não para não causar algum desentendimento com a docente.

OBS: A atitude da professora foi uma jogada para obter a atenção, o respeito e a obediência das crianças, isso pode funcionar por alguns minutos, horas ou dias, mas acredito que não funcionará por todo o tempo. As relações de respeito, amizade, atenção, companheirismo são construídas nas relações, no convívio com as crianças. A tirania é inadequada para uma professora, é no diálogo, na democracia que os sentimentos de convivência vão se organizando, criando vínculos e se estabelecendo. Na imposição se pode conseguir algo, mas não é o desejável em termos de satisfação, felicidade, harmonia e amor. A imposição muita das vezes leva a raiva, a introspecção, o silenciamento, a depressão, a tristeza ao desamor e a violência.

As crianças me perguntaram por que eu não tinha chegado mais cedo, então eu disse que fui ao médico. Não menti para eles como a professora recomendou, eu posso escutá-la, mas concordar com ela é outra história. (Grifos nossos).

A máxima de Bela era: "Tudo que eu faço é para ajudar!". De acordo com o que vimos na sala, importante mesmo era fazer todos os estudantes copiarem o máximo de exercícios, tirarem notas altas para que a escola pontuasse nas provas de avaliação do ensino e por sua vez melhorasse os lugares do país nos *rankings* internacionais de educação. Isso é um dominó, onde todo o sistema se beneficia se as crianças vão bem, mas se forem mal, as peças caem juntas. A professora Bela seguia o que era determinado por esse sistema, ela reproduzia ordens, não levando a culpa sozinha de agir dessa forma. É mais complexo do que simplesmente expor um único culpado, se assim fosse, as outras professoras que passaram pela turma Crianças Maravilhosas seriam consideradas melhores que a Bela pelas crianças, todavia, isso não aconteceu.

Nossa tendência em relação ao que prevalece na sociedade em geral e na escola é concordar com Schumacher (1972):

A condição da humanidade se deriva diretamente do "domínio da quantidade", do materialismo, do culto do "produto interno bruto", da aceitação do dinheiro e da aquisição como fins em si mesmos - em outras palavras, do fato de considerarmos a quantidade como fundamental e primordial, enquanto que os aspectos qualitativos da vida não merecem sequer ser levados em consideração" (SCHUMACHER, *apud* ALVES, 1987, p. 31).

Nesse sentido, Alves (1987) também argumenta que:

Na verdade, desde muito cedo somos convencidos de que nossas capacidades intelectuais e o valor pessoal se medem por meio de "notas" que, por sua vez, na vida acadêmica, se transformam em "créditos" palavra retirada do jargão bancário. A vida como um grande banco; as relações humanas como débitos e créditos; qualidade reduzida a um capital depositado (ALVES, 1987, p. 32).

Praticar a qualidade também é agir com verdade. Ao ser questionado pelas crianças sobre o porquê da demora em chegar à escola, eu disse a verdade. As crianças poderiam ter acreditado na professora regente que havia dito que eu não voltaria mais porque elas haviam se comportado mal no dia do trabalho com os desenhos-escritas, mas elas se certificaram, queriam saber se realmente essa era a verdade e acabou nos dizendo mais sobre elas, ou seja,

as crianças não acreditavam sempre em tudo que diziam a elas, investigavam. Neste mesmo dia, a professora Bela fez a seguinte avaliação:

NOTA DE CAMPO 09 - O primeiro encontro depois das atividades com os quebra-cabeças e desenhos.

27 DE FEVEREIRO DE 2013 - quarta-feira

Depois na sala de aula, a professora regente veio desabafar suas angústias. Disse que a cada dia descobria mais as tramoias, artimanhas, joguetes dos estudantes para não fazer as atividades, dribla-la de alguma forma. Disse ainda que a todo o momento inventavam estarem com dores tipo: de dente, de cabeça, na perna, no braço, e outras. Por não suportar mais, estava agindo de uma forma mais forte e dura com as crianças. Hoje a professora tem gritado um pouco mais, o número de crianças hoje foi de 18. Tem criança nova na sala, mais uma menina. Se todas elas tivessem vindo, ao todo, seriam 23 estudantes. As crianças estavam fazendo atividades de português, juntar sílabas e separar sílabas.

A preocupação em perceber como as crianças driblavam as imposições escolares, o sistema, para tentar contê-las e puni-las fazia-se presente na rotina da professora Bela; ela acreditava que agiam assim porque queriam atingi-la pessoalmente e/ou prejudicá-la de alguma forma. Bela não conseguia se lembrar de que em geral, nas escolas não havia uma reflexão e discussão sobre o que significa trabalhar com as crianças. Rubem Alves (1987) outra vez demonstra em poucas palavras a inutilidade e a efemeridade da violência:

A resistência pode ser dobrada pela força bruta. "Fale com voz suave e porte um grande porrete." Assim Theodore Roosevelt resumiu a sua sabedoria política. [...]. Chicotes, correntes, prisões, torturas psicológicas e físicas, brutalidade, poder militar, sanções econômicas e sociais - todas estas formas de violência têm sido extensivamente utilizadas para assegurar o poder. [...]. Mas a experiência também nos ensina que quando plantamos vento provavelmente iremos colher tempestades. Se a força bruta a curto prazo tem sucesso no controle dos fracos, a longo prazo é imprevisível. Violência gera ressentimentos e ódio: as sementes da resolta (ALVES, 1987, p. 43).

Com 18 estudantes, a rotina escolar seguia seu curso. Passou a ser um hábito das crianças me abraçarem e me beijarem sempre que eu chegava à sala e também perguntavam se naquele dia teríamos brincadeiras:

NOTA DE CAMPO 10 - O dia da chuva

28 DE FEVEREIRO DE 2013 - quinta-feira

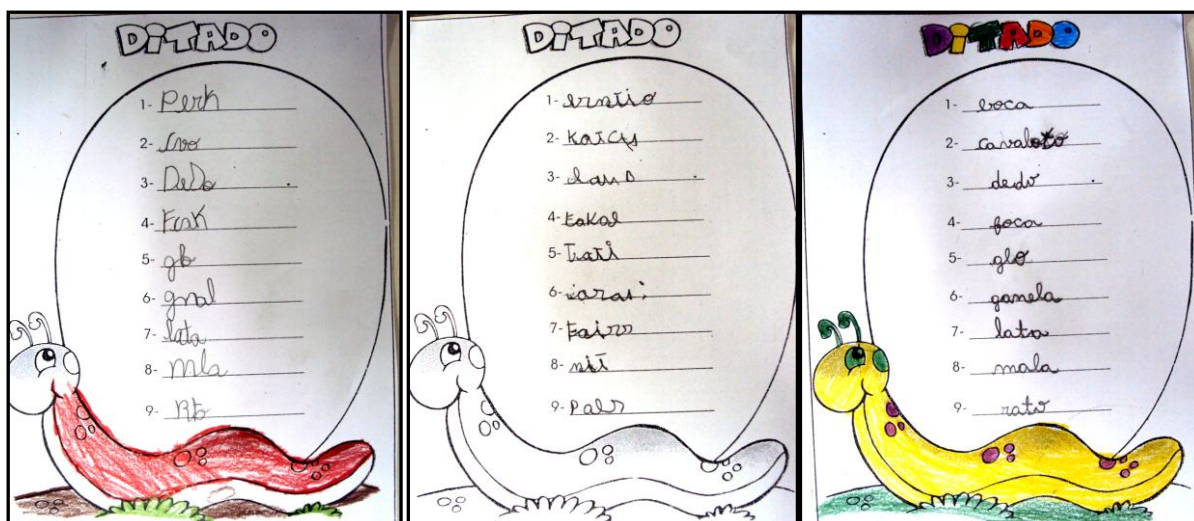
As crianças sempre perguntam se hoje vai ter brincadeiras e não se contentavam em saber que naquele dia não teria atividade do projeto. Gosto muito das crianças, e percebo que a cada dia elas me aceitam mais, me respeitam enquanto pessoa, eles me abraçam, dizem que sentiram saudades. Cada um é muito especial. Hoje uma menina me chamou na carteira e me disse que a assistente social não deixaria mais que ela morasse com a mãe.

Disse a ela que ficasse calma, que tudo ficaria bem. Fiquei preocupada com ela, estava bem quieta e com a carinha triste.

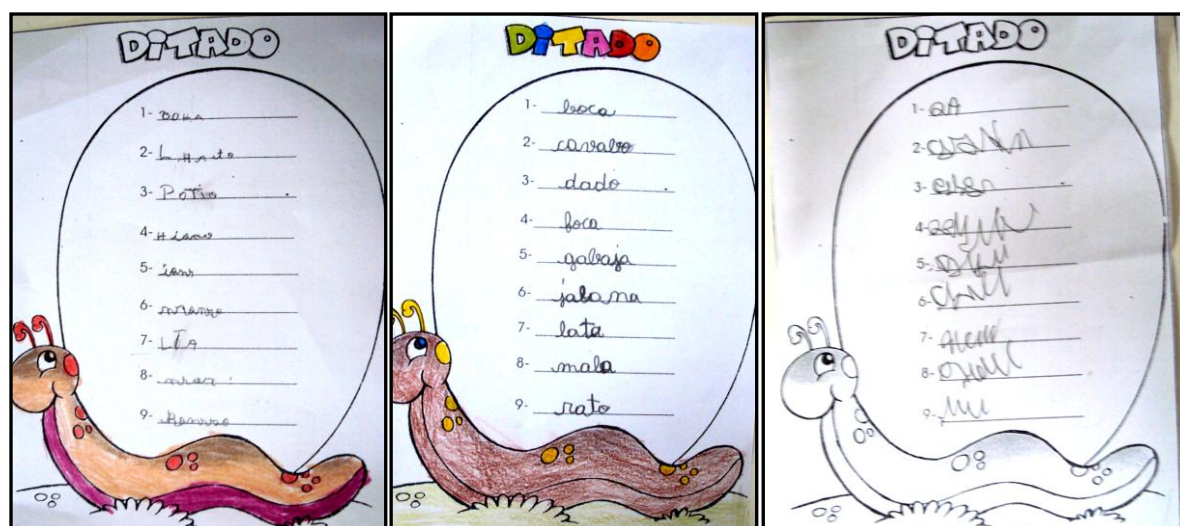
Por que essa estudante desabafou sua experiência tão marcante conosco? Fiquei surpresa com a atitude que pode demonstrar a relação de confiança. Estar com as crianças na sala, no recreio, nas ações da pesquisa é possibilitar que essas relações de confiança se estabeleçam. A proposta sempre foi estabelecer vínculos de amizade e confiança e não impor ações.

A aprendizagem dos conteúdos da grade curricular, para a grande maioria das crianças do 3º ano, principalmente no início do ano quando as crianças começaram a perceber todo o cotidiano da escola, foi turbulento. Com dificuldades de compreensão das atividades básicas de ler e escrever, como entendê-las e superá-las? O que observávamos na sala de aula e entre muitos profissionais da escola era que as crianças carregavam o fardo de serem as únicas culpadas por não aprender. Em geral, considerava-se que elas que não queriam estudar, não queriam aprender, não aproveitava as oportunidades, não eram educadas, não sabiam cuidar dos livros por isso não podiam usá-los, não tinham brinquedos novos porque não sabiam cuidar dos brinquedos, eram sujas porque não gostavam de tomar banho. Implicitamente, e às vezes explicitamente, a culpa era das crianças.

Na sala de aula da turma Crianças Maravilhosas, havia um hábito de tomar leitura e fazer ditado. No início do mês de março, a professora Bela nos comunicou que faria um ditado para descobrir se as crianças estavam sabendo o básico - básico para ela seria palavras simples, com poucas sílabas -. Ela avisou às crianças que naquele dia haveria ditado e completou: "Eu quero ver se vocês estão fazendo o que eu mando. É agora que a porca vai torcer o rabo" (Nota de campo, nº13, 7/03/2013). Abaixo apresentamos imagens de alguns ditados das crianças que tinham que escrever as palavras boca, cavalo, dedo, foca, gelo, canela, lata, mala e rato:



IMAGENS 8, 9 e 10 - Ditados da Maria Letícia, Lílían e Rôse. 07/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.



IMAGENS 11, 12 e 13 - Ditados do Luiz, Rosana e Eduardo. 07/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa

Fazer ditado para quê? Por quê? Dentre os seis ditados apresentados apenas a Rôse e a Rosana conseguiram escrever as palavras sugeridas. As crianças não conseguiram escrever o que se ditou com destaque para o Eduardo que produziu garatuñas. O que poderia ser feito pelo aprendizado da escrita e da leitura quando as crianças apresentaram resultados como esses registrados pelo ditado?

Tomar a leitura foi uma das atividades mais se praticou com as crianças do 3º ano. Colocavam uma carteira do lado de fora da sala de aula e as crianças eram chamadas uma a uma para lerem pequenos textos e/ou palavras e/ou sílabas e/ou letras. Dependia do que se

pensava que a criança sabia para que fosse determinado o que ela ia ler ou tentar ler. A pessoa encarregada de tomar a leitura variava entre a supervisora pedagógica, a professora eventual, a professora Bela, bolsistas da universidade. Na Nota de campo abaixo, relatamos a experiência da criança ao voltar da tomada de leitura:

NOTA DE CAMPO 13 - A água chegou

07 DE MARÇO DE 2013 - quinta-feira

Há uma pibidiana²³ nesta sala que estou acompanhando. O trabalho dela tem sido tomar leitura das crianças e dizer para elas o que elas não sabem; reproduzir o sistema. Hoje ela colocou uma carteira fora da sala e chamou cada criança individualmente para testá-las com uma leitura. Depois essa estudante entra na sala de aula dizendo quem está de parabéns e quem não está. Ou seja, mais uma para expor as crianças a partir de diagnósticos questionáveis. Acabei de perguntar uma das crianças sobre o que ela fazia lá fora e elas disseram: **"Ela toma leitura e depois fala que a gente tá quase lendo ou já sabe ler"**. Meu Deus, até quando esse sistema vai continuar? Um dos estudantes, antes de participar desse processo de "julgamento" estava agitado como de costume, conversando com os colegas como de costume, com uma expressão de alegria como de costume, mas depois que chegou do julgamento da leitura percebi outro comportamento: calado, tristonho, cabisbaixo. Fui até a sua carteira e disse que estava percebendo-o diferente, um pouco triste. Ele então me respondeu: **"É... a vida é dura tia"**. Fiquei sentida com isso: por quê causar sofrimento ao invés de ações motivadoras, criativas, imaginativas? Fiquei tocada, então fui até a professora regente e a pibidiana e disse que não concordava que tomar leitura das crianças fosse uma solução para ajudá-las. Poderiam existir outras formas sem priorizar essa prática de pedir o que as crianças não sabem. Elas (professora regente e pibidiana) disseram que a teoria é uma coisa e a prática é outra, frisando que essas crianças precisavam saber ler (Grifos nossos).

As crianças faziam o que era determinado, ordenado e normalmente não era permitido que fizessem questionamentos. Será que aprender a ler requeria mesmo esse tipo de atividade? Ainda questionamos com a professora Bela sobre a eficácia desse método, entretanto ela nem ouvidos nos deu. A alegria dos estudantes nos dias de atividades conosco, em grande parte podia ser justificado pela mesmice que a sala de aula apresentava as crianças.

A terceira atividade com as crianças em 04/03/2013, apresentamos a elas uma pequena montagem com imagens e fatos²⁴ das ações passadas. As reações delas com a montagem foram emocionantes, ver-se na tela, rever o que fizeram lembrar aqueles momentos misturaram-se com vergonhas, alegrias, espantos e risadas, numa grande necessidade de comentar com o outro as cenas que viam compartilhar de alguma forma as sensações e emoções sentidas naquele instante, perceber o que não haviam visto anteriormente entre outros comportamentos e sentimentos.

²³ Estudante do curso de Pedagogia da FAGED/UFU e bolsista do programa PIBID.

²⁴ Essa montagem teve duração de 3 minutos.

Ao pensar na terceira atividade, refletimos sobre a anterior, o que havia dado certo e errado, o que faltou, o que precisava ser retirado, diminuído ou acrescentado. Observamos que a maioria das crianças não desenhou o proposto, mas desenhou o que faziam o dia todo, outras desenharam coisas do cotidiano como uma casa, um carro. De certa maneira as crianças tinham razão, como separar o dia em manhã, tarde e noite, talvez essa divisão temporal não fizesse sentido para elas, prevalecendo o dia como um todo, o que fazemos de manhã pode só fazer sentido se complementarmos a tarde e finalizarmos com a noite.

Com isso, antes de pensarmos a terceira teimosia, refletimos todas essas questões e ações e fizemos algumas perguntas simples, mas que nortearam todas as atividades com as crianças no âmbito da pesquisa: qual é o objetivo dessa pesquisa? O que queremos saber das crianças? O que pretendíamos obter com cada atividade realizada? E assim, chegamos a algumas conclusões: queríamos saber onde o brincar e o brinquedo principalmente os brinquedos tecnológicos apareciam no cotidiano das crianças, para que pudessemos compreender as relações dos brinquedos e principalmente dos tecnológicos com o aprendizado; enfatizaríamos as ações das crianças, o que elas sabiam fazer, falar um pouco mais sobre o que mais gostavam de fazer no dia a dia para que as brincadeiras e os brinquedos pudessem aparecer nas suas experiências; tentaríamos fazer as atividades em que as crianças pudessem se enxergar em outros ângulos, se verem fazendo e que pudessem falar sobre suas experiências e de si mesmas. Segue abaixo o planejamento apresentado à professora Bela do terceiro dia de ações com as crianças:

TEIMOSIAS DA IMAGINAÇÃO

3ª Atividade com as crianças: As crianças se vendo fazendo, imaginando, cantando, sendo. 04/03/2013 segunda-feira

OBJETIVO: Expor os desenhos na sala; conversar com as crianças sobre o que elas fazem durante todo o dia; apresentar um vídeo com as fotos das crianças, imagens da produção de segunda-feira passada; utilizar outro ambiente para conversarmos sobre o que fazem, gostam ou não de fazer durante todo o dia.

JUSTIFICATIVA: As crianças gostam de se ver fazendo, e mostrar as produções, os desenhos, conversar sobre tudo o que aconteceu na semana passada e sobre elas, seu dia-a-dia, a rotina é uma forma de continuarmos as nossas tentativas de conhecer as crianças.

AÇÃO:

1º Momento: chegar à sala mais cedo, organizar as cadeiras para que fique de frente ao Datashow, preparar a filmadora e a câmera, expor os trabalhos das crianças nas paredes da sala.

2º Momento: receber as crianças na sala; fazer uma atividade que possa trazer boas energias para iniciar ações com as crianças.

3º Momento: pedir que sentem nas cadeiras e explicar sobre o que vamos fazer naquela ação e dar início.

4º Momento: Entregar uma cópia da música EU do CD PALAVRA CANTADA e colocar a música pedindo às crianças que tentem acompanhar a letra.

4º Momento: Perguntar as crianças se elas tem mais alguma coisa para dizer sobre os desenhos que elas fizeram.

5º Momento: Ir com as crianças para o Quiosque para conversarmos mais um pouco sobre suas ações durante o todo o dia, o que fazem? O que gostam de fazer? O que não gostam? Como brincam? Do quê? Quais os brinquedos elas tem? (Anexo da Nota de Campo, 04/03/2013).

De maneira geral, começamos as ações com as crianças fazendo um mural com os desenhos-escritas para que elas as vissem nos trabalhos; apresentamos o vídeo com a montagem; entregamos uma cópia da música *Eu do CD Palavra Cantada*, para que as crianças pudessem perceber melhor o que é pensar sobre si e sobre a história de vida, colocamos o vídeo *clip* da música e fomos cantando e acompanhando a letra. Depois, convidamos as crianças a verem de perto os desenhos, elas comentaram entre si sobre os desenhos e então fomos para o quiosque da escola, brincamos de o mestre pediu e depois sentamos em roda e cada um contou um pouco mais sobre a rotina e o que gostavam de fazer. Despedimos-nos e voltamos para sala de aula. Toda essa atividade durou 60 minutos aproximadamente.

A alegria das crianças ao ver as suas produções, as imagens e o vídeo confortava-nos do desgaste pela instabilidade do trabalho nessa escola. Encontrávamos dificuldades em usar o datashow, o vídeo e a extensão no tempo e hora pré-estabelecidos. Cada dia era um dia. O trabalho com as crianças acontecia, muitas vezes entre bastidores conflituosos e relatar esses detalhes dos bastidores contribui para um maior esclarecimento sobre os desafios e as possibilidades da presente pesquisa. Na Nota de campo produzida em relação à terceira atividade proposta por nós com as crianças, registramos sobre essas instabilidades na escola:

NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças

04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira

Hoje, segunda-feira, cheguei à escola às 12h35min e já fui para sala montar o data show, organizar as cadeiras, pendurar os desenhos das crianças e testar o som. Ao montar o datashow percebi que a tomada não entrava nas tomadas da sala, fui à procura do nosso colaborador, professor de artes, e ele prontamente me indicou a funcionária da escola que cuida da biblioteca para que pudesse me emprestar um adaptador. Acompanhei a funcionária e por sorte a escola tinha um adaptador para nos fornecer, então voltei para sala para terminar de arrumar o espaço e tive que me apressar para finalizar antes das crianças chegarem. Percebi que a imagem do datashow estava pequena quando projetada, então, novamente precisei da ajuda do professor de artes, a solução era afastar o datashow, assim a imagem aumentaria. Assim que toda a parte eletrônica estava pronta, faltando poucos segundos para as crianças chegarem, peguei os trabalhos das crianças e afixei no quadro negro na lateral da sala.

OBS: Não queria pregar no quadro os trabalhos das crianças, queria que ficasse mais baixo ao alcance dos olhos e das mãos delas, mas como tudo foi tão atrapalhado, tantos problemas a serem solucionados e o tempo curto demais, não tive escolha, coloquei no

quadro negro. De uma próxima vez, vou chegar ainda mais cedo, as 12h00min e tentar pensar nos possíveis problemas que poderiam acontecer.

A reação das crianças quando entraram na sala de aula e viram ali o datashow, os seus desenhos-escritas pregados no quadro, as carteiras afastadas e apenas as cadeiras em meio círculo de frente para a projeção do datashow foi de espanto, alegria e emoção. Abraçavam-me e queriam saber o que faríamos naquele começo de tarde. É preciso lembrar que no primeiro, segundo e nesta terceira atividade proposta por nós com as crianças, não havia ainda as bolsistas do grupo GEPECPOP para auxiliar-nos nos registros das imagens, coordenávamos as atividades e registrávamos os acontecimentos por meio de fotografias e filmagens; algumas vezes a professora Bela se ofereceu para ajudar-nos com os registros e aceitamos prontamente. Fomos aprendendo ao longo das ações com as crianças que para desenvolver atividades com elas é preciso ajuda de pelo menos outra pessoa. Mas nesta altura do trabalho, estávamos aprendendo ainda as melhores maneiras de construir com elas e ao mesmo tempo registrar as atividades realizadas. Abaixo apresentamos algumas fotografias das crianças quando viram suas produções e o vídeo sobre elas:



FOTOGRAFIA 29 - Crianças da turma Crianças Maravilhosas assistindo ao vídeo sobre elas. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças

04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira

Quando as crianças chegaram ficaram surpresas com a disposição das carteiras (coloquei só as cadeiras das carteiras voltadas para o datashow em meio círculo), primeiro pendurei os desenhos-escritos que haviam produzidos no quadro de giz e quase todas as crianças foram ver os desenhos e depois se sentaram nas cadeiras.

OBS: As crianças ficaram surpresas quando chegaram à sala, com os olhos arregalados, tentava entender o que aconteceria ali, qual seria a ação.

Perguntei a elas o que nós veríamos, e quase todas responderam que eram as imagens e as filmagens que fizemos na segunda-feira passada. Então eu não disse nem que sim nem que não, falei com eles que nós descobriríamos naquele instante sobre o que tratava o vídeo.

Quando o vídeo começou a passar, as carinhas das crianças me deixaram emocionada. Ficaram felizes, envergonhadas, risonhas, sérias, gostavam de se ver e também de verem os outros. Elas riram muito, se divertiram, se expressaram. Muitas ficaram com vergonha, mas houve quem não se envergonhasse.

Depois da exibição do vídeo, das reações, das emoções ao se verem num outro ângulo, de outra maneira, entregamos uma cópia da música *Eu*, de Paulo Tatit do CD *Canções Curiosas*²⁵, para cada criança e apresentamos o videoclipe para seguirem com a canção. A

²⁵ **(Música EU - CD Palavra Cantada)**

Perguntei pra minha mãe: "Mãe, onde é que ocê nasceu?"

Ela então me respondeu que nasceu em Curitiba

Mas que sua mãe que é minha avó

Era filha de um gaúcho que gostava de churrasco

E andava de bombacha e trabalhava no rancho

E um dia bem cedinho foi caçar atrás do morro

Quando ouviu alguém gritando: "Socorro, socorro!"

Era uma voz de mulher

Então o meu bisavô, um gaúcho destemido

Foi correndo, galopando, imaginando o inimigo

E chegando no ranchinho, já entrou de supetão

Derrubando tudo em volta, com o seu facão na mão

Para o alívio da donzela, que apontava estupefata,

Para o saco de batata, onde havia uma barata

E ele então se apaixonou

E marcaram casamento com churrasco e chimarrão

E tiveram seus três filhos, minha avó e seus irmãos

E eu fico imaginando, fico mesmo intrigado

Se não fosse uma barata ninguém teria gritado

Meu bisavô nada ouviria e seguiria na caçada

Eu não teria bisavô, bisavó, avô, avó, pai, mãe, não teria nada

Nem sequer existiria

Perguntei para o meu pai: "Pai, onde é que ocê nasceu?"

Ele então me respondeu que nasceu lá em Recife

Mas seu pai que é o meu avô

Era filho de um baiano que viajava no sertão

E vendia coisas como roupa, panela e sabão

E que um dia foi caçado pelo bando do Lampião

Que achava que ele era da polícia um espião

E se fez a confusão

E amarraram ele num pau pra matar depois do almoço

E ele então desesperado gritava: "Socorro!"

E uma moça apareceu bem no último instante

maioria das crianças não se interessou pela folha impressa, até porque muitas ainda não sabiam ler, já o videoclipe foi muito bem aceito pelas crianças. Riram, ficaram espantadas, comentavam uns com os outros sobre as imagens do clip. Percebendo que as crianças não acompanharão a música pelo papel, coloquei novamente a canção sem o vídeo e começamos a cantar junto com a música e convidamos as crianças para também cantarem. A dificuldade delas em ler e compreender o que estava escrito foi o que mais as impediu de seguir a canção com a letra impressa.

NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças

04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira

Depois das fotos, foi um clip de uma música do CD PALAVRA CANTADA, Música: EU. Conta à estória de como o violeiro e cantor nasceu. Quem eram seus avós, os pais até chegar ao nascimento do cantor. Este vídeo retomou a ideia da introspecção, do eu, de onde vim quem é minha família. As crianças gostaram, houve em todas as ações um problema que não foi dos maiores. As caixas de som que levei não ficaram adequadas ao ambiente. O som ficou baixo e as crianças reclamaram muito de não estarem escutando as falas, a música, com razão. Foi um ponto para pensarmos e providenciarmos uma boa caixa de som para resolver este problema de áudio. Entreguei para todas as crianças uma folha com a letra da música EU, coloquei a apenas a música e fui lendo e cantando com eles. A letra foi uma tentativa das crianças poderem acompanhar a melodia. Em seguida, foram à filmagem das crianças explicando os seus desenhos.

OBS: As crianças ficaram com os olhos arregalados quando viram elas e os seus colegas nas imagens. Risos, comentários sobre os movimentos da cena, comportamentos de envergonhamento pela exposição. Algumas crianças tentaram se esconder, abaixaram à cabeça, outras ficaram sérias, outras sorriram muito, mas não houve quem não tivesse gostado de ser mostrada no vídeo. A alegria nos olhos, nas atitudes delas com o vídeo foi uma demonstração de que estávamos no caminho...

Depois do vídeo, perguntei as crianças o que mais havia na sala de aula além dos equipamentos de áudio e vídeo. Elas então disseram sobre os desenhos dependurados no quadro de giz. Pedi então que fossem até lá olhar os desenhos, e perguntei: "Vocês desenharam tudo o que queriam desenhar?". Algumas responderam que sim, mas muitos manifestaram a vontade de redesenhar, fazer de outro jeito e até tentaram arrancar os desenhos alegando estarem feios, então pedi a elas que deixassem suas criações e que numa outra oportunidade elas poderiam refazê-los. As crianças concordaram e então fomos para o quiosque.

E gritou pra aquele bando: "Esse rapaz é comerciante!"
E com muita habilidade ela desfez a confusão
E ele então deu-lhe um presente, um vestido de algodão
E ela então se apaixonou
Se aquela moça esperta não tivesse ali passado
Ou se não se apaixonasse por aquele condenado
Eu não teria bisavô, nem bisavó, nem avô, nem avó, nem pai pra casar com a minha mãe
Então eu não contaria essa história familiar
Pois eu nem existiria pra poder cantar
Nem pra tocar violão.

A seguir, a fotografia do momento em que eu e as crianças víamos os desenhos-escritos. Neste dia tivemos a colaboração da bolsista do PIBID e da professora Bela para filmar e fotografar as ações:



FOTOGRAFIA 30 - Crianças da turma Crianças Maravilhosas vendo seus desenhos-escritos. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Ver-se no vídeo e ver a própria produção e a dos colegas expostas na sala de aula foram grandes emoções vividas por todos nós. O grau de importância que as crianças estabeleceram com a canção *Eu* só foi percebido dias depois, numa outra atividade proposta por nós com os estudantes, na qual será devidamente apresentada mais a frente. A ideia de expor os desenhos-escritos fez diferença neste dia. Algumas queriam rasgá-los, diziam que estavam feios quando comparavam com outros desenhos, mas outras ficavam impressionadas com os seus próprios trabalhos e dos colegas.

As crianças se tocavam quase o tempo todo com tapas, empurrões e com palavras ofensivas; reuni-las em frente ao mural dos desenhos-escritos foi extenuante, algumas crianças queriam sentar-se nas carteiras, outras começaram a sair da sala, outras sentaram nas cadeiras, a dispersão foi grande. Depois dessa ação começamos a perceber que as ações com as crianças deveriam durar no máximo 50 minutos, porque as crianças se cansavam e dispersavam rapidamente.

Convidamos as crianças para irmos até o quiosque conversar sobre o que cada um gostava de fazer. No caminho entre a sala e o quiosque, sendo esta a primeira vez que

levávamos as crianças para esse espaço, todos ficaram muito agitados, gritaram pelos corredores da escola e empurravam os colegas. Percebemos que esse deslocamento criou uma grande confusão. Ao chegar ao quiosque, propusemos as crianças que fizéssemos um círculo, mas até isso foi difícil pela dispersão das crianças, houve muitos conflitos entre as crianças, entre as crianças e a professora Bela.

Assim que chegamos ao quiosque, perguntei as crianças se conheciam a brincadeira "O mestre mandou" e todas responderam que sim, então perguntei se poderíamos brincar e ao invés de chamarmos a mesma de o mestre mandou poderíamos dizer *o mestre pediu*? Elas concordaram e começamos a brincar e durante a brincadeira pedi que se deitassem no chão, depois fizemos um trenzinho e andamos e corremos em círculos. Por todos esses momentos, elas se dispersaram, agrediam-se, ou seja, não foi tranquilo. Não queremos dizer que ficar tranquilo é melhor ou o mais certo, entretanto, a violência verbal e corporal entre as crianças nesses primeiros momentos de atividades era intensa e acabava atrapalhando a sequência das ações:

NOTA DE CAMPO 11 - 3ª atividade com as crianças

04 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira

Percebi que algumas crianças logo já queriam se sentar nas carteiras, se dispersando do resto do grupo que estava vendo os desenhos. Então pedi a elas que se juntassem com o restante do grupo para irmos ao quiosque (é um lugar na escola bem fresco perto do pátio central) para conversarmos sobre os desenhos e fazer uma brincadeira. Formaram a fila e fomos. No caminho fui fazendo uma brincadeira de andar agachadinho e falando bem baixinho. Quase todos entraram na brincadeira até chegar ao quiosque. Propus então brincarmos de o "Mestre pediu", expliquei que o nome mais conhecido era o "Mestre mandou", mas que neste caso o mestre não mandava nada, o mestre pedia! Todos, cada um da sua maneira brincaram e interagiram. Fiz movimentos de dormir e deitar no chão, pedi que pulassem o mais alto que puderem, pedi que gritassem o mais alto, fiz um trenzinho que andava rápido e devagar e para finalizar uma roda onde todos se sentaram. Peguei dois cobertores e coloquei no chão para todos sentarem em cima. Ficamos bem juntinhos e então fui perguntando a cada um o que gostavam de brincar em casa. Todos falaram uns mais, outros menos, mas todos participaram da conversa. Assim, finalizei aquela ação, porém não fui embora, continuei na sala até o final, às 17h30min. Essa ação iniciou às 13h00min e terminou às 14h35min. Quando cheguei à sala, cogitei com a professora em brindar com as crianças aquela ação com pirulitos, ela então me sugeriu que entregasse na hora de ir para o recreio. Não disse as crianças porque estava dando pirulitos, foi um erro que pretendia corrigir nesta próxima ação de segunda-feira.

OBS: Cada vez mais tenho observado que as crianças tem tentado se mostrar mais, falar sobre elas, do que gostam e o que não gostam. A convivência tem criado uma cumplicidade, amizade, afetividade, carinho, respeito entre mim e as crianças.

As fotografias 31 e 32 que seguem abaixo são dos primeiros momentos da atividade no quiosque:



FOTOGRAFIA 31 - Crianças e pesquisadora no quiosque conversando sobre a brincadeira o mestre pediu. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 32 - Crianças e pesquisadora fazendo trezinho na brincadeira o mestre pediu. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Durante o tempo em que realizamos essa terceira atividade, com duração de 60 minutos, a professora Bela interrompia nossa conversa com as crianças para chamá-lhes a atenção por causa de seus comportamentos e/ou conversas. Leal (1996) interpreta esse comportamento da escola, da professora Bela, como sendo um civismo:

Sintetizando: a escola é cívica. Cívica é a história, a geografia, a organização social e política, a moral é cívica - tudo é cívico. A professora é cívica. O cabeçalho é cívico. Os torneios esportivos são cívicos. Finalmente, a escola tem uma representação de alunos - o Centro Cívico. A escola, não nos iludamos, é um instrumento de propaganda e perpetuação do Estado. A escola não pertence à nação nem ao povo. Ela é um instrumento do aparato burocrático-cívico-militar - uma das formas de dominação que pairam sobre o povo através do Estado. Quando se fala em educar pela cultura, fala-se em educar pelo que o povo produz. Ora, entender educação popular é entender educação pela cultura - educação pela prática popular (LEAL, 1996, p. 72).

Motivos que poderiam também ser apontados como possíveis causas da violência corporal, agressões física e verbal das crianças seriam: o currículo escolar que não era adequado às necessidades das crianças; a falta de estrutura física adequada às crianças para brincar; necessidade de espaços arborizados para climatizar o ambiente. Ao longo da pesquisa, fomos percebendo como nós mudamos nossos olhares das crianças, como as crianças foram aprendendo. Após realizarmos as brincadeiras no quiosque, convidamos as crianças para sentarem-se no chão e conversamos por alguns minutos sobre os desenhos-escritos e sobre o brincar e as brincadeiras que elas brincavam. Abaixo apresentamos as respostas das crianças:

QUADRO 8 - Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas. 04/03/2013

NOME	RESPOSTAS DAS CRIANÇAS
Luiza	"Eu gosto de brincar de <i>laptop</i> , no meu computador onde eu mexo no meu <i>facebook</i> , com o meu cachorrinho e andar de bicicleta".
Larissa	"Eu gosto de brincar de casinha, boneca. Eu gosto de brincar de pique esconde e pique-pegas".
Maria Letícia	"Eu gosto de brincar de pular corda, de bicicleta, de computador e também gosto de brincar com meu cachorro. No meu computador eu mexo no <i>facebook</i> , jogo no meu <i>facebook</i> ".
Isadora	"Eu gosto de brincar de bicicleta e de pique-pegas".
Isabela	"Eu gosto de brincar de patins, bicicleta, pique esconde, de casinha, brinco com meu <i>tablet</i> e com meu computador" (Estudante nova na turma).

Eduardo	"Eu gosto de brincar de bicicleta, soltar pipa mas só quando tem outro menino e também gosto de jogar futebol".
Maria	"Eu gosto de brincar de andar de bicicleta, brincar de casinha e pular corda. Eu gosto de jogar jogos no computador da minha irmã e brincar de escolinha com minha irmã" (Estudante nova na turma).
Lilian	"Eu gosto de brincar de patins".
Jéssica	Não quis falar.
Alex	"Eu brinco de pipa, futebol, videogame, bicicleta, carrinho de controle remoto".
Francisco	"Eu gosto de soltar pipa, jogar futebol e jogar jogos no computador".
Fábio	Faltou no dia.
Luiz	"Eu gosto de soltar pipa, jogar futebol, jogar basquete e jogar joguinho no celular do meu irmão".
Marcos	Não quis falar.
Iasmim	Não quis falar.
Rosana	"Eu gosto de brincar de pique esconde, de bicicleta e pular corda".
Elen	"Eu brinco de <i>laptop</i> e de boneca. No <i>laptop</i> eu brinco de fazer continha, de aviãozinho".
Jorge	"Eu brinco de videogame e futebol".
Rôse	"Eu gosto de brincar de bola, de boneca, de corda e de relóginho".
Fabíola	"Eu gosto de brincar de nadar na piscina, de pular corda, de andar de bicicleta".

Fonte: Acervo da pesquisa

Nos relatos das crianças, o brincar com brinquedos tecnológicos apareceu em 9 das 16 respostas apresentadas. Esse número representa 56, 25% da turma Crianças Maravilhosas, ou seja, mais da metade dos estudantes brincavam com algum tipo de brinquedo tecnológico. No primeiro relato, no quadro 7, as crianças também disseram sobre o que brincavam, mas dessa vez, como mostra o quadro 8, crianças como a Elen, Luiz, Francisco, Alex, Eduardo, Maria Letícia e a Luiza disseram com mais detalhes sobre as brincadeiras que brincavam. Porém, outras crianças que no quadro 7 se apresentaram com grande destreza e riqueza de detalhes sobre suas brincadeiras como a Iasmim, o Marcos e a Jéssica, desta vez, não quiseram dizer nada sobre o que gostavam de brincar, e suas vontades foram respeitadas. A seguir, as fotografias das crianças conversando comigo:



FOTOGRAFIA 33 - Crianças e pesquisadora iniciando a conversa no quiosque sobre os desenhos-escritos, o brincar e as brincadeiras das crianças. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 34 - Crianças e pesquisadora conversando sobre os desenhos-escritos, o brincar e as brincadeiras das crianças. 04/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Na fotografia 33, a estratégia foi permanecer calada até que as crianças percebessem que naquele momento, o silêncio seria a melhor maneira de começarmos a conversar. Mas não foi o suficiente, muitas ainda continuaram a conversar, outras se violentavam e/ou brincavam de lulinha. Então resolvi levantar as mãos e esperar, o que fez mais efeito, muitas crianças já começaram a perceber que precisavam ficar em silêncio, porém outras continuavam a não querer perceber a minha ação, até que a professora Bela interveio e todos ficaram quietos.

Durante a conversa com as crianças, um papo livre, falava quem queria falar, as risadas corriam soltas, as crianças entravam na frente da filmadora para fazer caretas, deitavam no pano que forrei e/ou deitavam nos muros do quiosque e/ou no chão. A todo tempo, elas estavam em movimento e eu tentando conversar com elas e filmar. Assim que todas que queriam dizer algo sobre seus brincames falaram, encerrei as ações e entreguei um pirulito, entretanto não disse as crianças o porquê de estar entregando. Ações sem reflexões e explicações, acabam muitas vezes não construindo conhecimentos. Por outro lado, por que as crianças não perguntaram por que estavam ganhando pirulitos? Pensar sobre isso foi um ponto relevante que ao longo das próximas atividades com as crianças foi sendo corrigido.

No próximo encontro com as crianças, pude perceber alterações feitas pela supervisão da escola na sala. Uma criança havia sido trocada de sala e outra nova criança já está na turma Crianças Maravilhosas. Acompanhe os relatos na Nota de campo do dia 6 de março de 2013:

NOTA DE CAMPO 12 - Uma mudança inesperada
06 DE MARÇO DE 2013 - quarta-feira

[...] Hoje quando cheguei à sala, as crianças me falaram que um dos estudantes havia mudado de sala por motivos de comportamento. Conheço a criança, e não consegui compreender esses argumentos apresentados. Para mim, ele era uma criança normal. Entrou outra estudante no lugar dele, uma criança que para a professora é lerda e gosta de conversar. Hoje, segunda a professora regente, por terem trocado os estudantes, a sala está mais calma. Hoje também, as crianças estão copiando, fazendo mais exercícios que o comum. Muitas crianças me perguntaram se haveria surpresa, respondi que todas as ações seriam feitas apenas na segunda-feira. As crianças gostam de ajudar umas as outras e a amizade é um ponto forte nas relações delas com seus pares. Na sala hoje tinham 18 estudantes.

A atitude das crianças de perguntar se haveria surpresa e brincadeiras vai se repetir por toda a pesquisa. A impressão que tinha, era que as crianças estavam começando a me relacionar com ações que promoviam prazer, bem estar, alegria, imaginação e sentimentos. O não naquele momento, não era hora de brincar, a hora de brincar é toda segunda-feira, de certa

forma repeti atitudes de adultos quando dizem às crianças que brincadeira tem hora! O brincar na escola está muito mais relacionado ao adulto que à criança, pois para brincar é preciso que a pessoa grande permita a brincadeira. Sabemos que as crianças burlam as regras, sobrevivem do jeito que podem e conseguem, mas essa permissão é um entrave para o brincar criativo como bem coloca Machado (2004):

O brincar criativo ao qual nos referimos implica generosidade por parte dos adultos - generosidade amorosa, compreensão do momento em que a criança está. Capaz de admitir, até mesmo, a temporalidade da vivência dessa criança (ou seja, outro momento ético e estético, não aquele em que se viveu a própria infância) (MACHADO, 2004, p. 28).

Para tudo tem sua hora? Até para brincar? O meu adulto imperativo, na ânsia de cumprir os acordos estabelecidos com a professora, à escola e a pesquisa, deixou de sentir e perceber a magnitude a pergunta das crianças. Poderia ter dito que brincaríamos no recreio, mas para chegar a esta resposta, ainda teria que passar por processos de amadurecimentos de pensamentos e sentimentos com as crianças.

Exercícios, exercícios, exercícios, era o que as crianças faziam. Neste dia das trocas dos estudantes, as crianças fizeram muitos exercícios e uma questão nos intrigou: como será a didática da professora Bela com as outras turmas do turno da manhã nesta mesma escola? Coincidentemente, quando voltei à escola, ela me chamou para mostrar o seu caderno de planejamento das crianças do primeiro ano do turno da manhã, vejam abaixo na Nota de campo:

NOTA DE CAMPO 13 - A água chegou!

07 DE MARÇO DE 2013 - quinta-feira

[...] A professora regente me mostrou o caderno de planejamento das crianças do 1º ano em que ela trabalha de manhã nesta mesma instituição. A lógica é apresentar uma cantiga de roda e a partir desta, desenvolver atividades de escrita e leitura. Ela ainda disse que canta e dança com as crianças. Então, sugeri que fizesse com esta turma as cantigas de roda, a dança e a música. Disse que iria pensar no assunto, mas não era certeza de fazer com estas crianças que precisavam de conteúdo, conteúdo, conteúdo... Porque tem prova, prova, prova... Porque este ano, no 3º ano as crianças podem reprovar, reprovar...

Há o lado da professora que é cobrada pela supervisora, diretora, secretaria de educação, sistema nacional de ensino, país. Há também outro lado, que exige um descentramento da ordem e uma sintonia de generosidade amorosa. O primeiro lado é forte, impositivo e dominador, contudo, por assim ser, devemos segui-lo rigorosamente, atropelando nossas vontades e convicções? A mediação, usar os dois pontos pode ser uma saída, mas

como fazer isso? Compreendemos a preocupação de Bela, porém a recusa em tentar fazer com as Crianças Maravilhosas ações brincantes de certa maneira, foi entendida por nós como um descrédito da mesma nas crianças.

Machado (2004, p. 32), diz que "sonha com adultos que possam conviver com o modo de ser criança sem inveja ou ciúme". Os modos de ser das Crianças Maravilhosas não eram iguais a nenhum modo de ser de quais quer criança de todo o mundo. Poderiam ser parecidos, mas não iguais.

O dia tão esperado chegou, segunda-feira, mais um dia de Teimosias da Imaginação. A quarta atividade com as crianças foi pensada da seguinte maneira:

TEIMOSIAS DA IMAGINAÇÃO

4ª Atividade com as crianças: Desenhando, redesenhando e imaginando

11/03/2013 segunda-feira

OBJETIVO: Ver um vídeo sobre as ações passadas; fazer uma contação de história; retomar as ideias sobre o que as crianças mais gostavam de fazer; redesenhar ou/e desenhar sobre o que mais gostam de fazer e sobre o desenho feito no 2º dia de teimosia; falar sobre os desenhos utilizando um ambiente fora da sala.

JUSTIFICATIVA: As crianças gostam de se ver fazendo e mostrar elas faz parte da proposta de fazer com elas, resignificando as ações. A proposta de desenhar ou/e redesenhar os desenhos produzidos no 2º dia de ação é no sentido de poder melhorar ou recriar, ou redescobrir pensamento que não puderam ser desenvolvidos nos desenhos passados e/ou desenhar algo que mais gosta de fazer serão as duas propostas que tentaremos articular com as crianças, pois não é nosso objetivo de pesquisa impor as ações para as crianças, mas construí-las, reconstruí-las junto com elas. Queremos ouvi-las e fazer com elas.

AÇÃO:

1º Momento: chegar à sala mais cedo, organizar as cadeiras para que ficassem de frente ao Datashow, preparar a filmadora e a câmera.

2º Momento: receber as crianças na sala; fazer uma atividade que possa trazer boas energias para iniciar ações com as crianças.

3º Momento: pedir que sentassem nas cadeiras e explicar sobre o que vamos fazer naquela ação e dar início ao vídeo.

4º Momento: contar a história do LINO de André Neves e depois entregar uma cópia da história para as crianças.

4º Momento: esclarecer para as crianças que faremos outro desenho onde eles poderiam refazer os desenhos que fizeram no 2º dia de teimosia ou fazer um desenho que represente o que eles mais gostam de fazer em um dia comum. Pode fazer os dois se quiserem.

5º Momento: ir com as crianças para o Quiosque para conversarmos sobre os desenhos e também fazer a dinâmica do cordão. Cada um pode dizer o que desenhou. Antes de sair com eles da sala, fazer um **combinado** com todos para que eles se organizem e todos os colegas possam falar sobre seus desenhos.

6º Momento: Entregar um pirulito como forma de brindar tudo o que fizemos juntos (Anexo da Nota de Campo, 11/03/2013).

Pelas queixas das crianças na ação passada de que gostariam de refazer os desenhos, por querermos conhecer ainda mais sobre os brincares das crianças, do que elas gostavam e os

que não gostavam de fazer, pensamos então nessa quarta atividade. Desta vez, acrescentamos a recepção com música, o combinado antes de sairmos da sala de aula e a justificativa pela entrega dos pirulitos. Acompanhem a seguir a Nota de campo deste dia:

NOTA DE CAMPO 14 - Mais um dia de atividades com as crianças

11 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira

Hoje, segunda-feira, cheguei à escola 12h24min, encontrei com a professora regente para alguns cumprimentos e já comuniquei que estava indo para a sala de aula preparar os equipamentos e as carteiras. Montei o datashow, testei o som que por sinal ficou muito bom e organizei as carteiras em meio círculo de frente para a projeção. Coloquei a música My Girl na voz do grupo Patu Fu para receber as crianças. Fiquei na porta vendo elas se aproximarem, o professor regente de educação física de outra turma passou por mim e disse: "Que coisa boa ser recebido com música, vou entrar aí!".

OBS: Fiquei tão feliz com a colocação do professor regente de educação física ao dizer que era bom ser recebido com música. Senti que as possibilidades de estar no caminho certo já estavam aparecendo como uma luz no fim do túnel. Quando as crianças foram se aproximando e já conseguiam ouvir a música, olhei no rosto de muitas delas, todas que consegui olhar, e uma expressão de alegria ficou estampada na maioria delas. A música My Girl fala dos sentimentos de um garoto por uma garota. Como esse garoto sente como ele sente e quais as lembranças que o remete a sua garota. Interpretei essa música, essa música me chamou a atenção pelo som, uma melodia cativante, meiga, doce, delicada, amável, afável. Queria que as crianças sentissem acolhidas com carinho, amor, ternura. Há uma parte da música que segunda a tradução em português nos diz que: **"Eu tenho o brilho do sol, Num dia nublado, Quando está frio lá fora, Para mim é como se fosse a primavera"**. Acolhimento foi um cuidado que desta vez consegui perceber que é muito importante, pelos olhares e gestos impressionados das crianças. Colocar uma música, promover um cenário diferente, ou alguma outra experiência que possa envolver os sentimentos no acolhimento com crianças é um cuidado que pretendo buscar ter nas próximas ações.

As crianças colocaram suas mochilas nas carteiras e já se sentaram nas cadeiras. Não percebi uma grande agitação entre elas, pelo contrário, ficaram mais quietas e conversaram pouco. Neste dia, havia 15 crianças. Perguntei a elas o que nós íamos fazer ali, naquele momento, elas responderam que assistiríamos ao vídeo que elas produziram na semana passada, diante dessa resposta, não disse nem que sim nem que não, coloquei o vídeo.

OBS: O olhar das crianças para as imagens me surpreendeu. Elas olhavam fixamente para as fotos e os vídeos, comentavam com os colegas, riam, faziam movimentos de querer se esconder, outros já ficaram sérios olhando fixamente para as imagens. Percebi também que todas essas reações foram diferentes das reações observadas na primeira vez que eles os viram no vídeo. Foram reações de espanto, mas um espanto menos intenso, como se aquilo já não fosse tão novidade. Percebi que as crianças gostaram mais das partes do vídeo em que estávamos brincando, em seguida a parte em que cada uma delas está descrevendo suas produções e falando sobre o que mais gostam de brincar em casa. Percebo isso, pela atenção dada pela maioria delas. Nessas cenas quase que todas as crianças olhavam fixamente para o vídeo e comentavam com os colegas e amigos os movimentos, as falas.

Durante a exibição do vídeo, aconteceu um fato novo. Um grupo de três meninas fez uma boneca com as suas respectivas blusas de frio e começaram a brincar entre elas. Faziam carinho nas 'bonecas', fizeram as garrafinhas de água como mamadeiras. Durante o vídeo, essa brincadeira se desenvolveu entre elas que se dividiam em ver o vídeo e cuidar da boneca.

OBS: Quando me dei conta dessa ação da brincadeira de boneca, as duas meninas já tinham feito suas bonecas e uma terceira já estava fazendo a sua. A professora regente que me advertiu desse movimento, porque de onde eu estava filmando não consegui ver a brincadeira das meninas. Depois que elas viram que eu estava filmando a brincadeira, chegou até mim e disseram: "Olha tia, esta é minha filhinha!". A produção das bonecas e o brincar foram autorias delas. Pode ser que as crianças já estavam associando o brincar, a criatividade, o prazer de fazer com as ações que estamos planejando com elas. Pode ser que estejamos no caminho certo, mas isso só poderá ser descoberto trabalhando cada vez mais, observando ainda mais e melhor.

Depois do vídeo, perguntei as crianças se elas gostaram e convidei a todos a sentar no chão para contar uma estória. Todos, sem exceção aceitaram a ação proposta, me ajudaram a organizar o espaço e sentaram bem pertinho de mim para ver as imagens do livro e escutar a estória do Lino de André Neves. As crianças gostaram da contação, interagiram com a estória. Logo que terminei a contação, disse às crianças que iríamos assistir a outro vídeo, mais uma vez não disse do que se tratava para fazer surpresa, assim que começou a aparecer os desenhos que elas fizeram, olharam fixamente para tela, risos, movimentos de vergonha com satisfação e alegria. Então depois do vídeo com os desenhos, disse que entregaria folhas (tipo A4) para produzirem, criarem um desenho do que gostavam de fazer num dia comum ou poderiam refazer o desenho das imagens do vídeo cujo tema foi o que faziam de manhã num dia comum. Onde sentariam e como se organizariam não foi determinado, cada criança se organizou da maneira que quisesse. Percebi que três grupos de crianças foram formados e outras duas crianças ficaram sozinhas. Durante os trabalhos, houve uma discussão entre duas crianças mais especificamente que se estendeu a um dos grupos, uma menina começou a rabiscar o rosto, os braços e os desenhos das outras crianças, elas me procuraram para relatar o fato e então quando comecei a conversar com todas as crianças da sala, essa menina violentamente deu um soco na barriga de um menino na sala. Essa menina foi há mesma que dias atrás desabafou para mim que não poderia mais morar com sua mãe, porque o conselho tutelar havia determinado. Quando aconteceu este fato violento, realmente não soube o que fazer, chamei a atenção da turma sem gritar, pedi que me ouvissem, perguntei se aquelas ações que estávamos fazendo eram erradas; que não pensei nessas atividades como uma forma de criar condições para que eles brigassem entre si e então achava melhor terminar as atividades. A menina que iniciou a confusão se isolou de todas as crianças, e toda a turma pediu que não terminasse, que eles não iriam mais brigar. Então, diante disso, resolvi prosseguir com a ação.

OBS: A ação desta vez teve duração de 3 horas, a primeira parte foi desde o início da aula até o recreio. Depois do recreio fomos para a o quiosque e demorou mais um pouco. Não consegui perceber as crianças cansadas, entediadas. Conversando com Myrtes²⁶ sobre este dia, ela disse: "Precisamos fazer ações curtas, que não entedie as crianças e cause uma sensação de quero mais, de saudade". A Myrtes está certa, e na próxima ação já em andamento de programação, será de no máximo 1 hora e 30 minutos.

Logo depois do recreio, disse às crianças que se preparassem para irmos ao quiosque. Chegando lá, distribuí os desenhos, fizemos uma roda e disse as crianças: "Gente, quero estabelecer um acordo com vocês. Vamos todos respeitar os colegas quando tiverem falando sobre o desenho que fizeram. Quem não quiser falar nada tudo bem, respeitaremos, mas precisamos manter este acordo, tudo bem? Podemos começar dessa forma?". As crianças concordaram e começa cada criança foi dizendo sobre seus desenhos, porém tive que interromper pouco tempo depois que tínhamos estabelecido o acordo. As crianças começaram a sair da roda e ir para outros locais perto dali, outras começaram a conversar entre si, juntando tudo isso causou uma desordem que estava atrapalhando as crianças que estavam dispostas a falar sobre as produções. Tive então que

²⁶ Professora da FAGED/UFU e do PPGED/UFU e Orientadora da presente pesquisa.

parar as atividades e chamar todas as crianças para conversa: "Gente, estou percebendo que o nosso acordo foi quebrado, vamos todos voltar para sala que esta atividade está encerrada por agora". A maioria das crianças ficou quieta e com um semblante de tristeza. Uma delas veio até mim, no meu ouvido acariciando meus cabelos e disse: "Tia, dá mais uma chance para eles!". Naquele momento, fiquei sensibilizada e tocada pelo pedido. Então, disse que daria mais uma chance e continuei a ouvir as crianças. Desta vez, elas se organizaram de tal forma que falaram sobre os desenhos, ficaram mais espalhadas se movimentando, mas de uma forma que não atrapalhou não se exaltaram como havia acontecido. Assim que todas as crianças terminaram, distribuí os pirulitos e desta vez disse às crianças que esta seria uma forma de brindar todas as nossas ações daquele dia. Em seguida, disse a professora regente que já poderíamos voltar para a sala. Ela então disse: "**Crianças vamos formar as filas e voltar porque hoje vocês ainda não fizeram nada!**". Fiquei então me perguntando o que seria o **nada** a qual ela se referia. Chegando na sala, as crianças tiraram os cadernos de português e iniciaram o processo do sistema educacional: cópias, muitas cópias, mais cópias... (Grifos nossos).

Receber as crianças com música foi maravilhoso. O brilho nos olhos delas, a curiosidade em saber o que iria acontecer, a alegria de ver, escutar e sentir que naquele momento algo acontecia de diferente da rotina escolar foi surpreendente.

Rubem Alves (2011), ao analisar sobre a música e os seus efeitos no homem alimenta nossas reflexões:

[...] o corpo é um ser musical. Ele só entende a linguagem da estética. "O organismo é uma melodia que se canta", diz Merleau-Ponty citando o biólogo Uexküll. Também Bachelard tinha consciência da textura musical do corpo. E ele observa que, muitas vezes, é "no inverso da causalidade", "na *repercussão (retentissement)*" que se encontram "as verdadeiras medidas do ser de uma imagem poética." Nessa repercussão, "a imagem poética terá uma sonoridade de ser." O corpo, tocado por uma imagem poética, repercute, ressoa, vibra. Que estranho poder essa da imagem poética, coisa etérea, de mover o corpo! Fernando Pessoa descreve esse acontecimento num poema maravilhoso - combinação de música e saber, o mais completo resumo que conheço da teoria psicanalítica:

Cessa o teu canto!
Cessa, que, enquanto
O ouvi, ouvia
Uma outra voz
Como que vindo
Nos interstícios
Do brando encanto
Com que o teu canto
Vinha até nós
Ouvi-te e ouvia-a
No mesmo tempo
E diferentes
Juntas cantar
E a melodia

Que não havia
Se agora a lembro
Faz-me chorar.

As cítaras indianas possuem duas camadas de cordas. A camada superior é tocada pelo artista. A camada inferior nunca é tocada por ele. Ela vibra harmonicamente pelo poder de toque da melodia que sai da camada superior. Metáfora do corpo. O poeta fala. Sem argumentos ou provas, o corpo vibra. Essa vibração é a evidência de que o poeta falou a verdade que dormia dentro do corpo (ALVES, 2011, p.17 e 18).

A música e a reação das crianças me extasiaram, alimentaram minhas energias e vontades de continuar a construir a presente pesquisa. O som foi reproduzido pela mais nova caixa de som acústica que adquirimos para cumprir o que havíamos prometido às crianças, obter certa qualidade de som.

Antes de começar o vídeo com as imagens das crianças na atividade do terceiro dia de teimosias, as crianças cochichavam umas com as outras e ao perguntar o que faríamos, elas disseram: "Vamos para o pátio, brincar e dançar! Mas tia Grazi, só tem 14 e com você e a Bela são 16 pessoas". As crianças perceberam a falta dos seus colegas e o quanto eram importantes para completar as atividades que faríamos. A expressão das crianças ao se verem nas imagens do vídeo foi outra emoção. Depois de muitos olhares surpresos, ao final das imagens, coletivamente elas disseram: "Nossa!".

Durante a exibição do vídeo, um grupo de meninas teve a ideia de construir bonecas com blusas de frio para brincarem de ser mãe. Até mesmo as garrafinhas de água foram usadas como mamadeiras, vejam na fotografia 35:



FOTOGRAFIA 35 - Crianças brincando de boneca durante a exibição do vídeo. 11/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

O vídeo apresentado teve 35 minutos de duração, o que extrapolou a paciência e a atenção das crianças. Aprendemos com essa atividade, que um vídeo sobre as ações das crianças não poderia ser tão longo, por isso deveríamos diminuir a duração dos próximos vídeos. A brincadeira de bonecas, as conversas, as inquietudes foram reações das crianças diante do excesso de tempo do vídeo. Elas tentaram do jeito delas, burlar aquela atividade cansativa e prolongada, fazer o tempo ter mais sentido, ficar mais leve, mais prazeroso. Foram atitudes como essas das crianças que nos ajudaram a nos tornar mais próximas delas.

Em seguida, convidei as crianças para se sentarem no chão e formarem uma roda. Disse também que gostaria de contar uma história e perguntei se todos concordavam e responderam que sim. contei “A história de Lino”²⁷. Perguntei-lhes se alguém já conhecia

²⁷ Naquela manhã, Lino acordou triste. Lua havia desaparecido da loja de brinquedos. Lua era uma coelhinha branca, com uma luz que acendia na barriga toda vez que ela dava risadas. Lua gostava de apostar corrida. Lua inventava músicas legais. Lua contava lindas histórias antes de dormir. Lino e Lua sempre estiveram juntos, desde que vieram da fábrica de brinquedos. Mas agora Lua havia sumido. Lino perguntou por ela a todos os seus amigos. - Aqui, onde moramos, é assim - disse um deles - de repente alguém desaparece. O tempo passou e os dias pareciam não ter fim. Mas... Até que, num piscar de olhos, Lino foi colocado numa caixa. Ele pensou que iria desaparecer para sempre. Quando a caixa abriu, Lino encontrou uma menina que se chamava Estrela. Lino não sabia explicar, mas achou aquele nome encantador. Estrela brincou com Lino. Os dois rodopiaram de mãos dadas até ficarem tontos de se deixar cair no chão de tanto rir. Lino, aos poucos, se acostumou com aquele jeito divertido de Estrela ser. Uma noite entre tantas rodas e rodopios, voltas e reviravoltas, a menina decidiu fazer uma surpresa para o seu melhor amigo. - Antes de dormir - disse ela - vamos escutar o que a Lua tem para nos contar? Lino ficou surpreso. Fazia tanto tempo que não escutava aquele nome. Será que a Lua era feliz? Ele pensou. Estrela apagou a luz do quarto e abriu a janela. Lino quase não acreditou no tamanho da sua felicidade. Lua estava ali, com a barriga brilhando no meio daquela escuridão. Lino não escutava as risadas de Lua. Mas tinha certeza de que ela também era feliz. Porque todas as noites enquanto Estrela sonhava, Lino via pela janela Lua iluminada. Às vezes, ela até parecia sorrir no céu (NEVES, 2011).

aquela história e todos responderam que não. Perguntei se elas conheciam o autor do livro, e novamente responderam que não. Pedi às crianças que chegassem mais perto de mim, coloquei o livro no chão e fui contando/lendo a história pausadamente. Fui perguntando quem seria a Lua, e logo que a descrevi, as crianças disseram: "A Lua é uma coelhinha branca que acendia uma luz na barriga toda vez que ria". Então perguntei se todos já haviam ido a uma fábrica de brinquedos e as respostas ficaram divididas em sim e não. Uns diziam: "Lá tem carrinho de controle remoto!"; "Eu nunca fui numa fabrica de brinquedos, já fui na loja!"; "Eu também só fui na loja de brinquedos!". Perguntei ainda o que se fazia numa fabrica de brinquedos e elas imediatamente disseram: "Eles constroem brinquedos para gente comprar!".

Ao ver a Estrela, logo começaram a dizer: "O cabelo dela parece de uma bruxa!"; "Parece uma vassoura!"; "É de Bombril!". As meninas que haviam feito as bonecas durante o vídeo continuaram segurando-as enquanto escutavam e participavam da contação de história. Todas as crianças participaram, queriam saber cada vez mais o que aconteceria com Lino, Lua e Estrela; algumas se deitaram no chão, escutavam o que eu contava e palpitavam na história. Seguem a fotografia desse momento:



FOTOGRAFIA 36 - Crianças participando da contação de história, à esquerda, a menina segurando a boneca feita com uma blusa de frio. 11/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Assim que terminei a contação da história, as crianças pediram para que eu lesse alguns escritos que estavam na contra capa e na capa do livro e assim foi feito; depois as convidei para verem outro vídeo com uma coletânea de produções delas; eu não disse o que era, mas ao verem seus desenhos-escritas na tela, um silêncio se estabeleceu entre a turma.



FOTOGRAFIA 37 - Crianças assistindo ao vídeo dos seus desenhos-escritas da atividade anterior. 11/03/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.

Depois dessa surpresa, propus as crianças fazerem um desenho-escrita sobre o que elas gostavam de fazer no seu dia a dia, também disse que poderiam refazer os desenhos-escritas realizados anteriormente. Perguntei o que achavam dessa minha proposição e elas acharam uma “boa ideia!” Entreguei-lhes folhas do tipo A4, canetinhas, lápis de cor e lápis de cera e elas se organizaram para realizar os desenhos-escritas. Algumas ficaram sozinhas, outras em grupo, umas fizeram mais de um desenho-escrita, outras apenas um. Todas participaram.

Entre os desenhos-escritas das crianças, apareceram algumas semelhanças: casa, árvore, sol, nuvens e flores. A maioria das crianças desenhou casas, cercadas por elementos da natureza, mas estas três crianças cujos desenhos-escritas seguem abaixo, fizeram outras coisas:

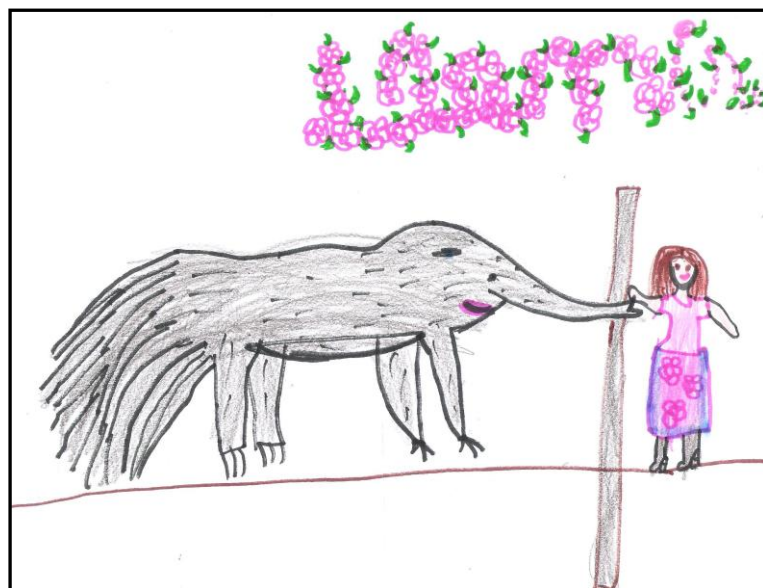


IMAGEM 14 - Isadora acariciando o seu Tamanduá Bandeira. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

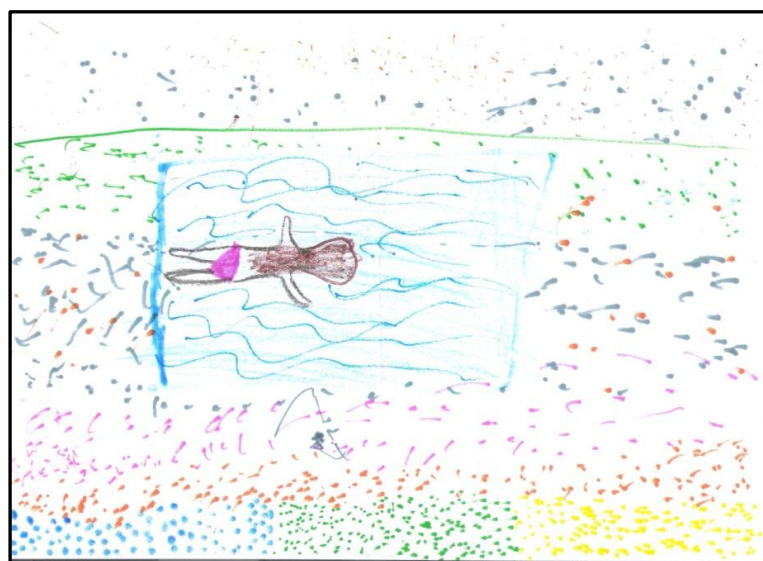


IMAGEM 15 - Isadora praticando natação. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Isadora produziu três desenhos. Ela gosta de animais. No primeiro desenho dela aqui apresentado (imagem 14) desenhou um bicho que lembra tamanduá bandeira, cavalo e o movimento de uma pessoa acariciando os animais, além das flores rosa. Na imagem 15, desenha uma criança nadando, dando a entender que também gostava de nadar.

O desenho-escrita de Francisco apresentado a seguir (imagem 16) representou, em parte, o que ele já nos havia contado em conversas anteriores, que gostava de soltar pipa e de ficar em casa, porém acrescentou o desenho de um carro.



IMAGEM 16 - As pipas, a casa e o carro do Francisco. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Isabela desenhava várias ações e ainda foi a única que colocou um título na sua produção: "Um parque lindo", tal como se pode ver na Imagem 17, apresentada abaixo:



IMAGEM 17 - O parque da Isabela. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Os elementos da natureza como a árvore, as frutas, a grama, as nuvens e o sol estão em tamanhos maiores que no desenho-escrita anterior, e especificamente o sol tem expressão facial e cabelos. Há também a separação de nível num mesmo plano, como se a árvore, o

banco, o escorregador e trepa-trepa estivessem num espaço diferente dos balanços e da gangorra. Esse foi o primeiro desenho-escrita da Isabela na pesquisa. Outro desenho-escrita é do Marcos, que em seu depoimento não menciona que gostava de carro e desenha apenas um carro, com cores fortes:

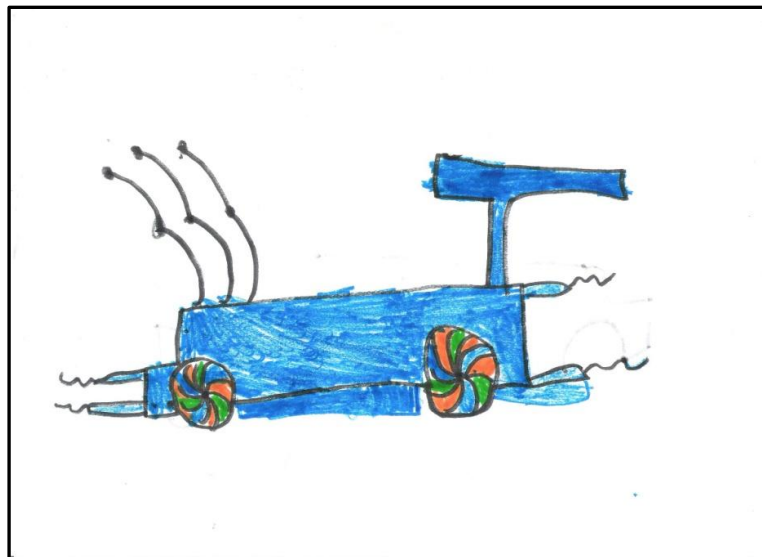


IMAGEM 18 - O carro azul do Marcos. 11/03/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Um carro azul, com rodas coloridas flutuando foi o único desenho de Marcos. Durante a construção dos desenhos-escritas, algumas crianças entraram em conflito entre si pelo uso do material de desenho disponibilizado. A ideia de que aquele material não pertencia a ninguém em específico e pertencia a todos ainda não estava bem compreendido pela maioria das crianças da turma Crianças Maravilhosas. Frases do tipo: "Isso é meu, não mexe"; "Tia, ele pegou o meu lápis" ainda eram comuns de se ouvir durante a atividade.

Depois do recreio, propus que fossemos até o quiosque para conversar sobre os desenhos-escritas produzidos e sobre algo mais que quisessem dizer. O acordo de respeitar e escutar os colegas enquanto estivessem falando, dessa vez, foi feito ao chegarmos ao quiosque. Entreguei os desenhos-escritas para as crianças e pedi que fizessem uma roda; contudo, neste momento o acordo anterior se quebrou. As crianças só fizeram uma roda e ficaram em silêncio porque a professora Bela gritou com elas. Compreendi e aceitei a atitude dela, mas ajudou-me a formar e quebrou o acordo que fora estabelecido com as crianças. Quando a roda se formou e as crianças ficaram em silêncio relembrei o acordo estabelecido no começo e recomeçamos a atividade. As apresentações das crianças sobre seus desenhos-

escritas foram diversas, algumas na apresentação disseram coisas que não estavam nos desenhos-escritas e outras descreveram o que estava no papel. Apresentamos abaixo estas falas das crianças:

QUADRO 9 - Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas sobre os desenhos-escritas produzidos.
11/03/2013

NOME	RESPOSTAS DAS CRIANÇAS
1- Luiza	"Eu desenhei um sol, o parquinho. No outro desenho eu desenhei um sol uma árvore e uma plantinha."
2- Larissa	"Eu desenhei as flores, a árvore, a nuvem, a minha casa, meu quarto, a igreja, umas flores vermelhas, amoras e o sol. Na casa que eu desenhei todo mundo tinha saído, não havia ninguém."
3- Maria Letícia	"Eu desenhei uma nuvem, o sol, a árvore, as flores, as frutas."
4- Isadora	"Eu desenhei um tamanduá e eu alisando ele. Eu também gosto de flores rosa. Eu me desenhei nadando e aprendendo a nadar."
5- Isabela	"Eu desenhei o sol e umas nuvens. Eu fiz um parquinho. Eu fiz um balanço, um escorregador, uma cadeira para sentar e essa daqui sou eu na gangorra."
6- Eduardo	"Eu desenhei o sol, o carro para eu levar para o meu pai."
7- Maria	Faltou.
8- Lilian	"Eu desenhei a nuvem, o coração, o sol, uma flor, uma árvore."
9- Jéssica	"Eu desenhei a árvore, o sol, as nuvens e o meu pai e minha mãe. Eu gosto de subir em árvores. Na casa do meu tio tem uma goiabeira."
10- Luana	"Eu desenhei um coração, um sol e a árvore." (Estudante nova)
11- Alex	Faltou.
12- Francisco	"Eu desenhei uma casa, um carro, papagaio, e o sol."
13- Fábio	Não quis falar.
14- Luiz	"Eu desenhei a nuvem, a estrela, o coração, o balão, uma pista e dois carros. Eu gosto de carro."

15- Marcos	"Eu desenhei um carro porque eu gosto de carro, e gosto da minha família."
16- Iasmim	Mudou de sala.
17- Rosana	Faltou.
18- Elen	"Eu desenhei um castelo, as nuvens, as árvores e as flores. Eu gosto de varrer o quintal, molhar as plantas."
19- Jorge	Mudou de sala.
20- Ana	"Eu desenhei uma nuvem, o sol, a casa. No outro desenho eu desenhei a ajudante, com uma flor no meio. No outro desenho eu desenhei o sol, a casa, as nuvens, um monte de passarinhos. Eu gosto brincar na árvore" (Estudante Nova).
21- Rose	Faltou.
22- Fabíola	Mudou de sala.

Fonte: Acervo da pesquisa

A ideia de começarmos a pré-estabelecer acordos e, com isso, podermos justificar a necessidade do cumprimento por parte de todos os envolvidos estava em processo de amadurecimento, reflexão e prática. Aprender a respeitar o que fora acordado começava a fazer sentido. Escutar as crianças, o que elas diziam e respeitar o tempo de fala de cada um consistiram num processo de aprendizado, tanto das crianças quanto da pesquisadora. Sobre a duração dessa ação, 3 horas, já havíamos conversado e concordamos que as atividades com as crianças não poderiam ultrapassar 1 hora e meia. Mas entre conversar, refletir e colocar em prática havia um caminho logo de aprendizado.

As crianças da turma Crianças Maravilhosas eram observadoras e percebiam quando eu me ausentava da escola por mais dias do que os de costume. Na Nota de campo do dia 15 de março foi possível observar a ligação das crianças com a pesquisadora e com a pesquisa:

NOTA DE CAMPO 15 - As crianças sentiram minha falta!

15 DE MARÇO DE 2013 - sexta-feira

Hoje, sexta-feira, cheguei à escola às 12hs 50 min. e quando estava entrando uma das estudantes do 3º ano me viu e disse bem alto: - " Oi tia! Você demorou a aparecer!". Neste momento percebi que pelo menos um estudante havia sentido a minha falta. Quando cheguei à sala de aula, vi que na verdade todas elas perceberam a minha ausência, porque vieram me abraçar e perguntar por que não tinha vindo nos outros dias

da semana (o último dia que estive com elas foi na segunda-feira, hoje sexta-feira foi o segundo dia da semana, porque tive aulas na UFU e assim, não pude estar com elas). As crianças tiveram aula de artes no primeiro horário. O professor de artes passou alguns vídeos sobre esculturas e técnicas de montagens com papéis recicláveis, eletrônicos recicláveis. Um dos vídeos que me chamou mais atenção foi a montagens de robôs, carrinhos, insetos, aeronaves, animais e outros objetos. Uma estudante da sala me viu assistindo o vídeo e disse: "Olha a cara da tia Grazi! Ela tá gostando do vídeo". Todos olharam para mim. A minha expressão era de espanto e de alegria.

OBS: As crianças nos observam a todo o momento. O professor de artes tem muita preocupação em apresentar o conteúdo de artes... Apresentar o conteúdo... Aliás, essa é a preocupação de todos os professores da escola que já tive a oportunidade de conhecer. O professor de artes assim como a maioria dos outros professores se preocupa muito em dominar as ações das crianças. Será que sempre tem que ser assim?

As crianças sempre se aproximam de mim, do notebook e perguntam: "O que você está fazendo?"; "Para que servem as teclas do notebook?". Uma estudante chegou bem próxima e me disse com uma carinha de espanto, alegria e novidade que nunca havia visto um computador desse jeito, portátil. Então perguntei a ela se conhecia aquele outro tipo de computador, o que fica parado numa mesa. Ela sorriu e disse que sim, que conhecia. Depois da aula de artes, entrou na sala o professor de educação física. Ele pediu que as crianças se sentassem para começar a conversar com elas. Até ele sentou numa carteira, ele pediu que as crianças sentassem também, ele não gritou, não se impôs, ele conversou com as crianças. Depois, perguntou quem havia trazido fotos de pessoas praticando esportes, alguns estudantes disseram que sim, mas a maioria não trouxe. Ele então separou os grupos, três grupos. Fui até a sala da vice-diretora para pegar algumas tesouras. Sentei com as crianças para ajudá-las, o professor de Educação Física também ajudou a recortar, colar, montar as figuras sobre pessoas fazendo esportes. Depois que todos já haviam terminado, o professor pediu que as crianças apresentassem suas produções para os colegas, falassem sobre os esportes das gravuras. Pedia que as crianças respeitassem os colegas e ainda perguntou se elas gostariam de falar algo mais.

OBS: Este professor, em todas as vezes que tive a oportunidade de acompanhar suas aulas com as crianças, tinha um comportamento de conversar com as crianças. E as crianças nas aulas dele ficavam mais calmas que em outras aulas.

A próxima professora a entrar na sala foi a de literatura e linguagem. Antes de a professora chegar, todas as crianças se sentaram rapidamente nas carteiras e abaixaram a cabeça. Uma delas disse para que eu também abaixasse a cabeça na carteira porque o combinado era de que todos tinham que dormir como a bela adormecida antes da professora entrar na sala, daí ela falaria uma palavra mágica e acordaríamos. Segundo as crianças, este fora um pacto estabelecido entre esta professora e os estudantes, mas quando a professora entrou na sala e viram todas as crianças, eu também, com as cabeças abaixadas, ela disse que havia se esquecido da palavrinha mágica. As crianças foram dando dicas e por fim, ela disse a palavra diretora, que era o combinado e todos desfizeram a brincadeira por falta de continuidade da professora que não cumpriu o combinado.

O combinado na aula de literatura e linguagem foi respeitado pelas crianças, porém a professora Sandra se esqueceu do combinado, mesmo assim as crianças ajudaram a professora a se lembrar da palavra mágica que era diretora. Essa atitude das crianças de dar uma segunda chance, de dar dicas para a professora lembrar-se do que fora combinado foi muito relevante

para nós e aprender tal comportamento desafiou-nos ao longo da presente pesquisa. Benjamin (2002), em suas argumentações sobre a criança, considera que:

A criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não "infantil". Muito menos aquilo que o adulto costuma considerar como tal. E já que a criança possui senso aguçado mesmo para uma seriedade distante e grave, contanto que esta venha sincera e diretamente do coração (BENJAMIN, 2002, p.55, grifos do autor).

A primeira vez que as crianças me chamaram para brincar com elas no pátio foi sensacional. Emoção a flor da pele que vale a pena apresentar a partir do excerto de uma nota de campo:

NOTA DE CAMPO 16 - A rotina escolar, negócios entre crianças, uma possibilidade de parceria e as brincadeiras no recreio!

18 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira

Hoje, segunda-feira, cheguei à escola às 12h45 min. e fui para a sala dos professores.

Hoje vieram à aula 19 crianças. A professora regente e as crianças estão trabalhando com matemática na parte de signos matemáticos para mostrar às crianças onde está a matemática. As crianças estão seguindo o livro de matemática que contém algumas ilustrações de calculadora, termômetro e relógio, demonstrando, assim, onde a matemática pode estar no nosso dia a dia. Outro exercício apresentado foi de posicionamento: o percurso de uma criança utilizando a localização por colunas e linhas. Depois, começou-se a trabalhar a ordenação.

Às 15h00min me ausentei da sala para ir até a biblioteca onde estava a acontecer uma reunião com os estudantes do PIBID do Teatro. Duas semanas atrás, havia perguntado ao professor de artes da escola sobre a possibilidade de envolvê-los na nossa pesquisa, o motivo é a preocupação em desenvolver com as crianças o brincar com o corpo, forma mais primária do brincar. As crianças têm demonstrado o quanto gostam de movimento, de brincadeiras que envolvam grupos e o corpo: o correr, pular, gritar, empurra-empurra e até as brigas de chutes e murros são provações que nos direcionam para questionamentos: por que essas ações estão acontecendo? O isso significa? Como podemos junto com as crianças desenvolver, provocar algo que possa potencializar e/ou melhorar essas reações corporais que as crianças estão apresentando? Essas observações que estou a fazer das crianças do 3º ano, podem se estender a maioria das crianças da escola pelas minhas observações. Então, fazer parcerias com estudantes que estão nesta área da performance, teatralidade, movimentos corporais e brincar com o corpo vai ao encontro das nossas propostas para as crianças. Parceria firmada. Um estudante do Teatro nos acompanhará durante alguns momentos. Logo depois que todas as questões sobre o projeto já estavam esclarecidas, o sinal do recreio soou, então interrompemos a reunião e fomos todos para a sala dos professores. A caminho do pátio, uma das crianças da sala do 3º ano me parou e disse: "Tia, vamos brincar de relógio?". Perguntei: "Ah! De relógio?" (neste momento lembrei-me daquela vez em que estávamos no quiosque conversando com todas as crianças sobre o que elas gostavam de brincar e uma delas disse que gostava de brincar de relógio, então pedi que me contassem como era essa brincadeira, por isso compreendi imediatamente a brincadeira proposta) "Sei como é!". Respondi. A menina então disse: "Então Tia, põe a sua mochila ali no cantinho e vem brincar!". Disse a ela que iria até a sala dos professores guardar minha mochila e já voltava para brincar. Quando cheguei à sala dos professores, um dos pibidianos do Teatro veio me perguntar

mais detalhes sobre o meu trabalho com as crianças. Esclareci suas dúvidas e logo quando terminei a conversa com ele, as meninas do 3º ano Crianças Maravilhosas chegaram à porta da sala e disseram: "Anda Tia, vem brincar de relóginho!". Coloquei a mochila em cima da mesa e a professora Bela me vendo fazer isso disse: "Aonde você vai Grazi?". Respondi que iria brincar com as crianças no pátio e ela disse: "Que isso Grazi, senta aí!". Mas eu fui com as duas meninas até o pátio da escola. Uma delas logo foi pegando a corda e começou a girá-la, pulamos corda, duas crianças da turma Crianças Maravilhosas, mais duas crianças de outra turma e eu.

OBS: Quando me vi ali, em meio a tantas crianças correndo de um lado para o outro, várias outras crianças brincando de basquete, de torre e copos, dama, pebolim, pique-pegas, cartas de desenhos e tantas outras brincadeiras meus olhos não foram capazes de ver tudo e nem os ouvidos foram capazes de ouvir tudo. No primeiro momento fiquei envergonhada, me senti um estranho no meio de tantas crianças, me senti um peixe fora d'água, mas isso durou apenas alguns instantes porque as crianças me acolheram.

Fui me envolvendo na brincadeira, tentei manusear a corda, mas não deu muito certo, não tinha o traquejo que as crianças tinham, mas vou aprender. Outras crianças foram se envolvendo na brincadeira e chegou um momento em que o relóginho já não estava mais legal, então as crianças já se organizaram e começaram a bater a corda para brincar de pular corda. Peguei numa ponta da corda e outra criança na outra ponta, ficamos batendo corda para muitas delas que se organizaram numa fila. De uma a uma ou de duas a duas, elas iam se organizando e entrando na brincadeira. Optei por não pular corda pelo tamanho da mesma, era menor, de um comprimento que talvez eu pudesse cair e me machucasse. Fiquei ali, em uma das pontas da corda e também comecei a contar os pulos e a falar: "Vai, mais um, mais dois, mais três... Você consegue!" [...] eu penso que foi, até agora, um dos momentos mais marcantes que tive com as crianças na escola. Foi muito especial e me lembro dele com muita saudade e alegria. O sinal da escola bateu e a brincadeira terminou, mas aquela alegria de ter participado de algo tão importante com as crianças ficou no meu coração.

OBS: [...] O momento de lanche é separado, não há uma hora em que todos se sentam juntos para lanchar, é estruturado, talvez hierarquizado, "cada um no seu quadrado". Por que este momento não pode ser coletivo? Por que todos juntos não compartilham o que comer e beber? [...] Ouço dos profissionais da escola: "Ah! são crianças! Crianças têm que ficar com crianças" ou "Ah! estou cansada, preciso de um tempinho sem crianças para me restabelecer!". Frases como esta são comuns. [...] Comer com as crianças, é também compartilhar saber e sabor. É preciso que nos acostumemos com essa ideia. Compartilhar o sabor. [...] Outra observação é que nunca vi as professoras, supervisoras, diretora e funcionários brincarem com as crianças no pátio durante o recreio. Pode ser que isso aconteça nos dias em que não estou na escola, mas até o momento ainda não vi. Por que não brincar com as crianças? As supervisoras ficam o tempo todo gritando: "Desse daí! Para de correr! Vem para o pátio! Parem de brigar! Não faça isso, não faça aqui! Vou chamar sua mãe! Vem aqui menino, menina!". Quando que essas crianças podem definitivamente pular, correr, gritar? Não pode na sala de aula, não pode no recreio, não pode na biblioteca, não pode na cantina, não pode no banheiro, não pode, não pode, não pode.... É basicamente o que eu escuto na escola. O que pode então? Será que em relação ao que podem, as crianças querem? Será que o que pode é realmente importante para as crianças? Já na sala, duas crianças vieram me perguntar se poderíamos brincar naquele momento. Eu disse: "Brincar? Brincar de quê? De dança das cadeiras? Ou...". Disse dança das cadeiras por dizer, sem intenção pré-estabelecida, mas não é que elas gostaram da ideia e quisera de imediato começar a brincadeira. Então expliquei a elas que naquele momento precisavam fazer os exercícios que a professora Bela havia determinado e que num outro momento poderíamos brincar. Elas resmungaram um pouquinho, insistiram, mas logo voltaram para as carteiras para terminar a tarefa. Já no finalzinho da aula, quando as crianças já estavam esperando os pais buscá-las, algumas crianças organizaram a dança das cadeiras e chamaram algumas outras para brincar. Pronto, a brincadeira

estava iniciada. Brincaram um pouco entre si e logo me chamaram para entrar na festa, mas neste momento os pais já chegavam e a brincadeira foi deixada para outro momento.

OBS: Como pode, uma simples ideia que passou pelos meus pensamentos ter virado realidade. Como as crianças estão abertas para as nossas sugestões. E será que nós estamos abertos assim como elas estão? Outro ponto importante também, que gostaria de deixar é que estou percebendo com as atitudes das crianças, que elas me associam a brincadeira, ao brincar. Por elas me chamarem para brincar, sempre perguntar que dia vamos brincar novamente, que dia vai ter surpresa, que dia nós vamos ver os vídeos e brincar no quiosque. Pelas as vezes que já estive na escola, as crianças durante o tempo na sala e fora dela, elas vêm conversar comigo, me chama para brincar, me envolve nas brincadeiras delas, nas conversas, me presenteiam. De uma forma, nos momentos de prazer, elas me envolvem, por isso essa ideia de que as crianças estão me associando com ações que são prazerosas para elas como o brincar.

Estar com crianças em todos os momentos, com os ouvidos e olhos bem abertos era o que eu estava aprendendo; também pude entender que estar com as crianças não se restringia a sala de aula. O pátio, a cantina, o corredor, o bebedouro, o banheiro, a biblioteca, a porta da escola e até as salas da supervisão e de coordenação da escola eram espaços potenciais para encontros delas entre si e com a pesquisadora: oportunidades de conversas, trocas e brincadeiras.

Brincar com as crianças me fez sentir como o "adulto atípico" de Corsaro (2005), posição que permite estabelecer uma relação de confiança com as crianças, trânsito livre entre elas e eu, um olhar e uma escuta cúmplice no universo da infância. Para esse autor ser aceito por crianças não é tarefa fácil e apresenta-se como testemunha de tal processo nas pesquisas que realizou.

Nos dias após essa façanha, as crianças começaram a reagir à minha presença (perguntar quem eu era) e a me convidar para brincar com elas. Embora me deixassem observar e, em muitos casos, participar até certo ponto das suas brincadeiras, minha aceitação foi gradual. No primeiro mês, as crianças eram curiosas a meu respeito e queriam saber porque eu estava lá todos os dias. Faziam muitas perguntas que seguiam uma sequência geral: "Quem é você?"; "Cê é professor?"; "Cê vai jogar um jogo com a gente?" [isto é, pedir para que participem de experimentos de pesquisa, o que acontecia rotineiramente naquela escola-laboratório]; "Cê é um pai?"; "Cê tem irmãos?". O padrão é importante aqui, pois as crianças passavam de questões gerais sobre características adultas para a última pergunta a respeito dos irmãos, isto é, uma pergunta que elas costumavam fazer umas às outras (CORSARO, 2005, p.450).

Ler os relatos de Corsaro é como voltar no tempo e viver novamente as experiências da pesquisa com as crianças. Na turma Crianças Maravilhosas, as perguntas de quem eu era, o que eu fazia na UFU e quem eram as pessoas da minha família também foram evoluindo

nessa ordem; à medida que as crianças se sentiam mais a vontade comigo e eu com elas, as conversavas se aprofundavam. Chegar a esse ponto de me convidarem para brincar com elas demorou.

Não foi imediata a aceitação da pesquisadora pelas crianças ser aceita pelas crianças ou posso dizer que a nossa relação foi se aprofundando. Corsaro (2005) explica sobre o modo pelo qual as crianças viam-no e como ele se tornou um “adulto atípico”:

Não estou dizendo que as crianças me aceitaram rapidamente como uma delas. Nos meus muitos anos de pré-escolas nunca fui visto completamente como uma das crianças. Até na Itália, onde era visto como um adulto incompetente por causa dos meus poucos conhecimentos de italiano, continuava sendo um adulto. Sou grande demais para ser uma criança, daí o apelido que surgiu quase no fim do primeiro mês, em Berkeley. Fui como um adulto diferente ou atípico - uma espécie de criança grande (CORSARO, 2005, p. 451).

Prosseguindo com a análise sobre a nossa aproximação com as crianças, apresentamos mais uma atividade, contando com a parceria das bolsistas do GEPECPOP que nos ajudaram a desenvolver as ações com as crianças.

TEIMOSIAS DA IMAGINAÇÃO 5º Atividades com as crianças: Refletir, imaginar e (re)criar relações com os outros

21/03/2013 - quinta-feira

OBJETIVOS: Observar as ações das crianças durante toda a atividade (desde a chegada até a finalização); escutar as crianças (o que elas estão pensando, as dúvidas, sugestões, inquietações); conversar com elas (sobre o que estão produzindo, por que produziram e como produziram?), o que elas podem fazer com um pedaço de barbante? Filmar e fotografar as crianças na produção das atividades; avaliar coletivamente o trabalho realizado; brincar com pirulitos na finalização da atividade.

JUSTIFICATIVAS: Iniciar as ações seguindo uma lógica de começo, meio e fim é poder tentar definir melhor os objetivos do projeto que é compreender a dinâmica das culturas infantis e o brincar das crianças no contexto escolar. [...] Organizar aqui ocorre no sentido de preparar melhor as atividades e não perder de vista os objetivos da pesquisa. O ser humano pode utilizar-se de diferentes formas para se expressar: o desenho, a escrita, o corpo e muitos materiais. [...] Essa ação não será produzida só individualmente, mas no coletivo também, para podermos avaliar e tentar entender como as crianças se organizam e se desenvolvem em grupo.

ACÃO:

1º Momento: 13h00min – Recebê-las com música. Pedir que formem uma roda no chão da sala de aula.

2º Momento: 13h25min - Pedir as crianças para se lembrarem do que foi feito no encontro passado e observar como se lembram de o que foi esquecido; o objetivo é retomar as ações passadas.

3º Momento: 13h35min – Apresentar-lhes a história do barbante e contar a história. Explicar sobre a proposta do desenho com barbantes, separar os grupos e entregar os materiais.

4º Momento: 13h50min - Produções individuais no coletivo (objetivo é observar a construção individual no coletivo, observar como ela acontece). Pedir às crianças que falem sobre o que fizeram.

5º Momento: 14h05min – Produções coletivas, amarrar os cordões e fazer um desenho único e colar (o objetivo aqui é observar a organização, a criação no coletivo, como se dão as relações em conjunto?). Pedir às crianças que conversem entre elas sobre como irão montar e apresentar a produção realizada.

6º Momento: 14h20min - Apresentação e diálogo sobre as produções infantis realizadas

7º Momento: 14h50min - Conversar sobre esta ação, se gostaram ou não, o que gostaram mais, o que pode ser diferente e o que deve permanecer (objetivo é deixar as crianças avaliarem as ações que elas mesmas fizeram com os adultos) (Anexo da Nota de Campo, 21/03/2013).

Previmos duas horas de duração para essa atividade do dia 21 de março de 2013. Já havíamos reduzido sua duração, mas ainda a considerávamos longa de acordo com a atenção que passamos a ter com o tempo das crianças muitas vezes diferente do que determina a rotina escolar ou qualquer planejamento. A ideia da utilização do barbante como possibilidade de manifestação da imaginação, do desenhar e do pensar foi algo que encontramos numa história³ sobre as linhas. Quando chegamos à escola, visualizamos que as crianças não estavam na sala de aula, elas foram deslocadas para a biblioteca por estarem reformando a sala da turma Crianças Maravilhosas.

A vivência do tempo na escola não é sempre diferente, nesse sentido, todo dia é diferente. Mesmo tendo sido nossos horários na escola previamente combinados e acordados com a Diretora e Profa. Bela nem sempre conseguíamos realizar o previsto, principalmente quando envolvia outros recursos, tais como datashow, gravador ou DVD. Podemos acompanhar um pouco dessa dinâmica na Nota de Campo do dia 21 de março de 2013 apresentados abaixo:

NOTA DE CAMPO 17 - Atividade com as crianças, parceria com estudantes do GEPECPOP e mais um dia de improviso!

21 DE MARÇO DE 2013 - quinta-feira

Hoje, quinta-feira, não cheguei sozinha na escola. Fizemos uma parceria com duas bolsistas do GEPECPOP para contribuir nas atividades com as crianças do 3º ano. Alessany e Nayara nos acompanharão nos dias de atividade com as crianças que agora serão todas as quintas-feiras. Então, como havia dito, cheguei à escola com a Alessany e já fomos para a sala de aula preparar os equipamentos de som para receber as crianças e afastar as carteiras, deixar um espaço livre para fazermos as ações da contação de história e dos trabalhos com o barbante. Assim que terminamos essa preparação, chegou à porta da sala um dos pintores que estão trabalhando na escola nos dizendo que não haveria aula naquela sala porque ele pintaria a porta de verniz. O cheiro forte do verniz poderia causar problemas para as crianças, assim as aulas aconteceriam na biblioteca.

OBS: A pintura das salas e de toda a escola além dos consertos de portas, torneiras deveriam ter sido feitos nas férias. Porém, isso não aconteceu, e agora durante as aulas

tem causado um transtorno para todos na escola, principalmente para as crianças que muitas vezes tiveram o banheiro interditado por estar em manutenção, tendo que ser usado o banheiro dos professores, com a seguinte restrição das supervisoras, reafirmada pelas professoras às crianças: "Crianças, vocês podem usar o banheiro dos professores, mas só quando estiverem muito apertadas!".

Imediatamente fui até a sala dos professores procurar a professora Bela e a encontrei no caminho vindo para o pátio formar a fila com as crianças para entrar para a sala de aula. Ela confirmou que a aula seria na biblioteca, então perguntei se as atividades que preparamos poderiam ser feitas lá. Ela disse que sim, mas só poderia acontecer depois da aula que a supervisora iria apresentar para as crianças. Segundo a professora Bela, como o próximo assunto a ser trabalhado com as crianças seria cidades, moradia, estados, município, países, a supervisora fez uma apresentação inicial sobre este tema, por sugestão da própria professora Bela e apresentaria às crianças os slides.

OBS: Quando Bela me disse isso, realmente passou pelos meus pensamentos que, talvez, não seria adequado fazer nossa atividade depois da aula da supervisora, pois as crianças estariam cansadas; entretanto, eu disse a professora que estava tudo bem e que nos encontraríamos com as crianças depois da aula da supervisora.

Chegamos à biblioteca e sentamo-nos junto com as crianças e esperamos, esperamos, esperamos, até que mais de meia hora depois, a supervisora apareceu para iniciar o seu trabalho. Ela me pediu para ir passando os slides, concordei. Logo, no primeiro slide da apresentação apareceu uma fotografia de Nova Iorque com os seguintes dizeres: **New York a cidade mais bonita e rica do mundo!**

OBS: Comecei a pensar: New York é a cidade mais bonita e rica do mundo? Mais bonita como e no quê? Mais rica do quê e por quê? O tempo todo da apresentação a supervisora dizia o que era lindo e o que era feio. Feio, segundo ela, eram as favelas. Mostrava fotos de comunidades em situação de miséria e pobreza, e dizia: "Gente, vejam essas fotos! É a maior favela do mundo, será que isso se parece com algum lugar que vocês conhecem? Olha que miséria, que pobreza! É ruim isso, não é?". Quando ela perguntou para as crianças se existia alguma semelhança entre as fotos de uma favela na África e os lugares em elas viviam, as crianças responderam que não, não havia nenhuma semelhança. Então ela insistiu: "Tem certeza? Será que não tem semelhança? Olhem para os barracos de lona!". Ou seja, ela queria de todas as formas, que as crianças aceitassem que elas moravam numa favela pobre e feia. Fiquei triste com essa aula!

Filmei e fotografei a apresentação da supervisora. Pelo que a professora Bela disse, a supervisora iria apresentar os slides a quase todas as turmas da escola. A reação das crianças era de surpresa e alegria quando viam fotos bonitas. A animação das crianças também se deveu ao jeito diferente como estava acontecendo aquele momento: na biblioteca, todas juntas, sem cobranças de cópias. As crianças ficaram o tempo todo burlando a supervisora e a professora Bela que tentavam impedi-las de conversar, se mexer e se movimentar. Quando as fotos eram de lugares feios, desumanizados e tristes, as crianças ficavam com os olhos arregalados, as vozes quase não saíam, também faziam alguns comentários do tipo: "Tadinhos!"; "Nossa que feio!" As crianças perguntavam: "Onde é esse lugar?"; "Por que é assim?". A supervisora respondia com poucas palavras sem abrir espaço para debates. Houve um momento em que a supervisora mostrou uma foto de uma cadeia e disse que também era um lugar de morar, mas só moravam ali pessoas que faziam coisas erradas, do tipo usar drogas. Então, uma criança levantou a mão e disse: "Tia, a minha tia, irmã da minha mãe, usava drogas, ela saiu de casa e a gente não viu ela mais". A supervisora disse: "Ai gente, vamos para frente, se não eu vou chorar!" Toda a apresentação durou aproximadamente 1 hora. No final, as crianças estavam muito cansadas, querendo ir ao banheiro, tomar água, com fome.

OBS: Por tudo isso que aconteceu, pelo fato das crianças estarem cansadas, com fome e agitadas, com vontade de ir logo para o recreio brincar e ver os outros colegas, a biblioteca caótica e barulhenta, com um entra e sai de pessoas, tudo levava a total dispersão e desconcentração. Fui obrigada a começar as atividades, pelo fato das crianças

não terem sala para ficar; alguma coisa deveria ser feita com elas para 'passar o tempo' até os pais virem buscá-las às 17h15min. A apresentação da supervisora acabou às 14h35min e o recreio das crianças era somente às 15h20min. A professora regente como foi pega de surpresa com o fato de não poder ir para a sala de aula, devido ao cheiro forte de tinta, não sabia o que fazer com as crianças. Assim, as atividades planejadas por nós foram transformadas em atividade que cobriu a desorganização escolar. Que fosse essa a primeira e última vez que as atividades da pesquisa fossem realizadas como remendo ou 'atividade tapa-buraco'. As crianças estavam agitadas, cansadas mental e fisicamente. Nessas circunstâncias, nossa atividade nesse dia foi mais um desgaste. Eu não queria isso! No começo, pedi às crianças que me ajudassem a afastar as cadeiras, depois nos demos as mãos, fizemos um círculo e nos sentamos. [...] Em seguida, (depois de Nayara se apresentar) a Alessany pediu que as crianças adivinhassem seu nome, mas por mais que ela tenha dado dicas, elas não conseguiram descobrir como ela se chamava, por ser um nome diferente. Em seguida, pedi aos estudantes que se apresentassem para a Nayara e Alessany. O início foi tranquilo, mas na terceira criança, as outras começaram a se levantar, conversar sobre outros assuntos com os colegas. Não conseguimos mais ouvir as crianças que se apresentavam. Então eu disse: "Gente! Estou vendo que a ideia de se apresentar individualmente não colou, então faremos uma brincadeira que é assim: eu digo o meu nome, o próximo coleguinha dirá o nome dele e o meu nome, o próximo fala o próprio nome e dos outros dois coleguinhos que disseram os seus nomes e assim por diante! Tudo bem assim? Vamos tentar?". Todos concordaram com ideia, sendo assim, começamos a brincadeira. Foi um sucesso, todos interagiram, ficavam preocupados em não esquecer os nomes dos outros colegas; a atenção e o envolvimento das crianças foram bacanas. Elas se divertiam quando os colegas esqueciam os nomes ou erravam. Foi um momento bonito que deu certo. Em seguida, pedi às crianças que contassem o que nós já havíamos feito nas outras ações. Elas disseram: "Tia, teve vídeo da gente, teve brincadeira no quiosque, a gente desenhou. Há! Teve aquela música - perguntei para minha mãe, onde é que você nasceu". Fui cantando com as crianças, relembando a música e quase todas elas cantaram. Disseram ainda que gostaram muito da música.

OBS: Gostei das crianças se lembrarem da música, dos vídeos, das brincadeiras no quiosque. Significa que essas ações de alguma forma fizeram parte de suas memórias, das relações que estamos estabelecendo. Foi motivador perceber que as crianças se lembraram das atividades!

Disse às crianças que havia trazido uma história para contar e que esta tinha tudo a ver com as nossas atividades hoje. Perguntei se elas queriam escutar essa história e concordaram, porém como já estava próximo do horário do recreio, as crianças sugeriram começar depois do intervalo. Concordei e disse que iria apenas ler sobre a autora Andréia Diogo. Fomos para o recreio. Quando voltamos para a biblioteca, reuni as crianças e disse que começaria a contar a história. Comecei mostrando a figura da capa do livro que traz uma criança pendurada numa cerca, sendo que todo o desenho foi feito com cordão. Perguntei as crianças o que seria uma linha? Elas disseram: "Ah tia, a gente usa para fazer roupas, fazer tapete, um monte de coisa!". Confirmei o que elas disseram e iniciei a história, mostrei as gravuras, e fomos conversando e comentando imagens e partes da história. Tive que interromper uma vez por que as crianças começaram a se dispersar, disse a elas que não continuaria mais. Elas ficaram quietas e pediram para eu não desistir e continuar a contar, pois elas queriam escutar. Fomos conversando sobre as imagens que o livro trazia, compartilhei com duas crianças partes da contação da história, elas leram pequenos trechos. Logo que terminamos de ler e comentar a história e pedi que fizessem três grupos de quatro estudantes e um grupo de três. Entreguei para cada grupo uma folha de papel do tipo bloco de notas em tamanho grande, e pedaços de barbante. Disse que só havia um pedaço de barbante (30 cm comprimento) para cada criança e então estabeleci a proposta: "O que a gente pode fazer com esse pedaço de barbante? Pensando nisso, vocês podem tentar fazer o que imaginarem com o barbante". As crianças tiveram um impulso de fazer algo, mas logo à maioria começou a dizer que não conseguiam que o pedaço de

barbante era pequeno, começaram a fazer de conta que estavam chicoteando os colegas com o pedaço de barbante. Pedi que juntassem os barbantes até que ficasse apenas um grande barbante em cada grupo, com esse pedaço tentariam fazer alguma coisa juntos.

OBS: No começo da ideia, elas se esforçaram, tentaram pensar em alguma coisa, mas logo começaram alguns conflitos: indecisão sobre qual desenho fazer, discordâncias de ideias, até violência física e verbal entre elas. Fiquei sem saber o que fazer diante da confusão que se estabeleceu, não gritei. Houve um grupo que estava com muitos conflitos, então me sentei com elas para fazer. As crianças se juntaram comigo e tivemos a ideia de fazer uma pipa. Foi bacana, fazer com elas, houve um envolvimento das crianças quando participei com elas.

Deixei as crianças trabalharem mais alguns minutos e assim que os grupos foram terminando, passamos pelos grupos perguntando o que haviam construído com a colagem do cordão no papel branco. Em seguida recolhi os trabalhos e perguntei às crianças o que haviam achado da atividade? E se havia alguma a ser modificado? Quando perguntei sobre o que poderia melhorar uma das crianças disse: “Parar de conversar, respeitar os colegas”.

OBS: Perguntei o que poderíamos melhorar no sentido da atividade, não foi no sentido de comportamento entre as crianças, mas esta criança entendeu a pergunta no sentido das relações (Grifos nossos).

Não poder iniciar esta atividade tal como havia sido planeja foi difícil. Somente depois de montar na sala de aula o equipamento de som, arrumar as carteiras é que recebemos a notícia de que as crianças ficariam na biblioteca. Então, desmontamos tudo e refizemos aquilo já tinha sido feito na biblioteca. Essa quebra causou uma frustração por não termos sido avisadas sobre a mudança, por termos perdido tempo com uma tarefa perdida. O desejo mais imediato quando esta mudança aconteceu foi de cancelar a atividade com as crianças, mas acabamos fazendo, mesmo contrariadas.

Durante a atividade, o momento em que as crianças lembraram ações passadas e principalmente, da música *Eu*, que havíamos ouvido juntas em atividade anterior, me encheu de motivação. As crianças confirmaram que nossas ações faziam sentido para elas e permitiam que nos aproximássemos delas cada vez mais. Relembrar o que fora feito, puxar o fio da memória e reunir fios significou continuar: um fio condutor foi se estabelecendo entre meninos e meninas da Turma Criança Maravilhosas e nós, entre uma atividade e outra. Pude relembrar que o objetivo de nosso trabalho com as crianças era compreender dinâmicas das culturas infantis e o brincar das crianças no contexto escolar; aprendi sobre a importância do fazer junto, inclusive com os adultos, para o aprendizado das crianças.

Quando comecei a ler a história Linha²⁸ de Andréa Diogo (2005), algumas crianças ficaram dispersas, não se interessaram muito. Entretanto, ao perceberem as outras estavam

²⁸ Aquela criança que desenhava? Não sei quem era, mas sei que desenho era. Aquele traço comprido e fininho na verdade não era só uma linha? Aquela linha desenhada na horizontal cochilava... Cochilava. Quando acordou, em pouco tempo se cansou e na vertical se colocou. De novo cansada, do papel escorregou. Curiosa e querendo

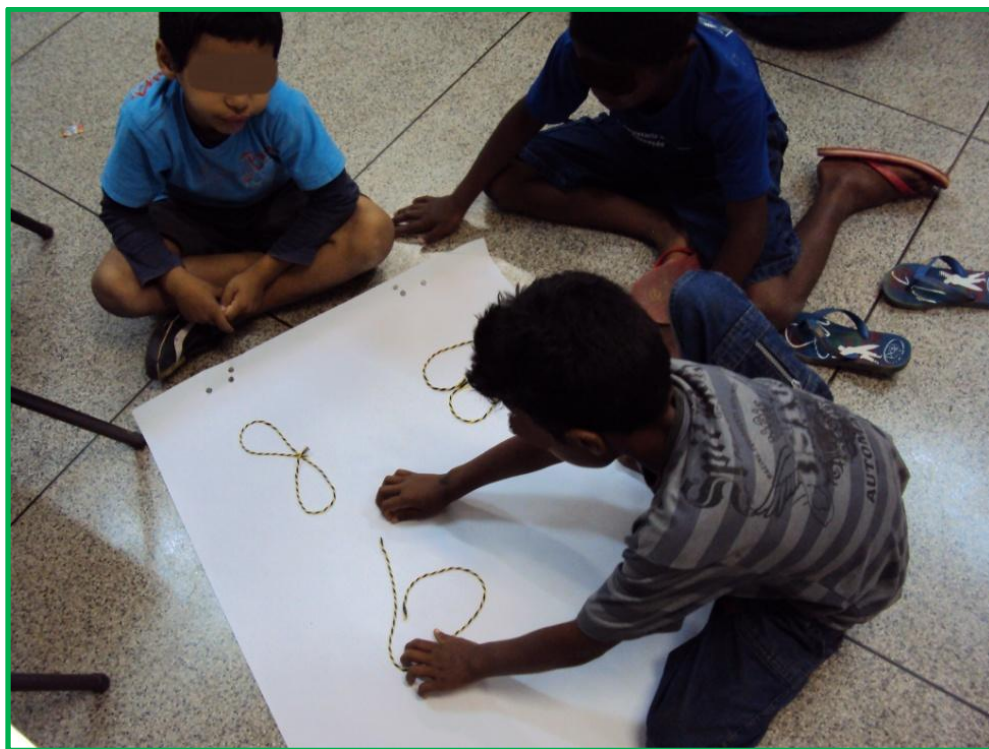
rindo e participando da história, aquelas que estavam dispersas se envolveram com a história. Comecei a ler a história pausadamente, fazendo perguntas sobre os personagens, às crianças também respondiam e faziam perguntas, junto comigo, vejam na fotografia 38:



FOTOGRAFIA 38 - Pesquisadora, bolsita do GEPECPOP e crianças participando da contação da história “Linha”. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Nessa atividade, pedi às crianças que fizessem o que quisessem com os pedaços de linha. Alguns fizeram corações, flores, figuras geométricas, outras começaram a brincar com o barbante no ar, enrolar no dedo, amarra-lo na cintura, outras começaram a bater no outro com. Enfim, usaram o barbante que receberam para fazer várias ações, inclusive para muitas brincadeiras.

de tudo participar, a linha saiu para passear. Se quando os homens andam por todos os cantos dizem que é uma andança, - Será que o passeio da linha é uma linhança? Encontrou primeiro uma balinha, a quem foi perguntar: - Se tirassem seu BA de BA-LINHA, você seria uma linha? - Não! Eu continuaria BALINHA, com nome trocado de LINHA! A linha seguia pensando: - Será que existiriam as cidades das linhas? - Será que o dinheiro seria de linha? Mas pra brincar seria só uma filinha? A linha continuou a passear, então crianças ela encontrou e com elas a brincar começou. Ia em zigue... Voltava em zague, deixando o rastro de uma linha em ziguezague. No vestido da menina a linha contornou o babado e ao passear pelas ondas ficou ondulada. Depois pegou uma carona no rabo da pipa no ar e ondas no céu foi riscar. Ondulava pra cima... ondulava para baixo, em uma linha que não se cansava de se ondular. Quando um rio encontrou, sabe como a linha atravessou? Como toda linha curva, se curvou e pela ponte ela atravessou. Como a linha era engraçadinha, lá foi ela e contornou a menininha! Mas agora ela queria ser do tamanho de gente grande. Subiu na vertical... deitou na horizontal... desceu pela vertical. Lá estava ela contornando e separando o prédio e o céu. Difícil ser coisa de gente grande! Melhor ser coisa de gente criança. Volteia... volteia, depois de tantos passeios é hora de voltar pro papel. Então ela aproveitou uma das mãozinhas e deu tchau para as criancinhas (DIOGO, 2005).



FOTOGRAFIA 39 - Crianças trabalhando com pedaços de barbantes. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Depois, entreguei-lhes cola e pedi que unissem os barbantes para produzir um trabalho em conjunto. Houve grupo que demorou a entrar em acordo sobre o que iriam fazer e quem colaria o barbante no papel; em outro grupo, o Fábio que aparece de blusa azul na fotografia acima, não conseguia se entender com os colegas e diante desse desentendimento, a Isabela disse: "Tia Grazi, é só a gente tirar o pedaço do barbante dela que está amarrado ao nosso e daí ela vai para outro grupo!" Concordei com elas e assim foi feito. O Fábio, rapidamente encontrou outro grupo, exatamente esse em que está na fotografia, amarrou o seu barbante novamente e começou a trabalhar.

As crianças compreenderam a ideia dos pedaços separados e unidos do barbante e ainda foram além, explicitaram regras para a atividade: caso não houvesse acordo entre crianças no grupo, bastava separar a parte do colega em desacordo para que ele pudesse buscar outro grupo para continuar a pensar e fazer a ação proposta. Mais uma vez, elas nos surpreenderam, pois não havíamos falado às crianças sobre essa possibilidade de solução para conflito; isso foi criação delas. Solução tão simples, constante do repertório de comportamentos humanos disponíveis, porém, nesse caso, acreditamos que a motivação para tal solução vem do comprometimento das crianças com a execução da ação proposta, misturado com o afeto que destinavam ao trabalho com pesquisadora. No dia a dia, as crianças realmente (re)produzem ideias e comportamentos, Corsaro (2005) denomina tais

comportamentos como “reprodução interpretativa”, o que significa dizer que elas não apenas repetem ações mas ao mesmo tempo em que se utilizam do repertório existente, criam e recriam ações e significados particulares. As crianças nos ensinam sobre suas brincadeiras, sobre memória, sobre relacionamentos e muito mais.

Houve um grupo, do Francisco, da Isadora e da Ana, que me chamava a todo tempo, as crianças pediam que eu os ajudasse a fazer sua produção. Por estar acompanhando todos os grupos, pensei que talvez não pudesse priorizar um, mas pela insistência dessas crianças, sentei-me com elas e começamos a pensar sobre o que poderia ser feito com o barbante. Depois de esperar as crianças falarem sobre as possibilidades como: flor, coração, borboletas, tal como nos outros grupos, e percebendo o desacordo entre elas, sugeri que fizessem uma pipa, o que foi rapidamente aceito. Umas voltinhas aqui, outra mexidinha ali, e pronto, a pipa estava lá, agora era só colar, tal como podemos observar na fotografia 40:



FOTOGRAFIA 40 - Crianças e pesquisadora construindo uma pipa com o barbante emendado. 21/03/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.

Durante a atividade surgiu uma dificuldade técnica: colar o barbante no papel não estava fácil. Muitas se impacientaram com essa dificuldade. Percebi que elas estavam cansadas. Para encerrar essa atividade, perguntei cada grupo sobre o que haviam construído.

As crianças construíram corações, flores, pipa, círculos e borboletas, ou seja, quase os mesmos desenhos-escritas feitos por elas antes de unir os barbantes.

Todos os grupos descreveram rapidamente o que haviam feito e começaram a pegar os livros da biblioteca e a folheá-los, brincar de barra-manteiga, conversar sobre outros assuntos, pedir para ir ao banheiro e tomar água. As crianças já estavam muito cansadas e com razão. Perguntei se haviam gostado das atividades e elas responderam que sim. Outras crianças como a Isadora ainda disseram: "Sabe tia Grazi, essa foi uma atividade muito diferente, eu gostei muito"; Jéssica: "Eu desenhei um coração, e o meu nome, e mais um coração. Eu adorei mais que tudo essa atividade, e minhas amigas"; Francisco: "Eu gostei, nunca tinha feito assim antes"; Luiz: "Eu não gostei de fazer nada". Perguntei a ele porque não havia gostado, mas ele se calou.

Em seguida, falei para as crianças que eu guardaria os trabalhos realizados para que numa outra oportunidade pudéssemos continuar as fazê-los acrescentando outros materiais, porém isso não chegou a acontecer por falta de tempo. Um grupinho de crianças começaram a brincar de barra manteiga no pouco tempo que faltava para todos irem embora, podemos observá-los na fotografia 41:



FOTOGRAFIA 41 - Crianças brincando de barra-manteiga depois da atividade. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 42 - Maria folheando o livro da biblioteca depois das atividades da pesquisa. 21/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

As crianças continuaram a me ensinar. Por causa desse interesse que as crianças, enquanto estavam na biblioteca, demonstraram pelos livros, pensamos em oferecer a elas uma atividade mais constante: a oferta de gibis para serem lidos no intervalo das atividades escolares e em casa. Essa atividade começou a ser pensada nesse dia em que elas trabalharam com o barbante, ao ver as crianças folheando os livros (fotografia 42), querendo levá-los para casa, quando percebi esse interesse das crianças pela leitura. Quase sempre, as crianças terminavam os exercícios antes do tempo estipulado pela professora Bela e acabavam tendo que ficar quietos, pois nem conversar era permitido: calados e proibidos de se movimentar por cinco, dez, até quinze minutos. Isso não quer dizer que as crianças precisem ficar a todo o momento fazendo alguma coisa, todavia, é preciso ter alternativas, inclusive deixar que escolham o que fazer nesses tempos livres. Assim, estávamos a pensar em alguns jogos ou livros para as crianças utilizarem nesse tempo.

Quatro dias depois, começamos a levar gibis para as crianças. Na Nota de Campo do dia 25 de março de 2013, apresentada abaixo, relatamos como foi essa experiência nova dos gibis com as crianças:

NOTA DE CAMPO 19 - Dia da revistinha em quadrinhos

25 DE MARÇO DE 2013 - segunda-feira

Durante o recreio, conversei com a professora regente sobre as revistinhas em quadrinho que eu trouxera para as crianças. Disse que a proposta era deixar as revistinhas numa mesa e na medida em que as crianças fossem terminando as tarefas, que elas pudessem folheá-las e/ou lê-las. Porém, Bela falou que dessa forma poderia causar tumulto entre as crianças, sugerindo que eu entregasse no final da aula para que levassem para casa. Concordei e assim fiz. No final da aula, chamei as crianças, disse da importância de conservar as revistinhas, cuidar bem delas para que todos os colegas pudessem ler e que na quarta-feira elas teriam que trazê-las de volta para trocar com os colegas. Assim que terminei de entregá-las às crianças, a supervisora entrou na sala para entregar um formulário para as crianças levarem aos seus pais para que eles autorizassem um passeio delas ao Parque do Sabiá. Quando viu que as crianças estavam com revistas em quadrinho nas mãos, ela disse: "Rasguem essas revistinhas e joguem fora". A professora Bela disse que as revistinhas faziam parte de meu projeto, então a supervisora disse: "Desculpa Grazi! Então devolvam para Grazi essas revistinhas". Neste momento eu disse que não precisavam me devolver, pois as revistinhas eram para elas. A supervisora acabou de distribuir as autorizações, não disse mais nada e saiu.

OBS: Por que esse comportamento da supervisora? Determinar que sem perguntar ou argumentar. Estou preparando uma caixa de lápis com borracha, cola e régua, de uso coletivo, para deixar na sala nos dias em que eu estiver com as crianças. Elas estão reclamando de falta de material escolar e trazer essa caixa seria uma forma de reforçar a convivência, a amizade e a colaboração entre elas. Por ser coletivo todos poderão usar e terão que devolver ao final da atividade. Também vou organizar o material dourado para levar nas aulas de Matemática, porque as crianças estão com dificuldades de representação simbólica e visual das quantidades, esse material também pode ajudar nos cálculos.

Um balde de água fria foi à sensação que tive quando não pude colocar em prática a nossa ideia de deixar livremente os gibis na sala de aula. Nem ao menos tentar fazer uma vez! Fiquei com a boca seca de vontade de experimentar essa ideia dos gibis na sala; entretanto, tivemos a ideia de colocá-los em cima de algumas carteiras, perto de onde eu me sentava, no fundo da sala, para que pelo menos as crianças pudessem olhá-los antes de levá-los para casa. Foi um jeito nosso de burlar um pouco as proibições que surgiram. Caso as crianças não pudessem manusear os gibis, pelo menos os veriam!

Fiquei apreensiva, dúvidas me rondaram: será que as crianças vão trazer os gibis de volta? Como elas vão cuidar dos gibis? Será que elas vão gostar? A ansiedade de chegar logo o dia das crianças trazerem os gibis foi forte, mas esse dia chegou e foi marcado por muita festa com várias surpresas, tal como se pode constatar na Nota de campo do dia 27 de março de 2013, apresentada a seguir:

NOTA DE CAMPO 20 – Mais atividades, imaginação e Páscoa!

27 DE MARÇO DE 2013- quarta-feira

Hoje, quarta-feira, cheguei à escola às 13h05 min. Trouxe os ovos de Páscoa das crianças, a caixa de som, e a caixa com material coletivo com 15 lápis, 10 borrachas, 3 régua, 4 colas, 6 tesouras e 2 apontadores. Trouxe essa caixa porque tenho observado que as crianças não trazem e/ou não têm esse material e estão sempre pedindo emprestado uns aos outros, muitas vezes deixando de copiar as tarefas por falta de lápis, borracha, apontador ou régua. [...] Ao chegar à sala, as crianças já tinham sido avisadas de que outras pessoas participariam da atividade da Páscoa hoje. As crianças vieram devolver as revistinhas que haviam pegado na segunda-feira; de 20 revistinhas emprestadas apenas 11 foram devolvidas. O estado das revistinhas era ótimo, as crianças realmente cuidaram delas tal como havíamos combinado, porém algumas crianças não as trouxeram de volta. Continuaremos com os empréstimos. Expliquei para a professora Bela sobre a caixa de material, disse que deixaria na mesa dela e que na medida em que as crianças fossem precisando poderiam pegar, mas teriam que devolver no final da aula. Disse às crianças que esse material era de todos. Passei com as revistinhas nas carteiras para que aquelas que devolveram pudessem escolher outra revistinha para levar para casa e, de novo, devolver na segunda-feira. Apenas as crianças que trouxeram as revistinhas puderam pegar outra. (...) Mas assim que trouxessem, poderiam levar outra para casa. [...] A professora Bela não tem seguido os horários previstos para as matérias, ela tem seguido um roteiro de prioridades: começou desenvolvendo com as crianças a escrita, o alfabeto e algumas operações simples de adição e subtração. As crianças já tinham o livro didático de Português e Matemática. Depois de mais de um mês trabalhando essas atividades e com xerox de exercícios, exercícios no quadro de giz, tarefas nos livros didáticos, as crianças receberam os livros didáticos de História, Ciências e Geografia e então Bela começou a desenvolver estes assuntos; segundo ela, a maioria das crianças estava com muitas dificuldades em compreender o alfabeto, escrever e reconhecer as sílabas, estavam espelhando, trocando as letras, não conseguiam resolver pequenas operações matemática do tipo: $35 + 14$. Por assim ser, Bela decidiu trabalhar apenas Português e Matemática com as crianças até que ela percebesse através de sua observação dos cadernos que poderiam desenvolver outros assuntos do currículo.

[...]

Depois do recreio, na atividade com as crianças coloquei músicas do DVD do Grupo Emcantar, do espetáculo Parangolé, fizemos um alongamento, depois eu e todas as crianças brincamos de imitar, eu dizia: "Agora eu sou um elefante!". E fazia uma tromba com as mãos e andava saltitando, as crianças também tentavam me imitar. Assim, fizemos imitações de vários animais, todas as crianças brincaram. Depois, coloquei a música "Roda carambola" e dançamos fazendo uma ciranda, batendo palmas e dançando em pares. As crianças gostaram muito, todas se envolveram na dança, cantaram e se mexeram. Em seguida, a Myrtes chegou junto com a Alessany, Ana Flávia, e logo depois chegou a Kátia, membros do GEPECPOP. Fizemos um círculo e as crianças se (re)apresentaram, assim como todos os adultos. Elas estavam agitadas, se mexiam o tempo todo, conversavam com os colegas, queriam pegar nos cabelos e nos objetos pessoais das pessoas que estavam visitando a turma. Mexiam-se o tempo todo, não se aquietavam, não conseguiam escutar e por mais que nós pedíssemos, elas pouco nos ouviam, mas quando a professora Bela pedia silêncio em voz alta dava certo por alguns instantes, depois tudo voltava a ficar como antes. Se era festa, elas estavam realmente no clima, mas em alguns momentos quando precisávamos explicar sobre a dança, ou conversar sobre a Páscoa e até na apresentação de cada um no início das atividades, não conseguimos que as crianças escutassem os colegas, muito menos os adultos. Qualquer ação já era motivo de, por muitas vezes, empurrar o colega, gritar, mexer nos equipamentos de filmagem, fotografia, som e notebook. Por que esses comportamentos são tão fortes nessas crianças em quase todos os momentos? Será possível comportar-se de outra forma? É preciso fazer algo em relação a esses comportamentos. No final, depois

de dançarmos ciranda tanto das sugeridas pela Kátia quanto das cirandas que as crianças pediram para danças (Atirei o pau no gato e Ciranda cirandinha), pedimos às crianças para fazerem um círculo e perguntamos o que elas sabiam sobre a Páscoa. Algumas disseram ser a morte de Jesus Cristo, outras o renascimento, então a Myrtes disse o que significa a Páscoa para ela e em seguida a professora Bela também quis falar um pouco. Afirmou que a Páscoa não é só ovo de chocolate, que devemos rezar pelos nossos familiares principalmente por aqueles que não estão entre nós. Depois do discurso dela, eu disse que a Páscoa é um tempo de repensar nossas ações e para sermos cada dia mais amigos, fraternos, amorosos, e que o mais importante é o carinho que temos uns com os outros, com nossos familiares e em reconhecimento a todos esses sentimentos bons, sugeri que nós todos déssemos um abraço e desejássemos uma Páscoa bem feliz para os outros. Imediatamente as crianças se abraçaram e foi um momento muito bonito naquele dia. Depois entregamos os chocolates e os ovos de Páscoa e os pais já chegavam à porta da sala para buscar as crianças. Foi tudo bem cronometrado para que pudéssemos fazer um início, o meio, e um fechamento da atividade com as crianças.

OBS: [...] A escola deu dois bombons para todas as crianças, junto com os bombons havia um pequeno lembrete dizendo: "Crianças, desejamos a vocês uma Páscoa repleta de amor. Equipe Escola Crianças Felizes". Ninguém da direção, da secretaria ou da limpeza e cozinha foram até a sala para desejar pessoalmente uma Páscoa feliz para as crianças.

A permanência da caixa de material escolar coletivo na sala de aula foi uma ação que por um longo tempo conseguimos manter contra a vontade da professora Bela, pois segundo ela, tal utilização gerava tumulto na sala de aula. Começamos colocando a caixa na mesa dela, depois passamos a colocar esse material perto de mim, até que por fim, retiramos de circulação. Não somente Bela reclamou do “tumulto” entre as crianças causadas pelo uso da caixa, outros professores também reclamaram e alegaram a mesma coisa. Apenas o professor João, de Educação Física, não reclamou. No decorrer da pesquisa, percebemos que as ocasiões em que resistimos às ordens de professores nos ajudaram a perceber as crianças por outra perspectiva, superando a ideia persistente na escola, de que aquelas crianças tinham problemas e eram problemáticas, por isso tinham dificuldade para aprender e se comportar de maneira adequada.

A seguir, apresentamos uma fotografia de crianças participando da apresentação e, ao mesmo tempo, três delas permanecem preocupadas em copiar os exercícios do quadro-negro:



FOTOGRAFIA 43 - Crianças se (re)apresentando no momento de comemoração da Páscoa e três delas copiando exercícios do quadro. 27/03/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Durante minhas observações no começo do ano letivo, percebi que as crianças, muitas delas, não conseguiam escrever corretamente palavras, trocavam letras, escreviam espelhado; no caso da matemática, não conseguiam compreender a associação do símbolo com a quantidade. Tal observação apareceu na Nota de Campo 20, de 20 de março de 2013, da qual apresentamos a seguir outro excerto:

[...]

OBS: Elas ainda continuam com estas dificuldades e penso que não é a intensa massificação de exercícios de Português e Matemática que fará as crianças aprenderem, mas a forma como é trabalhado. Deixar de apresentar a História, Ciências e a Geografia para priorizar outras áreas pode ser uma estratégia, mas também podemos pensar na interdisciplinaridade, envolver todos os assuntos que podem estar ligados. Outro ponto a se considerar é o foco da escola em ler e escrever. A preocupação da professora regente tem sentido esse, e quando pensamos que o sistema educacional tem insistido fortemente para que as crianças do 3º ano já estejam todas alfabetizadas, entende-se, segundo o sistema, que alfabetizar é ler e escrever, não se considera a importância do sentido e do significado, saber sobre o que está lendo e não apenas ler mecanicamente, saber sobre o que está escrevendo e não apenas copiar. Até que ponto ler e escrever é tão mais importante para aquelas crianças que os outros assuntos? O que realmente é mais importante para o aprender das crianças na escola? A utilização pelas crianças do material coletivo ocorreu lentamente. As crianças no começo ficaram envergonhadas, mas depois de um tempinho elas já começaram a pegar os materiais, e mesmo quem tinha o material, pegou algo porque o colega tinha pegado: imitação? O que isso pode significar nos relacionamentos das crianças na escola? A professora Bela me advertiu sobre o material coletivo na frente de todas as crianças: "Esses meninos têm que aprender a trazer material escolar. Imagina se eu venho dar aula sem giz, como que eu faço? Tá errado, vocês precisam trazer os materiais, esse material custou dinheiro. Olha lá como vocês vão usá-lo! É para tomar cuidado! Nada cai do céu de graça!". Realmente, as crianças precisam aprender a dividir e cuidar desse material. Eu disse à elas que precisavam cuidar. Elas concordaram e disseram que cuidariam. A mesma ideia foi aplicada com as revistinhas,

todos deveriam cuidar para que todas elas pudessem ter a oportunidade de conhecer as histórias. Podemos confiar nelas e construir relações de confiança.

A pressão sobre as crianças em ter que copiar e copiar; ter o caderno completo com todas as atividades era tão grande, que mesmo participando da atividade conosco, algumas delas não deixaram de cumprir suas obrigações: copiar! As crianças demonstravam querer aprender, querer fazer o que era determinado, mas às vezes, por não conseguirem compreender eram punidas. Era preferível copiar e evitar o castigo que deixar de fazer.

Na crônica de Cecília Meireles (2001), a autora fala sobre o mal de crescer e da difícil convivência entre crianças e adultos, sendo que estes tentam impor às crianças comportamentos e valores estranhos e injustos:

O mal de crescer

É um mal crescer. Crescer como a maior parte das pessoas cresce. Porque, desgraçadamente, todos os dias, se verifica a atualidade permanente daquela célebre pergunta: "Por que, sendo as crianças tão inteligentes, os adultos o são tão pouco?".

Ora, isto vem agora a propósito de uma simples reflexão, ao alcance de qualquer um.

Os adultos não podem ver uma criança correndo, que não lhe recomendem logo: "Olha que cais!". Por seu gosto, quereriam-na sentada, durante a infância inteira, se acaso não viessem a ficar preocupados de que, nessa posição, estragariam as calças rapidamente, como naquela anedota muito conhecida...

Mas, enquanto os adultos assim desejam ver a criança submetida a um interesse seu, - sem absolutamente se preocuparem em conhecer o dela, e muito menos o respeitarem, - sejam como a criança os vence em inteligência: é incapaz de exigir que façam alguma das coisas a que ela se dedica com o mais absoluto entusiasmo, e todo o seu decidido fervor.

Os adultos dizem à criança: a gente anda assim, pisa assim, olha para tal lado, faz uma casa como esta, etc. - na sua ânsia, que julgam muito louvável, de amoldar a infância plástica a um determinado tipo que lhes convém ou agrada. No entanto, a criança é incapaz de pretender que os adultos procedam segundo qualquer tipo determinado. Não dizem às mães nem aos pais, nem às avós, nem às tias que sejam diferentes do que são, - e nem se interessam por eles de modo a prejudicá-los na sua liberdade...

Muitos pais e professores gostariam (ainda nos tempos de hoje) que seus filhos ou alunos andassem sempre de livros em punho, ou de agulha nas mãos, ou de lápis entre os dedos... - todas as coisas que para o adulto são úteis, vantajosas, agradáveis, em suma.

Vejam, agora, se a alguma criança já ocorreu exigir que os adultos andassem com as mãos sujas de lama, com os bolsos cheinhos de cacos de vidro, com as gavetas recheadas de pedacinhos de papel, de figurinhas, de trapos, de fios de cor... E isso tudo são coisas que a criança acha belíssimo, de uma utilidade indiscutível, de um valor inigualável...

Os adultos ficam aborrecidos quando as crianças sobem às árvores. Mas as crianças não se zangam, por eles não subirem....

É uma desigualdade pasmosa. De um lado, a liberdade, agindo, e deixando agir... Do outro, o preconceito, o servilismo, a ideia feita, o lugar-comum e não raro a hipocrisia, não só agindo como também querendo fazer agir.... Valha-nos a independência da criança, que a salva de alguns crimes de lesa-humanidade. Valha-nos a sua própria força vital que contraria, desvia, inutiliza as más influências dos adultos, concedendo-lhe uma verdadeira imunização conta os seus maus propósitos... E, no entanto, os adultos se julgam tão superiores! Tão encarregados de mandar neste mundo, e, na medida do possível, até fora dele! As crianças, não. As crianças não estão pensando nisso. Estão vivendo, realmente, a vida. Estão sendo, legitimamente, donas deste mundo e de todos os outros, criados e incriados. Dentro da sua pequena estatura, são criaturas imensas como o próprio Criador... Estão em tudo... E nelas tudo está. Dizem que Deus criou o homem à sua imagem... Pretensões dos adultos. Criada à imagem de Deus não pode ter sido senão a criança...
(CECÍLIA MEIRELES, 2001, p. 19 e 20).

Essa crônica nos faz pensar o quanto o adultocentrismo está enraizado em nós e no mundo como um todo. As crianças nos mostravam que por mais que tivessem que obedecer a lógica da escola, copiando o exercício, não deixavam de querer participar de uma atividade diferente. No final desse dia, estando muito cansadas, as crianças se acalmaram. O abraço coletivo de feliz Páscoa nos comoveu!

No dia 1º de abril de 2013, foi um dos dias mais difíceis para mim na escola Crianças Felizes, foi o dia que eu chorei na frente das crianças e da professora Bela. Por quê? O excesso de emoções guardadas fez com que transbordassem nesse dia em forma de lágrimas. A dificuldade de trabalhar com as crianças e a intervenção constante da professora Bela me desautorizando e criando barreiras no uso do material coletivo e dos gibis me esgotou emocionalmente. A seguir apresento a Nota de Campo referente a esse dia para depois refletir sobre os desdobramentos desse evento na pesquisa.

NOTA DE CAMPO 21 – Choro e mudanças na pesquisa

1º DE ABRIL DE 2013 – segunda-feira

Hoje, segunda-feira, cheguei na escola às 12 horas e 45 minutos e fui até a sala dos professores. A professora regente já estava lá e disse que gostou muito dos ovos de Páscoa. Logo já bateu o sinal e fomos para fila encontrar as crianças, quando as vi uma das meninas da sala veio ao meu encontro e disse que o aniversário da amiga que também estuda neste 3º ano tinha sido muito bom. Elas brincaram de pular, correr, andar de bicicleta, comeram bolo de aniversário, tudo isso tinha sido muito, muito bacana! Perguntei se havia gostado do ovo que ganhou na quarta-feira e ela respondeu que sim, e que ainda tinha ovo de Páscoa, porque ela também ganhou um ovo de Páscoa dos pais.
[...]

O livro do corpo humano em 3D foi a sensação, elas ficaram com os olhos arregalados, cheio de alegria e surpresa por verem ali um esqueleto do corpo humano semelhante ao real. As crianças têm usado o material da caixa coletiva, mesmo sem uma necessidade

real, mas simplesmente pelo fato do colega estar usando o material, já é motivo para também usar. Outro motivo é por serem novos, lápis grande com ponta, régua e borracha novas; tudo isso acaba provocando um interesse maior das crianças. Em geral, as crianças preferem usar os materiais novos que os velhos ou já gastos. As crianças estão aprendendo os dias do ano com a leitura de um calendário. Os comentários da professora Bela em relação ao desempenho das crianças são muito impróprios: "Não acredito que não sabe!"; "Acorda e abre o caderno e começa a copiar o calendário, tá achando que ainda é feriado, acorda e vai copiar"; "Presta atenção, você não sabe disso?"; "Olha para frente e senta direito!"; "Cale a boca"; "O tempo não para"; "Olha a prova chegando..." [...] com a voz bem alta, gritando com as crianças. A todo o momento as crianças vêm aqui na minha mesa pegar algum material da caixa e fazem algum comentário comigo, por exemplo: "Tia, eu nasci em julho, dia 16"; "Tia, meu pai tirou a roda da bicicleta e eu tentei andar"; "Tia hoje é dia da mentira"; "Tia, fui à casa da minha tia e ganhei outro ovo, depois outro ovo e outro ovo, foram 6 ovos, mais o que você me deu foram 7 ovos!". As crianças tentavam fazer coisas diferentes, por isso davam essas fugidinhas para vir pegar um material, ir ao banheiro, apontar lápis e me dizer alguma coisa. São táticas das crianças para enfrentar o cotidiano escolar. Fomos para o recreio e fui junto com as crianças até o refeitório.

OBS: Acompanhei as crianças durante quase todo o tempo na cantina e pude observar que elas, nas relações com outras crianças, são tensas, qualquer ação é motivo de reação violenta. A fila para pegar a merenda é um caos! As crianças se empurram, gritam, socam, chutam, batem, falam palavras ofensivas e palavrões, é bem difícil ver um ambiente tranquilo. [...] A agressividade, talvez descuido, que as crianças desenvolvem com outras crianças, elas também reproduzem no manuseio do material coletivo. Com o material individual esse descuido é menor. O barulho é algo muito marcante na sala de aula da turma Crianças Maravilhosas. Quase tudo que falam é gritado. A professora bela também grita bastante com as crianças.

Hoje coloquei em prática a ideia de atribuir responsabilidades às crianças pelo material coletivo. Tenho observado que as crianças, a maioria delas, querem ajudar: entregar a revistinhas, cuidar da caixa de material coletivo, ajudar na organização da sala, varrendo-a e arrumando as carteiras. Então, de acordo com isso, combinamos que em todos os dias que eu estiver com elas, uma criança ficará responsável por cuidar da caixa de material coletivo e outra de recolher as revistinhas. Vamos observando para ver o que dá. Hoje as crianças estão mais agitadas do que o normal. Meu braço chegou a ficar todo vermelho de tanto que elas me agarraram e me puxaram na fila de entrada. Durante a aula, conflitos entre as crianças foram ficando cada vez mais acirrados. A caixa de material foi pretexto para uma confusão de empurra-empurra, tapas, murros e chutes. O caos se instaurou. A professora gritava insistentemente com as crianças, pedi às crianças que me escutassem por um minuto. Disse que estava muito triste com tudo o que estava acontecendo, materiais estragados, as revistinhas estragadas, a violência entre elas. Emocionei-me e chorei. Juntei os meu material, me despedi de todos e fui embora. Fiquei imensamente triste neste dia, mas não com as crianças, foi com o contexto daquela escola, por tudo, e não apenas pelo fato dos materiais terem sido estragados e alguns sumirem. Isso não foi compreendido pela professora. Ela usou o fato de eu ter chorado e ficado triste, para dizer às crianças que elas não tinham jeito e que não era pra eu trazer mais nada para elas porque não estavam merecendo. Ou seja, a professora Bela usou algo que aconteceu comigo contra as crianças.

Em termos da pesquisa mudanças já se mostravam em andamento. Tornava-se cada dia mais difícil observar e conviver com a rotina da sala de aula, das 13hs às 17hs. O relacionamento da Professora bela com as crianças não dava espaço para que eu pudesse

compreender o brincar das crianças no contexto escolar; ao mesmo tempo, ela intervinha na minha relação com as crianças de maneira a torná-las semelhantes às delas.

Acreditávamos que o relacionamento com as crianças poderia ser diferente e isso nos fortalecia a cada dia, nos enchia de ânimo e potência para construir. Cada vez mais pretendia construir com as crianças relações respeitadas, sentia grande felicidade quando elas me abraçavam.

Os gibis, as crianças ainda estavam aprendendo a usá-los, a cuidar deles, sabíamos que seria assim no começo, com muitos exemplares perdidos, mas acreditávamos que elas aprenderiam a cuidar deles. Ainda eram poucas as crianças que sabiam ler na turma, a maioria levava os gibis e não liam, para outras os pais e/ou responsáveis liam, todavia elas poderiam não saber ler as letras, as palavras, mas ao ver as imagens poderia potencializar a imaginação e a criação. Sabíamos que de alguma forma os gibis eram importantes, e ainda, acrescentamos uma nova ação: colocar música na hora da merenda:

NOTA DE CAMPO 22 – Música para acalmar

3 DE ABRIL DE 2013 – quarta-feira

Hoje, quarta-feira, cheguei à escola às 12h45min e fui para sala dos professores. A professora Bela já estava lá, me cumprimentou e perguntou como eu estava. Disse que já estava renovada, pronta para outra. As crianças me receberam com muita alegria, algumas disseram que ficaram tristes com o que aconteceu na segunda-feira. Mas foi só, não comentaram mais nada. Hoje elas estavam mais calmas, ontem todas as crianças da escola ganharam da Secretaria Municipal de Educação um kit escolar contendo 1 mochila, 1 borracha, 2 lápis de escrever, 1 caixa de lápis de cor, 6 cadernos de capa mole. Mesmo assim, eu trouxe a caixa com material coletivo, as revistinhas e alguns livros infantis. Uma estudante me pediu para ajudar a organizar a caixa e ajudar no que eu precisasse. Eu disse que estava tudo bem. Então ela organizou a caixa e as crianças começaram a pegar o material; por mais que tivessem ganhado os kits, as crianças pegavam o material da caixa. Hoje as crianças estão mais calmas. Conversei com a supervisora da escola sobre a possibilidade de colocar algumas músicas no refeitório na hora do recreio para todas as crianças e ela concordou.

OBS: Tive essa ideia depois de observar as crianças na hora da refeição, a violência entre elas, o empurra-empurra, os tapas, os chutes, gritavam uns com os outros, conversavam sempre em tom de voz alta, um barulho insuportável. Pensei na música, talvez com ela, as crianças poderiam se acalmar, poderiam escutar a música ao invés de gritarem ou entrarem em conflitos físicos e/ou verbais. Vamos ver se dá certa essa ideia!

Fui para o refeitório organizar o som, para que quando as crianças chegassem já estivesse tudo pronto. Arrumei a caixa de som, coloquei o cd Partipim da Adriana Calcanhoto e o cd Parangolé do Grupo Emcantar. As crianças de outras salas foram chegando, observavam o diferente, os corpos de algumas crianças começaram a se mexer no ritmo da música, as vozes das crianças começaram a ser abafadas pelo som da música, coloquei a música num volume alto para impactar as crianças. As crianças pegavam o prato com a merenda (arroz, feijão e uma mistura de ovos e cenoura) sentavam-se nas mesas e me olhavam, mexiam-se no ritmo da música, outras tentavam cantar, algumas crianças se sentaram perto de mim, outras me perguntaram se eu era professora daquela escola, algumas crianças disseram gostar de música, mas o que foi quase unânime foi à surpresa

em ver aqueles aparelhos de som, o notebook, a própria música. [...] Quando as crianças da sala do 3º ano Crianças Maravilhosas chegaram ao refeitório, me viram e viram os equipamentos e escutaram a música, saíram correndo em minha direção, vieram todos me abraçar e ficaram ao meu redor. Foi um momento muito bom! Elas começaram a mexer os corpos, ficavam com os olhos arregalados, tentavam cantar a música, fizeram um batuque na mesa. Assim que terminaram de comer, pedi que me ajudassem a levar os equipamentos para o pátio, fomos todos para lá, liguei o som, elas sentaram ao meu redor e começaram a dançar mexendo os quadris e a cabeça no ritmo da música, outras crianças de outras turmas também ficaram bem pertinho e pediram para aumentar o som, mas já estava no último volume. Quando as crianças começaram a entrar no ritmo da música o sinal bateu, as professoras começaram a chegar e filas de crianças se formaram, desliguei tudo e voltamos para sala. As crianças terminaram de copiar as atividades do quadro, a professora regente pediu para as crianças guardarem o material e só colocar o lápis e a borracha em cima da carteira, começariam, então, a fazer a prova de ciências!

O sorriso foi praticamente unânime entre todas as crianças que estiveram no recreio ouvindo música. Seus corpos se mexendo não para agredir, mas para dançar foi como se me dissessem que estavam aprovando aquela atividade. Para Bertherat (2001), o corpo é indissociável da cabeça, o que passa pelos pensamentos afetava o corpo e vice-versa. Os movimentos corporais das crianças dança me indicavam participação e convivência, significou para mim permissão para estar ali com elas e fazer parte das suas culturas. O refeitório e o pátio, nos horários do recreio, eram lugares onde pouco se via as professoras. Naqueles horários, a repressão era suspensa e o espaço era dominado pelas crianças, muitas brincavam, corriam, pulavam e gritavam, mas muitas outras brigavam e se agrediam. Quando todas as crianças estavam no pátio, a caixa de som ficou sem potência diante do barulho das crianças. Essa energia enorme das crianças, extravasada no recreio, é compreendida por nós como uma forma que elas encontram de extravasar o submetimento do corpo e dos movimentos em outros momentos da escola. O corpo dizia o que não era falado.

As revistinhas e a caixa de material seguiam a todo vapor, mesmo com a pouca aceitação de Bela. As crianças já cobravam umas das outras se estavam cuidando bem dos gibis e dos objetos da caixa. Quando eu chegava à sala, depois de me abraçarem a primeira coisa que diziam era se alguém havia estragado algum gibi e/ou levado para casa algum material da caixa. A Nota de Campo do dia 5 de abril de 2013:

NOTA DE CAMPO 23 – De novo a música, calma e animação

5 DE ABRIL DE 2013 – sexta-feira

Cheguei à sala e as crianças vieram ao meu encontro, me abraçaram fortemente e já mostraram as revistinhas que tinham trazido; porém, uma criança veio me dizer que um estudante havia rasgado uma revistinha. Depois, várias outras crianças vieram me dizer a mesma coisa, que o menino havia estragado a revistinha.

OBS: As crianças estão muito empenhadas em manter o material, não rasgar e não estragar. Por mais que esta ideia estivesse sendo aceita pelas crianças, ainda há revistinhas estragadas e materiais quebrados. As crianças estão se esforçando para conservar o material. As meninas, mais do que os meninos, estão se organizando e desenvolvendo formas para que todos consigam usar o material da caixa e ao mesmo tempo para que esse material não suma. Elas tem anotado o que cada um tem pegado emprestado, organizam as revistinhas para que fiquem a vista de todos, a todo momento organizam o material, apontam os lápis. Os meninos já se manifestaram querendo ajudar a organizar, mas as meninas são mais fortes com relação a assumir essa liderança. Tentarei organizar uma forma para que os meninos também participem.

Na hora do recreio das crianças do 3º ano Crianças Maravilhosas fui até refeitório para organizar o equipamento de som. As crianças dançaram ao som da música do cd “Música de Brinquedo” do Pato Fu. Algumas crianças me perguntaram por que não colocava som todos os dias, então eu disse que eu não estava na escola em todos os dias. Percebia que ficavam mais calmos ao som da música. Umas meninas me perguntaram se eu só tinha aquelas músicas, porque elas gostavam de funk. Respondi que eu gostava daquelas músicas, mas que poderia pensar em coloca funk.

As crianças criaram maneiras de conduzir os empréstimos do material da caixa para que soubessem quem havia pegado o que e, caso algo se estragasse, elas saberiam quem havia sido; as crianças se utilizavam dessa organização dos empréstimos como uma forma de burlar o controle da professora Bela e para me ajudar.

No refeitório, na hora do recreio, as crianças das outras salas já não se espantavam com a minha presença nem com a música, chegando até sugerir que colocasse outros ritmos e questionando o porquê de colocar música todos os dias. Cada dia mais, percebemos a música no refeitório tinha um efeito positivo no comportamento das crianças.

Continuando com os nossos aprendizados da pesquisa, tentando compreender as culturas infantis e o brincar das crianças no contexto escolar descobrimos que deveríamos construir com as crianças espaços-tempos lúdicos, possibilidades diferentes de estarmos juntos uns com os outros.

Nesse sentido, uma ideia que me ocorreu foi a criação de um *blog* onde colocaríamos fotografias das atividades realizadas, indicações de leituras, reportagens e produções variadas. O *blog* poderá se constituir num contato entre as crianças e eu além da escola. Assim, como pretendíamos construir esse *blog* com as crianças, sugerimos que elas pensassem sobre possíveis nomes para a página que foram: Aprendendo brincando; Os 22 salvadores do mundo; Aprender a estudar; Aprender a regar as plantas; Rio de Janeiro; Aprender a respeitar a mãe e o pai; Aprender a cuidar dos animais; As plantas maravilhosas; As modelos maravilhosas e os modelos maravilhosos. Fizemos uma primeira votação, onde os mais votados seriam os candidatos a eleição para nome do *blog* que já estava com o endereço eletrônico pronto (www.criancasmavilhosas.blogspot.com) para que as crianças pudessem

acessar e se certificar que estávamos falando a verdade. Esse nome do endereço eletrônico foi uma escolha nossa por gostarmos e acreditarmos nas Crianças Maravilhosas e conseqüentemente, nos inspirou para o nome fictício da turma, nesta presente pesquisa.

Dentre tantos nomes sugestivos e importantes, os três mais votados foram: Aprendendo Brincando (6 votos), Os 22 Salvadores do Mundo (6 votos) e Aprender a Estudar (3 votos), sendo os candidatos à eleição que aconteceu efetivamente semanas depois. Os demais nomes tiveram poucos votos: Rio de Janeiro (1 voto); Aprender a respeitar a mãe e o pai (nenhum voto); Aprender a cuidar dos animais (2 votos); As plantas maravilhosas (nenhum voto); As modelos maravilhosas e os modelos maravilhosos (1 voto). A seguir, apresentamos a Nota de Campo:

NOTA DE CAMPO 24 – Outro dia de atividade com as crianças

11 DE ABRIL DE 2013 – sexta-feira

[...] Quando chegamos no quiosque foi uma grande alegria, as crianças pulavam e corriam para todos os lados, mas ficavam se pegando, se empurrando e gritando muito.

OBS: Todos esses comportamentos que as crianças manifestam quando saímos do ambiente da sala de aula são maneiras, muitas vezes inadequadas de expressar indignação, emoções, medos e também o prazer de estar ali. Pode ser uma forma de se rebelar contra muitas coisas que são feitas com elas e esse momento é onde percebo que as crianças se sentem mais livres, também se comportam assim nos recreios. Fui conversando com elas e pedindo que fizessem uma roda para que pudéssemos iniciar as atividades, elas foram se acalmando, elas próprias começaram a chamar umas e outras para entrarem na roda e escutar o que se estava propondo. Elas demoraram em se organizarem, até propus que finalizássemos e voltássemos para a sala, então quando tudo estava para ser resolvida, depois de uns 10 minutos da chegada ao quiosque, a professora Bela que tinha se ausentado no começo, chegou e disse que ficaria de olho para que ninguém atrapalhasse as atividades e que as crianças que dessem trabalho seriam levadas para sala. Não tive a oportunidade de deixar as crianças se organizarem, elas não tiveram a chance de mostrar para elas mesmas que elas conseguiam construir uma roda e ouvir o outro. Não há oportunidades para as crianças.

Disse às crianças que antes da gente brincar de corre cotia, gostaria de contar sobre uma grande novidade: "Comecei a fazer um blog e nós vamos construí-los juntos. Vocês sabem o que é um blog?". As crianças gaguejaram, algumas disseram ser uma página na internet, outras que era alguma coisa para ver na internet, um menino disse que era igual ao Facebook. Então disse às crianças que tudo o que disseram estava certo e que o blog era uma página na internet, onde todos poderiam ver o que fazíamos em qualquer lugar do mundo usando a internet. Elas ficaram surpresas com a ideia do blog e então pedi que elas dissessem nomes para nosso blog e que dentre todos os nomes que elas sugerissem, escolheríamos três e na segunda-feira faríamos uma votação para decidir um nome. Foram várias as sugestões, mas apenas três foram escolhidos por nós: Aprendendo Brincando, Os 22 salvadores do Mundo e Aprendendo a Estudar. Disse-lhes que segunda-feira faríamos uma votação. Então começamos a brincar de corre-cotia e a música que aprendi com elas foi: **corre cotia de noite e de dia na casa da tia Maria, corre cipó na casa da vó, lá tem um cachorrinho chamado Toto, ele é bonitinho de um lado só, é um é dois é três acabou a sua vez, fecha o olho japonês chinês**. Foi emocionante, as crianças se envolveram e todas brincaram. No final, perguntei-lhes o que elas acharam

das atividades e responderam que gostaram muito, assim voltamos para sala de aula (Grifos nossos).

Todas as vezes que saíamos da sala de aula, renovávamos o acordo de respeitar uns aos outros, mas essa combinação ainda não estava surtindo muitos efeitos, as crianças continuavam se expressando com violência e carinho, ao mesmo tempo. Ficamos surpresos com os nomes que as crianças apresentaram como opção e como a maioria se identificou rapidamente com os três mais votados. A concentração dos votos permaneceu em três, os demais, tiveram pouquíssimos ou nenhum voto. Grande parte das crianças sabia o que as representavam e os nomes escolhidos podem dizer sobre elas, sobre suas culturas e seus mundos: Os 22 Salvadores do Mundo, Aprendendo Brincando e Aprendendo a Estudar.

Tal como combinado, na segunda-feira, dia 15 de abril de 2013, levei para sala de aula uma caixa de papel para ser a urna de votação e as cédulas para as crianças escolherem um dos três nomes selecionados anteriormente. Perguntei as crianças o que era uma eleição e apenas duas crianças responderam e disseram que era uma maneira de escolher os políticos. Perguntei também o que seria uma urna e ninguém disse nada, então expliquei que a urna era o lugar onde depositávamos os votos, registrados em pedaços de papel chamados cédulas.

Depois de tentar conversar com as crianças, percebi que elas não conseguiam parar de conversar para me escutar. Então, disse a elas que encerraríamos a atividade naquele momento, pois não estava conseguindo conversar com elas. Disse ainda que tentaríamos novamente num outro dia. Elas ficaram tristes, insistiram para que eu não desistisse, mas preferia não dar continuidade porque naquele dia elas teriam duas provas, ou seja, a causa daquela agitação provavelmente, também eram as provas que fariam.

No dia seguinte, um passeio aconteceu, fomos com as Crianças Maravilhosas assistir a peça de teatro intitulada "A árvore de todas as Histórias"²⁹ na sala de apresentações do curso de Teatro da UFU. Essa foi a primeira vez que eu e a Turma Crianças Maravilhosas saímos do espaço da escola. Apresentamos a seguir a Nota de Campo referente a esse dia de atividade com as crianças:

²⁹"A árvore de todas as histórias" é produzida e encenada pela atriz e professora do curso de Teatro da UFU Mariene Hundertmarck Perobelli e pela atriz e estudante do mesmo curso Maria Claudia Lopes. O trabalho busca estabelecer em cena o estado de potência da infância na relação entre as atrizes e as crianças que participam do espetáculo. Narrativa, musicalidade, danças e jogos teatrais são elementos desvelados em cena diante das crianças, que se percebem como co-criadoras de novos mundos inventados.

NOTA DE CAMPO 26 – Teatro na UFU, dia de muitas histórias e alegrias

16 DE ABRIL DE 2013 –terça-feira

Hoje, terça-feira, foi dia de passeio! Cheguei à escola às 12h45min e fui até a sala dos professores encontrar a professora regente e dizer que o ônibus que levaria as crianças para a UFU já havia chegado. Foi então que recebi uma notícia muito triste da professora regente: "Grazi, não tenho boas notícias! Hoje de manhã uma criança derrubou uma carteira no meu pé. Tive que ir até a UAI (Unidade de Atendimento Integrado de Saúde) e estou de atestado, não poderei ir à UFU com vocês".

OBS: Neste momento, passou um filme nos meus pensamentos do quanto havia sido difícil conseguir com que as crianças pudessem ir neste encontro. Primeiro foi à luta por conseguir financiamento para pagar o ônibus, depois a resistência da supervisora pedagógica da escola em poder achar alguém, funcionário da escola que pudesse ir com as crianças na UFU, a professora regente havia aceitado com muito custo, mas agora com esse problema de saúde. Os ventos sopram desfavoravelmente às crianças... Imediatamente, fui procurar a supervisora para relatar o fato e pedir que me ajudasse. Ela ficou surpresa com o acidente da professora regente e disse que ia tentar me ajudar. Ficou andando de um lado para outro, organizando outras coisas, falando com muitas outras pessoas, e eu atrás dela, para que ela me percebesse e não se esquecesse de resolver o nosso problema: arrumar alguém que substituísse a professora Bela no passeio. Depois de muitas idas e vindas e o tempo passando, uma professora eventual se prontificou para ir conosco. Quando estava indo para sala de aula das crianças, uma mãe veio me dizer que o seu filho havia perdido a autorização, mas que ela autorizava o filho a ir ao passeio. Então pedi a ela que escrevesse uma autorização, de próprio punho, e assinasse naquele momento, ela então assim o fez. Quando cheguei à sala havia outro problema, uma menina havia falsificado a assinatura da mãe no bilhete de autorização, a própria irmã me contou, tentei ligar para a mãe da menina que segunda ela estava no hospital acompanhando o tio acidentado, mas a ela não atendeu, então a criança ficou muito emocionada por não poder ir, mas nada pude fazer, consolei-a, disse que numa outra vez poderia dar certo. Tirei uma foto com todas as crianças na sala, antes de sair, pedi que cada um desejasse ao colega do lado um ótimo passeio e que se lembrassem de respeitar as pessoas. Fizemos a fila e fomos caminhando até o ônibus. A chegada à UFU foi muito vibrante, as crianças desceram do ônibus correndo, e já foram logo abraçando as pessoas do GEPECPOP que as esperavam. As crianças são muito intensas. Esperamos pelo início da peça do lado de fora da sala de apresentações, as meninas do subgrupo Infâncias do GEPECPOP estavam quase todas lá. As crianças começaram a ficar agitadas e apreensivas com a demora. Então começaram a contar 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12... Paravam e recomeçavam até que as portas se abriram e elas entraram numa sala bem grande, com colchonetes no chão e algumas cadeira. A peça previa interação com crianças da plateia, durante todo o tempo de apresentação as crianças interagiam com as atrizes, perguntavam, reproduziam sons, movimentos, faziam comentários sobre o que era falado por duas atrizes que com um figurino colorido que usavam não só a contação de histórias, mas também instrumentos musicais como violão, chocalho e apitos para compor a peça. As crianças surpreendiam a todos com sua participação, risadas e comentários inesperados. Elas agiram de forma calma e participativa. Depois que terminou a peça, as atrizes convidaram as crianças para comerem frutas, foi um momento muito bacana porque elas ficaram surpresas com as frutas e comeram vorazmente, as crianças que não comeram ali, guardaram frutas para levar consigo. Três meninas da turma pediram para apresentar uma peça de teatro improvisada ali, naquele momento. Elas então fizeram uma roda e começaram a cantar uma música que eu havia cantado com elas na quinta-feira passada: "Ô abre a roda tindolelê, ô abre a roda tindolalá, ô abre a roda tindolelê, tindolelê, tindolalá, ô vai pulando, tindolelê, ô vai pulando tindolalá, ô vai pulando tindolelê, tindolelê, tindolalá". Foi lindo! Neste momento é que percebo que nossas atividades com as crianças são importantes para elas e para a pesquisa. Depois, seguimos para um espaço que tem na UFU que é o Museu Diversão com Ciência e Arte (DICA), o

qual possui uma área de lazer. Trouxemos os lanches e refrigerantes e todos comeram e brincaram nos equipamentos externos do Museu. As 16h00min, reunimos as crianças e os conduzimos até o ônibus para voltarem para a escola. Entrei no ônibus para me despedir das crianças e várias delas se levantaram e vieram me dar um abraço e dizer tchau. Meu coração se encheu de alegria, e então eu disse: "Quem gostou do passeio dá um grito bem forte!" Deram um grito bem forte! Hoje foi um dia que me encheu de alegria, de vitalidade, de fôlego! Valeu a pena!

A seguir apresentamos as fotografias 44 e 45 das crianças assistindo e participando do teatro e depois a encenação criativa de três meninas da turma Crianças Maravilhosas:



FOTOGRAFIA 44 - Crianças assistindo e participando do teatro "Árvore de todas as histórias". 16/04/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 45 - Crianças apresentando uma ciranda após assistirem a peça de teatro. 16/04/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A atitude das três meninas em se apresentarem extrapolou qualquer estimativa que fizéssemos para esse dia. A potência para atuar e criar deixou de ser latente e se fez real para essas crianças. Houve a ideia, despertou-se a vontade, a emoção e eis que a forma teatral aconteceu! Nesse instante, assim como em outros na presente pesquisa, as crianças produziram silêncios dentro de mim! Eu não sabia o que dizer!

Já estava para completar três meses de convivências e aprendizados com as Crianças Maravilhosas e em 22 de abril de 2013 a supervisora da escola nos apresentou um diagnóstico sobre elas, o qual, de certa maneira foi inesperado. A Nota de Campo 28 apresentado abaixo nos ajuda a acompanhar a dinâmica da escola:

NOTA DE CAMPO 28 – Uma notícia boa! Segundo a supervisora as crianças melhoraram

22 DE ABRIL DE 2013- segunda-feira

Hoje, segunda-feira, cheguei à escola às 12h50min e fui até a sala dos professores. Cumprimentei a professora Bela e perguntei se esta semana seria possível realizar alguma ação com crianças. Ela disse que a escola estava na semana de prova e que não seria conveniente fazer nenhuma atividade, disse a ela que tudo bem, e perguntei se poderíamos fazer na próxima semana? A professora Bela concordou e ficamos combinados que na segunda-feira próxima seria um dia de ação. Logo em seguida, já fomos para o pátio encontrar as crianças. No caminho entre o pátio e a sala de aula, perguntei sobre como havia sido o final de semana, se elas tinham brincado muito, se tinham passeado... E daí por diante. Algumas disseram ter brincado muito e passeado; uma criança disse não ter brincado porque estava olhando outra criança que era seu

primo; outra criança disse que o final de semana não tinha sido bom, porque os pais dela haviam brigado muito; então perguntei a ela se havia brincado só um pouquinho, ela disse que sim, que brincou com o cachorrinho dela; outra criança que se aproximou estava com um machucado no canto do olho direito, perguntei se havia caído e ele disse que não, que não tinha acontecido nada e que tinha brincado muito no fim de semana; outra criança disse que havia passeado no shopping e que comprou uma calça *jeans*, exatamente aquela que ela estava usando.

OBS: As crianças são muito carinhosas, o tempo todo desde quando cheguei, durante as aulas, e até na hora de ir embora; são muito solícitas, me abraçam, me beijam, fazem carinho no rosto, mexem no meu cabelo, mexem nos meus brincos, colar e em tudo que me pertence. Elas são muito curiosas, querem sempre saber o que é, para que serve. A professora não tem gostado das crianças ficarem levantando das carteiras e vindo até onde está a caixa de matéria, as revistinhas e falar alguma coisa comigo. Hoje mesmo, Bela disse que não era para trazer mais a caixa de material. Mas vou fingir que não escutei, vou continuar trazendo. Vou fazer tal como as crianças "burlar o sistema". A Myrtes teve uma ideia ótima, ao invés de levar a caixa com o material dentro, vou coloca-los em bolsinhas. Providenciarei a compra de mais lápis, borrachas, apontadores e canetinhas que não tinha na primeira caixa, mas que as crianças me pediram e comprarei para acrescentar. A professora não quer que eu leve a caixa, então levarei uma bolsinha e daí vamos ver no que dá. Os problemas de desinteresse das crianças não são causados pela caixa.

A supervisora da escola entrou na sala e disse que não havia tomado leitura de uma estudante da sala (na sexta-feira passada a supervisora havia tomado leitura de todas as crianças da sala e só tinha restado esta estudante), ela então retirou a menina da sala e pediu que ela fosse até a biblioteca e logo em seguida ela me chamou e disse assim: "Grazi, você percebeu que as crianças dessa sala melhoram?". Perguntei: "Melhoraram com relação a quê?". Ela disse: "Com relação a leitura e escrita". Então disse: "Não, não percebi nada de melhora nesse sentido, mas percebi que as crianças estavam menos agressivas, mais amorosas, estavam começando a se interessar mais e parar para ouvir as pessoas e me aceitando como parte do grupo". Ela então disse que as crianças haviam melhorado com relação a leitura, a escrita e na auto estima e que essa melhora pode estar ligada ao trabalho que estávamos desenvolvendo com as crianças. "Que bom!". Respondi. E ela foi embora. A professora regente trabalhou com as crianças com o material dourado que ela trouxe emprestado da biblioteca da escola. As crianças se sentaram em pequenos grupos de três e quatro e tentaram representar as operações com o material dourado.

OBS: Durante o recreio coloquei música para as crianças no refeitório e no pátio. As crianças se juntam, dançam, tentavam cantar as músicas e novamente me cobraram o funk! Como levar funk para as crianças? Qual funk? As crianças durante o recreio diziam: "Oba! Música"; "Vou ficar aqui que vai ter música"; "Coloca aquela música 'ô abri a roda tindolelê...". Fiquei surpresa de a professora usar o material dourado com as crianças, foi uma maneira de ela tentar sair da rotina e buscar outras formas de trabalho com as crianças.

Depois do recreio, fui embora. Já não estava mais ficando até às 17hs, agora ficava até o final do recreio.

Foram os comportamentos de Bela com as crianças que me fizeram reduzir a quantidade de horas de permanência na sala de aula e a começar a pensar em ações que pudessem ser realizadas sem a presença dela.

O diagnóstico da supervisora sobre a possível melhora das crianças foi válido porque a partir desse dia, a notícia se espalhou entre os professores e estes passaram a nos ver com

bons olhos, a perguntar sobre o nosso trabalho com as crianças e a nos enxergar melhor no ambiente da escola. Sentíamos que as crianças estavam tentando cada vez mais querer participar e se envolver nas ações da pesquisa, mas eram mudanças tão sutis que ainda precisávamos de mais tempo para dizer algo mais certo. Contudo, sabíamos de nossas mudanças. Desde os primeiros momentos na escola aprendíamos que a melhor maneira de conhecer as crianças era estar com elas, tentar sempre mais uma vez, persistir, falar a verdade, expressar com o corpo nossos sentimentos e pensamentos.

Dia 29 de abril de 2013, uma segunda-feira, foi o último dia de atividades no formato Teimosias da Imaginação. Nesse dia, na segunda tentativa, conseguimos promover a eleição de um nome para blog. Depois desse dia, começamos a realizar atividades com as crianças sem a presença da professora Bela. Nessa última atividade de teimosia, a professora foi bem participativa e brincou de massinha de modelar junto com as crianças. Foi surpreendente seu empenho em querer ajudar as crianças, mas a gritaria e a utilização de palavras duras persistiam.

A decisão de buscar outras atividades com as crianças de tal maneira que a professora Bela não precisasse participasse já estava tomada. Chegamos a um ponto na pesquisa que sabíamos que o desafio era compreender, cada vez mais e melhor, as relações das crianças entre elas, com a escola, enfim, pretendíamos entender culturas infantis que eram mobilizadas ou construídas no âmbito da escola, entretanto, tal propósito implicava na ausência da professora nos momentos de atividades. Inicialmente, seguimos um caminho na pesquisa que interligava diretamente a professora e as crianças. Antes de conhecer as crianças e a professora, havíamos pensado e até colocado para a diretora da escola que faríamos as ações apenas com as crianças, mas, no percurso da presente pesquisa, acreditamos que poderíamos ajudá-la a ver as crianças de uma forma diferente, mais próxima deles. Não deu certo essa tentativa.

Não conseguimos trabalhar com as crianças e com a professora num mesmo espaço. Começamos a perceber que não estávamos conseguindo conhecer as crianças e desenvolver ações pretendidas na presença da professora. Queríamos ajudar a professora Bela, mas queríamos primeiramente estar com as crianças de um jeito novo. Rubem Alves (1987) chama essa forma de deixar para trás o passado e começar de novo constitui a essência do ato criativo:

A vida possui uma lógica em si mesma. Quando chega a certas crises nas quais a experiência passada não lhe ajuda a seguir adiante e, ao contrário,

torna o processo impossível, ela deixa o passado para trás e começa de novo. Esta é, segundo entendo, a essência do ato criativo, assim resumida claramente por Harold Rugg: *"A chave da natureza do ato criativo consiste em abandonar pressuposições há muito mantidas e recomeçar a partir de uma nova orientação"* (*Imagination*, p.289). É isso que consiste a imaginação (ALVES, 1987, p. 79, grifos do autor).

A forma como a professora Bela interpretou o nosso trabalho, a maneira dela tratar as crianças influenciou diretamente as nossas decisões e todos os caminhos que tomamos na pesquisa.

Com a participação parcial da professora Bela, ouvimos música e dançamos cirandas com as crianças; também conversamos sobre os dois passeios feitos recentemente por elas: o primeiro foi para assistir a peça "Árvore de todas as histórias" e o segundo realizado pela escola foi uma visita ao Parque do Sabiá; vimos juntas fotografias referentes a esses dois passeios e, em seguida, entreguei-lhes massinhas de modela e propus que pensassem em tudo o que havíamos conversado naquele dia e com a massinha criassem algum momento que mais gostaram e/ou uma história e/ou um desenho. A Nota de Campo do dia 29 de abril de 2013 apresenta tais experiências:

NOTA DE CAMPO 31 – Último dia de Teimosias da Imaginação

29 DE ABRIL DE 2013 - segunda-feira

[...] Eu e a Alessany chegamos à sala e esperamos mais alguns minutos até o restante das outras crianças chegarem. Depois a professora regente fez a chamada, levantei a mão e fiquei a esperar que as crianças me deixassem dizer alguma coisa. Esperei uns 2 minutos, a professora Bela interveio mandando as crianças "calarem a boca" e ainda disse: "Vocês não têm respeito? A Grazi tem educação, levanta a mão quando quer falar. Vocês tinham que fazer igual ela!".

OBS: A professora regente aproveitava de minhas ações com as crianças para dizer coisas para as crianças de um modo que eu desaprovava. Assim que pude dizer alguma coisa falei: "Boa tarde!" As crianças responderam com outra boa tarde e então disse que hoje era dia de fazer uma atividade no quiosque. Neste momento as crianças ficaram eufóricas, sorriram e disseram: "Êba! Êba!". Novamente levantei a mão para pedir a palavra, demoraram uns 30 segundos dessa vez para que eu pudesse dizer que antes de sairmos tínhamos que fazer um acordo. Perguntei a elas o que acontecia quando o acordo era quebrado. Elas responderam que voltariam para sala. Propus que no nosso acordo não poderia haver violência com os colegas, não poderiam gritar e empurrar, deveriam escutar o próximo. Perguntei a elas o que mais poderíamos colocar nesse acordo e as crianças imediatamente começaram a dizer que não podiam bater no outro, tinham que escutar o colega, não correr nos corredores, não gritar, escutar a tia e não empurrar. Pedi que levantasse a mão quem estava de acordo com tudo o que tínhamos combinado e todas as crianças, sem exceção, levantaram as mãos. Acordo feito, pedi que escolhessem um colega da sala para darem a mão e fomos saindo em duplas, sem fila, quando estávamos saindo uma menina me perguntou: "Tia aqui é a fila das meninas?" Disse-lhe que não tinha fila, nem de meninas, nem de meninos, que poderíamos andar como quiséssemos em dupla.

OBS: Essa maneira das crianças em duas filas, separadas por gênero, me intrigava. São ações sem um sentido maior e que se repetem todos os dias. Sair com as crianças em

dupla é para quebrar esse valor da cultura escolar e também representou uma forma de aproximar as crianças do contato com o outro, com gestos de afeto, como dar as mãos, ao invés de usar as mãos para bater, usá-las para andar juntos. Foi com essa intenção que usei essa estratégia e que para muitos deu certo. Houve quem agredisse o colega com as mãos, apertando, medindo forças, mas não foi a maioria.

Fomos caminhando até o quiosque; no percurso entre a sala de aula e o quiosque há houve conflitos, especificamente com três estudantes. Correram pelos corredores da escola, ficaram apertando as mãos dos colegas que faziam pares, empurraram, conversavam alto. Fiz vista grossa porque percebi que eram apenas três que não estavam a cumprir com o acordo. Pensei que fosse passageiro, que quando chegássemos no quiosque e começássemos as ações tudo seria diferente. Chegamos no quiosque e pedi que ficassem no meio para podermos dançar e coloquei a música Ana Maria. No começo, as crianças ainda estavam tímidas, querendo se soltar, mas na segunda vez que coloquei e também dancei com elas, elas foram com tudo, cantaram e dançaram. Depois coloquei a música Abre a Roda Tindolelê, começamos a dançar, e já comecei a perceber que os três estudantes estavam novamente puxando as mãos dos colegas, saindo da roda, e quando chegou na parte da música que pede para fazer um trenzinho essas três crianças começaram a empurrar fortemente os colegas e a correr. Quando vi que estavam se aproximando do notebook e da caixa de som, pedi que todos parassem tudo e desliguei o som. Fiquei apavorada neste momento, porque esse computador é muito importante neste trabalho, eu ainda estava pagando por ele. Comecei a perguntar o que estava acontecendo com uma voz mais forte, sem gritar, perguntei o que estava errado, disse que não gostava de apontar o dedo, mas que dessa vez faria isso, então chamei a primeira das três criança, e disse para que sentisse o meu abraço, que o carinho era muito mais gostoso que o empurrão, a violência; fiz isso com as outras duas também e perguntei o que eu poderia fazer para melhorar a atividade e se eu estava fazendo algo que não estavam gostando. Uma das três crianças me disse que eu não estava fazendo nada de errado, elas é que não sabiam fazer roda! Então perguntei se poderíamos tentar de novo, todos concordaram e então coloquei a música Abre a roda Tindolelê novamente e dançamos com a participação de todos. Dessa vez duas das três crianças se envolveram na dança, apenas uma continuou apertando a mão de um colega, mas fiz vista grossa. Terminamos a música e pedi às crianças que se sentassem em círculo para conversarmos sobre os passeios feitos na UFU e no Parque. Novamente tive que levantar a mão para pedir atenção. Pedi então que elas contassem sobre suas experiências nos dois passeios, o que haviam gostado ou não, o que faltou nesse passeio, o que elas esperavam encontrar e que não encontraram, etc. Elas foram pontuais, não disseram muito sobre o que perguntei, falaram de momentos aleatórios e se dispersaram muito, diziam uma coisa e já começavam a conversar com os colegas do lado sobre outras coisas, a mexer nos cabelos. Um assunto que rendeu muito foi sobre o leão, elas falaram muito das suas expectativas de ver a leoa, de como se alimentavam e porque ele era o rei da selva. Foi um dos assuntos mais comentados nessa roda e também o parquinho da UFU onde encontraram brinquedos do Museu DICA, por exemplo, a antena e os balanços. Então convidei-os para ver as fotos dos dois passeios, fui passando os slides no notebook e as crianças vendo e fazendo pequenos comentários do tipo: "Nossa olha o Tuiuiú!"; "Olha as Araras!"; "O Macaco, a antena, os balanços!"; "Eu adorei os balanços!"; "Eu adoro bicho, adoro Araras!". Quando terminamos de ver as fotos, peguei uma caixa com as massinhas de modelar e fui para o meio do quiosque. Todos vieram ao meu redor e então sugeri que fizessem duplas e que escolhessem uma pessoa de cada dupla para pegar as massinhas.

OBS: Tive essa ideia de formação das duplas e pedir um representante de cada dupla, para que pudesse pegar a massinha pelos dois. Dividir responsabilidades, confiar no outro, repartir as funções, dividir as tarefas é o que seria feito ali.

Elas não compreenderam, expliquei novamente umas quatro vezes e muitos ainda não haviam compreendido, até que professora Bela foi perguntando um por um quem era sua dupla e mandando se sentar. Então fui entregando duas caixas de massinha para cada

criança e pedi que entregasse uma caixa para o outro colega da dupla e que não abrissem a caixa ainda. Assim que terminei de entregar as caixinhas, pedi que abrissem e todos disseram num coral de vozes: "Êba! É massinha! Que legal!". Uma carinha de felicidade surgiu no rosto das crianças. Então disse que a atividade era a partir dos passeios e outras histórias vividas para que elas produzissem algo com a massinha. Coloquei uma música para que eles trabalhassem tranquilos e uma paz se instalou ali, as crianças com grandes entusiasmos, conversavam, falavam baixo, sem gritar e escutavam a música. Foi um momento muito gostoso e diferente de todos aqueles que eu já havia experimentada com elas. Apenas uma das três crianças que estavam correndo pelo corredor da escola no início da atividade, um menino, continuou a atrapalhar os colegas, mas fui conversando com ela, fazendo moldes com as massinhas e ela foi se acalmando. A professora regente desta vez interveio pouco nas ações, sentou-se com uma criança e construiu com ela um objeto. Todas as crianças fizeram produções que representavam objetos do Museu DICA, paisagens e bichos do Parque do Sabiá. Apenas uma criança fez um alienígena. As crianças o tempo todo ficavam me perguntando se elas poderiam levar para casa a massinha, se a massinha era delas e eu repetia várias vezes seguidas: "As massinhas são de todos nós, é coletiva!". Depois de algum tempo, pedi que colocassem cada uma das produções em cima de uma folha de papel A4 que lhes entreguei e que colocassem no meio do quiosque. Cada um falou sobre a produção que havia feito e perguntei o que poderíamos melhorar na próxima ação, elas responderam que poderia trazer outras brincadeiras, trazer o quebra-cabeça da primeira ação que fiz com elas, trazer outras canções para dançar, jogar futebol. Dessa vez elas não disseram nada sobre melhorar o comportamento. Então para brindar a finalização da atividade, fui entregando dois pirulitos para cada criança e pedindo que entregassem um pirulito para a outra criança. Essa foi outra forma de fazer com que elas repartissem com o outro!

OBS: Tive uma sensação diferente dessa vez. Senti que houve um envolvimento maior, que as crianças participaram, queriam mais, que foi envolvente, que teve significado para elas! Fiquei muito feliz e brindar com pirulitos foi uma forma de curtir essa felicidade com as crianças. Quando havia terminado de entregar os pirulitos, uma criança chegou perto e perguntou por que eu não havia ganhado pirulito, então peguei um pirulito dentro da sacolinha e coloquei na mãozinha dela e disse: "Pronto!". Ela então disse: "Para você tia Grazi!". Peguei o pirulito e dei um abraço forte nela. Que alegria! As crianças voltaram para sala. A Alessany fez o registro de todos os momentos, fez algumas fotos, mas a maioria dos registros de filmagem e fotografia foi feito pela Alessany que tem contribuído muito nas ações com as crianças. Uma observação que a Alessany fez foi porque eu não intervi quando as crianças começaram a gritar com os colegas mandando calarem a boca para que pudessem falar. Fiquei de pensar sobre, porque essa questão de quando e como intervir ainda é um mistério para mim!

Essa atividade com as massinhas foi muito bem aceita pelas crianças. As criações das crianças foram belas e ricas e me encheram esperança e vontade de continuar, mas de um jeito diferente.

Muitas crianças não quiseram apresentar oralmente suas obras, respeitei a vontade delas. A apresentação de Alex com seu alienígena e da Rôse com o seu casalzinho de ararinhas numa noite estrelada foram impressionantes, o primeiro por sair da temática proposta; o segundo pela poeticidade da criação. Com relação as outras produções, me impressionei com a riqueza de detalhes do cavalo, das cobras, das araras e da girafa. Abaixo, apresentamos imagens das produções com massinha de modelar das Crianças Maravilhosas:



IMAGEM 19 - O alienígena feroz e malvado do Alex. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.



IMAGEM 20 - O casal de ararinhas numa noite estrelada da Rôse. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.



IMAGEM 21 - O cavalo da Isadora. 29/04/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.



IMAGEM 22 - As ararinhas da Isadora. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.

A antena parabólica do Museu DICA foi recriada em muitas produções das crianças. Até a cor azul e os detalhes em branco foram lembrados por elas:



IMAGEM 23 - Antena parabólica azul do Museu DICA da Luísa. 29/04/2013. Arquivo da pesquisa.

As crianças disseram poucas coisas sobre suas obras. Não conseguiram ir além da descrição sucinta do que haviam feito. Algumas apresentaram o momento em que os desenhos estavam representando e apenas uma criança contou uma história, a história do alienígena! Abaixo apresentamos uma fotografia das crianças no momento da apresentação de suas produções:



FOTOGRAFIA 46 - Crianças durante a atividade com massinhas de modelar. 29/04/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

O que as crianças disseram na apresentação de suas produções pode ser visualizado no quadro abaixo:

QUADRO 10- Relatos das crianças da turma Crianças Maravilhosas sobre suas produções com massinha de modelar. 29/04/2013

NOME	RESPOSTAS DAS CRIANÇAS
1- Luiza	"Essa aqui é a minha mãe, ao lado tem uma balança, a antena da UFU, essa aqui é cobra, a árvore e o sol".
2- Larissa	"Eu fiz umas rosas, o sol, uma nuvem, uma árvore e um coqueiro".
3- Maria Letícia	Não quis falar.
4- Isadora	"Eu fiz um cavalinho, depois eu fiz duas ararinhas, fiz uma girafa, uma cobra branca e uma cobrinha vermelha. Eu só desenhei".
5- Isabela	"Eu desenhei o sol, uma ponte com a água, umas florzinhas e o pé de coqueiro".
6- Eduardo	"Eu desenhei o sol, o carro para me levar para o meu pai".
7- Maria	"Eu fiz uma casa, dois corações, uma árvore e as flores, só. Não fiz história".
8- Lilian	"Eu fiz aquela antena da UFU, o sol, um pé de coco e uma cesta vazia".
9- Jéssica	Não quis falar.
10- Luana	Não quis falar.
11- Alex	"Eu fiz um alienígena que morava num outro planeta. Aí ele vinha aqui para terra e não tinha ninguém para matar ele. Ele era muito mau".
12- Francisco	Não quis falar.
13- Fábio	Não quis falar.
14- Luiz	"Eu não fiz nada".

15- Marcos	"Eu fiz uma cobra enorme que engole gente".
16- Rosana	"Eu fizemos dois coqueiros com uma rede de deitar no meio, uma cesta com frutas e só".
17- Elen	"A gente fez o sol, a nuvem, um balanço, as árvores, a cesta, a maçã, a banana e as flores e só. A professora me ajudou".
19- Rôse	"Eu fiz um céu estrelado com dois casaizinhos de ararinhas. Eles estavam namorando e olhando para o céu".

Fonte: Acervo da pesquisa

Na apresentação, todos já estavam bem cansados, pois essa ação durou 2 horas. Novamente não conseguimos fazer as atividades com as crianças em até 1 hora e meia, somente conseguiremos mais adiante. A ideia de entregar os pirulitos às crianças para que elas entregassem aos colegas teve receptividade, senti que elas gostaram de repartir com o outro e até comigo. Incluíram-me naquele momento como parte do grupo, mais um sinal de que elas me viam como um "adulto atípico".

Conseguimos fazer a eleição do nome para o *blog* na segunda tentativa! As crianças estavam empenhadas e nós também. A Nota de Campo do dia 2 maio de 2013 descreve mais um dia tão especial para mim e as crianças:

NOTA DE CAMPO 32 – Segunda tentativa da eleição para o nome do blog
2 DE MAIO DE 2013- quinta-feira

Hoje, quinta-feira, chegamos (eu e Alessany) na escola às 12 horas e 45 minutos e fomos até a sala dos professores. Cumprimentei a professora Bela e perguntei a ela se estava tudo certo para fazermos a eleição do nome do *blog*. Ela me disse que poderia, mas só se fosse no último horário, então sugeri a ela que chamássemos cada criança separadamente até uma sala ao lado (é uma sala de bagunça da escola, antes quando a mesma tinha o sistema de escola integral ali acontecia as aulas de dança e música), a professora Bela aceitou que fizéssemos assim. Fomos logo para sala deixar as revistinhas e os livros e o material para as crianças e abrir a sala ao lado. As crianças ficaram nos perguntando o que a gente estava fazendo, o que tinha hoje e se a gente ia brincar? Muitas especulações por parte das crianças! Arrumamos a urna, colocamos um som ambiente do cd Baby Beethoven e começamos a chamar um por um na sala ao lado. No caminho para sala 16, perguntava como elas estavam e quando entravam ficavam impressionados. Perguntava a cada criança se ela sabia o que seria aquela atividade e cada uma respondiam do seu jeito, muitas adivinharam que era a eleição do nome do blog, mas algumas não sabiam então eu recordava com elas o porquê delas estarem ali e logo se lembravam. Li com cada uma a cédula de votação, então marcavam a opção escolhida e depositavam a cédula na urna. No caminho de retorno para sala pedi para elas ficarem em segredo quanto ao voto e também sobre o que tínhamos feito ali, para que fosse totalmente surpresa para o próximo colega. E assim aconteceu, as crianças foram fieis ao meu pedido, não contaram os seus

votos e nem sobre a ação que fazíamos. Para todos foi uma surpresa. Depois que todas as crianças votaram, voltamos para sala e acompanhamos as crianças até a hora do recreio. Depois do recreio, na sala de aula, começamos a fazer a contagem dos votos com as crianças. Escrevi no quadro os três nomes e enquanto eu fui abrindo as cédulas lendo em voz alta o nome escolhido, a professora regente foi marcando os votos no quadro. As crianças a cada voto faziam uma torcida! Vibravam com a apuração dos votos! A contagem final ficou assim: Aprendendo brincando com 8 votos; Os 22 Salvadores do Mundo com 2 votos; Aprender a Estudar com 7 votos. Vencedor: Aprendendo brincado!!!

OBS: As crianças nos falam coisas, só precisamos escutar! Elas querem aprender, mas com emoção, com alegria, com diversão, com prazer. Apesar de que o Aprender a Estudar quase empatou com o Aprendendo Brincando, pensamos que isso se deve a tanta pressão que as crianças são submetidas a todo o momento na escola; elas têm que estudar, estudar, estudar, aprender, aprender... Elas demonstram que querem aprender, querem estudar, mas da forma como a escola impõe é um sacrifício muito grande porque a escola quer que as crianças sejam e façam sem ao menos perguntar para elas o que elas conseguem fazer, sem prestar no ritmo de cada um, com pressa, muitas vezes com quantidade ao invés de qualidade, as crianças estão nos dizendo coisas importantes, elas querem aprender e querem brincar e querem estudar, mas não conseguem, e por que não conseguem? Será que a culpa é só delas tal como é frisado o tempo todo? Eu estava torcendo para que ganhasse Os 22 Salvadores do Mundo, mas que bom que ganhou Aprendendo Brincando, porque pode ser um reflexo do que nós estamos fazendo com elas, as brincadeiras, os momentos de fazer por prazer de fazer, por fazer e não por obrigação. Já coloquei o nome no blog (www.criancasmaravilhosas.blogspot.com) e o próximo passo é conversar com o professor de informática sobre o blog e pensar numa ação com as crianças no blog. O que poderemos fazer com as crianças no blog? (Grifos nossos).

Um momento inesperado para as crianças foi o dia da eleição. Por ter se passado muitos dias da primeira tentativa, algumas já tinham até se esquecido do que se tratava. A apuração dos votos foi mais com muita emoção. A cada voto uma agitação, gritos e risadas e finalmente o nome do *blog*: Aprendendo Brincando! Um nome que muito diz sobre as ações que estávamos desenvolvendo com as crianças: aprender com vontade e não por imposição! Apresentamos a seguir alguma fotografia do momento da votação:



FOTOGRAFIA 47 - Criança na eleição de um nome para o blog. 02/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A ideia era ir construindo o *blog* com as crianças durante as aulas de informática. Contudo, porque as crianças tinham aula de informática uma vez por mês, um único horário de 60 minutos, tornou tal desdobramento impossível; além disso, vários problemas aconteceram durante o ano tais como a reforma das salas de aula, tendo que deslocar os estudantes para a sala de informática e para a biblioteca, fazendo com que as aulas de informática ficassem suspensas por algum tempo. Depois das reformas no começo do ano, as aulas de informática voltaram à normalidade, porém quando aconteciam às aulas de informática, muitas vezes eu não estava na escola. Com isso, não conseguimos construir o *blog* com as crianças, então acabamos fazendo para as crianças. Abaixo apresentamos a página inicial atual do *blog*:



IMAGEM 24 - Página inicial do Blog Aprendendo Brincando. 16/01/2014. Endereço Eletrônico: www.criancasmaravilhosas.blogspot.com. Fonte: Arquivo da pesquisa.

O *blog* acabou sendo mais um meio extra e externo a escola de comunicação com as crianças e seus familiares. Postávamos fotografias e algumas atividades realizadas e as crianças comentavam conosco que seus parentes e/ou amigos haviam visto as postagens e gostaram. Perguntavam-me quase toda semana se havia alguma postagem nova. Entreguei por muitas vezes às crianças um cartão com o endereço eletrônico do *blog* para as crianças não se esquecerem e/ou para divulgarem a página para pessoas próximas.

O *blog* foi também uma tentativa de brincar; que as crianças quando vissem as fotografias, suas produções e vídeos pudessem lembrar momentos, imaginar outros e com isso brincar e inventar com os olhos e o pensamento. Essa oportunidade de estar sempre com as crianças através do *blog* foi uma ideia que, apesar de não ter sido muito explorada e utilizada por causa da ausência dos meios técnicos adequados para acesso das crianças, teve a sua utilidade ao estender os olhares e as emoções da pesquisa além dos muros da escola.

Nesse momento da pesquisa, estávamos decididas a buscar outros caminhos com as crianças, de maneira que a professora Bela não participasse tão diretamente de nossas atividades, por causa motivos já apresentados. Mas como construir as atividades com as Crianças Maravilhosas, sem que a professora não participasse? Como comunicar essa decisão para a Professora Bela sem que ela ficasse magoada conosco? O único momento em que as crianças estavam sem a presença da Bela era o recreio, e como já havíamos estabelecido um contato e um vínculo com elas nesse espaço, foi exatamente aí que surgiu a ideia de realizar os 15 Minutos de Alegrias! Aproveitaríamos uma parte do recreio para desenvolver ações

com as crianças no quiosque, o qual além de ficar próximo o pátio, era um ambiente agradável e não era utilizado por ninguém nos momentos do recreio. Assim começa uma nova fase com as Crianças Maravilhosas!

3.2 15 MINUTOS DE ALEGRIAS: Outros desafios

Eu não via a hora de estar com as crianças no quiosque. Quando soou o "berro" e as crianças foram chegando e vendo todos aqueles brinquedos, seus olhares e gestos transbordavam de felicidade e vontade de fazer tudo ao mesmo tempo, como se mundo fosse acabar e elas tivessem que fazer o que quisessem em poucos instantes. A seguir, apresentamos a Nota de campo 33, referente a esse primeiro dia de atividades com as crianças e sem a presença da professora Bela:

NOTA DE CAMPO 33 – Encontrando com as crianças em 15 Minutos de Alegrias(com a ausência da professora regente)!

6 DE MAIO DE 2013

Hoje, cheguei à escola às 13h00min e já fui para sala de aula, as crianças já estavam lá! Quando elas me viram, começaram a dizer: "Tia Grazi! Tia Grazi!Tia Grazi veio!" Um carinho comigo, me abraçaram e logo já vieram dar notícias sobre o que havia acontecido no fim de semana; sobre os livros e os porquês dos que não tinham trazido; os que trouxeram já vieram logo me entregar os livrinhos, bem cuidados, com poucas orelhas e amassados, mas teve um que estava muito amassado, com rabiscos e ainda com a assinatura da responsável pela "obra". As crianças começaram a dizer o nome da criança que tinha feito aquilo com o livro, então chamei a menina e disse: "Por que você fez isso com livro? Até o seu nome você escreveu, sendo que esse livro não é só seu, esse livro é de todos. Eu estou chateada". Ela ficou cabisbaixa e saiu sem dizer nada. As crianças gostaram de ver que tinham lápis novos nas bolsinhas (antes era uma caixinha, mas por imposição da professora, passamos a levar os lápis em bolsinhas) e foi justamente por causa desta que saí da sala hoje e fui para na biblioteca. A professora regente disse pela segunda vez e agora de uma forma mais forte e acentuada que não queria que eu trouxesse mais essas bolsinhas de lápis. As crianças ficaram caladas, algumas ainda continuavam a vir pegar algum material, mas a maioria ficou mais retraída depois que a professora regente disse isso. Os argumentos são os mesmos: as crianças estavam levantando demais das carteiras, quando você não vem eles ficam quietinhos. Outro fato que também já tenho notado nas crianças é que elas estão usando o meu nome para justificar suas próprias ações. O me levou a sair da sala e ir para a biblioteca foi o acúmulo de sentimentos e angústias pela professora regente que desde quando cheguei à sala só gritava com as crianças, me sentia mal por isso; outro fato foi a forma como ela disse para que eu não trouxesse mais os materiais, rude, violenta, impositiva, senti que ali não era mais o meu lugar, me deu uma vontade súbita de sair dali, então peguei minha mochila e disse a professora regente que estava indo até a biblioteca, ela começou a dizer sobre os planos de fazer alguma lembrancinha para o dia das mães com as crianças, eu escutei, mas não quis me envolver, não senti vontade, disse que estava indo para a biblioteca escrever um pouco. Mas antes de sair, disse a algumas crianças que na hora do recreio eu estaria no quiosque esperando todas elas para podermos brincar, pedi também que avisasse aos outros, mas que tentassem ser discretas.

OBS: Penso que para ela não houve nada, está tudo certo! É bom que ela pense assim mesmo, porque criar desavenças agora não seria bom para as crianças e nem para pesquisa. Tudo poderia acabar.

Depois de ter ficado um pouco na biblioteca escrevendo notas de campo, fui até o carro e peguei uma sacola com vários jogos como: varetas, xadrez, tangran, material dourado,

dominó matemático, quebra-cabeças (os mesmos que levei no primeiro dia de aula e que não havia dado muito certo), coloquei no meio do quiosque, coloquei uma música para tocar e fiquei esperando as crianças, apreensiva, e respirando uma fumaça horrível, pois perto dali estavam queimando a vegetação seca de lotes vagos, uma bolha de fumaça envolveu a escola, os meus olhos ardiam e lacrimejavam, a boca estava seca, a pele coçava, mas fomos em frente. Quando vi de longe, algumas crianças da sala do 3º ano foram até elas e logo já me perguntaram: "Tia, a gente não vai lanchar, pode ir para o quiosque?" Respondi que sim, mas insisti que deveriam lanchar primeiro. Elas saíram correndo, e logo já foram vindos os outros estudantes da sala e quando cheguei ao quiosque elas estavam em volta dos brinquedos e se dividiram em duplas e já estavam brincando. Uma criança com as mãozinhas no material dourado disse: "Tia, pode pegar?" Disse imediatamente que sim, e então ele falou com um sorriso do tamanho do mundo: "Nossa! Vou pegar tudo então!". Um parêntese: fui à biblioteca para reservar o espaço para que quinta-feira as crianças possam assistir ao filme *Em Busca da Terra do Nunca*, então a funcionária disse que eu precisaria de uma autorização da coordenadora pedagógica para fazer a reserva. Fui até a sala da direção e aproveitei para falar sobre levar as crianças para o quiosque na hora do recreio, a vice-diretora não fez objeção, e fui então procurar a supervisora pedagógica para pedir a tal da autorização para apresentar o filme às crianças. Peguei, preenchi a folha com os dados da atividade, e levei novamente para que ela assinasse, então levei até a biblioteca. UFA! - Voltando para o quiosque com as crianças: elas se espalharam e alguns meninos começaram a brincar de capoeira, depois passou para lutinha, outro grupo de crianças continuou a brincar com os brinquedos e algumas meninas foram para um pé de acerola que tinha perto do quiosque para pegar acerolas verdes, só algumas estavam maduras, mas a maioria eram acerolas verdes. As crianças me perguntaram se podiam pegar as acerolas, então eu disse que podia. Elas então se juntaram ao redor do pé de acerola, um grupo de meninos ficou brincando na grama de lutinha, rolavam, se agarravam, até que uma criança começou a chorar, então disse a essa criança que fosse até o banheiro lavar o rosto e tomar água, mas ela ficou relutante, não quis ir, e logo quando vi já estava na hora de voltarmos para sala, o recreio havia acabado!

OBS: Percebi neste pequeno tempo com as crianças, como elas podem nos dizer muitas coisas, elas brincaram com todos os brinquedos, mas também brincaram os próprios corpos! A capoeira, a lutinha, apanhar e chupar acerola, correr atrás do outro foram mais importantes em certos momentos que os jogos de quebra-cabeças, as varetas, o xadrez, os lápis de cor e o papel para colorir apesar de que, um dos meninos no fim da atividade, pegou uma folha e desenhou alguma coisa. Foi o único dentre todas as crianças que usou o desenho como um recurso do brincar. As vezes que pedi às crianças que tomassem cuidado consigo e com o colega elas me escutaram. Foram os 15 minutos mais gostosos e felizes que já passei com as crianças até o momento, um tempo nosso, sem cobranças, sem professora regente perto para gritar, para impor!

As crianças foram indo para fila no pátio da escola, e lentamente deixando aquele sentimento gostoso e também levando consigo essa alegria no peito! Recolhi os brinquedos, e fui para sala distribuir as revistinhas e os livros para crianças. Quando eu entrei na sala, as crianças sorriram para mim e uma delas disse: "Tia, a gente brincou!". Foi um máximo, ver no rostinho das crianças aquela alegria e depois que entreguei os livrinhos, pela primeira vez, quando passei recolhendo os materiais, nenhuma criança me pediu para ficar com os materiais, ainda me ajudaram a recolher e fiscalizar se os outros colegas estavam com os materiais das bolsinhas. Saí da sala dizendo que voltaria na quarta-feira, com o coração cheio de alegria! Valeu a pena.

A grandiosidade desse dia foi perceber, mais uma vez, que o brincar das Crianças Maravilhosas não se prendia e se resumia apenas aos brinquedos, estava além, nas relações

que elas estabeleciam entre elas, nas brincadeiras corporais, nos movimentos, nas conversas. Quando o espaço e o tempo permitiam que elas fossem livres, o correr, subir em árvores, pular, gritar, sentir o outro pelo corpo se apresentava fortemente entre elas. O fato da maioria das crianças ter deixado os brinquedos de lado para brincarem entre si no pé de acerola, à sombra das árvores, de capoeira, nos diz que seus universos culturais coletivos não estavam tão ligados aos objetos-brinquedos como havíamos pensado.

No começo, a maioria das crianças se organizou em grupos pequenos de dois a três para brincar com o xadrez, o jogo de varetas, os quebra-cabeças e o material dourado. Algumas crianças preferiram nesse momento brincar sozinhas, outras ficaram andando pelos grupos, tentando ajudar de alguma forma e/ou entrar na brincadeira. Sentei no chão perto do Luiz e perguntei se poderia brincar com ele de vareta. Ele disse que sim e logo várias outras crianças se aproximaram para pedir que eu fosse brincar com elas também. Respondi que terminaria uma jogada com o Luiz e depois iria brincar com os outros. Elas concordaram e assim fiz, sentei com cada grupo para brincar com as crianças.

Eduardo começou a brincar de lutar capoeira, gingava para cá, gingava para lá e aí perguntei a ele se sabia a música, ele respondeu: "Sei sim tia, berimbau... Berimbau... Tam tam, tam, tam, tam... Berimbau..." e comecei a cantar também. Depois, disse que eu conhecia esse instrumento, ele então falou: "Eu também conheço o berimbau. A gente faz assim para tocar" e com as mãos fez o gesto, tal como se estivesse realmente tocando. Várias outras crianças vendo o Eduardo brincar de lutar capoeira, deixaram os brinquedos de lado e entraram na brincadeira. Abaixo apresentaremos as fotografias do momento em que as crianças brincavam com os brinquedos e de lutar capoeira:



FOTOGRAFIA 48 - Criança brincando no quiosque no primeiro dia de 15 Minutos de alegria. 06/05/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 49 - Criança brincando de lutar capoeira. 06/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

"Tia Grazi, olha isso!"; "Olha aqui tia Grazi como eu faço!"; "Tia Grazi brinca comigo!"; "Vem cá tia Grazi, ajuda a gente e a montar o quebra-cabeça!" essas foram às frases que mais escutei nesse dia. Eu estava com a câmera ligada, filmando e fotografando e brincando com as crianças. Brincar, conversar com as crianças, filmar e fotografar tudo ao mesmo tempo não foi a melhor opção. Era preciso estar por inteiro com as crianças, sem preocupações com o registro imediato para a pesquisa, mesmo assim, aquele encontro não deixou de ser um grande momento.

O pé de acerola foi um brinquedo para as crianças, tal como se pode visualizar na fotografia 50. Elas subiam, desciam, jogavam as acerolas para o alto, guardavam nos bolsos, me perguntaram se podiam ficar ali pegando as acerolas e eu disse que sim, poderiam ficar até que alguém da escola impedisse. Num outro canto estavam outras crianças brincando de lutinha (fotografia 51). Elas se agarravam, se abraçavam, chutavam, puxavam as camisas e rolavam no chão como verdadeiros lutadores:



FOTOGRAFIA 50 - Crianças brincando e colhendo acerolas. 06/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 51 - Crianças brincando de lutinha. 06/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Quando o “berro” tocou anunciando o final do recreio, a reação das crianças foi como se nada tivesse acontecido. Elas continuaram como estavam, brincando! Esperei alguns segundos e ninguém se preocupou, com isso fui chamando as crianças e dizendo: "Gente, agora acabou! É hora de voltar para sala, vamos logo para não causar problemas com a professora!". Escutei delas: "Ah não, tia Grazi! A gente não quer voltar para sala. Podemos ficar aqui?"; "Tia Grazi, eu vou te ajudar a juntar os brinquedos!"; "Vamos gente! A professora Bela vai xingar!".

Respondi as crianças que elas teriam que voltar para sala, mas que não ficassem tristes porque teríamos outros momentos como aquele. Disse ainda que não precisavam me ajudar a juntar os brinquedos e que voltassem para o pátio para fazer a fila com a professora Bela. Com um pouco de resistência, vagarosamente as crianças foram retornando ao pátio, seus rostos de tristeza se misturavam com alegria daquele momento de tantas brincadeiras e de liberdade!

No segundo dia de 15 Minutos de Alegrias, no dia 08 de maio de 2013, novamente as crianças deixaram de lado muitos brinquedos para brincarem de lulinha e no pé de acerola. Desta vez, as bonecas foram os únicos brinquedos inseparáveis de duas crianças do sexo feminino. O jogo de tênis e a peteca foram diferentes do que havia no primeiro dia, também foram priorizados por elas em função da vontade de mexer o corpo e brincar com outros, porém depois de duas a três jogadas e principalmente quando começamos a organizar o campeonato de lutinhas, esses brinquedos foram colocados de lado. A ideia de fazer um painel de fotografias impressionou e surpreendeu muito as crianças nesse dia; desde o momento em que elas chegaram ao quiosque até o momento de irem embora. Há quase todo instante as crianças passavam pelas imagens e ficavam ali vendo, observando e rindo. Podemos visualizar um pouco desse episódio a partir da Nota de campo 34, que nos apresenta mais um dia especial:

NOTA DE CAMPO 34 – Crianças corporais

8 DE MAIO DE 2013 - quarta-feira

Hoje, quarta-feira, cheguei à escola às 13h20min e já fui para sala do 3º ano. Quando cheguei à sala, várias crianças vieram me abraçar e me beijar como de costume. Cumprimentei a professora regente e fui para o fundo da sala onde costumava me sentar para organizar as revistinhas, porém assim que cheguei à sala a professora Bela disse em alto e bom som que naquele dia não emprestaria nenhum material das bolsinhas. Escutei calada, continuei a organizar as revistinhas e as crianças começaram a vir até mim para entregar as revistinhas emprestadas no ultimo dia, e pedir material emprestado, então eu disse: "A professora regente não quer que eu empreste mais os materiais". Uma criança então disse: "Me empresta escondido!". Olhei no fundo dos seus olhos e disse que pegaria

o lápis e a entregaria escondido. E assim foi, emprestei uns 7 lápis, 3 borrachas, e o apontador escondidos da professora regente.

OBS: Foi preciso burlar a tirania sem limites. Por que não pode mais emprestar os materiais para as crianças? A desculpa é sempre a mesma: "As crianças não param de levantar, assim não consigo dar a minha aula". Tem uma música do Gabriel Pensador que diz assim: "Até quando você vai levando porrada, porrada? Até quando vai ficar sem fazer nada? Até quando você vai levando porrada, porrada? Até quando vai ficar sem fazer nada?..." As crianças levam porrada, porrada e nas brechas elas tentam fazer alguma coisa, por mínimo que seja, mas elas tentam e eu também estou tentando, nas brechas, nas fendas, no recreio. Quando a professora disse que não era para trazer mais os materiais porque quando eu não estava na sala, a aula era uma beleza, fiquei muito triste, me senti uma estrangeira, passageira de algum trem que não passava por ali, como diz a música da banda Engenheiros do Hawaii. Peguei minha mochila e saí da sala, disse a professora que estava indo para a biblioteca escrever um pouco e saí. Como já tinha combinado com as crianças que no recreio eu estaria no quiosque esperando por elas, eu não precisava mais voltar para sala.

Fiquei na biblioteca até quase a hora do recreio das crianças, então fui até o carro e peguei os jogos lógicos, a caixa de som, duas bonecas ainda nas caixas, um jogo de tênis, alguns pedaços de pano e fui para o quiosque organizar tudo e esperar as crianças chegarem. Tinha revelado várias fotos das crianças de todas as atividades que já tínhamos feito até aquele momento. Coloquei pedaços de pano no chão e só algumas fotos por cima, cerca de umas 15 fotos das 108 fotos reveladas. Coloquei os brinquedos num espaço e os outros pedaços de pano espalhados. As músicas escolhidas foram sinfonias de Beethoven do cd Baby Beethoven. Quando olhei, as crianças vinham correndo, saltitando de alegria e gritando: "Tia Grazi! Tia Grazi!...". Quando viram as bonecas disseram: "Nossa! Que linda!". Foram ver as fotos e não sabiam para qual olhavam primeiro. "Olha essa! Nossa! Olha como você ficou aqui!" Depois foram correndo para o pé de acerola, as meninas segurando as bonecas e os meninos começaram a brincar de lutinha e com os brinquedos que tinham trazido. Só brincaram com o jogo de tênis e a peteca, os outros jogos lógicos como dama, xadrez, tangran, quebra-cabeças, nem foram mexidos! Afinal, o que querem as crianças? Será que as crianças querem brinquedos ou querem brincar?

A turma crianças Maravilhosas demonstra que as relações que elas estabelecem entre si, o toque, as lutas, as conversas, são mais importantes que o brinquedo! O brinquedo em si não faz nada, e nem é tão importante como se coloca! O brinquedo pode levar a uma brincadeira e também pode levar a nada, depende de quem está segurando o brinquedo, da imaginação, da criatividade, da emoção! Depende do ser humano, para que o brinquedo vire brincadeira. A imaginação, a criatividade, a emoção podem acontecer e acontecem nas relações, no pé de acerola, nas lutinhas, nas conversas! Proporcionar momentos para as crianças conversarem, conviverem umas com as outras e conosco, enfim, serem livres tem sido importante.

Sugeri aos meninos que fizéssemos um campeonato de lutinhas. Eles ficaram empolgados e então disse que precisávamos fazer as regras e então eles me perguntaram o que eram regras? Disse que era uma forma de organizar, de dizer o que poderia fazer o que não poderia fazer durante as lutinhas. Daí um menino disse: "A Tia Grazi vai ser a juíza!". Os outros meninos concordaram e começamos a chamar todos que queriam participar do campeonato de lutinhas, duas meninas se manifestaram e os meninos todos. Assim, quando começamos a pensar nas regras, toca o sinal, tudo termina! As crianças voltam para a sala! Recolhi os brinquedos e voltei para sala. Quando cheguei, as crianças me olhavam com os olhos cheios de alegria! Começaram e perguntar quem levaria o livro sobre o corpo humano em 3D. Escolhi aleatoriamente uma criança para entregar o livro em 3D e disse às demais que todas elas levariam o livro. Terminei de entregar as revistinhas para as crianças que trouxeram outras para trocar e fui embora. Neste mesmo dia, depois de assistir ao filme Escritores da Liberdade e uma luz se acendeu para mim!

As crianças estavam me dizendo que gostavam de livros em 3D e eu poderia comprar alguns outros para emprestar a elas.

Ao ver as bonecas, algumas meninas gritaram de emoção, e então, a Isadora veio me mostrar uma das bonecas e disse: "Olha tia, essa bonequinha! Eu gostei dela!". Perguntei a ela se a boneca falava e me respondeu apertando na barriguinha da boneca que dizia: "Olá! Estou com sono!" Isadora sorrindo me disse que essa boneca era melhor que as outras bonecas que não falavam, e completou dizendo: "Essa boneca foi lindo, eu posso ficar com ela para mim?".

Muitas vezes, quando gostavam de determinado objeto, as crianças solicitavam tal coisa para si. Diante de tal pergunta, respondi que todo material que ali estava poderia ser usado por todos.



FOTOGRAFIA 52 - Criança olhando as fotografias no chão do quiosque. 08/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 53 - Crianças brincando com as bonecas que falam. 08/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A fotografia 52 mostra a Rôse envolvida com as fotos, na fotografia 53 mostra a Isadora e a Isabela envolvidas com as bonecas, enquanto a Ana e a Rosana observam e lancham. Durante esse momento das crianças, houve um fato que chamou a atenção de todos nós, inclusive das crianças: a Isabela, ao subir no pé de acerola encontrou um ninho de passarinho, pegou um dos ovinhos e veio correndo me mostrar o que havia encontrado: "Olha tia, o que eu achei!". Antes de eu dizer alguma coisa, as coisas crianças já se aglomeravam ao nosso redor e começaram a dizer que ela não podia ter pegado aquele ovinho e agora deveria devolvê-lo ao ninho. Confirmei a ideia das crianças e, assim, Isabela voltou ao pé de acerola para devolver o ovo, mas ela acabou deixando cair no chão e se espatifou todo. As crianças gritaram e disseram que a culpa era da Isabela. Pedi então que ela fosse ao banheiro lavar as mãos e que evitasse chegar perto do ninho novamente. Ela se recusou a ir se lavar e dizendo: "Não tia Grazi, eu já me limpei, não posso ir ao banheiro porque não vai dar tempo de brincar mais!".



FOTOGRAFIA 54 - Jéssica e Maria em cima do pé de acerola mexendo no ninho dos passarinhos. 08/05/2013.
Fonte: Acervo da pesquisa.

Quando percebi, o Francisco, o Marcos, o Luiz e o Fábio já haviam deixado a peteca e o jogo de tênis de lado e estavam brincando de lutinha. Sugeri a eles que fizéssemos um campeonato de lutinha. Perguntaram-me como seria esse campeonato? Sugeri-lhes que poderíamos chamar a todos que quisessem participar, formar as duplas e pensarmos juntos em regras para que houvesse uma disputa igualitária e sem ferimentos. Todos os meninos aceitaram participar e algumas meninas também entraram na brincadeira como a Luiza, a Lilian, a Isabela e a Rôse. Pegamos uma folha de papel, e quando comecei a escrever os nomes dos participantes, o berro soou! Um coro de crianças também: "Ah! Logo agora!". E assim, elas foram indo embora, voltaram para a sala. A seguir a fotografia 55 que mostra as crianças brincando de lutinha minutos antes de soar o "berro".



FOTOGRAFIA 55 - Francisco e Luiz brincando de lulinha. 08/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A necessidade de o corpo falar mais que as palavras ficavam cada vez mais fortes entre as Crianças Maravilhosas. Será que as crianças tinham consciência dos seus próprios movimentos? Bertherat (2001, p.95) explica que "Precisamos conhecer a si mesmo e aceitar a responsabilidade de conhecer-se melhor que a ninguém. Senão sempre procuraremos a autoridade fora de si: no médico, no remédio, no tratamento. [...] precisamos tomar posse do nosso corpo". A impressão que tinha, era que muitos movimentos delas, principalmente os de agressão, eram tomados de forma inconsciente. Eram mais instintos que pensamentos e ações.

O campeonato de lulinha nunca aconteceu de verdade e isso ficará bem demonstrado no decorrer dos próximos acontecimentos. A ideia de comprar outros livros para compor a sacolinha de gibis foi um sucesso, elas preferiam pegar os livros que os gibis. Nos próximos dois encontros de 15 Minutos de Alegrias com as crianças não aconteceram no quiosque, mas numa ex-sala de projetos. Este espaço foi usado como sala de danças e performances quando havia o projeto escola integral na escola Crianças Felizes a alguns anos atrás. Utilizamos essa sala para fazer a eleição do nome do *blog* com as crianças e desde então, minhas ideias borbulhavam sobre como poderíamos aproveitar aquele espaço que estava com bastante entulhos de materiais não mais usados, muita sujeira, carteiras quebradas empilhadas e ainda me informaram (a diretora da escola) que ali funcionava aulas de reforço nos contra-turnos.

Para além dessa sujeira e quinquilharias, vi um espaço diferente, potente que bem organizado, poderia se revelar em um ambiente para brincar com as crianças. Havia espelhos grandes numa parede, colchonetes, mesas grandes, cadeiras, alguns materiais do professor Roberto como tesouras, pedaços de pano do tipo tecido não tecido (TNT), um carrinho grande

feito de madeira e placas com velcro. Muitas coisas que poderiam virar muitas coisas. Procurei a diretora da escola e conversamos sobre a possibilidade de utilizar a sala com as crianças, ela disse que por enquanto estava tudo bem, que eu poderia sim usar a sala desde que não tirasse nada de lá. Também me alertou que há algumas semanas começaria naquele espaço as aulas de reforços para as crianças do AEE, e que os horários deveriam ser estabelecidos para todos pudessem utilizar aquele espaço.

Tudo definido e conversado, mãos a obra! E que obra! Aquela sala estava tão suja e empoeirada que organizá-la foi bem trabalhoso. Peguei a vassoura, o rodo, um balde com e um pano de chão com as responsáveis pela limpeza da escola e fui limpando e trocando os móveis e os entulhos de lugar até um espaço razoavelmente agradável aparecer! Nesse mesmo dia, teríamos o primeiro Cine Recreio com as crianças, mas essa não seria a primeira tentativa de ver um filme com elas. Há quatro dias, no dia 9 de maio de 2013 na biblioteca tivemos a primeira experiência de assistir a um filme com as Crianças Maravilhosas.

O filme que tentamos passar foi "Em busca da Terra do Nunca"³⁰. A ideia de passar esse filme para as crianças foi no Jhonatan, bolsista do PIBID Teatro, que foi também mais um parceiro nessa etapa da pesquisa. Ele também sugeriu que compássemos cadernos para as crianças desenharem-escrevessem, cada um teria o seu caderno e seria como um diário assim como acontece no filme, no qual Barrie usa um caderno para escrever suas ideias, impressões e pensamentos. Tivemos a ideia de fazer um baú para que as crianças pudessem guardar esses cadernos-tesouros, dando a ideia de ser algo precioso, um tesouro muito valioso. Tudo isso seria para desenvolver a imaginação, a criação, a performance, os movimentos, ou seja, muita coisa que as crianças queriam!

³⁰ A trama começa mostrando um fracasso de Barrie (Johnny Depp, novamente ótimo) nos palcos e a consequente preocupação de seu produtor Charles Frohman (Dustin Hoffman). Abatido pela desaprovação por parte de crítica e de público, o autor se lança no penoso desafio de escrever rapidamente uma nova peça para substituir o fiasco em cartaz. Senta-se num parque em busca de inspiração e a encontra sob a forma de uma viúva e seus quatro filhos. Quanto mais o dramaturgo se encanta com aquelas crianças, mais ele se distancia da esposa e mergulha cada vez mais num universo mágico de fantasia formado por meninos perdidos, piratas e caubóis. Porém, do lado de fora existe um mundo que Barrie, em sua ânsia de ser eternamente jovem, se recusa a enfrentar. Sensibilidade à flor da pele, sem cair no sentimentalismo barato. Assim é **Em Busca da Terra do Nunca**, um romance que emociona tanto pela sua forma como pelo seu conteúdo. Tudo no filme enche olhos e corações: a reconstituição de época, as belas soluções cenográficas, as interpretações de todo o elenco e, claro, a eterna luta entre o racional e o emocional. Crescer ou não crescer, eis a questão. Enfrentar a vida ou ser um eterno garoto? Ou, por outro lado, que tal conciliar os dois? Seria possível? Por que não? Com muita fé e um punhado de pó mágico, tudo é possível... Se você acreditar em fadas, é claro. **FICHA TÉCNICA: Gênero:** Drama. **Direção:** Marc Forster. **Roteiro:** Allan Knee, David Magee. **Elenco:** Dustin Hoffman, Johnny Depp, Julie Christie, Kate Winslet, Radha Mitchell. **Produção:** Nellie Bellflower, Richard N. Gladstein. **Fotografia:** Roberto Schaefer. **Trilha Sonora:** Jan A. P. Kaczmarek. **Duração:** 102 min. **Ano:** 2003. **País:** Estados Unidos. **Cor:** Colorido. **Estúdio:** Film Colony. **Classificação:** Livre. Disponível em <<http://www.cineclick.com.br/em-busca-da-terra-do-nunca>> Acesso em 21 de janeiro de 2014.

Começamos a colocar essa ideia em prática e o primeiro passo foi passar o filme. Reservei os equipamentos, o espaço da biblioteca, levei pipocas e refrigerantes, com a ajuda da Alessany colocamos panos escuros nas janelas, ou seja, tudo mais que pronto para começar aquela atividade. Porém, como o tempo e o espaço da escola é diferente e complexo no sentido de não existir certezas, mas apenas possibilidades, as coisas não aconteceram como deveriam. Quando as crianças chegaram e fomos apertar o *play*, o controle não funcionava, chamamos a funcionária da biblioteca que também não sabia o que fazer, chamou a outra funcionária da biblioteca que também não sabia um desespero, uma angústia se instalou em mim. As crianças começaram a ficarem apreensivas, nervosas, inquietas. Até que a boa alma do professor João entrou na biblioteca por acaso e foi o nosso salvador, ele sabia arrumar os controles e fez funcionar as máquinas!

Mas nem tudo são flores! As crianças já estavam inquietas, ansiosas, apreensivas e isso fez toda a diferença. Quando o filme começou, elas não conseguiam escutar, parar um pouco de falar e escutar. A professora Bela não estava conosco neste dia porque preferiu ficar na sala corrigindo as provas das crianças. Por fim, menos da metade do filme, parei-o e disse que se elas não colaborassem desligaríamos e voltaríamos para sala. Nada aconteceu, continuaram a conversar, a se levantar, elas já estavam entediadas com aquele começo desastroso, com isso, parei o filme, disse que tentaríamos em outro dia e pedi voltassem para sala. Elas se calaram de repente, começaram a dizer que não conversariam mais e eu desse mais uma chance, mas fiquei firme na decisão, pedi que voltassem para sala e que numa outra oportunidade tentaríamos novamente. Cabisbaixas, voltaram para sala.

Organizamos o espaço de vídeo da biblioteca tal como encontramos e fomos para sala. Quando chegamos, as crianças estavam em silêncio, com o olhar triste. A professora Bela me perguntou o porquê de não ter passado o filme, falei resumidamente e enfatizei que a verdadeira culpa foi dos aparelhos não terem funcionado. Ela então sugeriu que pegássemos a TV e o DVD portáteis na biblioteca e colocasse aqui na sala de aula para assistirem ao filme. Até gostei da ideia e assim fiz, busquei os aparelhos, montei, trouxe a pipoca e o refrigerante, mas a inquietação não parou. Diminui devido à presença da professora Bela, mas não acabou. Senti que as crianças não estavam acostumadas a verem filmes na escola. Não sabiam lidar com seus corpos perante um momento de quietude e atenção. Não seria num único dia que elas aprenderiam a ver um filme, isso levaria tempo e muito trabalho.

Não sabia se haviam realmente gostado do filme, talvez algumas partes interessaram mais que outras, no final perguntei se haviam gostado elas responderam como se de costume e

automático que sim, tive muitas dúvidas sobre esse sim e por isso resolvemos passar um outro filme "A Loja Mágica de Brinquedos"³¹ que foi o primeiro Cine Recreio na ex-sala da bagunça, também conhecida como sala 16, será chamada na presente pesquisa de Sala dos Espelhos. Acompanhem a Nota de campo do dia 13 de maio de 2013:

NOTA DE CAMPO 36 – Cine recreio, primeira tentativa

13 DE MAIO DE 2013 – segunda-feira

Hoje, segunda-feira, cheguei na escola às 12 horas e 45 minutos e fui na sala da direção perguntar se poderia usar a sala 16, que é uma sala usada para armazenar coisas que não são mais usados na escola, tais como armários velhos, pedaços de madeira, latas de tinta, cadeiras de carteiras estragadas, alguns instrumentos musicais. Esta sala já foi onde fizemos a eleição do nome do *blog*, fica ao lado da sala de aula das crianças. A sala 16 estava uma bagunça, muita poeira, muitas coisas espalhadas e como tive permissão e já conhecia a sala por causa da eleição, sabia um pouco o que teria que fazer, então já passei na biblioteca e combinei de pegar a TV e o DVD das 15:10 as 16:00 hs, que seria o tempo em que eu combinei com a professora Bela para ficar com as crianças na sala 16. Quanta bagunça, mergulhei de cabeça na organização da sala, de uma forma que ficasse um espaço bem confortável para as crianças, aparecessem os espelhos grandes, mas que os objetos que oferecessem algum risco para as crianças pudessem ficar afastados e tampados com um pano. Uma funcionária que trabalhava na limpeza e também na cozinha da escola se ofereceu para limpar a sala e passar um pano nos colchonetes que estavam amontoados num canto da sala, eu disse que gostaria e que ela aproveitasse para levar o milho de pipoca para fritar. Ela me perguntou se já era para fritar, então disse que poderia ser quando ela pudesse daí ela disse que fritaria as pipocas na hora das crianças comerem porque se ela fritasse agora as outras funcionárias comeriam a pipoca das crianças.

OBS: Essa fala da funcionária se encaixou como uma luva no episódio das pipocas da quinta-feira passada, no filme *Em busca da Terra do Nunca*. Havia comentado com a Alessany na quinta-feira passada que quando a funcionária da cantina veio trazer as pipocas, as vasilhas estavam pela metade. Como era um saco de pipocas fechado, esperávamos que as duas vasilhas de tamanho médio viessem cheias de pipoca. Passou pelos meus pensamentos que elas pudessem ter comido, mas não disse nada e não

³¹ A história de *A Loja Mágica de Brinquedos* gira em torno da capacidade que os humanos têm de acreditar e como ela diminui com o passar dos anos. A magia dos elementos do filme está completamente ligada não somente à capacidade dos personagens de acreditar na magia do ambiente e em si próprios, mas, principalmente, do espectador, que tem de se abrir e embarcar completamente na fábula proposta. Simpático, o filme é como um sopro de infantilidade e leveza que tanto faz falta aos adultos. A direção de arte e os figurinos, principalmente do par de protagonistas - interpretados por Natalie e Hoffman - valorizam elementos infantis, como camisetas estampadas, tênis coloridos, ternos e peças que não combinam entre si. Visualmente, os dois personagens são como crianças crescidas, em contraponto ao "Mutante" Henry, que, sempre sisudo com seus ternos bem-cortados e gravatas combinando, significa um corpo estranho no meio do universo mágico da loja do Sr. Magorium. Por brincar com essa questão do crescente ceticismo que acompanha as pessoas na medida em que a maturidade, responsabilidades e tudo que vem com a vida adulta se instalam, a estreia na direção do roteirista Zach Helm (Mais Estranho que a Ficção) tem a possibilidade de tocar mais profundamente o público adulto, sem, no entanto, perder a inocência infantil. **FICHA TÉCNICA:** **Gênero:** Aventura. **Direção:** Zach Helm. **Roteiro:** Zach Helm. **Elenco:** Beatriz Yuste, Dustin Hoffman, Jade Cohen, Jason Bateman, Jonathan Potts, Marcia Bennett, Natalie Portman, Paula Boudreau, Philippe Bergeron, Rebecca Northan, Ted Ludzik, Zach Mills. **Produção:** James Garavente, Richard N. Gladstein. **Fotografia:** Roman Osin. **Trilha Sonora:** Aaron Zigman, Alexandre Desplat. **Duração:** 94 min. **Ano:** 2007. **País:** Estados Unidos. **Cor:** Colorido. **Estreia:** 15/11/2007 (Brasil). **Distribuidora:** Imagem Filmes. **Estúdio:** Walden Media. **Classificação:** Livre. Disponível em <<http://www.cineclick.com.br/a-loja-magica-de-brinquedos>> Acesso em 21 de janeiro de 2014.

alimentei essa ideia. Porém, hoje as minhas suspeitas se confirmaram pela própria funcionária da cantina de que elas fritavam as pipocas e comiam. Além de não fritarem direito a pipoca, pois os grãos não cresceram, deixaram queimar. Eram muitas as dificuldades que a escola apresentava.

Organizei a sala, preguei as fotos das crianças no mural e liguei o DVD. Fui até a cantina para saber o que poderia estar acontecendo porque estava demorando a trazer as pipocas e as crianças já estavam chegando, daí vi que o saco de pipocas estava do mesmo jeito que havia sido entregue. Então perguntei a cozinheira se alguém poderia fritar as pipocas e se possível levar na sala 16, elas então disseram que estavam muito ocupadas e que não poderiam. Pedi então que me arrumassem uma vasilha, óleo e sal porque eu mesma fritaria o milho e assim fiz. Quando já estava terminando de fritar, uma funcionária se ofereceu para terminar e levar na sala 16. Deixei as panelas e corri para sala para esperar as crianças que estavam a caminho. Voltando um pouco, no início da aula acompanhei as crianças até a sala, organizei os livros em cima da carteira e coloquei as bolsinhas de lápis em cima e saí para organizar a sala 16 que é ao lado da sala 15 que é a sala das crianças. Chamei as crianças perto de mim e disse que naquele dia nós assistiríamos a um filme na hora do recreio, mas que ninguém era obrigado a ver, só assistiria quem quisesse e que para entrar na sala para ver o filme teria que usar um **pedaço de barbante** que eu amarrarei no braço de cada um. Em cada criança que eu amarrava o pedaço de barbante eu perguntava se queria mesmo assistir ao filme e que aquele pedaço de barbante era o nosso elo onde ela se comprometia em assistir ao filme sem violência, agressão e em silêncio. Todas as crianças amarraram o barbante no braço e se comprometeram em ver o filme. Conversei com a vice-diretora que ficava no pátio durante o recreio para que ela liberasse as crianças que estivessem com um barbante amarrado no braço para irem até a sala 16 (as crianças de todas as turmas, na hora do recreio, eram impedidas de circularem nos corredores das salas para não atrapalhar as outras turmas que estavam em aula). Ela concordou e até achou bacana a ideia do barbante para identificar mais facilmente as crianças. Fiquei na porta esperando as crianças e logo elas surgiram lá no final do corredor, correram até chegar à sala e foram entrando e ficaram admiradas com o lugar, com as fotos delas no mural, com o espelho grande da parede, com os colchonetes no chão. Tudo foi surpreendente para as crianças, até cambalhotas no colchonete teve. Depois de eles examinarem o local, disse que começaria o filme e então apertei o play e todos se deitaram e começaram a assistir "A Loja Mágica de Brinquedos". Porém, quando a pipoca chegou tudo saiu dos eixos, elas ficaram agitadas, brigando com os colegas porque uns estavam pegando mais pipocas, outras estavam tomando a vasilha para si, outras estavam guardando pipoca para levar. Foi um caos! Então disse que a pipocar poderia ser comida de qualquer jeito, enchendo a boca, as mãos, e que a vasilha não era de uma pessoa só, mas de todos nós. Enquanto a pipoca não acabou, as crianças não conseguiram concentrar-se no filme, dando a ideia de que ou comem ou assistem ao filme. Fazer as duas coisas ao mesmo tempo é difícil para elas. Ficou evidente que assistir filme e comer pipoca não combinavam entre si, era um ou outro, ainda não poderia ser os dois, porque a distração era tamanha que acabavam não assistindo ao filme e a comida ganhava um destaque que não devia acontecer. Uma aluna ficou muito agitada durante todo o tempo, não parava de agredir os outros colegas, então perguntei se ela realmente queria assistir ao filme e ela disse que não. Então retirei o barbante do braço dela e pedi que saísse da sala, e ela saiu. Outra criança também queria sair, tirei o barbante do braço dela, mas depois ela voltou dizendo que queria voltar a assistir ao filme, então coloquei novamente o barbante e ela continuou a ver o filme.

OBS: O mais importante que precisava ser colocado é que a ação não era obrigatória, mas o que era combinado e acordado tinha que ser respeitado!

Das 15h30min as 16h00min, as crianças ficaram na sala 16 tentando ver o filme. Depois que uma criança saiu, as outras ficaram mais quietas e mais atentas ao filme, quando chegou na parte em que começaria um grande conflito no filme, dei uma pausa e disse que seria cenas para os próximos capítulos. Escutei um "Ah! Ah! Ah!...", mas tinha que

terminar, a professora regente já havia confirmado o horário comigo. Disse às crianças que voltaríamos no outro dia para terminarmos de ver ao filme. Eles foram saindo, alguns ficaram para me ajudar a recolher os colchonetes, e ver as fotos novamente. Recolhi as fotos e fui para sala 15 entregar revistinhas e recolher material e assim que cheguei a professora regente já veio dar uma ordem: "Grazi, eu não quero que você traga mais esse material, quando você não traz fica tudo beleza, mas hoje essa sala ficou um inferno, toda hora eles levantavam para pegar alguma coisa. Acabou! Eu não quero mais esses materiais na minha aula". Escutei calada, mais uma truculência sem explicação, sem motivo justo e aceitável. Dessa vez não levarei mais o material, apesar de que continuarei a deixá-los na minha sacola de gibis, caso consiga emprestar alguma coisa.

OBS: Talvez a professora regente tenha razão em se preocupar com o tumulto na sala de aula, mas não consigo pensar em que medida ela estaria certa.

Entreguei as revistinhas e disse que amanhã teria mais filme e mais outras coisas.

Buscando nos registros fotográficos da pesquisa não encontrei nenhuma fotografia de como era a sala 16 antes de reorganizá-la, mas apresento na fotografia abaixo como ficou a Sala dos Espelhos, antes das crianças chegarem para assistir ao filme "A Loja Mágica de Brinquedos":



FOTOGRAFIA 56 - A Sala dos Espelhos. 13/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Os panos de cores laranja e verde, no lado direito da fotografia, tampavam o material que ficava nessa sala. O espelho estava escondido por de trás dos objetos. Os quadros de feltro verde perto das janelas também estavam jogados num canto, assim como os colchonetes azuis no chão. Nesse dia aproveitamos os quadros de feltro como suporte para as fotografias apresentadas às crianças. Talvez não tenha ficado o melhor lugar que poderia oferecer para as

crianças, mas naquele momento e naquelas circunstâncias, foi o melhor que pude fazer por elas.

Finalmente havia um lugar que poderia ficar com as crianças sem me preocupar se chegaria outro professor, se seria utilizado por outra pessoa no horário em que estávamos usando. Pelo menos neste momento, aquele lugar era nosso! Os espaços da escola como quiosque, pátio, quadra de esportes, biblioteca, e até o gramado ao lado do estacionamento seguiam uma grade de horários de utilização estabelecida pelos os professores e principalmente os professores de Educação Física, os quais utilizavam principalmente os lugares abertos. Assim, para que eu pudesse usar esses espaços, tinha que combinar com os professores e/ou usá-los quando ninguém havia reservado. Ficávamos amarradas à possibilidades de ter, ou não, um espaço disponível, mas agora com a Sala dos Espelhos, tínhamos realmente um espaço nosso!

O barbante amarrado nos braços das crianças foi uma ideia que vivificou e materializou o comprometimento com os combinados antes das atividades. Foi bem acolhido pelas crianças que compreenderam que quando o acordo era quebrado, o laço do barbante era desfeito. Numa segunda tentativa de assistir a um filme com as crianças, mais uma vez aconteceram conflitos corporais entre elas, porém, agora havia um barbante que materializava o compromisso selado. Quando desobedeceram ao combinado e cortei o barbante de duas crianças, as outras começaram a entender o que significava e passaram a ver o filme mais calmamente. Vale resaltar, que cortei o barbante e pedi que as duas crianças se retirassem depois de muitas vezes pedir que cumprissem o acordo. As fotografias 57 e 58 retratam o momento em que as crianças chegaram à Sala dos Espelhos e como permaneceram durante a exibição do filme:



FOTOGRAFIA 57 - Crianças utilizando pela primeira vez a Sala dos Espelhos. 13/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 58 - Crianças assistindo ao filme "A Loja Mágica de Brinquedos". 13/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Sem estar na sala de aula com as crianças, o tempo com elas era curto e intenso. Nos dias 14 e 15 de maio de 2013 tentamos terminar de assistir ao filme. De maneira geral, nessas duas atividades procedemos no geral, da mesma forma que no primeiro dia do Cine Recreio, de acordo com o previsto para as atividades nos 15 Minutos de Alegrias: apresentávamos o que iríamos fazer naquele dia, perguntávamos a cada uma se participariam e amarrávamos os

barbantes nas crianças que queriam participar da atividade assim que chegávamos à escola e na sala de aula para deixarmos as revistinhas.

No dia 16 de maio de 2013, uma quarta-feira, com a ajuda da Alessany, havia trazido para deixar na escola e alguns na Sala dos Espelhos os brinquedos que compramos: dois pebolins, duas bonecas que falam, quatro notebooks sendo dois do desenho do Bakugan e dois do Batman, dois minigames, um conjunto de jogos lógicos, uma bola de basquete e um jogo de tênis. Estes brinquedos foram comprados por meio de licitação no setor de compras da UFU, pois os recursos utilizados eram do fundo do GEPECPOP. Numa lista de 47 itens dentre brinquedos eletrônicos, brinquedos não eletrônicos, jogos lógicos e Lego, apenas os citados acima é que foram comprados.

A ideia foi montar os pebolins e deixá-los na Sala dos Espelhos, quanto aos demais brinquedos deixamos na sala de materiais que ficava ao lado da sala da supervisão. Para isso, fomos conversar com a diretora para pedir autorização para usar deixar os brinquedos nessas salas e acabamos tendo com ela uma conversa bem séria e exaustiva. Ela me disse que não poderia mais usar a Sala dos Espelhos porque começariam as aulas de reforço das crianças com AEE. Depois de tanto trabalho organizando a sala, não poderia mais usá-la? Nesse momento fiquei emocionada e acabei dizendo tudo que sentia naquele momento com relação à escola, funcionários e a professora Bela, tal como se pode observar na Nota de campo 39 do dia 16 de maio de 2013:

NOTA DE CAMPO 39 – Desafios, alívio e uma grande possibilidade de mudança
16 DE MAIO DE 2013 – quinta-feira

Hoje, quinta-feira, completam quatro dias que eu fui à escola nesta semana. Pela primeira vez eu fui quatro vezes à escola. A Alessany foi junto para me ajudar a montar os dois pebolins e deixarmos o restante dos brinquedos na sala de materiais ao lado da sala da supervisão. Fomos até a diretoria para pedir que deixássemos os materiais e pegar a chave da sala, e a ela então me disse que a sala 16 era uma sala reservada para reforço e que eu não poderia usá-la mais. Então eu disse que isso não poderia acontecer, eu arrumei a sala sozinha, organizei, precisava daquele espaço para estar com as crianças. Então fiquei muito alterada porque mais uma vez a escola me impedia de ir adiante. Comecei a dizer que a escola tem me negado muita coisa, tudo está sendo difícil de conseguir, a professora tem intervido muito nas minhas ações com as crianças, eu não estava tendo apoio que eu precisava, que tudo se eu precisava eu estava tendo que trazer de casa, até mesmo a pipoca. A diretora então disse que a escola não tinha espaço, e que aquela sala estava sendo usada para reforço e que ela poderia disponibilizar algum tempo nos dias que eu estivesse na escola. Ela então argumentou que as atividades que estávamos desenvolvendo no tempo do recreio das crianças estava errado, que desde o início eu já deveria ter comunicado a ela sobre o comportamento da professora e que utilizar o horário do recreio seria sacrificar as crianças, elas tinham que escolher entre o lanche e o brincar e que acabariam, muitas delas, escolhendo a brincadeira e deixando de comer. Essa escolha era injusta com as crianças e realmente eu acabei concordando com ela, é injusto porque elas precisam lanche e também precisam brincar. Então ela sugeriu 30

minutos antes do recreio ou 30 minutos depois do recreio, então preferi 30 minutos depois do recreio para que elas já se preparassem durante o recreio e viessem animados para os nossos encontros. Ela ficou de conversar com as monitoras sobre os horários e depois me falaria. Com relação à professora regente, ela iria conversar com ela para que não ficasse com as crianças durante a atividade, eu até sugeri que eu participasse da conversa para não ficar um clima ruim e que tudo fosse esclarecido. Outro item que eu disse a diretora foi que as crianças eram livres para escolher participar ou não das ações e quem não quisesse e/ou quebrasse as regras voltaria para sala de aula. Disse também que eu precisava de um espaço para guardar os notebooks e brinquedos, um lugar seguro, ela então abriu a sala de materiais escolares e disse que poderia usá-la como eu quisesse e assim fiz, coloquei lá os computadores portáteis de brinquedo e deixamos os pebolins na sala 16.

OBS: Fiquei aliviada depois de hoje, tirei uma angústia que estava em mim, tudo começou a ter luz, um ponto de luz na escuridão. Estou confiante de que a partir de segunda-feira será diferente! A diretora disse que eu tinha que dizer mais sobre as minhas angústias, conversar mais com ela, então eu disse que a partir de hoje eu ficaria até chata, porque eu falaria tudo que estivesse me chateando, ela concordou e tudo se acertou! Vamos ver como fica! Tomara que fique bem!

Depois de conversar com a diretora e guardar os notebooks, fomos para sala 16 para montar os pebolins. Passamos na sala 15 para dizer um oi com as crianças e entregar uma cartinha que eu havia feito para o menino que tinha me dito que era aniversário dele hoje, mas ele tinha faltado, [...] eu disse a elas que estaria na sala 16 arrumando umas coisas, elas então disseram que ficariam lá conosco e assim foi. Cinco crianças nos ajudaram a montar os pebolins e a brincar com eles também! Uma dessas cinco crianças já foi chegando e pedindo para ajudar a montar os pebolins, eu disse a ela que não sabia como começava a montar e ele então disse: "É fácil Tia Grazi, é só pegar esse parafuso aqui e colocar ali...". Em seguida, encontrei no manual o passo a passo da montagem e tudo ficou mais claro.

OBS: O que mais me surpreendeu e me aliviou foi a determinação da criança em numa situação em que até eu estava sem rumo. Depois que disse que era fácil, por mais que não estivesse certo o jeito que ele estava montando, me deu uma tranquilidade de que tudo teria um jeito.

Essa criança foi o menino que pela primeira vez me abraçou espontaneamente a dois dias atrás. As outras crianças ficaram brincando com o outro pebolim que estava desmontado, com os colchonetes e com os dois instrumentos musicais conhecidos como Xilofone que já estavam na sala empoeirados e sujos. Elas tocavam com a baqueta no xilofone e o som ecoava na sala 16 e se confundia com som das batidas do martelo e as apertadas de parafusos na montagem dos pés de apoio dos pebolins. Por um momento, duas meninas começaram a desvelar os panos que tampavam as coisas inúteis que tinham naquela sala 16. Foi aí que elas viram um baú de madeira velho que eu já tinha pedido para o dono que é o professor de artes da escola, porém ele disse que reformaria o baú para outros fins, então compramos o nosso próprio baú, por onde desenvolveremos a imaginação da escrita, do teatro, da interpretação com as crianças. A menina que viu o antigo baú disse com toda a emoção, como se ela tivesse descoberto um tesouro: "Gente! Achei um Baú! Olha isso!". As outras crianças foram correndo ver o baú e falavam: "Nossa! Que legal!". Isso já é um indicativo de que o baú e as nossas ideias de trazê-lo para a cena da imaginação poderia dar certo! A professora regente apareceu na porta e gritou com as crianças para saírem e voltarem para sala. Elas deixaram tudo e foram com os olhos baixos.

OBS: Foi tão bom! As crianças são tão prestativas, disponíveis, prontas para dar a mão. Foi um momento único e agradável, elas acharam os instrumentos musicais que estavam na sala e brincaram com o pebolim e nos colchonetes, e ainda nos ajudaram a montar os dois pebolins. Comentei com elas que entrassem no blog para ver as atualizações que tinha feito, elas disseram que entrariam! Viva as Crianças!

A conversa foi longa! Não teríamos mais os 15 Minutos de Alegrias, mas teríamos 30 Minutos de Alegrias, três vezes por semana, por todos os ambientes da escola inclusive a Sala dos Espelhos que conseguimos um acordo de utilizá-la duas vezes por semana e ainda, a diretora concordou que a presença da professora Bela atrapalhava as nossas ações e que conversaríamos com ela. Tudo esclarecido, fomos montar os pebolins na Sala dos Espelhos e mais uma grande surpresa, como estava no horário do recreio das crianças, elas vieram nos ajudar a montá-los! Elas se ofereceram para ajudar e aceitamos com grande emoção! Nas fotografias 59 e 60 se pode visualizar um pouco do processo de montagem dos pebolins e as brincadeiras das crianças nesse momento:



FOTOGRAFIA 59 - Francisco e pesquisadora montando os pebolins. 16/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 60 - Isabela, Ana e Luiz brincando enquanto montávamos os pebolins. 16/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A descoberta do baú pela Isabela retratada na fotografia 61, o Luiz e a Ana brincando com os instrumentos musicais foram outros momentos muito intensos. Elas tentavam encontrar um ritmo, um som, um significado para os sentimentos que sentiam naquele instante. Uma mistura de espanto e alegria tomou conta da Isabela quando ela viu o baú escondido embaixo dos panos verdes. A boca aberta, os olhos arregalados, a voz quase não saía.



FOTOGRAFIA 61 - Isabela descobrindo o baú. 16/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Quando falamos de alegria, de crianças alegres não estamos falando apenas de prazer imediato, mas de uma alegria que segundo Snyders (2005) passa a ser um ato que através dele a potência de agir é aumentada:

A alegria é um ato e não um estado no qual nos instalamos confortavelmente, é "a atividade de passar para...". A alegria também é um ato na medida em que, através dela, "a potência de agir é aumentada", um acréscimo de vida, fazendo o indivíduo se sentir como que prolongado, enquanto a não-alegria vai se restringir, se reduzir, se economizar, ficar de vigília ou entregar-se à dispersão (SNYDERS, 2005, p. 42, grifos do autor).

A alegria da Isabela ao ver o baú, de Luiz e Ana ao tocarem os instrumentos, brincar com pebolim ainda desmontado era contagiante. Essa alegria foi o combustível para o nosso agir! Potencializava a potência do fazer-pensar! A espera pela minha chegada, por brincadeiras, pelas revistinhas, pela caixinha de material e bolsinha de material escolar era sempre uma espera alegre pelas crianças e por mim!

Assim que terminamos de montar os pebolins e de organizá-los, a diretora nos chamou para conversarmos com a professora Bela. Uma conversa amigável, momento em que a professora Bela concordou em não participar das ações com as crianças.

NOTA DE CAMPO 39 – Desafios, alívio e uma grande possibilidade de mudança

16 DE MAIO DE 2013

[...] A diretora começou a conversa dizendo: "Professora regente, gostaria de readequar o plano de trabalho da pesquisa da Grazi e da Prof. Myrtes porque a escola tem reconhecido que as crianças tem tido uma melhora muito grande com o trabalho que elas tem desenvolvido com as crianças, essa melhora tem acontecido na autoestima das crianças, na leitura, na confiança de poder fazer, na confiança em si mesmo. E essa melhora atribuo também ao seu trabalho professora regente. Para que as atividades da pesquisa pudessem acontecer fora do horário do recreio das crianças, pensamos que nas segundas, quartas e quintas a Grazi ficaria 30 minutos com as crianças depois do recreio, sendo que segunda e quinta seria na sala 16 e na quarta no quiosque ou em outros espaços possíveis. Também gosta de pedir, professora regente, que neste primeiro momento você não estivesse com as crianças para que não interferisse no trabalho, porque são olhares diferentes, são ideias diferentes, são objetivos diferentes resaltou. A Grazi, tem um olhar libertador, de conversar, de propor, de deixar a autonomia e o prazer do brincar. Já o seu olhar professora regente já é um olhar enraizado, o sistema educacional já está entranhado, a cobrança de que as crianças precisam aprender é muito forte e isso eu me incluo porque sou também pedagoga e me formei com esse olhar de disciplina, que sala boa é sala silenciosa, que menino bom é aquele quietinho e que a rigidez tem estar sempre presente. Já a proposta que a Grazi trouxe é o contrário de tudo isso, então quando vê a Grazi com as crianças, nas atividades do trabalho, você acha que tudo está uma bagunça, que as crianças estão indisciplinadas e na verdade é um outro jeito de conduzir e de olhar a educação. Não há certo e errado, mas jeitos de pensar diferentes, e como você professora regente pensa diferente que a Grazi isso pode causar algum desacordo e ninguém conseguirá se sentir satisfeita nem mesmo as crianças que não conseguirão compreender nada. Por isso, você deve se afastar nos momentos que a Grazi estiver com as crianças". Então escutando o que a diretora disse eu também me coloquei: "Gostaria de deixar bem claro que a nossa intenção, tanto minha quanto da Myrtes, é que a professora regente participasse das ações, as crianças gostam dela e me lembro quando estávamos fazendo a atividade com a massinha que ela brincou com as crianças e foi muito importante para elas. Daqui a algum tempo eu não estarei mais na escola, e a professora regente poderia dar continuidade neste trabalho. Outro ponto que gostaria de deixar esclarecido é que um desses olhares diferentes é de que as crianças possam ter liberdade de não querer participar das ações que serão desenvolvidas com elas. Caso algum aluno não queira estar ali que ela possa voltar para sala, só vai permanecer quem quer. Outra questão também é que penso ser muito importante para as crianças o uso dos materiais escolares, da caixinha que eu fiz para elas usarem coletivamente porque foi uma forma que encontrei de desenvolver a noção do coletivo, não individual, mas de todos, do cuidado com os materiais, do pedir emprestado, da organização que tem acontecido por parte das crianças em anotar quem pega os materiais quem devolve. Elas vigiam quem quebrou alguma coisa e também a questão das revistinhas que tem dado muito certo também, as crianças estão cuidando melhor delas, o livro do corpo humano que alguns até chamam de livro da caveira tem feito com que elas tenham mais responsabilidade com os materiais. Não é possível que as crianças nasçam sabendo como cuidar das coisas, é preciso dar oportunidades para que elas aprendam. Então eu gostaria de poder continuar com o material escolar e com as revistinhas". A professora regente logo disse que os materiais causava tumulto na sala, mas que as revistinhas ela aprovava. A supervisora que também participou da reunião interveio e disse: "Veja, o que a Grazi tem proposto para as crianças é mais que aprender os conteúdos, é um aprender para a vida delas, são questões como respeito, confiança, cuidado com o outro e com os materiais e outras coisas que são muito importantes para as crianças". A diretora balançou a cabeça positivamente e disse: "Está vendo o seu olhar é diferente do olhar da Grazi, eu sugiro que você professora possa acompanhar o trabalho da Grazi, mas como se fosse uma estagiária. Você conhece como funciona um estágio?" A diretora olhou para a professora regente e completou dizendo:

"Então, a Grazi não é estagiária, mas você professora regente para que possa compreender melhor o trabalho, deve se quiser acompanhar o projeto com as crianças com os olhos de uma estagiária e não como uma professora. Sobre os material escolar, vamos pensando um jeito". A professora regente então disse: "Grazi, por que você não faz assim: pega um brinquedo e passa de criança em criança e deixa elas levarem para casa para elas aprenderem a cuidar e assim elas podem brincar?" Disse a ela que eu já estava desenvolvendo com elas a questão da responsabilidade, do cuidado com os materiais, do coletivo com as revistinhas. Elas no começo não estavam tendo cuidado com as revistinhas e com os livros, mas que agora com o tempo já estavam tendo mais cuidado e até estavam cuidando muito bem do livro da caveira. A professora regente então disse que não gostaria de participar do projeto por agora por incompatibilidade de ideias, mas algum dia quem sabe ela poderia se interessar. Então encerramos a conversa e tudo ficou bem.

Tentamos estabelecer um vínculo com a professora Bela que foi parcialmente compreendido e aceito por ela; pelo menos ela aparentemente compreendeu e aceitou não interferir nas atividades da pesquisa. Pelo que foi dito na reunião anteriormente retratada a Diretora e a Supervisora compreendiam bem o teor de nosso trabalho e a nossa preocupação em criar condições mínimas para que as relações entre as crianças e conosco, no momento das atividades, das brincadeiras, pudessem favorecer a emergência de significados e ações próprios às crianças.

A partir daqui, superamos a organização dos 15 Minutos de Alegrias e construímos os 30 Minutos de Alegrias. Foram quatorze encontros com duração de 30 a 45 minutos cada um, em diferentes ambientes escolares, tais como, a sala dos espelhos, o pátio, o quiosque, a quadra de esportes, o gramado perto do estacionamento e os corredores da escola.

3.3 30 MINUTOS DE ALEGRIAS: Alegrias, tristezas, recomeço e finalização

Para fazer uma moqueca
Bastam peixe, fogo e uma panela.
Peixe, fogo, panela e fantasia.
Mas, na falta do peixe,
Basta a fantasia.
(ALVES, 2011, p.142)

Parecia que às vezes faltavam muitas coisas, talvez outros brinquedos, outros lugares para brincar, outros adultos, mas o que em nenhum momento sentimos falta foi da imaginação e disposição das crianças. A potência imaginária das crianças para criar situações, brincadeiras e sentidos nas atividades não pode faltar à imaginação!

Pensando na quantidade de atividades que foram produzidas com as crianças dentro dos 30 Minutos de Alegrias, quatorze no total, elaboramos um quadro geral de todas as ações realizadas e em seguida detalharemos uma ou duas atividades que consideramos mais expressivas do jeito típico de ser e de se relacionar das crianças. Agrupamos estas atividades por eixos temáticos, e a seguir, apresentaremos de maneira detalhada de uma a duas atividades por eixo:

QUADRO 11- Panorama geral de treze atividades produzidas com as crianças no período de 201/05/2013 a 04/07/2013

EIXOS TEMÁTICOS	DATAS	TEMPO DE ATIVIDADE	ESPAÇOS UTILIZADOS	DESCRIÇÃO SINTÉTICA DA ATIVIDADE
Brincadeiras com brinquedos robóticos e brinquedos não robóticos	1- 20/05/2013	30 min.	Sala dos Espelhos	Fizemos uma roda na sala de aula, conversamos e estabelecemos os acordos com as crianças e fomos para a Sala dos Espelhos onde as crianças brincaram com os brinquedos comprados por nós que estavam guardados na escola. Também havia jogos de tabuleiros, carrinhos, massinhas, instrumentos musicais e as fotografias das crianças num mural. O que mais impressionou foi que nem todas as crianças, metade delas, não quiseram brincar com os brinquedos eletrônicos, mas com os não eletrônicos que podem ser jogados em grupo. As fotografias novamente muito apreciadas pelas crianças durante todo o tempo.
	2- 22/05/2013	30 min.	Quiosque	Fizemos uma roda na sala que demorou muito, as crianças não estavam dispostas nesse dia escutar o outro, estavam muito agitadas. No quiosque trouxemos uma bola de futebol e uma de basquete, uma peteca, o jogo de tênis, os jogos de tabuleiro, bolinhas de gude, jogos de varetas e os livros novos em 3D que havíamos comprado. As crianças brincavam de tudo a todo o momento, deixavam um brinquedo e pegavam outro como se quisessem aproveitar tudo ao mesmo tempo. Os livros foram muito disputados e no meio das brincadeiras um acidente: o Luiz chutou a bola que por infelicidade acertou no meu notebook. A lateral da máquina quebrou e se descolou. Encerrei as atividades, me descontrolei, pela primeira vez gritei com as crianças, todas as vezes que brincávamos no quiosque eu alertava as crianças que tomassem cuidado com os aparelhos eletrônicos (notebook,

				caixa de som). Fiquei uma semana sem ir á escola, pensando, tentando consertar o notebook e consertar os meus sentimentos.
Uma conversa séria com as crianças e a retomada das atividades	3- 27/05/2013	25 min.	Sala dos Espelhos	Reuni as crianças e comecei dizendo que o notebook não tinha conserto, por ser um modelo muito atual, ainda não havia peças nacionais para trocar, se eu quisesse teria que importar as peças o que ficaria muito mais caro que um notebook novo. Disse ainda que tentaríamos meu pai, meu irmão e o meu namorado, fazer um remendo. Disse ao Luiz que eu entendi o que havia acontecido que foi um acidente e disse às crianças que eu gostaria de recomeçar, tentar novamente com elas e desenvolveríamos trabalhos de performances, imaginação, cinema, dança, música e teatro. Elas ficaram muito emocionadas, disseram que queriam voltar e tentar novamente e que estavam muito felizes com a minha volta.
Cirandas e brincadeiras com muita dança e música	4- 04/06/2013	30 min.	Pátio	Retomamos com as crianças as cirandas e danças com movimentos corporais. Muita música, a Kátia colaborou conosco neste dia, trouxe uma rosa que serviu como o centro da roda, pois as crianças tinham dificuldades em compreender a formação da roda. A todo o momento ela falava para as crianças se atentarem a distancia em que elas estavam da rosa. O professor João disponibilizou a sua aula para que pudéssemos fazer essa atividade fora do tempo combinado e ele também quis participar da brincadeira. As crianças queriam aprender a fazer a roda, se esforçaram e poucas as vezes tivemos que alertar alguma criança por estar violentando, desrespeitando o outro. Recebi das crianças várias cartinhas dizendo que gostavam muito de mim, sentiram muitas saudades e pediam

				desculpas pelo acontecido.
	5- 05/06/2013	30 min.	Pátio	Só eu e as crianças! Levei uma bola pequenina, coloquei no centro, fui buscar as crianças na sala, fizemos os acordos e fomos para o pátio. Rapidamente elas fizeram a roda e começamos a dançar, dançamos e brincamos de ciranda, e pela primeira vez após ter advertido três vezes, pedi ao Alex que voltasse para sala. As demais crianças não defenderam o colega, senti que elas me apoiaram na decisão e depois disso, a harmonia entre todos nós ficou melhor.
Construindo as próprias histórias em quadrinhos	6- 06/06/2013	30 min.	Sala dos Espelhos	Pela primeira vez, as crianças deixaram de conversar e de se baterem para escutar Vivaldi e construir suas próprias histórias em quadrinhos. Elas vieram da sala de aula calmas, gostaram da proposta e logo já foram pegando os lápis de colorir e canetinhas e pensando nas histórias e nos desenhos. A maioria não escreveu com letras, mas desenharam-escreveram. Falei a elas que colocaria as revistinhas em quadrinhos no <i>blog</i> e elas adoraram a ideia. O tempo acabou não sendo suficiente para que elas terminassem, então disse à elas que teríamos um outro momento para terminarem, o que aconteceu a seguir. As revistinhas que já estavam prontas coloquei no <i>blog</i> .
	7- 10/06/2013	30 min.	Sala dos Espelhos	A maioria das crianças não terminou de fazer a revistinha e tiveram que voltar neste dia para tentar terminar de fazer as histórias. Elas estavam muito ansiosas para ver suas revistinhas em quadrinhos no <i>blog</i> . Prometi que colocaria, mas elas deveriam terminar de fazê-las, porém o tempo novamente não foi suficiente para a maioria das crianças; poucas delas haviam terminado de fazer suas histórias e

				então sugeri que elas terminassem em casa e depois devolvessem para eu colocasse no <i>blog</i> . Elas gostaram da ideia, mas desde então apenas uma criança trouxesse a revistinha, as outras sempre diziam que ainda não haviam terminado, outras chegaram a dizer que tinham perdido os papeis. Coloquei no <i>blog</i> apenas as revistinhas que estavam comigo e essa última que me entregou.
Em busca da terra do Nunca: Cadernos-	8- 11/06/2013	50 min.	Sala de aula	A professora Sandra cedeu o horário de aula e junto com o Jhonatan, preparamos a sala de aula das crianças colocando alguns objetos que estavam na biblioteca da escola como tapete, almofadas e a TV e o DVD portátil. Pegamos pedaços de pano tipo não-tecido preto da Sala dos Espelhos e colocamos nas janelas, com os pedados de tecido-não-tecido coloridos que eu trouxe, cortamos em pequenos pedaços para que as crianças amarrassem na cabeça. Na porta, amarramos os panos nas crianças e abrimos a porta, elas levaram um susto, a sala havia se transformado. Colocamos um pedaço do filme "Em Busca da Terra do Nunca", onde ele apresenta uma cena imaginária para as crianças usando o seu cachorro. Daí começamos a conversar com as crianças sobre o que poderia ser o controle da TV, o pedaço de pano amarrado na cabeça e fomos inventando e criança com as crianças.
	9- 13/06/2013	45 min.	Sala dos Espelhos	Primeira tentativa de construirmos uma capa para os cadernos tal como havíamos pensado há tempos atrás, cada criança teria o seu caderno-diário, como no filme o ator tinha o seu caderno de anotações. Neste dia, a Alessany estava conosco e trouxe retalhos de pano tipo viscolycra para as crianças colarem nas capas. Porém esse tipo de pano não colava e acabou frustrando todas as crianças

tesouros, baú e muita imaginação				e nós.
	10- 17/06/2013	45 min.	Sala dos Espelhos	<p>Levei os cadernos para casa e encapei todos com uma capa de plástico. Levei novamente para a escola já dentro do nosso baú que havíamos comprado e enfeitado e então o Jhonatan teve a ideia de cortar um pedaço da capa em forma de círculo e as crianças desenhariam dentro deste círculo. Quando elas entraram na sala e viram o baú, ficaram impressionadas, os olhos vibravam de espanto e emoção. Gostaram tanto do baú que queriam terminar logo os desenhos-escritas na capa para então enrolá-los nos panos viscolycras que desta vez tiveram serventia, e colocá-los no baú. Dissemos que os cadernos eram os tesouros e que seriam para que nós desenhássemos-escrevêssemos muitas ideias e pensamentos.... As crianças estão colaborando mais, querendo fazer e evitando os conflitos. Neste dia, uma criança teve que ser retirada por violentar os colegas. Mas na próxima atividade ela estará de volta com novas chances. Nós também fizemos os nossos cadernos.</p>
	11- 20/06/2013	30 min.	Toda a área livre da escola	<p>A ideia era que as crianças explorassem os espaços da escola. Daí, reunimos as crianças no pátio, fizemos os acordos e começamos a conversar sobre piratas e tesouros. Dissemos as crianças aquela escola seria uma ilha que tinha muitas coisas, tesouros, e que nós éramos piratas que precisávamos conhecer e explorar aquela ilha. Todos nós viramos piratas e fomos desbravar a ilha. Fomos andando em direção ao quiosque, depois começamos a correr para todos os lados, na quadra, nos corredores, na área gramada. Apreciamos as árvores, as paisagens, os gramados, os espaços. Fomos andando e dando ideias às crianças de imaginarem o que poderia ter naquela ilha, como leões, girafas, elefantes, grandes</p>

				<p>pássaros. Depois de andarmos muito pelos espaços da escola, reunimos as crianças e fomos para a área gramada brincar de sorvetinho, um tipo de brincadeira onde é o pegador que quando vai pegar o outro se este colocar as mãos na cabeça imitando um sorvete ele estará imune. O Jhonatan foi quem sugeriu a brincadeira e as crianças gostaram muito. Em seguida, nos despedimos voltamos para sala de aula para entregar as revistinhas e os livros para empréstimo.</p>
	<p>12- 27/06/2013</p>	<p>30 min.</p>	<p>Sala dos Espelhos e toda a área livre da escola</p>	<p>Quando as crianças chegaram na Sala dos Espelhos fizemos uma roda para fazer os acordos. Em seguida, dissemos às crianças que a escola continuava sendo uma ilha e que nós como verdadeiros piratas, tínhamos que procurar o baú de tesouros que estava escondido na ilha. Dentro desse baú estavam os cadernos-tesouros e que assim que encontrassem voltariam para Sala dos Espelhos para desenhar-escrever o que havíamos visto nessa ilha, nossas experiências. E para encontrar um tesouro precisaríamos de um mapa. Então, fomos construindo juntos o mapa e no final, pedimos que as crianças elessem um líder. Com muita conversa elas conseguiram decidir que a Luiza liderasse o grupo. Começamos então a procura, elas foram se guiando pelo mapa, às vezes saíam da rota, mas estavam indo. De repente, as outras crianças começaram a entrar em conflitos pela posse do mapa com a líder e tivemos que interromper. Perguntamos se elas queriam trocar a liderança e responderam que sim. Novamente as crianças se reuniram e com a nossa ajuda, escolheram a Isabela como a nova líder, assim foram novamente a caça. Andaram por todos os lados, até que encontraram o baú debaixo de um pano no pátio. Foi uma gritaria, pularam, se abraçaram numa felicidade grande. Fomos levando</p>

				o baú para a Sala dos Espelhos e assim, cada criança desenhou-escreveu nos cadernos-tesouros duas experiências dessa brincadeira.
	13- 03/07/2013	30 min.	Área gramada da escola	<p>Fui buscar as crianças na sala de aula e lá mesmo fizemos uma roda e os acordos. Fomos para debaixo da árvore da área gramada perto do estacionamento da escola, novamente fizemos uma roda e perguntei do que queriam brincar. Alguns disseram de sorveteinho, outros de pique pega, mas depois decidiram por barra manteiga que é parecido com sorveteinho, mas ao invés de ficarmos com a mão na cabeça, fica-se apenas parado. Assim aconteceu, brincamos por algum tempo e depois reuni novamente as crianças à sombra da árvore e perguntei sobre o que acharam das lideranças da última atividade. Algumas disseram não terem gostado da líder Luiza porque ela não ouvia as opiniões dos outros, outras não gostaram da líder Isabela porque ela corria muito. Deixei que as líderes falassem e se explicassem e no final, pedi que pegassem os cadernos dentro que baú que estava debaixo da árvore e que desenhasssem-escrevessem o que queriam ter visto ou feito na atividade anterior e que não fizessem ou viram. As crianças pegaram folhas e flores daquele espaço para compor seus desenhos-escritos. Duas crianças pediram para voltarem para sala de aula. Em seguida, elas colocaram os cadernos no baú e nos despedimos.</p>
Depois da Festa Junina da escola	14-		Área gramada	<p>Neste dia aconteceu a festa junina da escola. As danças aconteceram na hora do recreio que foi estendido para mais de 30 minutos. Teve algodão doce, pipoca, canjica, caldo de mandioca com carne. As crianças comeram a vontade. Todas fantasiadas tal</p>

	04/07/2013	30 min.	da escola	como se determina nas festas juninas e eu também entrei na brincadeira, fui fantasiada. Depois da apresentação das crianças, no momento em que elas voltariam para sala de aula eu as levei para a área gramada. Brincamos de o mestre pediu, pique pega e passar anel, por fim, entreguei dois pés de moleque, um doce típico de festa junina, para cada criança, nos despedimos e voltamos para sala de aula.
--	------------	---------	-----------	---

Fonte: Acervo da pesquisa

3.3.1 EIXO: Brincadeiras com brinquedos robóticos e brinquedos não robóticos

- 20/05/2013: Sala dos Espelhos**

A atividade do dia 20 de maio de 2013 foi o primeiro dia de ficar com as crianças 30 minutos sem a presença da professora Bela. As chances de conhecer mais e melhor sobre as crianças, seus jeitos de ser e pensar e de se relacionar aumentaram. Pensamos em utilizar os brinquedos eletrônicos ou robóticos que tínhamos comprado para iniciar essa nova fase com as crianças e tentar perceber como elas se comportariam com esses e com os brinquedos comuns. Organizamos a Sala dos Espelhos de maneira que os brinquedos ficassem de forma aleatória, sem separar por categorias, dando a ideia de que nenhum era mais ou menos importante, sendo todos brinquedos. Colocamos os xilofones para as crianças tocarem, para música ambiente coloquei um cd com músicas de Vivaldi e fui para o recreio encontrar com as crianças e colocar para aqueles que quisessem o barbante no braço. A seguir na fotografia 62 visualizamos como ficou a Sala dos Espelhos, repleta de brinquedos e uma parte da Nota de campo 40 que registra esse momento do recreio até pouco antes das crianças entrarem na sala:



FOTOGRAFIA 62 - Os brinquedos robóticos e não robóticos na Sala dos Espelhos. 20/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

NOTA DE CAMPO 40 – Primeiro dia de 30 Minutos de Alegrias
20 DE MAIO DE 2013 – segunda-feira

[...] Quando as crianças foram me vendo no recreio, saíram correndo e me abraçaram intensamente, então eu disse que eu precisava amarrar um barbante no braço delas como forma de compromisso com o nosso trabalho. Em poucos instantes, foram chegando todas as crianças da sala e eu amarrava o barbante e perguntava para elas: "O que significa esse barbante?" E as crianças respondiam: "É o nosso acordo para não brigar, não bater, respeitar o colega". Fiz essa pergunta com cada criança da sala que quis participar da ação que seria logo após o recreio. Todas colocaram o barbante no braço. Antes de terminar o recreio presenciei uma briga entre duas meninas dessa sala, elas se estapeavam, chutavam, puxavam os cabelos, então cheguei perto das meninas e pedi que parassem de brigar porque elas eram amigas, e então uma delas disse que a outra garota estava dizendo que queria namorar o irmão dela, e para defendê-lo ela estava batendo na menina. Então eu disse à menina que não defendesse o irmão dessa maneira, com agressões violentas, mas que conversasse com a outra menina que era amiga dela e que ela também deixasse o próprio irmão se defender caso ele achasse necessário. Ela então com os olhinhos chorosos me disse: "Poxa tia, ele é meu único irmão por parte de pai, e eu tenho que defendê-lo porque minha mãe disse que não podemos namorar agora". Baixou a cabecinha e me abraçou e fomos para sala.

OBS: As crianças passam por conflitos entre elas que estão além das nossas compreensões adultocêntricas. Essa menina que defendia o irmão fortemente da outra menina, fazia isso por ciúmes do único irmão por parte de pai e também por uma força da família que já dizia desde cedo que não poderia namorar agora. Ela amava o irmão e a forma que ela encontrava de defendê-lo era usando a força, tal como muitas das crianças ali fazem. Os adultos muitas vezes querem apenas apartar a confusão e punir os agressores sem buscar as causas, para entender o que acontece. As ações que estamos a desenvolver com as crianças podem ajudá-las a resolver esses conflitos corporais que permeiam a cultura escolar.

Quando estava chegando perto da sala das crianças percebi que a diretora estava lá, eu passei direto e fui para sala 16.

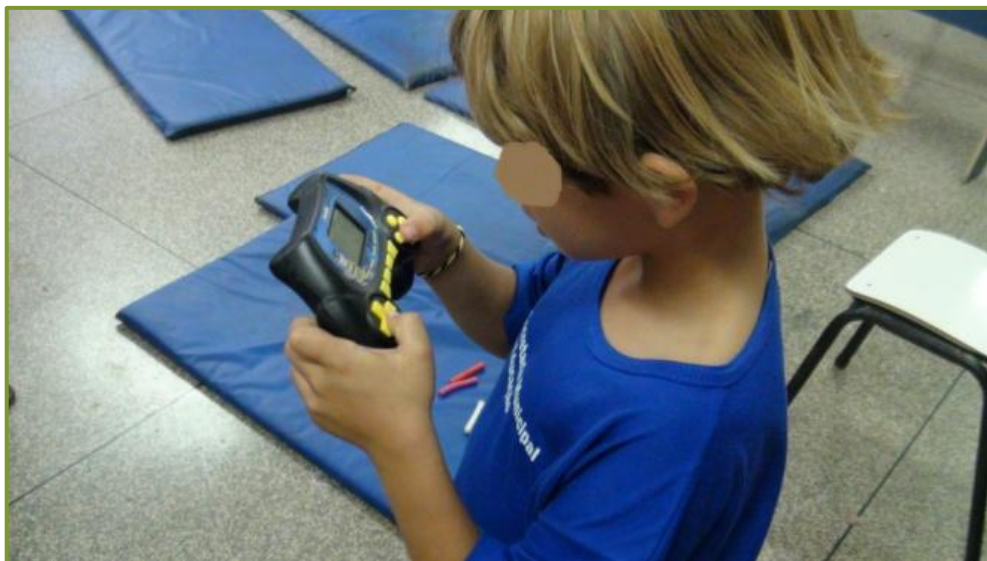
OBS: Por que eu não entrei na sala junto com a diretora? Estive pensando por alguns segundos no corredor antes de me aproximar da sala que se eu entrasse e a diretora e/ou a professora regente dissesse alguma coisa que eu não concordasse, provavelmente ficaria calada para não causar desavenças, discussões com a diretora e/ou professora regente perto das crianças e isso me deixaria mal, me causaria desconforto e desagrado. As crianças sabem quem eu sou e isso é que importa. Eu tenho me cansado de ter que ficar calada em várias situações entre as crianças e a professora regente.

A diretora conversou com as crianças sobre as ações que aconteceriam nos próximos dias para que só participasse quem realmente quisesse que respeitassem o trabalho, não brigassem, e caso não quisessem mais ficar na ação, poderiam voltar para sala e então a professora regente trabalharia mais leitura e escrita. Assim que terminou de falar com as crianças ela me chamou na sala ao lado e então fui até a sala buscar as crianças. Elas se levantaram e vieram me abraçar, pedi que dessem as mãos para irmos e isso levou um pouquinho de tempo até que elas resolvessem dar as mãos aos colegas.

OBS: Esse é um ponto importante que venho observando entre as crianças, elas têm muitas dificuldades em dar a mão para o colega, além de escolher para quem vão dar a mão, ainda se recusam muitas vezes a segurar a mão de algum colega que não agrada. O toque da mão é uma forma sentir o calor do outro, de amizade, de união que tenho feito com elas todas as vezes que eu vou buscá-los, mas ainda tem sido uma grande batalha o segurar a mão!

Fazer uma roda com as crianças ainda não era tranquilo e fácil. Os conflitos persistiam, os empurrões, a dificuldade de silenciar para escutar, respeitar o outro era uma dificuldade marcante no comportamento das crianças. Uma pequena mudança já havia acontecido se compararmos desde a primeira roda até essa atividade do dia 20 de maio de 2013: as crianças demoravam menos para dar as mãos e se aquietar, mas o tempo gasto com os movimentos ainda permanecia grande, de 5 minutos a 10 minutos.

Quando as crianças chegaram à Sala dos Espelhos foi uma mistura de espanto, alegria e emoção contagiante entre todas elas. Não sabiam o que olhar primeiro, o que mexer primeiro, o que brincar primeiro, quase tudo era novidade. As fotografias 63, 64, 65 e 66 mostram essa experiência marcante para todos nós:



FOTOGRAFIA 63 - Alex brincando com o minigame. 20/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 64 - Fábio, Luíza e Luiz brincando de xadrez e minigame ao mesmo tempo. 20/05/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.



FOTOGRAFIA 65 - Eduardo, Luiz e a Jéssica brincando de pebolim. 20/05/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa



FOTOGRAFIA 66 - Larissa, Jéssica, Ana e Rôse brincando com os notebooks. 20/05/2013. Fonte: Acervo da Pesquisa.

A cada nova maneira de brincar com as crianças outra nova surpresa se apresenta; jeitos de compreender e fazer diferentes foram sendo revelados. As crianças brincavam com os notebooks, porém também queriam brincar com os quebra-cabeças, o pebolim, as massinhas, ver as fotografias e em todas as ações elas procuravam estar no grupo. Até mesmo quando brincavam com os jogos no notebook estavam sempre presentes pelo menos duas crianças em cada notebook, brincando juntas, normalmente uma criança que sabia manusear

melhor o aparelho auxiliava a outra criança. Na fotografia 66, apresentada acima, a criança do meio, Ana, auxiliava as demais colegas como Jéssica do lado esquerdo e Rôse do lado direito. Nas laterais sempre havia outras crianças querendo aprender e jogando junto com as crianças que estavam no notebook, ou seja, era difícil ver o notebook sendo utilizado por apenas uma criança. Os brinquedos eletrônicos também foram muito bem aceitos pelas crianças, somente Lilian, Fábio, Alex e Luana não brincaram em nenhum momento com os notebooks, entretanto, brincaram com as bonecas que falam frases e os minigames que também são brinquedos eletrônicos. A seguir, apresentamos a outra parte da Nota de campo 40 que relata o momento das crianças brincando na Sala dos Espelhos:

NOTA DE CAMPO 40 – Primeiro dia de 20 minutos de Alegrias
20 DE MAIO DE 2013 - segunda-feira

[...] Fomos saindo e caminhando até a sala 16, quando as crianças viram os brinquedos, ouviram a música 'as quatro estações' do Vivaldi ao fundo, foi um momento único, elas ficaram mais eufóricas do que já estavam e diziam: "Nossa!"; "Olha isso!"; "Olha aquilo!"; pedi que esperassem na porta para que todas as crianças se reunissem e assim pudéssemos entrar juntos. Um garotinho disse: "Nossa tia Grazi, eu te amo!" com os olhos brilhando e saltitando sem parar; disse às crianças que se lembrassem do nosso acordo, e então deixei que elas entrassem. Foi uma grande euforia, alegrias, emoções, muitos gritos de felicidade, não sabiam o que pegar o que brincar com as mãos, mas os olhos e a imaginação já estavam brincando. Com o passar da euforia momentânea, os ânimos foram se transformando em brincadeiras, algumas crianças logo já encontraram o que queriam brincar, mas outras perambulavam de um lado para o outro sem rumo certo. Um fato interessante aconteceu: eu tinha deixado os notebooks separados dois de cada lado, porém assim que as crianças entraram, uma delas pegou um notebook e colocou na outra mesa junto com outros dois notebooks, ficando assim três notebooks juntos e um separado na outra mesa. Os três notebooks foram ocupados por quatro meninas que se interessaram pelos brinquedos, começaram a querer aprender a jogar e um clima de envolvimento foi sendo construído entre elas. Todos os brinquedos foram experimentados, desde a massinha de modelar aos notebooks. O pebolim foi bem disputado pelas crianças, o interessante foi que grande parte das crianças brincaram com todos os brinquedos, porém os brinquedos como pebolim e as bonecas tiveram uma relação entre os gêneros, ou seja, o pebolim foi usado mais pelos meninos e a boneca que fala pelas meninas, sendo que nenhum menino brincou com as bonecas, teve apenas um menino que pegou a boneca para ver, mas logo devolveu e não mexeu mais.

OBS: Questiono-me quanto a isso: como nós adultos temos influenciado nossas crianças? Por que a cultura dos adultos tem passado de geração a geração quando pensamos na questão do brinquedo feminino e do brinquedo masculino?

Outro ponto é que uma garotinha que das outras vezes não quis ficar para participar das atividades, era ela que disse que não gostava de brincar e varria o chão da sala quase todas as vezes que eu estava presente, ficou a maior parte do tempo nos cantos da sala segurando a boneca firmemente entre os braços. Ela chegou a me dizer que as duas bonecas eram gêmeas, então perguntei a ela se mesmo estando com roupinhas diferentes eram gêmeas? Ela respondeu afirmativamente que eram gêmeas mesmo usando roupas diferentes. No final quando todos tinham que voltar para sala, a professora regente chegou à porta da sala e pediu que as crianças voltassem para a sala de aula. Nem nos despedimos direito, mas o que havia acontecido ali já tinha sido muito emocionante. Recolhi os materiais, guardei-os no almoxarifado da escola e fui embora, nem levei as

revistinhas para a escola neste dia. Deixei como estava à porta da sala das crianças estava fechada, entendi que já bastava por parte da professora regente, mas tenho um pressentimento que para as crianças essa atividade foi muito boa!

A Lilian nas outras atividades, principalmente nas atividades com filmes, pediu para voltar para sala de aula e desta vez ficou até o final. Segundo ela, essas atividades de brincar de roda, assistir filmes eram para crianças e ela já não se considerava mais criança. Nessa atividade senti falta de mais uma pessoa para ajudar nos registros e com as crianças. Outra pessoa para registrar, brincar e conversar com as crianças.

Os notebooks estavam fechados e desligados quando as crianças chegaram à sala dos espelhos. Elas tiveram que abrir, ligar os aparelhos e aprender por si mesmas a jogar. Tentei explicar algumas funções, porém deixei que elas descobrissem por si só como aquele brinquedo funcionava e assim muitas fizeram, mexeram, mexeram até descobrirem. Elas se ajudavam.

3.3.2 EIXO: Uma conversa diferente com as crianças e a retomada das atividades

- 27/05/2013: Sala dos Espelhos**

A quebra do meu notebook foi um choque para mim na atividade do dia 27 de maio de 2013. Naquele momento significou um ato de descuido extremo das crianças com os nossos combinados. Ver meu notebook quebrado e sem possibilidade de conserto foi um sofrimento intenso. Depois aprendi que era apenas mais um bem material, por mais que tenha custado muito para mim. Fiquei uma semana sem ir à escola. No dia seguinte ao acidente, liguei e conversei com a diretora e pedi que avisasse a professora Bela e as crianças que eu não tinha data para voltar, mas que voltaria. O que mais me impulsionou a retomar as atividades com as Crianças Felizes foi o compromisso que tinha com elas. Provavelmente, conhecendo Bela, e mais tarde acabei confirmando minhas suspeitas pela própria professora que me confessou o que havia dito as crianças: "Sabe Grazi, eu disse que você não voltaria mais porque elas não sabiam se comportar, não mereciam que ninguém fizesse nada por elas, que a partir daquele

momento intensificaria as tarefas porque era isso que elas estavam precisando, de mais exercícios! E ainda disse que você iria para outra turma".

Se eu não voltasse, de certa maneira, estariam se confirmando todas essas ideias que ela havia falado às crianças. Nesse momento percebi que a carga de responsabilidade que tínhamos era maior do que pensávamos, não poderíamos deixar que as crianças acreditassem em tantas ideias sem sentido. Voltei para a escola uma semana depois do acontecido!

Uma semana depois, quando reencontrei as crianças na Sala dos Espelhos foi uma emoção! Elas me abraçaram fortemente e foram se sentando silenciosamente nos colchonetes. Formamos uma roda e no meio coloquei todos os brinquedos quebrados, revistinhas rasgadas, lápis quebrados que armazenei no decorrer das atividades realizadas com elas. A conversa não foi longa, foi o suficiente para firmarmos outros acordos e recomeçarmos. A seguir, a Nota de campo 43 do dia 27 de maio de 2013 nos apresenta um pouco desse recomeço.

NOTA DE CAMPO 43 – Recomeçando

27 DE MAIO DE 2013 - segunda-feira

Hoje, cheguei à escola às 15 horas e 30 minutos fui para a sala dos professores esperar a professora regente. Quando ela me viu, disse: "Grazi? É você mesmo? Achei que você não voltaria mais, e o computador o que aconteceu? Eu disse às crianças que você não voltava mais porque elas não mereciam nada de bom e elas tinham que escrever e copiar bastante, até doer os dedos. Falei ainda que você iria para outra sala". Eu olhei no fundo dos olhos daquela professora e disse: "Isso já é assunto encerrado! Bola para frente! Eu voltei e continuaremos a pesquisa com elas". Ela ficou surpresa com o que eu disse e nem tocou mais no assunto. Disse a ela que gostaria de conversar com as crianças e se ela poderia filmar a conversa. Ela ficou calada, mas depois disse que se precisasse a estagiária do PIBID estava na sala e poderia fazer isso.

OBS: A delicadeza passou longe da Professora Bela. Ela gritou na sala dos professores quando me viu, começou a dizer bem alto que não me esperava lá tão cedo e que as crianças estavam 'murchas', quietinhas, e nem comentaram mais nada sobre o que aconteceu. O garotinho que estragou o computador estava bem calado e fazendo todos os trabalhos de sala de aula depois do acontecido segundo a professora.

Fui até a sala 16, coloquei os colchonetes em círculo e no meio as revistinhas em quadrinho, os lápis, apontadores, canetinhas, raquete de tênis, o carrinho de controle remoto todos estragados e quebrados pelas crianças. Fui até a porta da sala para pedir a professora Bela que liberasse as crianças para que eu conversasse com elas, e na porta da sala a pibidiana estava tomando leitura de uma criança que quando me viu, a criança sorriu timidamente e disse; "Oi Tia Grazi! Você está dando aula para outra turma agora?". Respondi que não, que eu estava com elas. Ela me abraçou fortemente e sorriu com mais intensidade, então pedi que ela entrasse na sala e que fossem todas juntas à sala 16 para conversarmos.

OBS: Já esperava que a professora regente fizesse terrorismo com as crianças de que eu não voltaria mais, pelo pouco que a conheço tinha certeza de que ela usaria o que aconteceu para reprimir as crianças, causar medo para controlar ainda mais os movimentos e os pensamentos das crianças.

Voltei para sala 16 e sentei no chão para esperar as crianças. Fiquei ali por alguns instantes pensando no que eualaria e comoalaria. Escutei um barulho e uma gritaria lá fora, eram as crianças que estavam chegando e começaram a entrar na sala 16, quando me

viram me abraçaram e já se acomodaram em círculo e em silêncio. Quando elas me abraçaram disseram que estavam com muitas saudades e que pensavam que eu não voltaria mais. Os olhinhos das crianças brilhavam de emoção e carinho, elas sim me receberam com amor. Pedi que sentassem para que pudéssemos conversar. O menino que havia quebrado o notebook ficou cabisbaixo e um pouco fora do círculo, choroso, calado. Olhei fixamente para cada criança e disse que eu estava ali para conversar com eles e começaria falando sobre o ocorrido da quarta-feira que foi o acidente com notebook. Disse às crianças que eu não trazia boas notícias, o computador não tinha conserto imediato, teria que esperar alguns meses para tentar encontrar a peça que tinha quebrado. As crianças ficaram cabisbaixas, e então perguntei o que seria aqueles objetos no meio da roda. Elas responderam que eram revistinhas, lápis, raquete de tênis e um carrinho. Voltei a perguntar se havia alguma coisa diferente naqueles objetos? As crianças se aproximaram dos objetos e disseram que as revistinhas estavam rasgadas, os lápis quebrados e comidos, carrinho com a rodinha quebrada, a raquete faltando um pedaço. Perguntei quem havia feito tudo aquilo e eles começaram a apontar e dizer os nomes dos colegas que haviam estragado os objetos e uma confusão se instaurou. Teve um caso em específico que marcou: uma menina começou a dizer a todos os colegas que eles não cuidavam das revistinhas, estragavam, rasgavam. Daí, outra menina disse para essa garotinha que inclusive ela havia rabiscado num livrinho de canetinha e que todo mundo viu. A menina ficou muito envergonhada e se calou momentaneamente depois de ser exposta para todo o grupo. Depois que as crianças falaram sobre os possíveis autores da falta de cuidado com as revistinhas e outros materiais, eu disse que os responsáveis pelo estrago dos objetos eram todos nós. Cada um era culpado pela falta de cuidado com os objetos que ali estavam. Frisei que alguns alunos eram mais culpados do que outros, que havia muitas crianças que cuidavam muito bem dos materiais, mas outras que realmente não cuidavam. Daí, pedi para que o garoto que havia quebrado o notebook viesse até mim e sentasse do meu lado. Olhei bem nos olhinhos dele e disse que eu entendi o que tinha acontecido, que ele não tinha jogado a bola por querer e que tinha sido um acidente. Mas que era preciso tomar mais cuidado. Perguntei a ele se a gente poderia tentar novamente, ter uma segunda chance de melhorar e ele disse que sim, então abracei fortemente o menino e disse olhando para cada uma delas que não tinha sido fácil, mas estava disposta a recomendar porque eu acreditava que poderia ser diferente. Relembrei as cartinhas que elas faziam para mim e que eu adorava os abraços carinhosos e os beijos que me enchiam de alegria, as brincadeiras e todas as coisas que elas haviam me ensinado. Elas começaram a dizer que estavam muito felizes por eu ter voltado e que se esforçariam para melhorar. Disse então que a partir de segunda-feira nosso roteiro de trabalhos seria dança, teatro e cinema. Elas ficaram muito felizes e sorridentes, perguntaram se haveria frutas como da outra vez, se íamos ao cinema, se, se, se...

O Luiz, quase não olhava nos meus olhos. Percebi que as crianças ficavam culpando o garoto dizendo: "Viu Luiz, por sua culpa a tia Grazi ficou triste"; "Você não devia estar na nossa turma"; "Eu não gosto de você". Na conversa, pedi às crianças que não falassem mais nada sobre o assunto e que agora era bola para frente e tentar melhorar cada vez mais. A fotografia 67 representa bem como foi esse dia de reencontros e recomenços:



FOTOGRAFIA 67 - Crianças pesquisadora conversando sobre o passado, presente e o futuro das atividades na Sala dos Espelhos. 27/05/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

3.3.3 EIXO: Cirandas e brincadeiras com muita dança e música

- 04/06/2013: Pátio da escola**

A primeira atividade depois da conversa com as crianças foi diferente. Antes da atividade que seria depois do recreio, no mesmo horário definido para os 30 Minutos de Alegrias, fui ver e conversar com as crianças no recreio e ao me ver já foram logo perguntando se naquele dia haveria brincadeiras. Respondi que sim e então elas disseram: "Tia Grazi, então pega o barbante para gente amarrar no braço". Eu nem estava pensando no barbante, mas elas estavam! As crianças estavam mais calmas, desde o momento de ir até o pátio até o desenvolvimento as ações, mas ainda praticavam comportamentos de agredir o outro. Compreenderam a proposta e queriam participar e fazer conosco as brincadeiras dançando conforme a música, mas ainda não conseguiam se controlar e não empurrar e bater no outro colega. Ainda tivemos o apoio e a presença do professor João que era o professor responsável pela turma Crianças Maravilhosa naquele horário e brincou conosco.

Dançamos e cantamos ao som da música Ana Maria e Abre a Roda Tindolelê. As duas primeiras cantigas que já havíamos escutado com as crianças. A ideia de colocar um objeto no centro para roda para que pudéssemos nos localizar e assim fazer uma roda foi muito importante e logo foi acolhida pelas crianças. A Kátia do GEPECPOP também nos ajudou nessa atividade conduzindo as crianças nas coreografias e na disposição da roda. A Nota de campo do dia 4 de junho de 2013 retrata um pouco dessa atividade.

NOTA DE CAMPO 45 – Primeiro dia de retomada

4 DE JUNHO DE 2013 – terça-feira

Assim que cheguei à escola, fui para o recreio encontrar as crianças e logo quando elas me viram saíram correndo e me abraçaram fortemente dizendo estarem com muitas saudades. Depois, me perguntaram se a gente brincaria hoje, então disse-lhes que seria dança, daí elas perguntaram sobre o barbante de amarrar no braço, queriam que eu amarrasse o barbante no braço delas tal como eu fazia. Daí, fui até a sala dos professores, peguei o barbante que estava na minha mochila, voltei e logo uma fila de crianças da mesma turma já tinha se formado para colocar o barbante no braço. Quando ia amarrar o barbante, perguntava o porquê daquele barbante e as crianças diziam que era o nosso compromisso de não bater, não gritar, não correr. Amarrei o barbante em todas as crianças e também em mim e na Kátia. As crianças voltaram para sala e nós fomos ligar os equipamentos de som e deixar tudo organizado. Fui até a sala e antes de trazer as crianças pedi que fizessem uma roda e reafirmei o nosso compromisso, também perguntei quem gostaria de ficar na sala e ninguém quis ficar, foram todos, pedi que fizessem uma corrente para irmos até o pátio onde seria a nossa atividade.

OBS: Percebo que as crianças ficam muito agitadas com o movimento de sair da sala, mas desta vez foi melhor, elas estavam menos agressivos.

Quando chegamos ao pátio, as crianças demoraram uns 3 minutos para que a Kátia pudesse falar. O professor de educação física estava na roda e pediu às crianças que escutassem a Kátia, e por poucos instantes elas ficaram em silêncio, mas não um silêncio total, foi mediano. A Kátia então explicou sobre a flor de lótus que estava no chão, disse que ela seria o centro da nossa roda e que essa flor era típica das regiões árabes. Pediu às crianças que abrissem a roda e se olhassem para a flor que nos indicaria se a roda estava mesmo uma roda.

OBS: Tudo isso não foi muito novo para as crianças, só a ideia da flor como centro, mas a roda e as cantigas que foram apresentadas pela Kátia já eram de conhecimento das crianças desde a data da páscoa quando a Kátia dançou com elas essas músicas Abre a Roda Tindolêlê, Ana Maria; numa outra canção cujo nome não me lembro, a Kátia usou coreografias simples com as crianças, do tipo: mão na cabeça; três pulinhos; 16 passos em círculo; três palmas no chão; três palmas no joelho; três palmas no bumbum, na barriga, no peito.

Assim que as crianças começaram a ouvir a primeira música já pediram a música Abre a Roda Tindolêlê e Ana Maria. Durante as danças as crianças tiveram muitas dificuldades em permanecer na roda, houve violência constante entre algumas delas, do tipo: puxar o braço, apertar a mão. Outras vezes na troca das músicas elas se dispersavam e começavam a dar cambalhotas, empurrar o colega. Decidi encerrar a atividade antes do tempo, mas estas já haviam diminuído um pouco se comparadas ao início dos trabalhos da pesquisa.

OBS: Tenho aprendido que não é quantidade de tempo que determina a qualidade. É preciso observar e priorizar a qualidade. A escola normalmente prioriza a quantidade, mas o presente trabalho vai à contramão do sistema, então priorizamos a qualidade.

As crianças voltaram para sala e depois que guardei todos os equipamentos de som fui até a sala, agradei muito ao professor de educação física pela parceria, distribui os livros e as revistinhas em quadrinho e fui embora.

As crianças estavam mais calmas apesar de continuarem com agressões entre si e com dificuldades para se aquietarem. Encerramos antes da hora prevista como forma de dizer a elas que haviam passado da conta, entretanto já havíamos dançado e brincado bastante, o que talvez justificasse o cansaço e a dispersão das crianças, porém não havia justificativa para as agressões que ainda persistiam.

3.3.4 EIXO: Construindo as próprias histórias em quadrinhos

- **06/06/2013: Sala dos Espelhos**

A construção das próprias histórias em formato de uma revistinha em quadrinho encaixou-se nos desejos das crianças. Atividades como esta tinha a intenção de poder descobrir os quereres das crianças e descobrimos mais um: a vontade de fazer seu próprio gibi. Quando disse que colocaria os gibis no *blog* foi um estímulo à potência de fazer das crianças, elas ficaram mais animadas e com mais vontade de fazer! Tive a colaboração da Alessany que registrou essa atividade e, assim como eu, também ajudou as crianças com a construção das revistinhas.

As crianças me surpreenderam com a calma que demonstraram nessa atividade. A Nota de campo 47 apresenta um pouco dos acontecimentos ocorridos nesse dia:

NOTA DE CAMPO 47 – Dia da construção da revistinha em quadrinhos

6 DE JUNHO DE 2013 - quinta-feira

Hoje, quinta-feira, cheguei à escola às 14hs e 45min e fui até a sala 16 para colocar a caixa de som e a sacola com as revistinhas num cantinho qualquer da sala 16 para me aliviar um pouco, pois sempre trago muitas coisas comigo: minha mochila, bolsa, caixa de som, sacola de revistinhas, lápis de cor, e outros. É muito peso, então deixei lá porque às 15h 40min estaria lá com as crianças. Fui até a sala dos professores onde estava o professor de educação física e começamos a conversar sobre as crianças. Contei a ele que estava retirando da sala as crianças que agrediam os colegas, mas que antes de chegar a retirá-las pedi muitas vezes para que colaborassem. Ele falou que também usa desse comportamento e que é uma forma de não prejudicar os que estão participando e

empenhados. Ele também comentou que quando punimos todos os alunos em detrimento de alguns, alguns se sentem vitoriosos porque conseguiram que todos ficassem sem a atividade.

OBS: Concorde com o professor, realmente punir toda a turma por causa de alguns ou uma criança é injusto.

Depois, o professor me disse que um das crianças da sala tem um sério problema com sexualidade de ficar passando a mão nas outras crianças da escola; comentou sobre outra criança da mesma sala que tem estado muito agitada nos últimos dias; outra criança que já se sentia adulta. Tento compreender muito as crianças e o meu maior medo é fazer algum mal para elas, punir na hora errada, falar alguma coisa que possa ofender eram pensamentos que estavam sempre comigo. Em seguida a professora regente chegou e então já fui para a sala 16 arrumar o som, as carteiras e outras coisas mais. Depois do recreio, coloquei o som The Best of Vivaldi e fui à sala buscar as crianças. A professora regente assim que me viu entrar na sala disse que as crianças não poderiam estar comigo hoje porque estavam fazendo atividade avaliativa.

OBS: Quando eu estava na sala dos professores ela não disse nada, simplesmente deixou que eu preparasse tudo para que quando fosse chamar as crianças elas não pudessem ir?

Perguntei a ela se os alunos que já haviam terminado a atividade avaliativa poderiam ir, ela concordou e foram para sala apenas 7 alunos dentre os 18 presentes. Quando chegamos à sala, elas se sentaram na mesma mesa e antes que comessem qualquer atividade, eu elogiei o comportamento e a vontade que elas demonstraram em participar da dança no dia anterior, na segunda atividade com dança. Eles ficaram muito felizes pelos parabéns, daí expliquei a cada um o que teriam que fazer: fazer uma revistinha em quadrinhos contando a historinha que quisessem. Distribui uma revistinha em quadrinhos para cada um para que eles relembassem como fazer uma historia em quadrinhos.

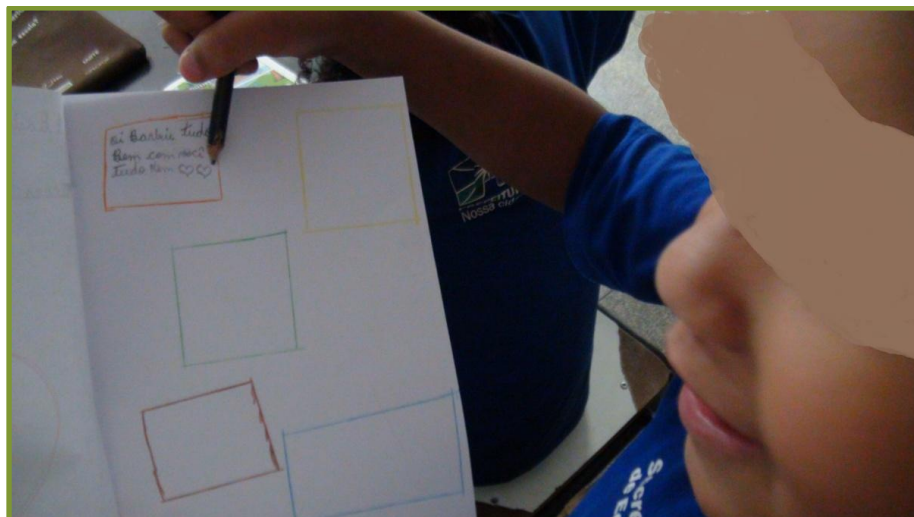
OBS: Este momento foi um dos momentos únicos, que as crianças conseguiram desenvolver as ações propostas e escutar a música. Uma paz, tranquilidade, as crianças conseguiram escutar a música! Mesmo depois que estavam todas as crianças, não houve conflitos como antes. Foi um grande acontecimento! A estratégia de não deixar na sala as crianças que de alguma forma não contribuíam com o colega foi acertada neste dia. As próprias crianças me disseram para tirar apenas os que atrapalhassem. Este dia foi diferente. Disse ainda às crianças que depois de pronto, colocaria as histórias em quadrinho no blog. Elas vibraram de emoção e queriam caprichar ainda mais nos desenhos-escritas.

Assim que as outras crianças foram terminando a atividade avaliativa na sala, foram chegando e também se juntando aos outros na sala em que estávamos. Expliquei a um por um, individualmente, sobre a proposta de trabalho do dia e quando o nosso horário findou, pedi às crianças que me entregassem as revisitinhas e os trabalhos que tinham construído e voltassem para sala, ainda lhes disse que teríamos outro momento para terminarem de fazer suas histórias.

O tempo e a convivência têm desenvolvido as relações que estabeleço com as crianças. A cada encontro percebo essas mudanças, mas mais em mim que nas crianças. A forma como lido com as situações e os imprevistos tem sido diferente com na caminhada da pesquisa. E modificou porque me abri para aprender com as crianças. Vê-las com tanto entusiasmo construindo as histórias e escutando música clássica me impulsionava, enchia os meus pulmões de ar e o coração de alegria.

As produções das crianças no segundo dia de atividade, suas histórias em quadrinhos estão no *blog* (www.criancasmaravilhosas.blogspot.com). A seguir, a fotografia 68 da Isadora

mostra a construção da sua revistinha e as imagens 25, 26, 27 e 28 apresentam a história de Rôse:



FOTOGRAFIA 68 - Isabela mostrando a construção da sua história em quadrinhos em que escreveu: "Oi Barbie, tudo bem com você? Tudo bem". 06/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



IMAGEM 25 - Capa da história em quadrinhos da Rôse: " O título Cascão o filho do papai Noel!". Arquivo da pesquisa.



IMAGEM 26 - Primeira página da história em quadrinhos da Rôse³². Fonte: Arquivo da pesquisa.

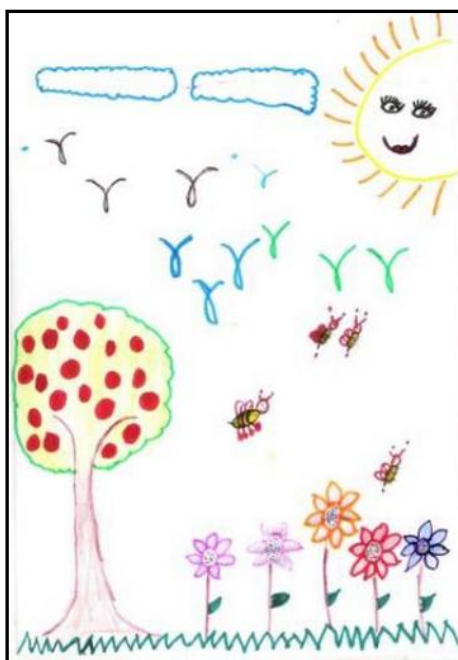


IMAGEM 27 - A segunda página onde há um jardim com muitas flores e abelhas. Arquivo da pesquisa.

³² "Preparem-se para ler, é uma historinha emocionante... Sobre um menino bom e esperto que pensava que era meu filho! Mas... leia para entender... Como eu li! Diverti-me! E me emocionei!".



IMAGEM 28 - A chuva e o coração que chorava na ultima página da história em quadrinhos da Rôse. Arquivo da pesquisa.

A história em quadrinhos da Rôse começava com um convite para que o leitor se interessasse pela história, entretanto, ela não termina de escrever, fez dois desenhos-escritas aparentemente sem conexão com a história inicial. Essa estudante foi a única a devolver uma produção dois meses depois e ao me entregá-la, disse: "Tia Grazi, eu não esqueci a revistinha! Olha ela aqui! A minha irmã me ajudou a terminar! Você vai colocar no *blog*?" Sorri para ela, e respondi que colocaria naquele mesmo dia. Ela ficou sorridente e disse que mostraria o *blog* para seus pais.

A maioria das histórias em quadrinhos das crianças estava sendo construídas com muitos desenhos e a escrita aparecendo apenas nos títulos. Quando eu perguntava para elas qual era história que estavam construindo, elas descreviam o que haviam desenhado, não de uma história, mas falavam exatamente sobre o que tinham desenhado. Apenas as crianças que escreveram ou tentaram escrever é que conseguiam contar uma história. Será que tantos exercícios de cópias e tomadas de leituras estavam efetivamente ajudando essas crianças?

3.3.5 EIXO: Em busca da terra do Nunca: Cadernos-tesouros, baú e muita imaginação

- 11/06/2013: Sala de aula**

O dia 11 de junho de 2013 foi uma das melhores atividades que fizemos com as crianças por vários motivos: o envolvimento de todos foi maior; as agressões corporais foram mínimas entre elas; as crianças se expressaram mais sobre a atividade pelo falar; a timidez de expor e dizer o que pensavam e o que imaginavam pode ser percebida em pouquíssimas crianças; trabalhar com pequenas partes do filme foi mais bem compreendido e agradou mais as crianças; pela primeira vez, não precisei me desdobrar para arrumar a sala e me preocupar com as crianças chegando porque o Jhonatan havia feito o trabalho braçal por mim.

Durante toda a pesquisa, tive que sozinha me preocupar em arrumar o cenário, conduzir as crianças, registrar o que acontecia e desarrumar o cenário. As parcerias aconteceram mais intensamente do meio para o final da pesquisa, porém na grande maioria das atividades eu estava sozinha e muitas vezes, ficava extremamente exausta e cansada. Quando cheguei à sala vi que o Jhonatan já havia arrumando as carteiras, colocado o tapete e as almofadas no chão e estava fixando panos pretos nas janelas. A minha função nesse dia foi menor, me preocupei em colocar o filme "Em Busca da Terra do Nunca" na parte em que o dramaturgo James M. Barrie apresenta uma história às crianças num parque e dança com o cachorro, cortar os panos para todos colocarem na cabeça, registrar e esperar as crianças.

Na chegada das crianças, o suspense foi aumentando, fechamos a porta da sala e do lado de fora dissemos a elas que todos nós seríamos piratas a partir daquele instante e para que isso acontecesse tínhamos que colocar aqueles pedaços de panos coloridos na cabeça. As crianças e os professores das outras salas passavam por nós e ficavam olhando, rindo, cochichando, curiosos para descobrir o que estava acontecendo ali. A felicidade das crianças foi tanta que seus corpos não paravam de se mexer, mas não se mexiam para violentar o outro, movimentavam-se numa distância que não incomodava o outro e não extrapolava os limites de uma convivência agradável.

A fotografia 69 mostra as crianças na porta da sala de aula, esperando para entrar:



FOTOGRAFIA 69 - Crianças na porta da sala de aula esperando para entrar. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

As crianças, em todos os começos de atividades, demonstravam acolhimento e passavam a ideia de que aquela ação era exatamente o que elas estavam precisando naquele momento. No decorrer das atividades, havia conflitos entre elas, algumas chegavam a pediam para voltar para sala por causa dos colegas e/ou por não estarem gostando da proposta como aconteceu nas atividades com filmes e uma atividade com os cadernos-tesouros, mas nesse dia ninguém pediu para deixar de participar e o empenho em se envolver foi maior que o das outras vezes. Na Nota de campo 49 podemos visualizar um pouco do que aconteceu nesse dia marcante para todos nós:

NOTA DE CAMPO 49 – Dia de imaginar
11 DE JUNHO DE 2013 - terça-feira

Hoje, terça-feira, cheguei a escola às 12h30min e fui para sala encontrar com o Jhonatan. Quando cheguei, uma grande surpresa: o Jhonatan já havia arrumado toda a sala, colocado o tapete no chão, os tapetinhos em volta, as almofadas no meio, as carteiras das crianças estava todas afastadas no canto, fiquei muito surpresa com a atenção, o carinho e o trabalho que o Jhonatan havia feito na sala.

OBS: Pela primeira vez, alguém me ajudou diretamente tão bem como hoje, não precisei correr loucamente para arrumar a sala, ou me preocupar se tudo ia dar certo, o Jhonatan organizou tudo e tomou para si a responsabilidade de estar ali pelas crianças, ter o compromisso por elas, e não só pelo trabalho.

Fui até a biblioteca pedir que levassem a TV e o DVD para a sala de aula, depois fomos pegar a chave da sala 16 para entrar e pegar alguns pedaços de pano que lá estavam e foi

aí que comentei com o Jhonatan da possibilidade de pegarmos dois pedaços de pano e colocarmos na cabeça tal como a foto de dois personagens do filme "Em Busca da Terra do Nunca", ele então melhorou a minha ideia, pensou em fazer os lenços para todas as crianças, voltamos para sala de aula e enquanto o Jhonatan foi colocando uns panos pretos nas janelas para escurecer o ambiente, eu fui recortando os pedaços de TNT (Tecido Não Tecido) para as crianças amarrarem na cabeça. A bibliotecária trouxe o DVD e a TV e ela mesma colocou para funcionar os aparelhos. Rapidamente terminamos tudo, e quando olhamos para o relógio já estava na hora de receber as crianças. Pegamos os pedaços de TNT, fechamos a porta, escutamos muitas risadas de euforias pelos corredores da escola, eram as crianças chegando e de longe reconheceram que eu estava ali com um lenço na cabeça. Quando se aproximaram, me apresentei como Capitã Grazi e perguntei quem gostaria de ser Capitã ou Capitão de um Navio muito bacana? Todos responderam que queriam e então, pedi que colocassem as mochilas encostadas de fora da sala e formassem uma fila na porta da sala. Eu e o Jhonatan fomos colocando o lenço na cabecinha de cada criança e nomeando cada um de Capitão ou Capitã, assim que colocávamos os lenços pedia para que entrasse e sentasse no tapete. Depois de todas as crianças já terem entrado, dissemos a elas que colocaríamos um pedacinho do filme que já tinham visto "Em Busca da Terra do Nunca", alguns alunos chegaram em seguida e logo já os conduzi para o tapete e coloquei o lenço na cabeça, retirei eu mesma as mochilas e coloquei junto com as outras em cima das carteiras. Colocamos um pedacinho do filme que foi justamente a parte onde o homem diz que o seu cachorro era um urso e uma criança do filme, o Petter, não acreditou no homem, então o homem disse a criança que o cachorro só seria um urso se ele imaginasse que seria. Depois dessa cena, paramos o filme, acendemos as luzes e pedimos para as crianças se sentassem nos tapetinhos em volta do tapete grande. O Jhonatan perguntou as crianças se o cachorro era um urso. As crianças então disseram: "Não, o cachorro só é urso na imaginação". Perguntei quem dos personagens não havia acreditado que o cachorro era um urso e eles responderam que tinha sido o Petter. Então o Jhonatan, pegou um par de chinelos e disse que esse par de chinelos seria um avião, e perguntou para as crianças quem estava vendo um avião, quem estava imaginando que um par do chinelo era realmente um avião? Muitas crianças disseram que estavam vendo um avião. Depois ele pegou o controle da TV e também disse que seria um avião e pediu que as crianças imaginassem que era um avião. Depois eu sugeri que cada um pegasse o pedaço de pano que estava na cabeça e imaginasse alguma coisa com o pedaço de pano e apresentasse para todos nós no meio da roda. Muitas se apresentaram. Uma criança colocou o pano em cima da almofada e começou a fazer movimentos de partir, como se partisse um bolo, então as outras crianças começaram a dizer que era uma torta, um bolo e então a garotinha confirmou que era um bolo. Depois foi outra criança que começou a dançar uma dança típica árabe e as crianças disseram que eram uma personagem da novela Salve Jorge que dançava na Turquia e então a criança confirmou. Depois foi mais uma criança que fez novamente a interpretação de estar partindo um bolo e em seguida foi eu quem fiz alguma coisa com o pano. Lembrei muito do minicurso com a Marina Marcondes, e comecei a puxar o pano como se fosse um cachorrinho e as crianças começaram a dizer: "É um cachorrinho! É um cachorro!". Também escutei as crianças dizerem: "Nossa! A Tia Grazi sabe fazer direitinho!"; "A Tia Grazi é muito boa!". Depois, comecei a imitar que era uma vara de pescar e que tinha um peixe puxando a vara de pescar, em seguida imitei que era um bebezinho que chorava e depois um pássaro e por fim me sentei. As crianças aplaudiram e começaram a dizer que não conseguiriam fazer como eu fiz, elas ficaram preocupadas em tentar 'imitar-me'. Então eu disse a elas que o que fossem fazer e o que haviam feito seriam e foram únicos e muito especiais, e tão bons quanto à interpretação que eu havia feito. Depois dessa conversa, houve uma motivação maior e todos, até mesmo os que no começo ficaram envergonhados, queriam fazer e os que já tinham feito queriam refazer. Por um momento, tive que interromper porque uma criança cuspiu e beliscou numa outra criança. Então eu chamei essas duas crianças, perguntei o que havia acontecido e por não

querem dizer o que havia acontecido pedi que se retirassem da brincadeira. Depois, o Jhonatan disse que ele faria a sua interpretação e levantou, pediu para que todos ficassem no tapete grande e imaginassem que estar num navio em plena tempestade, ele dizia: "Olhem a grande onda! Cuidado com o vento forte! Olhem, o barco está virando!" E as crianças caíam e levantavam, gritavam, entraram na brincadeira de corpo e alma. Olhei para o relógio e vi que a nossa hora já tinha acabado, então pedimos que as crianças nos ajudassem a dobrar os tapetes e arrumar a sala. Elas nos ajudaram e então nos despedimos. Fui ajudar o Jhonatan a guardar os objetos, e levar a TV e o DVD para a biblioteca, e depois voltei para sala para entregar os livros e fazer o rodízio.

OBS: Este dia foi de muita alegria, imaginação, participação das crianças, elas ficaram surpresa com tudo, o cenário, as brincadeiras, o pedaço do filme, as nossas conversas foi muito importante esse dia tanto para mim quando para elas. Os olhos brilhavam como diamantes preciosos, participavam com vontade, com fascínio e atenção!! Foi um dia que tudo valeu a pena, tudo foi muito intenso e amoroso.

Fazer essa atividade na sala de aula foi um jeito de dizer às crianças que aquele ambiente também poderia ser mágico e encantador. Desmistificar a ideia de uma sala de aula com carteiras arrumadas viradas para frente de maneira que uma criança vê a nuca da outra e o quadro de giz. É possível transformar um ambiente, mas dá trabalho e só uma professora para fazer tudo sozinha fica quase impossível.

Na apresentação das crianças, a imaginação foi grande demais para o tempo tão pequeno. No momento final da atividade, quando a motivação estava muito grande e potente o tempo acabou. No quadro 12, apresentado abaixo, trago um pouco do que as crianças fizeram e imaginaram nas suas apresentações:

QUADRO 12- Descrição da apresentação das Crianças Maravilhosas sobre imaginar uma aventura. 11/06/2013

NOME	DESCRIÇÃO DA IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS
1- Luiza	Com o controle remoto da TV, começou a fazer movimentos ondulatórios, subindo e descendo. As crianças então disseram que era um barco e ela confirmou.
2- Maria Letícia	Com o controle remoto da TV, começou a fazer movimentos ondulatórios, subindo e descendo. As crianças então começaram a dizer: "É um barco?" e ela respondeu que não; "É um avião?" não disse a menina; "É um foguete?" e então ela confirmou.
3- Isadora	Permaneceu com o pedaço de pano amarrado na cabeça, outra hora amarrado à cintura, depois amarrado ao pescoço, forrando a almofada ou amarrado ao rosto. Faltando poucos minutos para terminarmos, ela resolveu apresentar, forrou a almofada e as crianças começaram a

	dizer: "É um bolo?" ela dizia que não; "É um cobertor?" e ela rapidamente confirmou.
4- Isabela	Com o seu pano, começou a dançar como uma dançarina da dança do ventre e as crianças começaram a dizer: "É a Morena da novela?" não é, ela respondia; "É a Shirley da novela Salve Jorge?" ela permanecia calada; "É a dança dos véus?" ela permanecia calada; "É uma cigana?" e ela confirmou.
5- Eduardo	Permaneceu o tempo todo com o pano amarrado ao pescoço simulando uma capa e dizendo que era um super-herói.
6- Maria	Pegou seu pedaço de pano, colocou sobre uma almofada e ficou ajustando o pano e alisando. Logo as crianças começaram a dizer: "É um bolo?" e ela disse que não; "É uma torta?" ela respondeu que sim. Então perguntei se essa torta tinha algum recheio e ainda disse: "Sim, tem recheio de chocolate!".
7- Lilian	Permaneceu com o pano nas mãos jogando para alto, outras vezes, amarrava na cabeça, amarrava no pescoço, amarrava na cintura, forrava a almofada ou colocava no rosto. Quando estávamos encerrando essa parte da atividade ela pediu para apresentar sua ideia, pegou o pedaço de pano e amarrou nas pernas e as crianças começaram a dizer: "É uma nova roupa?" não, ela respondia; "É uma sereia?" e ela confirmou.
8- Jéssica	<p>"Calma, estou pensando!", pegou o controle remoto da TV e começou a fazer movimentos em zigue-zague no tapete e as crianças diziam: "É uma lancha?" não, ela respondia; "É um carro de corrida?" não, ela dizia; "É uma cobra?" e ela confirmou a ideia.</p> <p>Num outro momento com o pedaço de pano que estava amarrado na cabeça, ela colocou na cintura e começou a fazer movimentos lembrando uma dançarina de dança do ventre. As crianças logo começaram a dizer: "É uma dançarina de dança do ventre?" e ela disse que não; "É a Morena da novela Salve Jorge?" e ela confirmou.</p>
9- Luana	Com o controle remoto da TV, pegou começou a fazer movimentos de subida e descida e as crianças diziam: "É um carro?" e ela dizia que não; "É um submarino?" não, ela respondia; "É um caminhão?" não, ela falava; "É uma moto?" e ela confirmou.
10- Francisco	Permaneceu com o pedaço de pano amarrado no pescoço simulando uma capa.

11- Fábio	Foi até o meio da roda e deu um salto para trás. Todas as crianças começaram a perguntar o que seria aquilo e logo ele disse: "Um salto de capoeira!".
12- Elen	Permaneceu com o pedaço de pano amarrado na cabeça.
13- Ana	Pegou seu pedaço de pano, colocou sobre uma almofada e começou a movimentar-se como se estivesse partindo em pedaços alguma coisa, as crianças começaram a dizer: "É um bolo?" e ela logo confirmou.
14- Rôse	Pegou o controle remoto da TV e começou a fazer movimentos de subida e descida, zigue-zague e as crianças diziam: "É um avião?" e ela respondia que não; "É um helicóptero?" não, ela dizia; "É uma montanha russa?" e ela confirmou.

Fonte: Acervo da pesquisa

Quantas coisas interessantes e criativas as crianças pensaram a partir de um controle de TV e um pedaço de pano! Não precisamos, às vezes, de grandes tecnologias para tentar chegar até elas, potencializar a criatividade, a imaginação e os pensamentos. Essa atividade corporal, de representação completou a busca por ações com as crianças que pudessem envolver movimentos corporais, a percepção de espaço e a percepção dos próprios movimentos!

Corpos falantes! Leveza e intensidade, o querer saber e fazer com o corpo foram percepções que aconteceram entre as crianças com seus pares e conosco nessa atividade. A imaginação foi a chave para toda a ação, desde a recepção das crianças. Aquelas que quiseram se apresentar suas imaginações no centro da roda puderam fazê-lo, outras acabaram se apresentando em seus lugares, mudando o pedaço de pano de posição e/ou se movimentando e/ou tentando adivinhar as ideias do outro, essa também foi uma forma de manifestação. Abaixo, seguem a fotografia 70 retratando a sala antes das crianças chegarem e as fotografias 71 e 72 o momento da apresentação de duas crianças:



FOTOGRAFIA 70 - Sala de aula arrumada para receber as crianças. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 71 - Maria Letícia se apresentando e ao fundo, a Jéssica e o Francisco brincando. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 72 - Maria se apresentando e ao fundo, o Francisco tentando imitá-la. 11/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A professora Sandra de Leitura e Linguagens, ao final da atividade, disse ter ficado surpresa e pediu que emprestássemos o filme "Em Busca da Terra do Nunca" para que ela pudesse desenvolver atividades com outras turmas. prontamente entreguei o filme para ela. Foi outra surpresa. A atitude dessa professora, que além de ceder o seu horário para poder fazer essa ação, elogiou e ainda queria fazer o mesmo com as outras turmas na qual era professora.

Quantas emoções, quantas surpresas se apresentavam numa atividade com as crianças! Na apresentação coletiva, onde todos imaginaram estar num navio, simulamos que o navio estava afundando, em outro momento que uma tempestade muito forte ameaçava virar o navio e que o balanço das ondas movimentavam as ideias e os corpos! As crianças gritavam, riam, se abraçavam, mergulhamos de cabeça nessa aventura.

• 17/06/2013: Sala dos Espelhos

Depois de uma primeira tentativa de construir a capa do caderno-tesouro realizada em 13 de junho, nesse dia 17 de junho de 2013 a proposta era para as crianças desenharem dentro de um círculo, na primeira folha do caderno tesouro. Foi a primeira vez que as crianças viram o baú que decoramos para guardar os cadernos-tesouros, de acordo com a temática da

imaginação iniciada na atividade do dia 11 de junho de 2013. A visão do baú causou muito alvoroço e muitas curiosidades nas crianças que queriam saber quem havia feito o baú, como foi feito, onde foi feito, com que dinheiro a gente tinha comprado os cadernos e o baú. Um pouco dessa movimentação pode ser visualizado na Nota de campo 51:

NOTA DE CAMPO 51 – A construção dos cadernos-tesouros

17 DE JUNHO DE 2013 - segunda-feira

Hoje, segunda-feira, cheguei à escola às 14h00min e fui até a sala 16 que estava trancada. Segunda a diretora, neste horário a sala estaria em uso, mas não estava. Tive que voltar até a sala da diretoria e pegar a chave, estava carregando a sacola de livros, os cadernos das crianças que eu havia encapado no fim de semana, uma mochila e uma bolsa. Quando entrei na sala, também não esperava outra coisa se não a sala suja. Fui até a cantina pegar uma vassoura e uma pá, voltei para sala 16 e varri a sujeira e joguei no lixo. Enquanto limpava a sala, como a sala 15 é ao lado da sala 16 escutei a professora regente dizer que se as crianças não ficassem quietas elas não ficariam comigo hoje.

OBS: Mais uma vez, a professora regente usa das minhas ações com as crianças para amedrontá-las. O combinado que firmamos diante da diretora da escola não autorizava a professora regente impedir que as crianças não participem das ações.

Organizei as mesas de maneira que ficassem juntas e voltei até o meu carro para pegar a caixa de som, a sacola de lápis de cor e canetinhas e o restante dos cadernos das crianças. Chegou neste exato momento o Jhonatan, expliquei sobre as atividades da quinta-feira passada e os porquês de ter encapado os cadernos. Ele me ajudou a carregar o restante dos materiais e então fomos para sala 16. Montei o som, enquanto isso, o Jhonatan pensou numa ideia muito bacana para deixar a capa do caderno com a cara de cada criança: ele pensou em fazer um círculo na capa cortando o papelão de maneira que ficasse a mostra à primeira folha do caderno, daí as crianças desenhariam nesse espaço. Pegamos os estiletes e com a ajuda de mais um amigo do Jhonatan que também é do PIBID do teatro, enquanto eles foram cortando a capa eu fui buscar as crianças na sala de aula. Quando cheguei à porta, a professora regente já estava a minha espera e logo veio me exigir que eu entregasse as crianças às 16h00min, então falei que não seria possível porque na quinta-feira não conseguimos fazer as atividades que estavam programadas. A professora regente insistiu dizendo que o horário combinado era até às 16h00min, daí disse que isso não era verdade, o horário combinado foi de 30 minutos e sendo assim seria das 15h40min às 16h10min. Não disse mais nada, me voltei para as crianças e pedi que elas fizessem um círculo na porta e dessem as mãos. Rapidamente eles se organizaram, tiveram algumas resistências em dar as mãos então pedi que as levantassem mostrando que todos estavam de mãos dadas. Em seguida, perguntei se eles se lembravam do nosso acordo e eles disseram que sim e começaram a dizer que tinham que respeitar o colega, não gritar, não bater e se não cumprissem o combinado saíam da sala. Voltei a dizer que não era permitido chegar perto dos aparelhos eletrônicos. Então de mãos dadas em forma de círculo fomos saindo e andando até sala 16. Quando chegamos à porta, eu abri bem devagar e o som da sinfonia de Beethoven encheu o ambiente da sala 16. Deixei um por um entrar e sentar, com calma. Todos tinham que esperar o colega sentar para então entrar na sala.

OBS: Por duas vezes tenho feito essa nova estratégia de deixar um por um entrar e tenho percebido que eles entram e permanecem mais calmos do que quando entravam todos juntos. Era como se um respeitasse a vez do outro, respeitasse o outro sentar e se organizar, esperar que outro caminhasse sem se preocupar se o outro colega vai empurrá-lo ou tomar o seu lugar e lhe faltar com o respeito e assim ferir seus sentimentos. Essa tática tem funcionado por duas vezes consecutivas, sendo assim permanecerei com ela até que não funcione mais.

Quando todos já haviam se assentado, desliguei o som e disse as crianças: "Primeiramente eu quero dizer Boa Tarde! Gostaria de dizer que as capas dos cadernos que nós tentamos fazer na quinta-feira não deram certo. Os panos não colaram e sendo assim, eu retirei tudo que nós fizemos nas capas e comprei uma capa de plástico e encapei todos os cadernos com a mesma capa, coloquei o nome nos cadernos. Porém, o Jhonatan teve uma grande ideia, de fazer uma abertura na capa para que cada um de nós possamos fazer um desenho bem bonito. Lembrando do filme que nós vimos do Petter Pan, da Fada Sininho, da nossa conversa sobre a imaginação, vamos pensar que esse caderno é o nosso tesouro. Vocês estão vendo algo diferente aqui na sala 16?" Algumas crianças disseram ser o amigo do Jhonatan, outros disseram ser um pedaço de madeira que estava num canto, e de repente uma menina disse que era o baú. Então convidei as crianças que viessem até o baú para vê-lo de perto, disse que tinha feito o baú com a ajuda da Myrtes para todos nós. Eles ficaram admirados com a beleza do baú. Pedi que se sentassem e fui distribuindo os cadernos, na medida em que o Jhonatan e o seu amigo recortavam as tampas dos cadernos fazendo um círculo redondo. Sentei-me com as crianças e comecei a fazer a minha capa também, os meninos e meninas vinham até mim me mostrar seus desenhos, e de repente uma menina se aproximou e disse: "Tia Grazi! Tenho que te confessar uma coisa, o seu desenho é mais bonito de todos!". Sorri e disse que o desenho dela é que era o mais bonito, dei-lhe um abraço e o sorriso se fez nos rostinhos. Quando faltavam 2 minutos para acabar o tempo meu com as crianças, a professora regente já estava na porta exigindo que as crianças voltassem para sala. Falei para as crianças que colocassem os cadernos no baú, e voltassem para a sala, mas como todas às vezes, algumas crianças ficaram para ajudar a recolher os materiais. Por fim, pedi que voltassem para sala e elas foram. Recolhi o restante do material e fui até a sala da direção colocar o baú numa sala para ficar seguro, fui até o carro colocar o material que não precisaria mais e voltei para sala para distribuir os livros. Quando cheguei à sala, comecei a trocar os livros e quando cheguei à mesa da criança que havia quebrado o meu notebook, havia estragado um livro e admitido ter estrago e que por isso eu tinha dado uma segunda chance, ela então me entregou o livro, abri e vi que estava estragado, perguntei a ele o que tinha acontecido e desta vez mentiu dizendo que já estava assim, e ficou calado. Eu sabia que não estava assim porque eu vi este livro antes de emprestá-lo, então pedi que trouxesse na quarta-feira. Outra criança também havia estragado outro livro. Então eu pedi que tivesse mais cuidado.

OBS: É preciso cobrar das crianças que cuidem dos livros, mas sem violência.

Os desenhos nas capas dos cadernos-tesouros ficaram com a característica de cada criança, personalizado. Ainda houve conflitos no uso das canetinhas, dos lápis de cor, lápis de escrever, porém na maioria do tempo eles tentaram conviver um com outro de maneira tranquila. As fotografias 73 e 74 apresentam o baú dos tesouros da turma Crianças Maravilhosas.



FOTOGRAFIA 73 - Baú fechado. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 74 - Baú aberto. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A estrutura do baú foi comprada pronta e também todo o material para decorá-lo. Os cadernos-tesouros, além de terem ficado com o jeito de cada uma das crianças, foram uma

grande ideia de conhecer ainda mais as crianças, seus jeitos de pensar, produzir e se expressar, entretanto, as situações que foram acontecendo a partir de então, por exemplo, as férias das crianças no mês de julho, a troca de professoras, a própria pausa nas atividades com as crianças a partir do mês de julho para me preparar para a qualificação, impediram-nos de retornar com atividades do baú dos tesouros. Abaixo, apresentamos quatro cadernos-tesouros, que ao todo foram produzidos 20 cadernos-tesouros, 18 das crianças, um meu e o outro do Jhonatan:



FOTOGRAFIA 75 - Caderno-tesouro da Larissa. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 76 - Caderno-tesouro da Luiza. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A cor azul e marrom ao fundo dos cadernos-tesouros são as cores dos panos que cobriam os mesmos. A fotografia 75 apresenta a produção da Larissa que disse ser uma princesa no seu castelo, mas depois disse ter desenhado ela mesma vestida como uma princesa num castelo. A fotografia 76 da Luiza, nos mostra também a presença da imagem da princesa do conto de fadas com um possível príncipe. Há uma marca forte e muito presente de princesas e príncipes nas ilustrações das crianças, principalmente das meninas. A fotografia 77 apresenta apenas a imagem de uma menina, que segundo a Isadora é ela mesma.



FOTOGRAFIA 77 - Caderno-tesouro da Isadora. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 78 - Caderno-tesouro da Luana. 17/06/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A fotografia 78 apresenta a produção da Luana que escreveu no seu caderno-tesouro: "Eu amo a tia Grazi". A demonstração de carinho e afeto das crianças era muito intensa.

3.3.6 EIXO: Depois da Festa Junina da escola

- 04/07/2013: Área gramada da escola

No tocante às atividades planejadas, no dia 04 de julho de 2013 aconteceu a última ação dentro dos 30 Minutos de Alegrias. Antes de começarmos as atividades, no horário do recreio, houve a apresentação da quadrilha das crianças no pátio da escola. O professor João, de Educação Física, ensaiou quadrilha com os estudantes e neste dia eles e as crianças das outras turmas de terceiros anos apresentaram-se para os professores e demais funcionários da escola. A quadrilha não foi aberta à comunidade e as comidas típicas como canjica, caldo de mandioca, pipoca e algodão doce foram fornecidos pela escola que conseguiu esses alimentos através de doações externas.

Por ser uma festa junina, tentei me caracterizar adequadamente, quando as crianças me viram, saíram correndo pelo pátio e me abraçaram. Diziam: "Achei que você não viria tia Grazi!"; "Tia Grazi, cadê a maquiagem?". As crianças estavam muito felizes, sempre perto uma das outras, evitando conflitos violentos. Os olhos delas brilhavam! A fotografia 79 apresenta o momento anterior à dança da quadrilha. Em seguida apresentamos a Nota de campo 56 que retrata um pouco do que aconteceu nesse dia:



FOTOGRAFIA 79 - Crianças antes da quadrilha, no pátio da escola. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

NOTA DE CAMPO 56 – A Festa Junina das Crianças Maravilhosas e outras festas
4 DE JULHO DE 2013

Hoje, quinta-feira, eu e a Alessany chegamos à escola às 14h20min. A Myrtes estava saindo, já estivera com as crianças e por questões pessoais não poderia ficar. Ela disse que as crianças estavam fervorosas de ansiedade pela minha chegada, perguntavam a todo o momento quando eu chegaria, se eu realmente viria. Coloquei a saia de pano de chita que minha mãe havia feito e um pedaço de retalho de chita na cabeça, nos despedimos da Myrtes e entramos. Quando entrei no pátio da escola e as me viram, elas estavam do outro lado do pátio, começaram a gritar e pular chamando: "Tia Grazi! Tia Grazi! Tia Grazi!... A Tia Grazi veio!". Elas vieram correndo e me abraçaram fortemente quase me derrubando no chão. Perguntaram por que não estava com toda a roupa de quadrilha, só estava com a saia e um laço na cabeça. Então disse que eu não tinha uma roupa de quadrilha, a minha mãe havia feito de última hora esta saia de chita, elas disseram que eu estava bonita e começaram a falar sobre as suas roupas, perguntavam se estavam bonitas, falavam sobre os seus pares da dança. Quando cheguei perto da professora regente para cumprimentá-la ela disse que as crianças estavam muito preocupadas pensando que talvez eu não viesse, e que se eu não chegasse, ela nem saberia o que fazer de tão ansiosos que as crianças estavam com a minha chegada. Fiquei perto das crianças o tempo todo, acompanhei a preparação para a dança, tirei fotos delas com seus pares, acompanhei na cantina, comi junto com elas os caldinhos típicos da festa junina. Fiquei na fila com elas para pegarem o algodão doce e a pipoca, até a hora delas voltarem para sala de aula. Elas estavam muito felizes, uma alegria radiante, como se aquele dia tivesse sido o melhor dia de suas vidas. Quando chegamos à sala, pedi que fizessem uma roda e dessem as mãos, então percebi que uma das crianças estava com o meu pano de fazer o laço de fita. Então perguntei se ela havia tirado o meu pano de dentro da sacola e ela disse que não, que este pano estava com outra criança, perguntei a esta criança o que havia acontecido, ela então disse que o pano estava no chão, mas eu sabia que era mentira porque este pano estava guardado na sacola, logo esta criança havia mexido nas minhas coisas e pegado o pano. A atitude da criança em mexer no que não é dela me deixou chateada então pedi que ela se retirasse da roda e desta vez não participaria das ações. Então disse para todas as crianças que mexer nas coisas dos outros sem autorização do dono e ainda mentir eram ações que eu considerava muito graves. Perguntei as crianças das regras e elas disseram o que não poderia fazer e se fizesse o que aconteceria. Saímos andando e de mãos dadas até a sombra da árvore que ficamos no dia anterior. Quando chegamos, fiz uma roda e com as mãos dadas, perguntei as crianças do quê brincaríamos, elas começaram a sugerir: pique-pega, pique-altinha, sorvetinho, Baygon, mas a que mais foi pedida foi o pique-pega, então sugeri que fizéssemos o processo do Baygon de ontem, todos de mãos dadas, bater as mãos até achar a criança que sairia correndo para pegar os outros colegas. Delimitei o espaço e começamos e na primeira tentativa as crianças começaram a correr e gritar alto, então esperei que terminasse essa primeira rodada, pedi que fizessem novamente a roda e dessem as mãos, coloquei o problema e disse que seria uma regra não gritar quando corréssemos, quem gritasse, ou seja, quebrasse a regra, sairia e voltaria para sala, todos concordaram e voltamos para a segunda rodada. Assim que começamos, uma criança gritou, adverti-a da regra, mas ela continuou a gritar, então pedi que voltasse para sala. Voltamos a brincar e fechamos a segunda rodada. Fomos para a sombra da árvore, fizemos a roda e de mãos dadas sugeri que brincássemos de morto-vivo, elas gostaram muito da ideia e já disseram que eu seria o mestre. Aceitei a indicação e então coloquei todas lado a lado, de frente para mim. Ao passar as regras sugeri que em pé seria vivo, agachado seria morto e no meio com os joelhos flexionados seria doente, eles gostaram e sugeriram também dar uma voltinha em torno de si mesmo com uma mão levantada atribuindo a esse movimento o nome de pressão e um pulinho como pipoca. Foi supimpa, apenas duas crianças erraram.

OBS: Foram muito boas essas brincadeiras com as crianças, nós nos entregamos de corpo e alma, brincamos e nos emocionamos. Brincar com as crianças é poder conhecê-las um

pouco mais e construir uma relação de cumplicidade, de amizade, de amor com elas. O respeito, amor, carinho foi uma construção ao longo do tempo que vamos colhendo os frutos aos poucos. Brincar com as crianças não é me tornar uma criança como elas, mas sendo adulto poder compreender e respeitar o ser criança, brincando mesmo adulta e resgatando a infância. Este trabalho tem sido difícil, mas tem sido gratificante, vale a pena continuar me doando pelas crianças e com as crianças, porque a recompensa que tenho tido com o carinho, o respeito, o acolhimento, a vontade de fazer com e melhorar sempre são muito maiores que qualquer sofrimento. Tenho errado, mas os acertos tem sido maiores porque as respostas estão sendo grandiosas por parte das crianças.

Depois, sentamos a sombra da árvore e começamos a pensar juntos na próxima brincadeira e então veio no meu pensamento a brincadeira de passar anel, mas ninguém tinha anel, então as crianças pegaram um pedacinho de pano e pedi a uma criança que comesse a passar o anel. Ela começou a passar o anel e o colocou em minhas mãos, as crianças viram e disseram que o anel estava comigo. Confirmei e daí foi a minha vez de passar o anel. Quase todas as crianças participaram da brincadeira.

OBS: A brincadeira de passar o anel foi uma oportunidade das crianças sentirem uns aos outros, de terem cuidado com o outro, carinho com o outro e controlar a ansiedade. As crianças ficaram tranquilas, sem pressa, sem medos.

Depois da brincadeira de passar o anel, pedi que ficassem sentados, peguei o doce de pé-de-moleque que havíamos comprado e comecei a brincar de soletrar, fazia perguntas como: quantas letras tem a palavra casa, filho, céu, todas se ajudavam e eu entregava os doces, assim que todas ganharam o doce, pedi que voltassem para sala. Quando chegamos à sala, recolhi os livros e entreguei as revistinhas, e me despedi das crianças desejando um ótimo descanso e que quando voltarem eu estaria lá para recebê-los de braços abertos. Elas me abraçaram e fui embora.

OBS: São pequenas coisas que conseguem trazer sentido nas relações com as crianças, essas brincadeira que brincamos não precisou de grandes brinquedos sofisticados para trazer os resultados como o respeito como o outro, escutar, falar também com as palavras e não só com corpo. Foi muito bom!

As crianças demonstraram a todo tempo o quanto queriam que eu estivesse presente na festa junina. No refeitório, quando me sentei na cantina para comer junto com elas foi um momento muito intenso, as outras crianças de outros terceiros anos ficavam me olhando e cochichando umas com as outras. Mesmo não sendo a primeira vez que eu estava no refeitório com as Crianças Maravilhosas, nesse dia percebi mais um pouco o quanto as crianças me consideravam e como elas se sentiam felizes com a minha presença, e eu mais ainda! As fotografias 80, 81 e 82 apresentadas abaixo registram o lanche na cantina, o algodão doce e a pipoca servida às crianças no pátio:



FOTOGRAFIA 80 - Crianças e eu na cantina da escola. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 81 - Crianças comendo canjica na cantina da escola. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

A escola Crianças Felizes nos surpreendeu com tamanha variedade de comidas típicas. O algodão doce e a pipoca foram às opções que as crianças mais gostaram, na fila para aguardar a vez de pegá-los, elas se retorciam, pulavam, mas continham-se quando alguma professora olhava torto ou gritava pedindo que ficassem quietas. Festas como essa, poderiam acontecer todos os meses na escola Crianças Felizes, pois a receptividade e a felicidade foram muito intensas, até por parte das professoras e das funcionárias da escola. Abaixo, na

fotografia 82, visualizamos o Fábio da turma Crianças Maravilhosas ao receber o algodão doce e a pipoca:



FOTOGRAFIA 82 - Fábio recebendo o algodão doce e o saquinho de pipoca. 04/07/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

Durante as atividades dos 30 Minutos de Alegrias, muitas brincadeiras e invenções aconteceram. Juntas, ressignificamos brincadeiras, por exemplo, "O mestre mandou" criando novas regras, além de já ter alterado o nome para "O mestre pediu". A sugestão de usar uma pedrinha no lugar do anel na brincadeira de passar o anel também foi algo que surpreendeu, juntamente com a delicadeza das mãos passando a pedra com o cuidado para não deixá-la cair e nem machucar o colega.

Foi nesse clima de muita alegria, festa, emoção que encerramos, sem saber que este seria o fim dessa etapa, as atividades planejadas com as crianças. Fizemos planos para continuar, porém o tempo e as circunstâncias nos impediram de retomar as brincadeiras, entretanto continuamos a frequentar a sala da turma Crianças Maravilhosas ao menos uma vez por semana, sem prefixar o dia utilizado para isso, para trocar revistinhas e livros com elas, além de conversarmos sobre assuntos variados.

De 04 a 29 de julho de 2013, as crianças estiveram de recesso. No dia 29 de julho, voltei à escola para reencontrar as crianças, conversar sobre o que haviam feito nesse período, saber sobre como estavam e logo tive a notícia de que a professora Bela havia deixado a turma, uma vez que a Secretaria Municipal de Educação começara a substituir docentes

contratados com a efetivação de professores concursados. As crianças ainda não souberam do afastamento de Bela imediatamente, mas já desconfiavam, porque nesse dia assistiram às aulas em outra sala de terceiro ano, com outras crianças. Neste dia, elas me perguntaram se haveria brincadeira e quando eu voltaria para brincar com elas, então falei a todas que a partir daquele dia eu estaria com elas uma vez na semana, todas as segundas-feiras, apenas para trocar livros, revistinhas e conversar com elas. Expliquei sobre os trabalhos na universidade, a qualificação para o mestrado, os quais estavam exigindo que eu me afastasse da escola para fazê-los e que assim que eu terminasse poderíamos voltar às atividades.

Se pudéssemos ter escolhido a hora de nos afastar das crianças, certamente não teria sido neste momento. Dois fatos foram coincidentes nesse momento: primeiro, a mudança de professoras e, segundo, a preparação para a qualificação de mestrado. Das três vezes por semana, numa variação de tempo de permanência com as crianças de 4 horas à 45 minutos, a partir dessa data reduzimos para uma vez por semana de 30 minutos. Foi um período difícil para as crianças e também para nós.

Em 5 de agosto de 2013, fizemos um passeio com a turma Crianças Maravilhosas até o Museu Itinerante da UFMG³³ que estava estacionado no Campus Santa Mônica da UFU. A escola Crianças Felizes, em parceria com o PIBID e a Secretaria Municipal de Educação, levou turmas dos quartos anos do Ensino Fundamental para conhecer o Museu. Apenas essas crianças puderam ir ao Museu. Sabendo disso, contratamos um ônibus com recursos do GEPECPOP e também levamos a turma Crianças Maravilhosas ao Museu. Foi um passeio inesquecível para nós, os olhares das crianças ao verem tantas novidades foram emocionantes!

Em 11 de novembro, numa segunda-feira quando cheguei à sala para trocar as revistinhas e os livros com as crianças, a professora Bela estava contando uma história "Menina bonita do laço de fita" de Ana Maria Machado que falava de uma menina negra de cabelos enrolados enfeitados com laços de fitas coloridas nas pontas. Assim que terminou de contar essa história, a professora Bela veio me dizer que na próxima segunda-feira faria uma atividade relacionada com a história narrada.

³³ O Museu Itinerante PONTO UFMG é um espaço científico-cultural, interativo, adaptado em uma unidade móvel que atende, primordialmente, escolas e cidades de Minas Gerais. É constituído de um caminhão estendido com seu espaço interior adaptado em seis ambientes - Sala do Útero, Sala dos Sentidos, Sala dos Biomas, Sala de Projeção 3D, Sala do Submarino e Sala das Cidades - apresentando uma proposta inovadora no Brasil. O museu, além das atrações internas, promove exposições e oficinas externas interligando as mais diversas áreas do conhecimento e da ciência. Disponível em <http://museu.cp.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=71>. Acesso em 29 de janeiro de 2014.

Segunda-feira, dia 18 de novembro, lá estava eu novamente para trocar as revistinhas e os livros e para conferir a atividade que a professora Bela havia prometido às crianças: ela distribuiu um desenho da menina bonita do laço de fita e pedaços de buchas de aço para cada criança e pediu que elas colorissem o desenho e colassem as buchas de aço no espaço onde era o cabelo da menina. Como a cola branca não colava as buchas de aço no papel, a professora Bela começou a cola-las com cola quente nos desenhos de cada criança e foi neste exato momento que eu cheguei à sala. Quando as crianças me viram saíram correndo para me abraçar e mostrar seus desenhos. A professora Bela quando me viu, já foi logo dizendo: "Olha isso Grazi, te incorporei!". Sorri para ela e disse: "Que bom!". O fato de ver Bela propondo uma atividade diferente para as crianças foi muito importante para mim, mas eu não sei se faria o desdobramento do desenho e da colagem da mesma forma que ela fez. No momento presente, eu não levaria desenhos prontos e nem buchas de aço para representar o cabelo da menina. De qualquer modo, eu realmente gostei de ver que a Professora Bela estava mais próxima das crianças.

As crianças estavam em festa neste dia, como se aquele momento fosse tão especial que não deveria terminar. Estavam eufóricas, alegres, se amontoavam em cima da professora Bela para vê-la colar os cabelos da menina no desenho. Essa atitude da professora Bela de buscar outras formas de desenvolver os conteúdos com as crianças pode sinalizar uma mudança da prática docente. Neste caso, o assunto abordado foi à história e cultura africanas. A professora Bela foi além do quadro negro e xerox para desenvolver temas obrigatórios com as crianças e isso é um fato relevante, por terem sido poucos momentos como esses presenciados por mim durante o primeiro semestre letivo de 2013 e ainda, podemos dizer que de maneira subentendida ela reconheceu os nossos esforços de tentar encontrar outras formas de chegar até as crianças.

No momento em que as crianças estavam reunidas na mesa da professora Bela, ela pediu que eu registrasse com nomes os desenhos das crianças e assim o fiz. As fotografias 83 e 84 apresentadas abaixo retratam esse dia de alegria, das crianças com a Professora.



FOTOGRAFIA 83 - Professora Bela colando com cola quente os cabelos de palhas de aço nos desenhos das crianças. 18/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.



FOTOGRAFIA 84 - Luiz mostrando o seu boneco de laço de fita. 18/11/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Neste período de agosto a dezembro, foram 17 dias ou encontros em que estive com as crianças uma vez por semana para trocar revistinhas e conversar com elas, os dias 11 e 18 de novembro foram um dos poucos momentos em que presenciei uma atividade sendo desenvolvida com as crianças de uma maneira diferente do habitual, com menos ênfase nos conteúdos curriculares e mais atenção para o gosto das crianças.

Em 12 de dezembro de 2013, coincidindo com o fim do semestre letivo, encerramos a pesquisa com as Crianças Maravilhosas. Preparamos uma atividade com álbuns de figurinhas sobre personalidades e histórias da cidade de Uberlândia. As crianças se sentaram em pequenos grupos de três ou quatro estudantes para colarem as figurinhas adesivas no álbum e ler as informações trazidas, conforme se vê na fotografia 85 e, ao final, nos reunimos numa roda, dissemos que aquele seria o nosso último encontro com elas no ano de 2013, entregamos um saquinho com balas e chocolates e um embrulho com quatro revistinhas em quadrinhos já utilizadas para cada uma delas.



FOTOGRAFIA 85 - Crianças Maravilhosas colando as figurinhas nos álbuns. 12/12/2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

No último dia de encontro à emoção foi de todos, foram muitos abraços e beijos, tal como se pode ver na fotografia 86; como realizamos a atividade no ultimo horário, os pais das crianças chegavam à porta para buscá-los e as crianças não queriam ir embora! Agarraram-se em mim e eu neles! Foi um dia marcante para todos nós.



FOTOGRAFIA 86 - O abraço de despedida no final do ano letivo de 2013. 12/12/2013. Fonte: Acervo da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Vamos, vamos, abram a roda, deixem entrar pessoas, lugares, imaginações, fantasias, emoções, brincadeiras e principalmente as crianças para que possamos rodar e rodar sem rumo, sem lugar, sem pensar onde vamos chegar, será difícil o caminho, mas ninguém prometeu que seria fácil!". Essa foi a emoção que senti quando cheguei na parte final da escrita da pesquisa e pude perceber a totalidade do trabalho. É como se esse pensamento resumisse a trajetória das experiências desse trabalho que se realizou efetivamente de fevereiro à dezembro de 2013, contudo posso afirmar que suas bases foram construídas em mim desde 2006.

Na presente pesquisa desenvolvemos e experimentamos várias atividades com as crianças para que pudéssemos cada vez mais nos aproximar delas e conhecer os seus jeitos de pensar, de se relacionar uns com os outros, de tomar decisões, de falar com o corpo e com as palavras, enfim queria conhecer a emergência de suas culturas no espaço-tempo da escola.

No período da pesquisa, as dificuldades em administrar minhas emoções diante de várias situações com as crianças e os adultos foram grandes: estar preparada para as adversidades da escola cujo tempo transcorre de maneira diferente, com mais incertezas do que certezas; resistência das professoras regentes em aceitar o diferente, no caso, aceitar a pesquisa, sem interferir nas atividades com as crianças; lidar com a falta de espaço e estrutura da escola para desenvolver atividades de correr, dançar, assistir a filmes e/ou uma peça de teatro; calar-me quando presenciava cenas de agressões contra as crianças para que não gerar conflitos e desacordos com os adultos; tentar compreender as necessidades de cada criança, o porquê de tanta intensidade corporal e trabalhar com elas mesmo assim; buscar entender seus sentimentos e tentar não fazer julgamentos equivocados que pudessem reprimir as crianças.

Toda mudança é feita devagar! Chegar ao equilíbrio com as crianças foi uma meta, um objetivo maior, uma vez que aprendemos na primeira parte de nosso trabalho que se quiséssemos conhecê-las deveríamos construir juntas outras relações, além dos ritmos e dos conteúdos escolares, apoiadas nas brincadeiras. Sabemos que houve falhas, excessos e/ou faltas, principalmente quando não soubemos lidar com os conflitos corporais, às vezes violentos, entre as crianças. Aprendemos que não bastava fazer acordos prévios, era preciso cumpri-los e ser justa.

Era difícil fazer cumprir o que combinávamos com as crianças. A presença da professora Bela no começo da pesquisa foi um entrave. Consciente ou não, querendo ajudar, segundo ela, suas intervenções dificultava muito que nós conhecêssemos as crianças e suas culturas, pois na presença dela as crianças apenas obedeciam ou desobedeciam e dificilmente criavam ou imaginavam. Conviver com a professora dentro da sala de aula no período de observação significou me anular com relação aos valores que defendia em relação a melhores condições para as crianças aprender e produzir conhecimentos e relações.

Das poucas vezes em que tentei burlar as imposições da professora, algumas pouquíssimas deram certo, tal como, por exemplo, o momento em que emprestei escondido materiais escolares da caixinha para alguns estudantes. Na maioria das vezes em que tentei acrescentar alguma ação que favorecesse o envolvimento das crianças com o trabalho escolar fui impedida pela professora Bela.

Por isso mesmo, com a pesquisa, aprendemos que deveríamos abrir mão do trabalho junto à professora regente. Aprendemos que na sala de aula prevalecem ações e dinâmicas de uma cultura escolar restritiva e em oposição aos ritmos infantis. Para entender e discutir culturas infantis no espaço-tempo da escola provirmos condições para elas emergissem nas brincadeiras promovidas por nós junto com elas, por isso fomos propondo e variando atividades com as crianças da turma Crianças Maravilhosas, desde o momento das Teimosias da Imaginação até os 15 minutos de alegria.

Constatamos que a professora Bela ainda era a melhor professora que elas tinham. Ressalvas devem ser feitas ao professor João de Educação Física e do professor Roberto, de Artes, que estabeleceram boas relações com estas crianças. As professoras de Religião, de Literatura e Linguagens, de Informática e outras professoras que substituíram Bela na volta do recesso do meio do ano eram muito mais severas e agressivas com as crianças.

Com as crianças aprendi muito. Aprendia todos os dias que estava com elas sobre como ser intensa nas relações, nas atividades, a me entregar ao prazer do momento, da brincadeira levada a sério; a intensidade das crianças, de querer fazer tudo ao mesmo tempo como se aquele momento não fosse acontecer mais me fez pensar na potência do agora e me fez questionar sobre o quanto eu me doava para as crianças e brincadeiras.

Na escola as crianças praticavam táticas de sobrevivência, válvulas de escape das imposições escolares, quase todo o tempo, no jeito de caminhar no corredor, no recreio, no banheiro, na cantina, na sala de aula, nas atividades que desenvolvíamos com elas com brinquedos indesejados e elas brincava de subir em árvores, quando pedíamos que fizessem

silêncio e elas queriam mesmo era conversar sobre outros assuntos com os colegas e até conosco. Lidar com essas adversidades que as crianças nos colocavam, exigia mais e mais de nossa capacidade de ouvi-las, de percebê-las nas diferenças, de julgar menos e replanejar muitas vezes as atividades.

A primeira fase da presente pesquisa consistiu em perguntar diretamente às crianças sobre elas, sobre seus gostos e desgostos, enfim, sobre suas vidas. Na segunda fase, sem a professora, nosso trabalho consistiu em deixá-las fazer, fazer com elas e aprender sobre elas nessa dinâmica. A minha aceitação no grupo delas, como uma "adulta atípica" aconteceu aos poucos, a confiança e o respeito foram sendo construídos na medida em que elas me aceitavam no grupo e construíamos uma amizade. Nesse ponto do trabalho, o grande aprendizado da pesquisa foi ter me aproximado das crianças no recreio, num espaço-tempo delas. Nesse momento, sozinhas, "tudo" era permitido! Não havia professoras no horário do lanche e nem no momento das brincadeiras! Quando as crianças perceberam que eu estava sempre com elas na hora mais desejada por todas, no recreio, fui aceita no grupo!

O momento marcante dessa relação foi quando elas me chamaram para brincarmos juntas no recreio. Até chegamos a usar esse tempo do recreio para fazer as atividades da pesquisa, contudo a diretora interveio nos alertando corretamente da importância daquele espaço-tempo do recreio para as crianças. O entendimento da diretora foi fundamental para prosseguirmos sem a professora Bela e sem a utilização do recreio para as atividades com as crianças.

As crianças estavam sempre disponíveis para ajudar, principalmente nos bastidores das atividades, com a caixinha de material escolar, distribuir e arrumar as revistinhas. Por mais que os materiais quebrassem e/ou rasgassem, o que acontece naturalmente no manuseio, elas foram aprendendo que precisavam se esforçar para cuidar melhor dos materiais coletivos. Repusemos várias vezes os materiais quebrados e /ou amarrados e rasgados e conversávamos com as crianças sobre a importância de cuidar do que era de todos, para que todos pudessem utilizar.

Depois de muitas tentativas, aos poucos, as crianças demonstravam que queriam cuidar melhor do material coletiva, chegando até a fazer uma lista com os nomes dos colegas que pegavam os materiais para que ao final elas pudessem recolher e garantir os materiais estava sendo bem utilizados. Com os gibis e depois com os livros, elas começaram a cobrar dos colegas que não se esquecessem de trazê-los para a escola e trocar por outros, também denunciavam aqueles que haviam escrito, rasgado ou amassado as revistinhas ou livros.

Muitas crianças esqueciam-se de trazer os gibis e os livros na data combinada, mas sempre traziam, mesmo atrasadas! De mais de cinquenta gibis e quinze livros, apenas um livro não foi devolvido e o motivo foi que a criança havia saído da escola.

Uma prática que melhorou ao longo do tempo com as crianças foi o ato de fazer a roda. No começo elas não compreendiam que roda se relacionava com um círculo, não aceitavam dar as mãos para qualquer colega, apertavam as mãos dos colegas chegando a incomodar e/ou machucar. Com a realização das atividades, a roda foi ficando como um círculo, as mãos rapidamente ficavam unidas e a agressividade se manifestou em menor intensidade e menos vezes. Iniciar uma conversa com as crianças no começo, só era possível se a professora Bela intervisse, e mesmo assim, a postura de ouvir durava pouquíssimo tempo. A partir da conversa com a diretora da escola sobre a inadequação de realizar as atividades da pesquisa no horário do recreio, tempo livre das crianças, com o afastamento da professora dessas atividades e o estrago na tela de nosso notebook, sinal de um jeito descuidado de agir manifestado por muitas crianças, percebi que precisava combinar com as crianças certas regras de comportamento e convivência efetiva de antes de sair da sala de aula para nos dirigir ao quiosque, ou a biblioteca, ou a sala de espelhos ou ao gramado. Depois de combinar tais regras com crianças deveríamos efetivá-las de fato. Enquanto a professora Bela estava presente conosco, ela acabava intervindo e disciplinando as crianças de maneira quase sempre rude e que discordávamos. Depois de seu afastamento e do acidente com o notebook, eu tornei-me responsável por organizar tal dimensão do trabalho.

Discutir, combinar e levar a sério as regras estabelecidas é cuidado com o grupo e com os membros que o compõem! As próprias crianças, no começo das atividades da pesquisa, já me alertavam de que era preciso retirar aqueles que não estavam respeitando nem aos outros nem a si mesmo. Talvez o melhor fosse propor diferentes atividades que se encaixassem nos desejos e nas necessidades de cada criança. Entretanto, exigiria mais pessoas no desenvolvimento da pesquisa e não tínhamos essa condição.

O estrago do notebook foi o grande impulso para percebermos a dimensão da responsabilidade que tínhamos com as crianças, inclusive no sentido de continuar e aprofundar nosso relacionamento de acordo com os acontecimentos.

A presente pesquisa nos mostrou que as crianças, mesmo com todas as dificuldades de relacionamentos demonstrados ao longo do presente trabalho, priorizavam as relações entre elas e suas brincadeiras. Nesse sentido, a ação que mais me marcou, dentre todas, foi quando elas deixaram os brinquedos para subir no pé de acerola! Na atividade com brinquedos

tecnológicos e comuns, as crianças passaram a maior parte do tempo brincado com os colegas, mesmo utilizando os notebooks, elas se sentavam em duplas e revezavam-se no uso desse brinquedo.

Sair da escola e conhecer outros lugares, como nos dois passeios à UFU, para assistir a encenação da peça de teatro "Árvore de todas as histórias" e para visitar o Museu Itinerante da UFMG, foi outra maneira de estar com elas e de tentar conviver em outros espaços-tempos que não fossem a escola e que tivessem uma organização voltada ao lúdico, lugar e condição que poderiam favorecer a emergência de outros comportamentos, outros relacionamentos e outras construções entre as crianças, com os interesses da presente pesquisa e até mesmo com o conhecimento.

A dúvida como método, como princípio, meio e fim norteou nossos caminhos nessa grande jornada de aprendizado com as Crianças Maravilhosas de uma escola pública municipal da cidade Uberlândia. A alegria e o amor como combustíveis vitais para que tudo acontecesse; o cuidado de si e o cuidado com o outro; se preparar para então mergulhar nos prazeres e desprazeres da escola; autoconhecimento de uma jovem professora pesquisadora que ao mesmo, na medida em que conhecia as crianças, se conhecia como pessoa e como profissional. A escola como um espaço onde tudo acontece e nada acontece, do estar em pesquisa, de fazer escolhas e praticar renúncias, de partir com critério de verdade.

Buscamos em todos os momentos da pesquisa, o compromisso em investigar no contexto da escola - pretexto para construir processos de ensinagem e aprendizagens felizes - movimentos de transformação da pesquisadora e das crianças tecelãs do ofício de fazer/pensar sobre o seu fazer, transformar-se pelo seu fazer, buscando pistas político-epistêmicas do seu fazer. Isto é, apropriando-se da teoria em movimento que em potência informa/forma/desforma/transforma o cotidiano escolar, trazendo outras pistas para tornar a escola um lugar privilegiado das culturas infantis.

Aliar rigor emoção, estudo sério e paixão na compreensão do processo de construção de uma pesquisa inscrita e escrita a partir do *chão da escola*, em diálogos com as vozes dos *infans*, que de modo geral, não são consideradas válidas no mundo privilegiadamente adultocêntrico da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A gestação do futuro**. Campinas: Papirus, 1987.

_____. **Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Edição 34. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BERTHERAT, Therese. **O corpo tem suas razões**. Edição 21. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

BOFF, Leonardo. **A difícil passagem do tecnozóico ao ecozóico**. LeonardoBoff.com, Rio de Janeiro, fev/2011. Disponível em < <http://leonardoboff.com/site/lboff.htm> > Acesso em 21 Junho 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996, pp. 32. Disponível em: < http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/7676.pdf >. Acesso em 29 de Agosto de 2013.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Brinquedo e Cultura**. Edição 8. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões de nossa época; v.20)

BRUNER, J. S. **O processo da Educação**. Edição 7. São Paulo: Nacional, 1978.

CARIA, T. H. **A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras**. In T. H. Caria, *Experiência etnográfica em Ciências Sociais* (pp. 9-20). Porto: Edições Afrontamento, 2002.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: Elementos para uma teoria**. Edição 1. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COLONNA, Elena. **"Eu é que fico com a minha irmã" Vida quotidiana das crianças na periferia de Maputo**. 2012. (337 páginas). Tese de Doutorado - Universidade do Minho/Instituto da Educação. Minho, Janeiro de 2012. Trabalho efetuado sob a orientação do Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmiento.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Edição 2. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago., 2005.

DIOGO, Andréa. **Linha**. Belo Horizonte: RHJ, 2005.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso**: In: ANPED, 21º Reunião, 1998, Rio Grande do Sul. Disponível em: < http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde10/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf > Acesso em 22 de Julho de 2013.

FRAZÃO-MOREIRA, A. **Aprender Etnobotânica em terras de África: Trabalho de campo entre os Nalu de Guiné-Bissau**. In T. H. Caria, *Experiência em Ciências Sociais* (pp. 131-147). Porto: Edições Afrontamento, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Edição 50. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FERREIRA, M. **Os estranhos "sabores" da perplexidade numa etnografia com crianças em Jardim de infância**. In T. H. Caria, *Experiência etnográfica em Ciências Sociais* (pp. 149-166). Porto: Edições Afrontamento, 2002.

FUGANTI, Luiz. **Direitos Humanos? E a potência de criar valores?** [vídeo]. Palestra de abertura da II Mostra Estadual de Práticas Inovadoras em Psicologia, CRP, São Paulo, 2012. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=7OLkcObdn3E> > Acesso em 18 de Dezembro de 2013.

GEERTZ, C. **Antropologia e filosofia**. Bologna: Il Mulino, 2001.

_____. **Interpretazione di culture**. Bologna: Il Mulino, 1998.

GOLDBERG, Natalie. **Escrevendo com a alma: Liberte o escritor que há em você**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação**. Edição 1. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância: Da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Aritmed, 2004.

KINCHELOE, J. L.; McLaren, P.; Steinberg, S. (orgs.). **Critical pedagogy, and qualitative research: Moving to the bricolage**. In N. K. Denzin; Y. S. Lincoln, *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (pp. 163-178). London: SAGE, 2011.

_____. (Org.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Edição 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011a.

_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. (Org.). São Paulo: Cortez; Ed. 14, 2011b.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Edição 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEAL, Antonio. **Fala Maria Favela: Uma experiência criativa em alfabetização**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LOUREIRO, M.; LIMA, S. R. A. de. **As Cirandas Brasileiras e sua inserção no ensino fundamental e nos cursos de formação de docentes**. Ceart, Universidade do Estado de Santa Catarina, volume 1, set/dez de 2011. Disponível em: < http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/03MUSICA_Maristela.pdf >. Acesso em 02 de Setembro de 2013.

MANSON, Michel. **História do brinquedo e dos jogos: brincar através dos tempos**. Edição 1. Lisboa/Portugal: Teorema, 2002.

MACHADO, Marina Marcondes. **A poética do brincar**. Edição 2. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEIRELES, Cecília. **Janela Mágica**. Edição 3. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **Escolha o seu sonho**. Edição 17. Rio de Janeiro: Record, 1976.

_____. **Crônica de educação 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

MOREIRA, A. F. B; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura (s): Construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, mai./ago. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf> >. Acesso em 6 de Agosto de 2013.

MORIN, Edgar. **Terre-Patrie**. Com a colaboração de Anne-Brigitte Kern. Paris: Seuil, 1993.

NEVES, André. **Lino**. São Paulo: Callis, 2011.

PEREIRA, E. T. **Brincar e criança**. In: Carvalho, A. [ET AL] (Orgs.) Brincar (es). Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2005.

PORTO, C. L. **Do Brinquedo à Brincadeira: Práticas e representações sobre o brinquedo e o ato de brincar na brinquedoteca Brincado com Arte**. Rio de Janeiro: PUC, Dissertação de Mestrado, 1996.

PROUT, Alan. **Reconsiderando a nova sociologia da infância**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010. Disponível em: < <http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/artigos-academicos-e-papers/reconsiderando-a-nova-sociologia-da-infancia> >. Acesso em 23 de Julho de 2013.

QUINTEIRO, Juricema. **Infância e educação no Brasil: Um campo de estudos em construção**. In: Ana Lúcia Goulart de Faria, Zeila de Brito Fabri Demartini, Patrícia Dias Prado, (orgs.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Edição 3. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção educação contemporânea)

QVORTRUP, Jens. O pequeno 's' e as perspectivas para os estudos da infância. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CHILDHOODS. **Bem-estar infantil (COAST A19): pesquisando a infância e bem-estar: perspectivas e desafios**. Oslo: jun./jul., 2005.

_____. **A infância na Europa: Novo campo de pesquisa social.** Centro de Documentação e Informação sobre a criança, Universidade do Minho, 1999. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm>. Acesso em: 27 de Agosto de 2013.

RAMOS, Graciliano. **Infância.** Edição 31. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ROJAS, Jucimara. **Jogos, brinquedos e brincadeiras: A linguagem lúdica formativa na cultura da criança.** Campo Grande: UFMS, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, 1900-1944. **O pequeno príncipe.** Edição 48. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2002. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf> Acesso em 11 Julho de 2013.

_____. **Imaginário e culturas da infância.** Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acesso em 24 Julho de 2013.

_____. **A reinvenção do ofício de criança e de aluno.** Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acesso em 20 de Dezembro de 2013.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes: Reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** Edição 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno.** In: ANPED, 23ª Reunião, 2000, Caxambu-MG, (artigo completo publicado).

UNICEF - United Nations Children's Fund. **Situação mundial da infância: Crianças em um mundo urbano.** New York; 2012. p.154.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da mente.** Edição 7. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** Edição 2. São Paulo: Martins Fonte, 2009.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** Edição 8. São Paulo: Cortez, 2009 – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 48).

WILLMS, Elni Elisa. **Escrevivendo: uma fenomenologia Rosiana do brincar.** São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 2013.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.